

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM MIGRAÇÕES

Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil – Imigração e Retorno: Processos
Complementares?

Suelda de Albuquerque Ferreira

Orientadores: Prof. Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros
Prof.^a Doutora Sueli Siqueira

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor no ramo de Geografia,
especialidade de Geografia Humana.

2018



PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM MIGRAÇÕES

Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil – Imigração e Retorno: Processos
complementares?

Suelda de Albuquerque Ferreira

Orientadores: Prof. Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros
Prof.^a Doutora Sueli Siqueira

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de Geografia,
especialidade de Geografia Humana

Júri:

Presidente: Doutora Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca, Professora Catedrática e
Presidente do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Sueli Siqueira, Professora Titular
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Vale do Rio Doce, Brasil,
orientadora;
- Doutora Maria José Boavida Miguel Caldeira, Professora Auxiliar
Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho;
- Doutora Ana Paula Cruz Beja Orrico Horta, Professora Associada
Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta;
- Doutora Ana Filipa Antunes Pinho, Investigadora Auxiliar Convidada
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE - Instituto Universitário de
Lisboa;
- Doutora Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca, Professora Catedrática
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;
- Doutora Alina Isabel Pereira Esteves, Professora Auxiliar
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

O presente trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através
da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/92016/2012 e integra-se no âmbito da investigação
desenvolvida no projeto Ligações Migratórias entre Portugal, Brasil e EUA, Edital
CAPES/FCT 021/2012.

In memoriam

A minha irmã Sulamita de Albuquerque Ferreira.

Saudade...

Partiste... em (18/6/2015). Não foi fácil perder uma irmã em menos de três meses (tempo para “tal enfermidade ter determinado levá-la...”).

Quem delimitou que era a hora de partires...?!

“Perder” uma irmã é tirar algo de nós – é um laço que se rompe para sempre...


É um nó que nunca deveria ser desatado...!

Como não te desejar e imaginar que estejas em um lugar de paz e muito florido...

Às vezes como queria ser criança ainda. Lá, na infância, tudo parecia que era para sempre...

DIAS LINDOS E FLORIDOS PARA TI IRMÃ...

Todos sentimos muitas saudades...

(mãe, filhos, irmãos, tios, primos e amigos... )

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus como busca interior incessante a cada dia da minha vida. Porque tem sido meu porto seguro nos momentos mais difíceis fora da minha terra de “origem”, o Brasil. Eu posso todas as coisas através de Deus. E que me faz renovar a fé e esperança a cada dia.

Agradeço também a minha mãe, Maria do Sacramento de Albuquerque Ferreira, grande amiga e pessoa admirável. Continuo dizendo que os meus sonhos são os sonhos dela e que se revê na sua realização. Na busca desses meus sonhos, o sair do meu país de origem, nos remete ao sentimento de perda e de ausência... Porque também sei que não verei mais meu pai, Augusto Ferreira, que não está presente entre a família há 13 anos. Aos dois, o meu obrigado por me terem dado a vida e, também, por fazerem de mim o que sou hoje.

Aos meus sete irmãos e não mais oito irmãos (Sulamita partiu para outro plano em 18/06/2015) e dezoito sobrinhos, entre eles, as minhas alegrias e orgulho, Mateus (dentista), Luan (engenheiro civil), Guilherme (futuro médico), Gabriela – luso-brasileira (futura advogada...) e Juliana (futura fisioterapeuta). Entre as irmãs, obrigada pela proximidade e maior atenção à Solange de Albuquerque e à Salésia de Albuquerque pelo apoio e por compartilhar comigo tantos momentos... Obrigada família pelas orações e palavras de apoio à distância que serviram de conforto e alento nas minhas tantas horas de angústia... Também as mensagens divertidas que me fizeram sorrir para esconder a saudade...

A Diego (Joanesburgo), obrigada pelas tantas traduções de textos em inglês. Na vida há fatos que são inexplicáveis... É surpreendente e admirável o respeito, atenção e ser calmo no tempo de espera...

A Francisco Themudo (*in memória*) (Lisboa). Partiste dia 12/06/2014. Ao recordar tantas conversas... uma delas é impossível não me emocionar... Compartilho a nobreza das tuas palavras, Francisco: "(...) Kika, tu tens sido uma lutadora e também uma vencedora. Tens muito mérito e o teu trajeto de vida é a prova disso. Um dos sacrifícios para quem opta por sair do seu país, como foi o teu caso, e ficar longe da

família. Essa podemos ter a certeza que não a escolhemos, mas que Deus a escolheu por nós." Francisco era tão especial, precioso, raro, dádiva, paz, candura, retidão, imprescindível... A melhor pessoa que conheci... À qual me liguei para a eternidade... Francisco tinha palavras tão bonitas, tão simples e profundas... que encantavam... que tocavam a alma e o coração. Tu continuas sendo Francisco, TODO AMOR. Sempre...!

Ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Malheiros, que compartilhou comigo tantos momentos de crescimento pessoal da minha vida académica em Portugal. Há treze anos que o conheço. Foi o meu orientador no mestrado. Coordenador do projeto de investigação mais gratificante em que trabalhei - BELTS-W (Estratégias Transnacionais e Relações Empresariais das Mulheres Brasileiras em Portugal). E agora meu orientador de tese. É um mérito meu tê-lo na realização de uns dos maiores sonhos - a minha Tese de Doutoramento! Alimentei esse sonho de estudar desde a partida do Brasil. A você Jorge, endereço o meu muito obrigada de coração pela sua atenção, paciência e compreensão nos meus tantos momentos... A cada dia me ajudou a crescer e desenvolver meus pensamentos, daí a profunda admiração pela sua capacidade de ser.

A minha co – orientadora, Professora Doutora Sueli Siqueira, demonstrando sempre simpatia, disponibilidade no esclarecimento de dúvidas e apoio em todo o trabalho exercido. Obrigada de coração Sueli, por ter estado ao meu lado em um dos momentos mais dolorosos da minha vida... quando a minha irmã partiu em 2015, eu estava em Governador Valadares em um seminário.

À Professora Doutora Lucinda Fonseca, agradeço imensamente todo o seu afeto e atenção, demonstrados nas muitas vezes em que pude contar com seu apoio... É impossível não reconhecer todo o trabalho e empenho nos desafios diários, pela busca incessante do crescimento do IGOT.

Endereço ainda o meu agradecimento à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), sem à qual não poderia ter realizado e concluído o meu doutoramento. Há 4 anos atrás tive a felicidade de conseguir a bolsa para o doutoramento, ficando em primeiro lugar no concurso. Foi uma das maiores alegrias da minha vida académica.

Ao IGOT, que vi nascer e crescer nos últimos 9 anos, após ter feito parte do antigo Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Há 13 anos que faço parte dessa história, tendo sido uma das primeiras brasileiras a estudar no antigo Departamento de Geografia, no século XXI. Tenho também a felicidade e o orgulho em ser a primeira aluna brasileira que se inscreveu no Doutorado em Migrações no IGOT.

A minha gratidão é ainda endereçada à Comunidade Brasileira em Portugal, sem a qual não seria possível a realização deste trabalho. As entrevistas que me concederam foram fundamentais para saber os motivos que levam tantos brasileiros a continuar a permanecer em Portugal. Aos brasileiros regressados para a Microrregião de Governador Valadares, que foram de suma importância para a realização deste trabalho através de entrevistas que permitiram identificar as razões do retorno, dirijo também um “muito obrigado”.

E há ainda...

O Luís Carrasquinho, da OIM (Organização Internacional das Migrações) em Lisboa. Que sempre esteve prontamente disponível a fornecer dados sobre apoio ao regresso de imigrantes no âmbito do Programa de Retorno Voluntário (PRV), gerido pela OIM

A tia Riso - Maria Risomar de Albuquerque - com sua forma admirável e bela ao expressar ideias e sentimentos. Pudera, Tia Riso tem um vasto conhecimento... basta saber que em sua estante livros estão livros de Marx, Friedrich Engels, Freud, Simone de Beauvoir... E já na tenra adolescência, aos 15 anos, fiquei encantada com os livros que lá em sua casa eu “bisbilhotava”. Não sabe Ela que “tomei para mim” os livros de Freud e Simone de Beauvoir. Até hoje estão comigo! E aqui deixo uma das suas mensagens para mim: “Faço meu, o pensamento maravilhoso da maravilhosa escritora Clarice Lispector: “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.” Vou ousar completar para ti Suelda: A liberdade nos faz sentir livres, belas, soberanas, a despeito das intenções que dominam na sociedade. Pense como a bela Clarice, o que desejas ainda não tem nome e quando chegar o meu dia

"D", quem vai dar o nome sou eu. Vale ou não? Portanto, seja Livre, Bela, Soberana... para a felicidade de todas nós, contamine-nos também. "

A minha prima/amiga de infância/irmã Maria Jaurecy Leal. Prima Jau, obrigada por tudo! Nos últimos anos estivemos mais próximas. Compartilhámos tantas conversas, decisões...momentos de alegria e tristeza... Ah, relembrámos tantas coisas da nossa infância maravilhosa em Oratório, Pernambuco/Paraíba. Que saudade! Estiveste tão "perto e presente" desde o primeiro momento da enfermidade de Sulamita e depois que ela partiu... Foste incansável nas orações, palavras de força, na fé... Tens um coração de ouro e uma alma de criança generosa!

O meu grupo de oração via WhatsApp. Começou quando me vi só em Portugal em um momento de desesperança... ao ver a minha irmã doente... Não tenho palavras para dizer o quanto vocês foram importantes. Admirável a união de várias pessoas em oração, fé e esperança pela cura da minha irmã. Mas há coisas na vida que não temos o poder de mudar... Sulamita partiu... Mas o mesmo grupo até hoje está unido. É uma presença/ausência fortalecedora na fé e orações. Obrigada Jaurecy, Elaine, Luciene, Marceliane, Josiane, Joseane, Nara, Silvia, Josicassia, Raquel e tantos outros...

Os amigos do doutoramento em Migrações no IGOT, Susana Lavado e Fernando Oliveira. Vivemos momentos de muita ajuda, respeito e cumplicidade durante os seminários do doutoramento. Foi muito gratificante conviver presencialmente com vocês no primeiro ano do doutoramento.

À Mónica Pittta Gros (Lisboa), obrigada pelas tantas vezes que pude contar contigo em tantos momentos quando mais precisei... Conhecemos- nos há 18 anos. É bem verdade que ao longo dessa desse percurso já dividimos tantas alegrias, tristezas, sonhos... Só nós sabemos!

À Patrícia Rivero (Córdoba - Argentina), Pratri, como a chamo, que vivencia o mesmo momento que eu, o fim do doutoramento, e que também investiga o retorno desde Espanha para Argentina. Compartilhámos ideias e dúvidas sobre nossas investigações. E planejamos futuros projetos e publicações. É muito admirável a

forma de pensar da Patri e nutro um profundo respeito pela sua caminhada e luta constante.

À Manuela Callou (Recife), pelos 15 anos da nossa amizade que começou no avião Recife – Lisboa, eu voltando para Lisboa e Manuela indo estudar em Barcelona. Atualmente Manuela é professora Doutora da UFAL, Brasil. Esta parceria culminou em vários artigos e capítulos de livros publicados no Brasil, México, Espanha, Reino Unido... Ao longo desses anos partilhamos outros momentos de alegria, projetos, sonhos... Obrigada Manu por tudo !

À Natalicia Tracy (EUA), agradeço a oportunidade em ter participado na tua investigação sobre migrações entre os EUA e Portugal. À Marta (Paris), agradeço pelo carinho e atenção constante nos vários telefonemas e mensagens. E sempre diz: “Deus minha amiga quer o melhor para ti”. É bem verdade que os trajetos migratórios são feitos de experiências boas e más... Mas se tivéssemos tudo fácil qual seria a graça?! Tanto Natalícia, Marta, como eu terminámos o doutoramento no país de acolhimento.

Algumas amigas da Faculdade de Psicologia em Campina Grande, Paraíba, compartilham até hoje comigo, em cada pedaço de caminho galgado, experiências, vitórias... À Márcia Neves pelo carinho, pelas tantas conversas e momentos saudosos...entre eles, a saudosa Dona Geni (mãe da Márcia) que sempre foi uma admiradora do meu caminhar e dos meus sonhos. Márcia, obrigada também por sempre abrires as portas da tua casa quando vou a Campina Grande. À Cristiene Domingos, por ter tido a felicidade de vivenciar a chegada da Ana Gabrielle em sua vida. Porque mãe de coração é ser duplamente mãe... É uma dádiva na vida. É o mais profundo ato de coragem e amor! À Ivoneide Araújo, ela sempre foi e é toda ternura, candura... De longe sempre a compartilhar as suas vivências... À Lycia Fontes, a alegria de viver, a jovialidade na terceira idade... mas parece uma menina “formosa”. Lycia sempre é vida, é esperança, é encanto... Minha profunda admiração pelo seu jeito de ser. À Nauzeli Pozzi, com que partilho uma imensa admiração por Freud, desde o início da faculdade. Parece que foi ontem quando me sentei ao lado dela numa das aulas de psicologia e perguntei-lhe: tu gostas de Freud?! Tínhamos uns 18 para 19 anos... Ela responde: “Claro que sim!!!” Ali estava mais uma

cúmplice freudiana. Risos! A vocês, amigas desde a Faculdade de Psicologia (1994), meu obrigada pelas palavras sempre tão belas e que tanto servem de alento para esse oceano que nos separa, há quase 21 anos (quando saí do Brasil em 07 de Outubro de 1997). E mesmo com essa distância, continuamos unidas.

Às outras amigas do Brasil, Joseilda Ramalho (Campina Grande), Daniela Faria (Recife), obrigada pelo apoio e palavras de otimismo de sempre. À Michele Frabetti (Brasil/Buenos Aires) a cada encontro falamos do quanto é difícil ser imigrante/estudante. Nem a distância ocasionou separação e esquecimento entre nós. Ao encontrar qualquer uma delas é viver momentos de alegria... À Geane Beatencourt (Bahia/ São Paulo), pelos 20 anos de amizade. Encontrámo-nos em Cascais, em 1998. Rever Geane é sempre motivo de alegria e festa! À Anna Ludovici (Itália/Lisboa), agradeço os longos diálogos... Mas o melhor de tudo era ouvir a Anna, pacientemente, chamar-me de “miúda”. À Sónia Plaza (Granada-Espanha), agradeço a simpatia e a atenção. À Sandra Nicole (Governador Valadares) agradeço pelos momentos de descontração, risos e também de tantos outros momentos que partilhamos. Às primas Fabiola Leal, Fabiana Leal (Campina Grande) e Ladjane Leal (Recife), agradeço os momentos de ajuda, atenção, preocupação. A cada encontro no Nordeste sempre cheio de muita alegria e diversão.

Agradeço ao Professor Doutor Jorge Rocha (Lisboa), obrigada pela grande ajuda ao fazer mapas, na impressão da tese... Meu muito obrigada pela sua disponibilidade, sempre!

Agradeço ainda aos demais parentes e amigos que, de uma forma direta ou indireta contribuíram para a realização de um dos maiores sonhos da minha vida.

A minha gratidão à vida e ao universo, por tudo, sempre!

ENCONTROS E DESPEDIDAS

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha - me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero

Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir

São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também de despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida

Encontros e despedidas. Letra e música: Milton Nascimento.

RESUMO

“Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil – Imigração e Retorno: Processos complementares?”, é o título da presente tese que tem como questão central analisar o retorno e a forma como se processa a reinserção social dos migrantes no Brasil, destacando as causas e motivações da permanência e do retorno. Destaca-se que o stock de imigrantes brasileiros manteve-se sempre crescente, no período entre os anos 2000 e 2010, sendo os brasileiros o grupo com maior representatividade entre os estrangeiros residentes em Portugal até ao presente. No ano de 2008, a crise financeira atingiu quase todo o mundo. Em Portugal, os sintomas de estagnação económica remontam a 2004-2005, mas acentuaram-se a partir dos anos de 2007/2008 e assumiram proporções dramáticas entre 2011 e 2014, período marcado por momentos de crescimento da economia lentos e mesmo recessivos, perdas salariais e significativo aumento do desemprego. Este quadro teve um impacto importante no processo migratório, gerando perdas de emprego e dificuldades sociais para muitos imigrantes, surgindo, no caso concreto dos brasileiros, uma vaga de migração de retorno no contexto de retração económica em Portugal, contrabalançado, à época, pelo crescimento económico do Brasil. Se este é o contexto macro que ajuda a entender a migração de retorno ao Brasil, esta é também o resultado de motivações micro, surgidas nos âmbitos individual e familiar, absolutamente fundamentais para entender o movimento migratório estudado. Utilizando fontes primárias, com destaque para entrevistas em profundidade, e secundárias, buscou-se responder à questão central que norteia o presente estudo. Nessa perspectiva, foram aplicadas, em 2015, 50 entrevistas a imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e no Norte Litoral (Porto e Braga), regiões de maior concentração desta população, com destaque para os brasileiros provenientes do estado de Minas Gerais, um dos grupos mais representados em Portugal. Outras 50 entrevistas foram aplicadas, em 2014, na principal região de retorno no Brasil: a cidade de Governador Valadares e arredores, em Minas Gerais. Os dados secundários são provenientes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), da Organização Internacional para as Migrações (OIM - Portugal), nomeadamente do seu Programa de Retorno Voluntário (PRV), e de Estatísticas Demográficas e Censos do Brasil e de Portugal. A partir da análise e interpretação desses dados à luz das teorias da migração e do retorno, é possível

concluir que a migração brasileira entre Portugal e Brasil é um processo complexo e dinâmico, composto por fluxos de pessoas em ambos os sentidos que reagem a estímulos macro fundamentados em questões económicas em ambos os países, e a estímulos micro assentes em decisões pessoais e principalmente fundamentadas em demandas familiares. A respeito da reinserção social dos regressados ao Brasil, embora a experiência incorpore algumas diferenças em termos de género e de grupo social de pertença, verificam-se especificidades nos vários indivíduos, que resultam do acúmulo de capital social e capital humano, que acabam por se traduzir em particularidades que se refletem na vida social e profissional, dificultando o estabelecimento de padrões.

Palavras – chave: Migração, Brasil, Portugal, Retorno, Processos complementares.

ABSTRACT

"Brazilian Migrants between Portugal and Brazil – Are Immigration and Return Complementary Processes?" is the title of this thesis, whose central focus is to analyze the return of migrants to their country of origin (Brazil) and the way in which the social reinsertion of Brazilian migrants takes place, highlighting the causes and motivations for their permanence abroad and repatriation. It should be noted that the number of Brazilian immigrants continued to grow between 2000 and 2010, with Brazilians being the most representative group among foreigners living in Portugal to this day. In 2008, the Great Recession hit almost the entire world. In Portugal, the symptoms of economic stagnation date back to 2004-2005, but increased in 2007/2008 and reached dramatic proportions between 2011 and 2014-a period marked by slow and even retracting economic growth, wage decrease and significant increase in unemployment. This scenario had a significant impact on the Brazil-Portugal migratory process, generating unemployment and social difficulties for many immigrants. In the case of Brazilian immigrants, a wave of return migration (repatriation) occurred as a result of the economic downturn in Portugal, and reinforced at the time by a historic economic boom in Brazil. If this is the macro context which helps us to understand the return migration to Brazil, then this is also the result of micro motivations, which arose within the individual and family spheres, and which are absolutely fundamental to understanding the migratory movement herein described. By interviewing primary sources with emphasis on in-depth questions, as well as secondary interviews, we sought to answer the central question that guides this thesis. Under this scope, in 2015 we conducted 50 interviews with Brazilian immigrants in the Metropolitan Area of Lisbon (AML) and in Portugal's North Coast (Porto and Braga) regions; with the highest concentration of this population being from Minas Gerais state of Brazil, and one of the most represented groups in Portugal. Additionally, in 2014 we conducted 50 interviews with return migrants in the region with most repatriation: the town of Governador Valadares and surrounding towns, also in Minas Gerais state. Supporting data was collected from the Foreigners and Borders Service (SEF), the International Organization for Migration (IOM - Portugal), namely its Voluntary Return Program (PRV), and the Demographic and Census Statistics of Brazil and Portugal. From the analysis and interpretation of this data, and in light of the theories of migration and return, it was possible to conclude

that the Brazilian migration between Portugal and Brazil is a complex and dynamic process, comprised of swarms of people coming and going, mostly reacting to macro stimuli based on economic realities in both countries, and to micro stimuli based on personal decisions and mainly based on family demands. Regarding the social reintegration of the returnees to Brazil, although the experience incorporates some differences in terms of gender and social class, there are particularities in these individuals that result from the accumulation of both social and human capital, and which end up translating into particularities that are reflected in their social and professional lives, making it difficult to establish behavioral or social patterns in the migration process.

Keywords: Migration, Brazil, Portugal, Return, Complementary processes.

RÉSUMÉE

"Migrants Brésiliens entre Portugal et Brésil – Immigration et Retour: Procès complémentaires?", c'est le titre de cette thèse qui a comme question centrale analyser le retour et la forme comme s'effectue la réinsertion sociale des migrants au Brésil, notamment les causes et motivations de la permanence et du retour. Le nombre d'immigrants brésiliens a été toujours en croissance, entre les années 2000 et 2010, étant les brésiliens le groupe d'étrangers plus représentatif parmi les étrangers résidents au Portugal dans le présent. En 2008, la crise financière a frappé presque le monde entier. Au Portugal, les symptômes de la stagnation économique remontent à la période 2004-2005, se sont intensifiés à partir des années 2007/2008, et ont eu des proportions dramatiques entre 2011 et 2014, périodes marqués par une croissance économique lente et aussi récessive, des pertes des salaires et un important augmentation du chômage. Cette situation a eu un impact significatif dans le procès migratoire pour beaucoup d'immigrants, surgissant, dans le cas des brésiliens, une onde d'immigration de retour dans le contexte de rétraction économique au Portugal, en égalisant, à l'époque par la croissance économique au Brésil. Cependant, si cela représente un contexte général qui aide à comprendre l'immigration de retour au Brésil, et aussi le résultat de quelques motivations, émergées dans les domaines individuel et familial, décisifs pour comprendre tel mouvement. En utilisant des informations **primaires**, en mettant l'accent sur des entretiens de manière approfondie, et **secondaires**, ont eu pour objectif de répondre à la question centrale qui guide ce présent étude. Dans cette perspective, ont été appliqués, en 2015, 50 entretiens à des immigrants brésiliens dans la métropole de Lisbonne (AML) et dans le Littoral Nord (Porto et Braga), régions avec fort concentration de cette population, notamment les brésiliens d'origine de l'Etat de Minas Gerais, un des groupes les plus représentatifs au Portugal. Les 50 autres entretiens ont été appliqués, en 2014, dans la principal region de retour au Brésil : la ville de Governador Valadares et alentours, à Minas Gerais. Les données secondaires sont issus du Service des Etrangers et Frontières (SEF), de l'Organisation International pour les Migrations (OIM – Portugal), notamment son Programme de Retour Volontaire (PRV), et des Statistiques Démographiques et Recensements du Brésil et du Portugal. A partir de l'analyse et interprétation de ces données à la lumière des théories de migration et du retour, c'est possible la

conclusion que la migration brésilienne entre Portugal est un processus complexe et dynamique, composé par des flux des personnes dans les deux sens qui réagissent à des stimulations macro fondés par des questions économiques dans les deux pays, et aussi des stimulations micro basées en décisions personnelles notamment fondées par demandes familiales. En ce qui concerne la réinsertion sociale des brésiliens rentrés au Brésil, même si l'expérience comprend quelques différences au sujet de genre et du groupe social d'appartenance, on constate des spécificités dans les divers individus, que résultent par le cumul du capital social et le capital humain, que se traduit en particularités que se reflètent dans la vie sociale et professionnelle, ce qui complique la mise en place des normes.

Mots - clés: Migration, Brésil, Portugal, retour, Processus complémentaires.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: As teorias da migração internacional na perspectiva do retorno	51
Quadro 2: Imigração portuguesa para o Brasil-Colônia entre os anos 1500-1817	57
Quadro 3: Imigração forçada de africanos no Brasil entre os anos 1500-1855	57
Quadro 4: Imigração para o Brasil, por nacionalidade e períodos.....	60
Quadro 5: Estimativas da diáspora brasileira	65
Quadro 6: Distribuição absoluta e percentual dos migrantes valadarenses de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países	70
Quadro 7: População estrangeira com nacionalidade brasileira e população estrangeira total em Portugal, segundo o estatuto legal, 2000 a 2016.....	83
Quadro 8: Stock de brasileiros com estatuto legal em Portugal por sexo, 2003 a 2016	87
Quadro 9: Aquisição da nacionalidade portuguesa, total e brasileiros, 2008 a 2015.....	90
Quadro 10: Imigrantes brasileiros por antepassados portugueses, 2009	95
Quadro 11: Imigrantes brasileiros por habilitações literárias, 2009	96
Quadro 12: Imigrantes brasileiros por condição perante o trabalho, 2009	97
Quadro 13: Imigrantes brasileiros por setor de atividade, 2009	99
Quadro 14: Remessas enviadas para o Brasil e para o total de países estrangeiros, 2000 – 2015...	100
Quadro 15: Número de desempregados registados (estrangeiros), entre 2004 e 2016	102
Quadro 16: Desemprego registado de estrangeiros segundo as nacionalidades com maior número de desempregados inscritos, em Portugal Continental, em 2015 e 2016	106
Quadro 17: Faixa etária de imigrantes brasileiros entrevistados (idades no momento da entrevista), por sexo	127
Quadro 18: Estado civil atual dos imigrantes brasileiros, por sexo	128
Quadro 19: Situação do Cônjuge/parceiro, por nacionalidade	129
Quadro 20: Cônjuge/parceiro acompanhou na migração, acompanhou após a migração ou no percurso migratório ocorre casamento/união de fato, separação/divórcio	130
Quadro 21: Escolaridade quando migrou para Portugal por sexo	131
Quadro 22: Escolaridade atual em Portugal, por sexo	131
Quadro 23: Imigrantes brasileiros por ocupação profissional antes de migrar e em Portugal	133
Quadro 24: Faixa etária dos brasileiros retornados, por sexo	136
Quadro 25: Cônjuge/parceiro acompanhou na migração ou não, cônjuge/parceiro acompanhou no retorno ou não, alteração da relação no percurso migratório ou após o retorno.....	139
Quadro 26: Escolaridade no retorno, por sexo (%).....	140
Quadro 27: Estatuto legal quando migrou para Portugal e no retorno	141
Quadro 28: Ocupação profissional durante a migração em Portugal e no retorno	143
Quadro 29: Número de filhos nascidos antes da migração – quantos ficaram no Brasil (menores e maiores) e quantos foram para Portugal (menores e maiores)	154
Quadro 30: Número de filhos nascidos em Portugal e número de filhos que acompanharam os pais no retorno para o Brasil.....	161

Quadro 31: Influência da experiência de vida (pessoal e profissional) em Portugal na inserção profissional e pessoal atual no Brasil	164
Quadro 32: Projeto para obter renda na origem, após retorno, por sexo	169
Quadro 33: Frequência da ligação (comunicação) com Portugal, por sexo	170
Quadro 34: Entrevistados que já reemigraram após o retorno, por sexo	172
Quadro 35: Avaliação do retorno ao Brasil, por sexo (%).....	175
Quadro 36: Número de filhos nascidos no Brasil antes da migração (desses, quantos ficaram no Brasil e quantos acompanharam os pais na deslocação para Portugal - menores e maiores)	186
Quadro 37: Número de filhos depois da migração que nasceram no Brasil e foram para Portugal (menores e maiores) e filhos que já nasceram em Portugal	187
Quadro 38: Evolução da percepção da imagem do Brasileiros em diversos domínios (comparação entre o momento de partida e o momento presente).....	190
Quadro 39: Frequência da ligação (comunicação) com o Brasil por sexo	196
Quadro 40: Variáveis e subvariáveis associadas ao retorno ao Brasil.....	202
Quadro 41: Variáveis e subvariáveis da permanência.....	203

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos emigrantes internacionais brasileiros por Unidade Federativa em 2010	64
Figura 2 - Municípios da Microrregião de Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil	68
Figura 3 - Distribuição geográfica com valores absolutos do stock total da população estrangeira residente em Portugal, em 2015	92
Figura 4 - Distribuição dos brasileiros pelos Distritos de Portugal e Regiões autónomas da Madeira e Açores, em 2015	93
Figura 5 - Categorias micro e macro como causas de permanência no país de destino ou de retorno ao país de origem	114
Figura 6 - Processo de construção e reconstrução do sujeito em contexto de migração, trajectória migratória e retorno - papel da representação simbólica	119
Figura 7 - Mapa do Brasil com Estado de Minas Gerais, onde está localizada a Cidade de Governador Valadares	121
Figura 8 - Mapa do Estado de Minas Gerais com algumas das principais cidades. Área de estudo: Governador Valadares	122

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentagem de emigrantes internacionais, segundo o país de residência Brasil-2010	63
Gráfico 2: Grupos etários do stock de residentes estrangeiros em situação regular, em Portugal, por sexo (2015).....	85
Gráfico 3: Nacionalidades mais representativas dos estrangeiros legais em Portugal (2015).....	88
Gráfico 4: Aquisição da nacionalidade portuguesa segundo a residência, entre 2008 e 2015	89
Gráfico 5: Aquisição da nacionalidade de residentes em Portugal, por principais nacionalidades de origem, entre 2004 e 2014	90
Gráfico 6: Taxa média de desemprego da população estrangeira de países extracomunitários, 2001 a 2016.....	103
Gráfico 7: Desemprego registado de estrangeiros em Portugal Continental, segundo o sexo, entre 2011 e 2016.....	104
Gráfico 8: Evolução dos desempregados brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos inscritos nos Centros de Emprego, 2003-2012	105
Gráfico 9: Brasileiros natos que viviam em Portugal nos anos de 1986, 1995 e 2005 e retornaram para o Brasil	107
Gráfico 10: Brasileiros que viviam em Portugal e retornaram para o Brasil, por sexo	108
Gráfico 11: Total de candidatos inscritos e número de Candidatos inscritos brasileiros no Programa de Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal	109
Gráfico 12: Total de candidatos apoiados e total de candidatos apoiados segundo o género, no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal	110
Gráfico 13: Total de Candidatos Brasileiros Apoiados segundo género, no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal	110
Gráfico 14: Número de brasileiros entrevistados em Portugal, por sexo	125
Gráfico 15: Ano de migração para Portugal, por sexo	126
Gráfico 16: Número de brasileiros retornados, por sexo	134
Gráfico 17: Ano de retorno por sexo	135
Gráfico 18: Estado civil no retorno, por sexo (%).....	137
Gráfico 19: Estado civil quando migrou para Portugal, por sexo (%)	138
Gráfico 20: A crise económica afetou o projeto de permanecer em Portugal, por sexo (%).....	148
Gráfico 21: Motivos do retorno, por sexo %	151
Gráfico 22: Dificuldades no retorno, por sexo (%)	158
Gráfico 23: Investimento no Brasil, por sexo	166
Gráfico 24: Gostaria de viver em outro país (reemigrar), por sexo (%)	174
Gráfico 25: A crise em Portugal influenciou na decisão de permanecer e não retornar para o Brasil, por sexo (%)	181
Gráfico 26: Razões para permanecer em Portugal por sexo (%)	183
Gráfico 27: Posição relativamente ao projeto de retorno, por sexo(%)	188
Gráfico 28: Dificuldades em Portugal, por sexo (%)	192

Gráfico 29: Realização de Investimento no Brasil, por sexo	195
Gráfico 30: Gostaria de viver em outro país – reemigrar, retornar ou permanecer em Portugal, por sexo (%)	198
Gráfico 31: Estatuto legal atual em Portugal, por sexo (%)	200

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
AML	ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA
OIM	ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES
PRV	PROGRAMA DE RETORNO VOLUNTÁRIO
MTE	MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO
CNPD	COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
INE	INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
SEF	SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FORNTEIRAS
CEE	COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA
UN	NAÇÕES UNIDAS
PORDATA	BASE DE DADOS PORTUGAL CONTEMPORÂNEO
PALOP	PAÍSES AFRICANOS DE LINGUA OFICIAL PORTUGUESA
BNDES	BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL
IEFP	INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
OCDE	ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO
ISEG	INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO
FCT	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA
ISCTE	INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
CIES	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA
CES	CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS
EF	ESTRADA DE FERRO
EFVM	ESTRADADA DE FERRO VITÓRIA MINAS
PMCMV	PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA
UE	UNIÃO EUROPEIA
FNUAP	FUNDAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A POPULAÇÃO

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO	21
2	OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS: TEORIAS EXPLICATIVAS	33
3	A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS	56
3.1	DE UM PONTO DE CHEGADA PARA UM PONTO DE PARTIDA	56
3.2	O FENÓMENO IMIGRATÓRIO BRASILEIRO A PARTIR DA DÉCADA DE 1960: O PAPEL DE MINAS GERAIS E DE GOVERNADOR VALADARES	67
3.3	MOVIMENTO IMIGRATÓRIO PARA PORTUGAL. ESPECIFICIDADES DAS DIFERENTES VAGAS MIGRATÓRIAS	73
4	BRASILEIROS EM PORTUGAL	78
4.1	CARACTERÍSTICAS SOCIOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO	81
4.1.1	Aspectos Gerais da população estrangeira e brasileira em Portugal	81
5	MODELO DE ANÁLISE	112
5.1	ROTEIRO DE PESQUISA/METODOLOGIA	120
6	BRASILEIROS EM PORTUGAL E BRASILEIROS QUE RETORNARAM PARA A CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES E ARREDORES: ANÁLISE DOS DADOS	125
6.1	BRASILEIROS EM PORTUGAL	125
6.2	BRASILEIROS QUE RETORNARAM PARA A CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES E ARREDORES, MINAS GERAIS	133
7	ELEMENTOS QUE DEFINEM O RETORNO OU PERMANÊNCIA	145
7.1	OS QUE RETORNAM: EXPETATIVAS E REALIDADE	145
7.2	OS QUE PERMANECEM: EXPETATIVAS E REALIDADE	178
7.3	VARIÁVEIS QUE EXPLICAM PORQUE UNS RETORNAM E OUTROS PERMANECEM	201
7.3.1	Componentes que explicam as razões do retorno	201
7.3.2	Componentes que explicam os motivos da permanência	202
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211
	ANEXOS	230

ANEXO A - Estrada de ferro Belo Horizonte, Minas a Vitoria, Espirito Santo, Brasil	231
ANEXO B - Inauguração da Estação de Itabira, Minas Gerais, ano 1943, trem de passageiros na estrada de ferro Belo Horizonte, Minas Gerais a Vitória, Espírito Santo, Brasil	232
ANEXO C - Trem de passageiros, ano 2014, Estrada de ferro Belo Horizonte, Minas Gerais a Vitória, Espírito Santo, Brasil	233
ANEXO D - “Acordo Lula”, 2003.....	234
ANEXO E - Dados dos entrevistados Área Metropolitana de Lisboa (AML) e Norte Litoral – Porto e Braga – Portugal (por entrevista)	240
ANEXO F - Dados dos entrevistados no retorno em Governador Valadares e arredores, Minas Gerais, Brasil (por entrevista)	241
ANEXO G - Guião de entrevista Portugal (Área Metropolitana de Lisboa (AML) e (Norte Litoral, Porto e Braga, Portugal)	246
ANEXO H - Guião de entrevista (cidade de Governador Valadares e arredores, Minas Gerais, Brasil)	24

1 INTRODUÇÃO

Não se pode compreender a formação de uma sociedade e de sua identidade cultural sem levar em conta os movimentos populacionais. Ou seja, os efeitos das migrações internas e internacionais têm sido considerados fundamentais para se caracterizar determinadas populações. Quando se deslocam de um lugar para outro à procura de melhores oportunidades de trabalho e melhores condições para sua existência, as pessoas, as sociedades e os lugares vão conhecer alterações significativas em termos sócio-culturais (pelas transferências proporcionadas pelos contatos, pela inovação e novas dinâmicas proporcionadas pela interação), económicos (e.g. novas ofertas comerciais, contributos para a composição da mão-de-obra e da produtividade) e mesmo territoriais (presença de novos elementos simbólicos, novos equipamentos – igrejas e outros – e mesmo apropriações distintas do espaço público). Efetivamente, as migrações constituem um dos processos mais significativos de mudança social e espacial.

Em termos concretos, a migração é entendida como fenómeno de deslocamento de um indivíduo, frequentemente no quadro de um grupo, de um local de origem para outro, com intenção de se fixar neste último. Nas décadas mais recentes, a redução das distâncias relativas veio facilitar os movimentos demográficos, situando muitas das migrações internacionais no quadro do espaço globalizado. E esses deslocamentos populacionais resultam de processos e mudanças estruturais que, interpretados individualmente, “impulsionam” as pessoas à circulação, identificando-se motivos, características e contextos particulares, dependendo das circunstâncias e das diferentes conjunturas socioeconómicas, culturais, territoriais e ambientais em que acontecem. Segundo Evangelista e Carvalho (2001), com base em Sandroni (1999) e Todaro (1979), os autores afirmam que a migração significa:

Um movimento populacional que se dirige de uma região (área de emigração) para outra (área de imigração). Por alterar o tamanho e a composição das populações (distribuição por sexo, idade e composição da força de trabalho), a migração é uma das bases da dinâmica populacional, junto com a natalidade e a mortalidade. Distingue-se a migração internacional (entre países) e a migração interna (entre regiões). Ademais, a migração é um processo seletivo que afeta indivíduos possuidores de determinadas características económicas, sociais, educacionais e demográficas;

a relativa influência dos fatores económicos e não – económicos pode variar não somente entre as nações e regiões, mas também dentro de populações e áreas geográficas definidas. (EVANGELISTA e CARVALHO, 2001:1- 2).

Em concordância com essa exposição, pode-se então assumir que, não só os motivos de migração são diversos, como estas assumem tipologias diversificadas, que irão variar de acordo com as condicionantes ao movimento, os tipos de pessoas envolvidas e o próprio contexto geopolítico em que têm lugar. Para efeitos da presente explicação das tipologias de migrações, faz-se referência em particular às migrações internacionais do Brasil para Portugal que, com base nas diferentes vagas, assumiram contornos próprios, desde os primeiros exilados dos anos 70 (PADILLA, 2004) até aos migrantes económicos (BAGANHA e GÓIS, 1998-1999) e não económicos (PEIXOTO, 2002; PIRES, 2000). Incluem-se aqui os fluxos mais recentes caracterizados por migrantes laborais e uma crescente feminização dos movimentos (MALHEIROS, 2007; MARQUES e GÓIS, 2012), e que foram analisados tendo em conta o fenómeno do transnacionalismo (PORTES et al., 1999) e mantendo o foco maior na questão do retorno e das suas variáveis territoriais e psicológicas (SAYAD, 2000; SIQUEIRA 2009).

Contudo, os principais elementos que regulam as causas e motivos das migrações contemporâneas estão, em sua maioria, ligados à reprodução capitalista das sociedades inseridas nesse sistema. Para uma melhor compreensão, Ravenstein apresentou, ainda em finais do século XIX, o que o mesmo chamou de “leis de migração”. Nesse sentido, o processo de migração deveria ser entendido como algo pré-determinado e com características generalizáveis a vários espaços. Porém, Pacheco e Patarra (1997) trazem uma crítica bastante pertinente, afirmando que:

As “leis de migração” propostas por Ravenstein significam, na verdade, a necessidade do capitalismo em expansão poder contar com uma população trabalhadora, disponível ou potencial, capaz de responder prontamente aos resquícios dinâmicos do sistema produtivo. Assim, a liberação do trabalhador dos meios de produção e a venda de sua força de trabalho “livre”, a serviço do capital, constituíam precondições indispensáveis a essa expansão”. (idem, p. 30).

No fundo, trata-se de compreender o momento histórico no qual as leis de migração foram elaboradas, ou descritas, por Ravenstein, quando o capitalismo industrial em afirmação, marcado pela concentração espacial de recursos, necessitava de uma justificação para estimular o processo de expansão e transferência de mão-de-obra, o que para a realidade europeia vivida naquele momento se constituiu, também, no início da urbanização.

Atualmente, a mobilidade é mais variada, embora os fluxos de países periféricos para grandes centros com comércio e indústria dos países desenvolvidos da Europa e América do Norte continuem a ter um peso significativo nos movimentos globais. Só que a estes, se juntam agora, não só migrações que têm por destino outras macrorregiões, com os países do Médio Oriente e do Golfo Pérsico, como crescem os fluxos entre países do sul que, no entanto, continuam a privilegiar como destino as áreas urbanas existentes neste espaço. De resto, estas atraem também migrantes dos países do Norte, na sua maioria qualificados e designados com expatriados, fluxo que é largamente tributário do processo de financeirização e internacionalização dos capitais relacionados com a expansão das empresas transnacionais (SASSEN, 1988a). Debruçando-se sobre esses novos paradigmas do movimento migratório, chama a atenção para a necessidade de entender como a mobilidade está associada ao contexto histórico e às alterações sociais que estão vinculadas aos desajustes e sobressaltos resultantes da acumulação e expansão do capitalismo no século XX, assinalada, particularmente pela globalização da produção/financeira (SASSEN, 1988b).

Em termos concretos, as migrações internacionais, nas últimas décadas têm efetivamente assumido uma posição de destaque no panorama mundial. O número de pessoas que se deslocam de um país para outro abrange, atualmente, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2015)¹, aproximadamente 244 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população mundial), 59% dos quais habitando em regiões desenvolvidas.

De acordo com as Nações Unidas (2015)², cerca de um terço – ou 76 milhões – dos migrantes internacionais vivem na Europa, sendo que 12 milhões estão

¹ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mundo>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

² O número de pessoas que se deslocam voluntariamente por razões económicas ou devido a conflitos cresceu em 71 milhões desde o ano de 2000. Os dados abrangem 20 milhões de refugiados que tiveram de fugir de conflitos em seus países, sendo a maioria cidadãos de Síria, Afeganistão e Somália” (ONU, 2015).

principalmente na Alemanha e outros 9 milhões no Reino Unido. Os Estados Unidos possuem a maior população de migrantes com 54 milhões de pessoas (11% da população total). A Rússia contabiliza 12 milhões e a Arábia Saudita 10 milhões de residentes estrangeiros” (ONU, 2015).

Segundo os dados divulgados pelo IBGE (Censo Demográfico de 2010), o número de brasileiros no exterior seria de 491.645. Eles estariam distribuídos por 193 países do mundo, sendo os EUA o principal destino dos brasileiros (23,8%), seguindo-se Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%).

Com relação às regiões de origem do fluxo dos brasileiros para o exterior, São Paulo é a principal com 21,6% do fluxo de emigrantes internacionais. Em seguida, estão Minas Gerais (16,8%) e Paraná (9,3%). Só da região Sudeste, partiram 49% dos que emigraram (IBGE, 2010).

O Brasil era apontado como um país recetor de imigrantes internacionais mas esse panorama muda nos anos de 1980 quando evidencia-se um fluxo de emigração, que teve seu início nos anos de 1960 (SIQUEIRA, 2007; MARGOLIS, 2013).

No quadro dos processos migratórios globais, o Brasil é um exemplo bastante didático. Desde a época da chegada dos portugueses, o cenário migratório começou a ter relevância. Efetivamente, foi no contexto das migrações internacionais, primeiro no âmbito do colonialismo português e depois no processo de formação do moderno Estado brasileiro, que a população e a cultura brasileira se formaram. De resto, as imigrações internacionais integraram o cenário da economia brasileira como uma variável relevante.

Os Portugueses foram os primeiros a chegar e procuraram ter o domínio da terra desde a época da colonização, entre os anos de 1550 a 1850, tendo-se verificado o ápice da entrada de portugueses entre 1701-1760 (IBGE, 2000). Mas o colonialismo português não se traduziu apenas na chegada de europeus, uma vez que a implementação de uma economia escravocrata terá justificado a entrada de cerca de 4 milhões de africanos no Brasil, durante esse mesmo período³.

Posteriormente, já no século XIX, dá-se o fim do sistema escravocrata com abolição da escravatura em 1888 o que causou a entrada de um grande número de

³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

imigrantes vindo da Europa. A 1ª vaga migratória estrangeira acontece de 1880 a 1903, contabilizando-se, segundo Levy (1974), 1.9 milhões de imigrantes Europeus (sobretudo italianos, posteriormente portugueses, espanhóis e alemães) a chegar ao Brasil. Entre 1904 e 1930, ocorre a 2ª vaga de imigrantes europeus no Brasil, tendo chegado 2.1 milhões de pessoas, provenientes, no pós-1ª Guerra Mundial, principalmente da Polónia, Rússia e Roménia. Como referem (BRITO, 2004; VAINER, 2000 e BRITO, 1996), no decénio de 1930 há uma redução do fluxo migratório internacional, sobretudo a partir do início da Segunda Guerra Mundial. Podemos assim considerar o período de 1930 a 1953, como aquele em que ocorre a 3ª vaga de imigrantes, que assume um carácter menos numeroso, e inclui a entrada de japoneses, espanhóis, gregos e sírio-libaneses.

Se até à década de 1950, o Brasil era apontado como um país recetor de imigrantes internacionais, este comportamento alterou-se substancialmente, verificando-se que nos decénios subsequentes tal fluxo migratório não só sofreu uma redução muito intensa como acabou por se reverter, o que tornou o Brasil um país emissor de mão-de-obra para países desenvolvidos (industrializados) nos anos de 1980 (SALES, 1991). A partir desse período, uma nova fase na história brasileira começa, que não pode dissociar-se, nem das profundas transformações que ocorreram na economia mundial, nem da evolução dos cenários políticos e económicos do Brasil.

Carvalho e Lima (2007) reafirmam esta mudança e destacam o cenário de crise (declínio económico, desemprego, inflação elevadíssima) em que ela se configura. Nesta fase, conhecida como “década perdida”, o número de brasileiros residentes no exterior foi aumentando paulatinamente, o que tornou a emigração uma temática cada vez mais relevante em termos políticos e sociais, como atestou o crescente interesse dos media (CARVALHO; CAMPOS, 2006).

É com base neste contexto que se configurou um fluxo migratório internacional de brasileiros, que, de resto, está em linha com o que sucedeu em outros países da América Latina. Para além dos fluxos já tradicionais de Mexicanos para os EUA, acontece um crescimento expressivo dos fluxos de Equatorianos, Colombianos e Argentinos não só para os Estados Unidos, como também para Europa, designadamente a Espanha. No caso dos brasileiros, verifica-se emigração, não só para Portugal como também para outros países desenvolvidos, como Itália e Japão (BÓGUS, 1995).

A emigração internacional brasileira é um fenómeno que não tem uma expressão regional uniforme no conjunto do país. Há algumas regiões que possuem uma história e uma intensidade migratória bem superior a outras. No caso da Microrregião de Governador Valadares, a emigração internacional tem início na década de 1960, compondo um capítulo relevante na história da migração internacional de brasileiros com expressivo impacto na cidade e região. Esse é um ponto do território brasileiro marcado pelo fenómeno migratório tanto para os Estados Unidos como para Portugal, sendo essa a razão da escolha de sujeitos de investigação oriundos do município de Governador Valadares e arredores neste estudo.

A presente tese de doutoramento tem como título “Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil – Imigração e Retorno: Processos complementares?”, e resulta da necessidade em compreender a dinâmica migratória brasileira para Portugal, centrando-se na construção do projeto de retorno ao Brasil e na identificação dos motivos que o condicionam, tendo por objeto a “segunda vaga” migratória (período posterior a 1997/1998). O stock de imigrantes⁴ brasileiros manteve-se sempre crescente, no período que decorre entre os anos 2000 e 2010, constituindo-se os brasileiros como o coletivo de maior representação dentre os estrangeiros residentes em Portugal até ao presente.

A focalização na temática do retorno, que nos últimos anos tem tomado uma grande importância para muitos investigadores da área das migrações, não pode ser dissociada da profunda crise económica que, tendo conhecido um momento inicial em 2007 com explosão dos efeitos do subprime nos EUA⁵ e a ruptura do sistema

⁴ Numa tese sobre migração e retorno, que se posiciona, em simultâneo, nos dois espaços, a utilização dos termos “imigrante” e “emigrante” é complexa, uma vez que os sujeitos de investigação são, como qualquer migrante, tanto imigrantes como emigrantes, dependendo do lugar que se toma como referência (destino ou origem). Ora numa tese que “viaja” entre os dois espaços, perspetivas sociológicas (e não estatísticas) de “imigrante” (quando estão em Portugal) e “emigrante” (quando analisamos a partir do Brasil tomando como referência o retorno ou regressando ao momento de partida) aparecem inevitavelmente associadas às mesmas pessoas. Por motivos de coerência e simplificação, nesta tese partiu-se dessa referência espacial como base para a utilização das palavras “emigrante” e “imigrante”, o que significa que nos capítulos e partes do texto “centradas” no Brasil se utiliza “emigrantes brasileiros” e nos capítulos e partes de texto centradas em Portugal se faz uso de “imigrantes brasileiros”.

⁵ “Crise financeira desencadeada em 24 de Julho de 2007, a partir da queda do índice Dow Jones motivada pela concessão de empréstimos hipotecários de alto risco (em inglês: *subprime loan* ou *subprime mortgage*), prática que arrastou vários bancos para uma situação de insolvência, repercutindo fortemente sobre as bolsas de valores de todo o mundo”. PEREIRA, Bresser (2008), Dominação financeira e sua crise no quadro do capitalismo do conhecimento e do estado democrático social. Revista Estudos Avançados, v. 22, n. 64, p. 195-205, 2008.

financeiro na Islândia, atingiu posteriormente muitos países ocidentais com importante papel enquanto receptores de imigrantes, no período compreendido entre 2007 e 2014 (SUELI; SANTOS, 2012). Esta situação gerou um incremento significativo no desemprego, constituindo os imigrantes um dos grupos mais afetados (PONZO et al., 2015; MALHEIROS, OLIVEIRA; ALBRECHT, 2015). Verificou-se a diminuição dos empregos, redução de horas de trabalho e a queda do valor pago por hora trabalhada, originando perdas de rendimento. Para muitos desses imigrantes, a mobilidade geográfica passou a ser a alternativa para encontrar uma solução para a situação pela qual estavam a passar (TRENZ; TRIANDAFYLLIDOU, 2017; ESTEVES; FONSECA; MALHEIROS, 2017), incluindo-se aqui a reemigração para outros países em busca de novo emprego, temporário ou de longa duração, e, sobretudo, o retorno ao estado de origem.

A partir de 2007/2008 a crise económica, que já vinha dando sinais em anos anteriores, torna-se expressiva em Portugal, evidenciada por períodos de crescimento económico lento e, posteriormente, de estagnação ou recessão e, em consequência, pelo significativo crescimento do desemprego, que não pode ser dissociado da contração das oportunidades de inserção social e profissional, não só por parte dos imigrantes mas da população em geral. De resto, a privação de ajudas sociais e a perda de direitos, resultante de cortes salariais e na despesa pública, que foram de par com brutais aumentos na carga fiscal, atingiram substancialmente a classe média e a população mais desfavorecida, incluindo os imigrantes laborais.

Torna-se importante declarar que, nesse mesmo ano de 2008, o Brasil apresentava grandes transformações no panorama económico, verificando-se uma política macroeconómica que incentivava o investimento e indicadores económicos positivos, de que é um bom exemplo o crescimento do PIB de 5,2% face ao ano de 2007. Daqui resultou um aumento de postos de trabalho e diminuição do índice de desemprego (SILVA, 2016). O Brasil vivia, portanto, um momento de ascensão económica e social diferentemente da década antecedente, o que dava origem a um capital de esperança significativo entre a maioria da sua população.

O contrário ocorria com a economia na Europa, designadamente na Europa do Sul, com estagnação e recessão económica, incluindo-se aqui Portugal. Este contexto favoreceu o início de um novo movimento migratório com destino para alguns países do denominado Sul Global, nomeadamente, o Brasil, que apresentava oportunidades de inserção num mercado de trabalho ainda em expansão, que

captava mão-de-obra que não encontrava emprego numa Europa em crise, designadamente imigrantes (por exemplo, brasileiros) que procuravam no regresso uma nova fase para o seu ciclo de vida.

No que se refere especificamente à migração brasileira para Portugal, esta não é um acontecimento recente. Segundo Padilla (2005), na década de 1970, vieram primeiro os exilados políticos, posteriormente nos anos 1980, os descendentes de portugueses fixados no Brasil, como também brasileiros possuidores de escolaridade e competências superiores, classificados como brasileiros da denominada “primeira” vaga. De acordo com Baganha e Góis (1998-1999), muitos desses brasileiros auxiliaram com os seus conhecimentos no processo de entrada de Portugal na União Europeia na década de 1980, designadamente contribuindo para o processo de modernização da economia e sociedade portuguesa, por via da sua participação em atividades à época com componentes inovadoras e em forte expansão, como o marketing, a publicidade, a informática e a própria medicina dentária. Eram brasileiros originários de camada social média ou alta, e considerados imigrantes profissionais e não laborais, diferentemente de outros imigrantes, sobretudo africanos que vinham das ex – colónias africanas, que chegaram na década de 80 e que se inseriram em segmentos de atividade caracterizados por níveis de qualificação mais reduzidos (PIRES, 2000).

Posteriormente, sucede-se a denominada “segunda” vaga da imigração brasileira, que aconteceu a partir de finais dos anos 1990 (MALHEIROS, 2007), verificando-se a entrada de brasileiros em número superior à “primeira” vaga, originários de um contexto económico e político fracassado. Relativamente a esta “segunda” vaga, Peixoto e Figueiredo (2007), partindo das informações dos Censos Populacionais de 1991 e 2001, indicam a existência de novos contornos da imigração brasileira em Portugal, a começar pelo crescimento significativo do fluxo, caracterizado claramente como uma imigração económica com uma forte componente laboral e a sua desvinculação a parentescos com antepassados portugueses. Também apresenta maior número de pessoas menos qualificada e com grau de escolarização inferior em relação a “primeira” vaga. São provenientes de contextos socioeconómicos mais modestos, inserindo-se no mercado laboral segmentado cada vez mais flexibilizado e instável, com incentivo à imigração irregular.

Com a crise económica estabelecida, evidencia-se uma queda na atração e, consequentemente, no fluxo migratório de entrada em Portugal, iniciando-se assim um novo movimento migratório, que corresponde a uma migração de retorno bastante significativa⁶. Decorre daqui a importância em compreender as motivações do retorno para o Brasil em contexto da crise económica portuguesa, como também perceber como ocorre a reinserção no Brasil e o contributo da presença em Portugal para este último processo.

Para além do recurso a fontes secundárias, designadamente informação do SEF, dados provenientes da OIM - Portugal relativos ao Programa de Retorno Voluntário e Estatísticas e Censos do Brasil e de Portugal, o estudo fundamenta-se essencialmente no enquadramento de análise de dados proveniente de um conjunto de entrevistas em profundidade⁷ realizadas a imigrantes e ex-imigrantes brasileiros no Brasil e em Portugal. Se os dados quantitativos provenientes de fontes secundárias foram sujeitos a um tratamento estatístico básico que deu origem a uma caracterização sociográfica, já as entrevistas, essenciais neste projeto, foram tratadas no âmbito de uma análise do conteúdo das opiniões manifestas, nos vários domínios que as compõem. Adicionalmente, a informação básica recolhida nas entrevistas (elementos de caracterização, respostas a algumas questões) foi sistematizada em alguns quadros estatísticos simples com o propósito de facilitar a leitura e de identificar alguns comportamentos e situações mais frequentes que, embora não possam ser generalizáveis, ajudam a compreender os processos. Em suma, trata-se de um estudo multiterritorial de natureza eminentemente qualitativa apoiado numa amostra intencional de entrevistados, e com utilização de dados secundários sujeitos a tratamento quantitativo, para complementar as análises.

Foram realizadas 100 entrevistas em profundidade no Brasil e em Portugal⁸. As 50 entrevistas realizadas em Portugal, 10 foram no Norte Litoral (Porto, Braga) e 40 na Área Metropolitana de Lisboa (AML), sendo todos os entrevistados oriundos do Estado de Minas Gerais, Brasil, e inseridos na denominada “segunda” vaga

⁶ Após o ano de 2008 e até 2013, os pedidos de apoio ao retorno voluntário da OIM e as declarações de imigrantes e de associações de imigrantes a investigadores e à imprensa apontaram o aumento do número de retornos no contexto de retração económica em Portugal. Entre os imigrantes, os brasileiros somavam o maior número de pedidos ao PRV – OIM (Programa de Retorno Voluntário).

⁷ A estes juntam-se, ainda, dados por amostragem recolhidos em vários estudos recentes sobre imigração e imigração brasileira, realizados em Portugal e no Brasil.

⁸ Os entrevistados tinham que ter idade mínima de 18 anos. É importante também ressaltar que, todos os nomes utilizados nas falas (capítulo 6: 6.1 e 6.2) são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

migratória (posterior a 1997/1998). A escolha dessas regiões para a realização das entrevistas tem como base concentrarem, em conjunto com o Algarve, o maior número de imigrantes brasileiros em Portugal⁹. A “segunda” vaga migratória apresenta claramente destinos mais metropolitanos, destacando-se a Área Metropolitana de Lisboa (AML), que, com o seu mercado de trabalho mais amplo e diversificado, se assume como principal espaço de fixação dos cidadãos brasileiros. Porque a temática do retorno é central neste estudo, foram também realizadas 50 entrevistas em profundidade com brasileiros que retornaram para o município de Governador Valadares e arredores, Minas Gerais, dirigindo-se 10 destas a filhos de brasileiros que acompanharam os progenitores no movimento migratório, ainda na primeira infância¹⁰. O recorte temporal deste estudo encerra em 2015.

Compreende-se a imigração brasileira como processo dinâmico que sofre modificações sucessivas associadas aos contextos, constituído por movimentos de pessoas entre o país de origem e destino, partidas e regressos, o que justifica os objetivos gerais: Identificar e analisar as motivações de retorno e de que forma se processa a reinserção social dos imigrantes no Brasil; Identificar se os imigrantes regressados mantêm uma relação com Portugal e em que termos.

Em termos específicos, os objetivos consistem em: perceber o papel da crise económica portuguesa nas razões para o retorno; identificar o contributo da presença em Portugal para a reinserção no Brasil; verificar se existe um processo de reemigração dos retornados brasileiros para outros países ou um eventual regresso a Portugal.

Relativamente às partes que compõem esse trabalho, podemos referenciar que, em um primeiro instante, se faz um enquadramento teórico dos movimentos migratórios, tomando como referência a situação atual, e percorrendo as principais discussões das teorias que foram consideradas pertinentes para a compreensão da situação empírica em estudo. Refira-se que para além da explicação dos

⁹ Embora se tenha considerado incluir imigrantes brasileiros no Algarve na amostra deste trabalho, tal procedimento foi descartado por razões de exequibilidade. De qualquer modo, a partir dos padrões de resposta obtidos, considera-se que a amostra intencional recolhida junto de 50 imigrantes brasileiros residentes na AML e na Região Norte é suficientemente sólida para fazer a análise e retirar conclusões.

¹⁰ São filhos de imigrantes, nascidos no Brasil, que migraram com seus progenitores (mãe ou pai e mãe) para Portugal, numa idade ainda muito jovem, tendo posteriormente retornado para o Brasil. Foi importante incluir esses jovens nas entrevistas por fazerem parte do processo de imigração e retorno dos seus progenitores, considerando-se que sentem o processo de forma específica e diferente daqueles que migraram já adultos, designadamente no momento de regresso.

movimentos migratórios, a abordagem teórica do retorno também merece um tratamento nesta parte.

Um segundo capítulo faz a apresentação detalhada do movimento migratório internacional brasileiro começando por se recordar que a “constituição do povo brasileiro” está associada aos deslocamentos populacionais internacionais. Evidentemente, os Portugueses detêm um papel central neste processo, pois são os primeiros colonizadores, impondo lógicas culturais, sociais e de administração, para além de se apropriarem das terras, originalmente base da vida das populações indígenas, que passaram a explorar e a dominar.

Em seguida, é apresentado o fenómeno imigratório brasileiro a partir da década de 1960, destacando as especificidades da Microrregião de Governador Valadares¹¹, um dos primeiros pontos de partida no contexto do fenómeno migratório internacional, e espaço de origem de uma proporção relevante dos brasileiros atualmente instalados em Portugal. Refira-se que a Região do Rio Doce, onde se localiza Governador Valadares, é caracterizada historicamente pela presença de períodos económicos assentes no setor primário, envolvendo pecuária, produção agrícola e extracção mineral.

Posteriormente, é exposto o movimento imigratório brasileiro para Portugal destacando as especificidades das diferentes vagas migratórias. Efetivamente é em meados dos anos 1980, que Portugal entra no contexto das escolhas migratórias dos brasileiros. A imigração brasileira cresceu nas décadas de 1980 e 1990 em Portugal, passando-se, como já tivemos oportunidade de referir, da “primeira” vaga, que incluía menos pessoas e era caracterizada por maiores níveis de escolaridade e qualificação, a uma “segunda” vaga, mais numerosa e diversificada, em que o número de indivíduos menos qualificados era significativamente maior (PADILLA, 2004; PEIXOTO, 2007; MALHEIROS, 2007).

Realiza-se, então, a explanação do modelo analítico que, de algum modo, estabelece a ligação entre a parte teórica e de contexto empírico da tese, e a parte

¹¹ Segundo o Censo Demográfico (2010), a Microrregião de Governador Valadares possui 415.696 habitantes, com 25 municípios: Alpercata 7.172, Campanário 3.564, Capitão Andrade 4.925, Coroados 10.270, Divino das Laranjeiras 4.937, Engenheiro Caldas 10.280, Fernandes Tourinho 3.030, Frei Inocêncio 8.920, Galiléia 6.951, Governador Valadares 263.689, Itambacuri 22.809, Itanhomi 11.856, Amaruá 5.067, Marilac 4.219, Mathias Lobato 3.370, Nacip Raydan 3.154, Nova Módica 3.790, Pescador 4.128, São Geraldo da Piedade 4.389, São Geraldo do Baixo 3.486, São José da Safira 4.075, São José do Divino 3.834, Sobralia 5.830, Tumiritinga 6.293, Virgolândia 5.658. Ver capítulo 3.2 para detalhes geográficos.

empírica aprofundada assente em trabalho de campo e na recolha direta de informação. No âmbito deste modelo analítico, que acaba por funcionar como roteiro da pesquisa empírica da tese, construímos as questões desta investigação, que procuram dar resposta aos objetivos antes sumariados e que, em termos sintéticos, se orientam para a compreensão do processo de decisão “ficar-regressar” e, caso ocorra o regresso, para a análise da reinserção e das influências e ligações a Portugal.

Os dois últimos capítulos analíticos baseiam-se, essencialmente, na informação recolhida diretamente e procuram compreender, em profundidade, o contexto específico e as características dos processos de imigração e retorno de brasileiros que saíram de Governador Valadares e dos seus arredores, e se instalaram em Portugal, tendo em alguns casos regressado e em outros não. Perceber a construção das motivações profundas que levam uns brasileiros a regressar e outros a permanecer é o objetivo principal do último destes capítulos. Por fim, a tese encerra com uma conclusão que, por não ser fechada, nem definitiva, recebeu a designação de “Considerações Finais”.

2 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS: TEORIAS EXPLICATIVAS

Nesse capítulo faremos um resumo das principais teorias que explicam as migrações internacionais no período posterior à fase de consolidação da industrialização e da urbanização na Europa, a partir da segunda metade do século XIX. Estas teorias foram-se diversificando ao longo do século XX, mas, em muitos casos, a sua génese é europeia ou norte-americana, o que significa que são os processos migratórios ocorridos nestes espaços, nos seus diversos contornos, que funcionam como referência para o desenvolvimento das reflexões que estão na base das teorias.

Durante o século XX, Ravenstein, um geógrafo, foi considerado pela sociologia, como o “clássico das migrações”, associando o carácter estruturalista da realidade à ação de comportamentos originários de forças sociais (DURKHEIM, 1995) e, também, de relações sociais (MARX, 1985; ROCHA-TRINDADE, 1995). Em termos macro, os clássicos como Marx e Engels (1989), e de uma forma distinta o próprio Ravenstein entendiam o fenómeno migratório como resultante do processo de desenvolvimento do capitalismo, visando o crescente movimento das populações e dos trabalhadores.

Ravenstein é um dos importantes autores que discute a migração no século XIX. Em finais deste, Ravenstein (1885, 1889) publica o trabalho - “Leis das Migrações”¹², relativo aos fluxos migratórios internos, como também, internacionais, onde apresenta uma análise dos fenómenos migratórios, formulando conceitos, tipologia de migrações e fluxos migratórios (direções, correntes, contra – correntes).

As “leis de migração”, pertencentes ao primeiro estudo de Ravenstein (1885) para compreender as migrações internas e internacionais, destacavam:

- a) A maioria dos migrantes percorrem uma certa distância e as “correntes de migração” dirigem-se preferencialmente para centros de comércio e também da indústria;

¹² No contexto de análise do autor, o termo “leis de migração” não deve ser levado ao pé da letra, como se comportamentos migratórios individuais e de grupos ocorressem independentemente do contexto e das diferenças pessoais que possam ocorrer. Ao invés disso, suas “leis empíricas” devem ser interpretadas como fatos, características e atitudes observadas pelo autor na maior parte dos movimentos migratórios por ele estudados, e que levam em conta o contexto e a época particular em que foram analisados, ou seja, a Revolução Industrial.

- b) O processo de atração para uma cidade em rápido crescimento começa pelas suas zonas circundantes, seguindo posteriormente para locais, mais distantes;
- c) O processo de dispersão é o inverso do de atração;
- d) As correntes migratórias produzem contra – correntes compensadoras;
- e) Os migrantes oriundos de países distantes preferem os grandes centros de comércio (e da indústria);
- f) Os nativos das cidades migram menos que os das zonas rurais do país;
- g) As mulheres são mais migratórias do que os homens, sobretudo quando se trata de movimentos de distância menos longa.

A perspectiva de Ravenstein (1885: 198 - 199) é desenvolvida por Lee (1969: 283), que acrescenta os dois enunciados constantes na seguinte frase:

[...] aumento dos fluxos migratórios, com o desenvolvimento dos meios de locomoção, comércio e indústria; domínio dos motivos de ordem económica como justificação para as migrações (com desejo de uma melhor condição da vida humana relacionada por aspectos “materiais”).

Esse modelo de atração – repulsão, que é denominado também de *Push – Pull* (Lee, 1969), menciona a escolha imigratória como uma decisão racional, aferida relativamente à posição individual e ao grupo social, que é ainda influenciada pela distância. É a diferença entre as características “estruturais” da economia e dos salários nos vários países que explica a direção dos fluxos migratórios, emergindo as áreas com escassez de mão-de-obra e salários mais elevados como mais atrativas. Estas interpretações situam-se no âmbito de uma leitura económica neoclássica da realidade.

Numa compreensão mais extensiva, trabalhos desenvolvidos no início do século XX começaram, a dar evidência a dimensões sociológicas, sendo de distinguir o estudo pioneiro de Thomas e Znaniecki, que publicam, entre 1918 e 1920, um trabalho sobre a integração dos camponeses emigrantes europeus, com destaque para os polacos, nas cidades norte-americanas. Tendo Thomas (1938) sido um precursor da Escola de Chicago, não obstante a sua carreira ter sido claramente prejudicada por um quadro académico e pessoal que o afetou muito negativamente, outros investigadores daquela Escola de Ecologia Social, como Park, desenvolveram, entre 1925 e 1929, trabalhos sobre os modos de adaptação, aculturação e assimilação, com incidência na integração e nos conflitos urbanos

associados à absorção migratória verificada na sociedade americana no século XIX. O padrão predominante fundamentava-se na entrada de diferentes grupos de imigrantes que poderiam tornar-se americanos, ou seja, uma espécie de fusão de elementos dos distintos grupos étnicos¹³ que se integrariam numa nova “porção cultural” (*melting pot*) da sociedade norte-americana. Esta fase mais precoce, que inclui também as publicações de Dorothy Thomas (1938), sobre a escolha imigratória, os trabalhos de Zipf (1946) e os de Stouffer (1940 e 1960), sobre a relação entre mobilidade e distância e das “oportunidades intervenientes” (*intervening opportunities*) acaba, de algum modo, por se encerrar nos anos de 1950, com a ocorrência de alterações significativas no padrão global dos fluxos migratórios: se até aqui estes eram, principalmente, da Europa para a América; após este momento ocorre uma mudança de direção, emergindo diversos países da Europa Ocidental e no Norte como destinos de migrantes, frequentemente oriundos das antigas colónias e da Europa do Sul. No continente americano, os países da América Latina vão, desde então, passar a assumir o papel de fonte de mão-de-obra para os Estados Unidos.

Relacionadas com mobilidade e distância, mas também com o conceito de “oportunidades intervenientes” (*intervening opportunities*), Rossi (1955) vai destacar o período de vida e a mobilidade para as cidades, na perspetiva da Psicologia Social, e Rose (1958 e 1970) faz referência à relação entre “distância” e a condição socioeconómica dos migrantes. Em 1970, Zelinsky apresenta a teoria do ciclo da mobilidade, uma proposta de transição tardia que aparece na linha de trabalhos como a teoria da transição demográfica ou as Etapas do Crescimento Económico de Rostow (1971). Tomando como referência a evolução dos processos migratórios nos países desenvolvidos do mundo ocidental, Zelinsky (1970) identifica cinco fases para diferentes modelos de mobilidade, incluindo a internacional, para a qual estabelece um paralelo com as fases do desenvolvimento económico dos países¹⁴.

Retomando os referenciais da teoria económica neoclássica, designadamente porque continua a ser referida em muitos trabalhos atuais sobre migrações

¹³ Os estudiosos da Escola de Chicago, ao descreverem o *melting pot*, acreditavam na possibilidade da assimilação de variados grupos de imigrantes na sociedade e sustentavam que esses imigrantes, com o passar do tempo, iam deixar as suas próprias características em favorecimento da fusão de elementos de diferentes origens, o que não se realizou. A insistência dos laços étnicos ocasionou a não adaptação e assimilação, gerando a criação de enclaves étnicos na sociedade de acolhimento.

¹⁴ Relembre-se, por exemplo, que as Etapas do Crescimento Económico de Rostow também são cinco.

internacionais, estas são geradas pelos desequilíbrios dos salários entre os países; desta maneira, os trabalhadores migrantes com seu *capital humano*¹⁵ determinam racionalmente sua atuação no mercado global, ponderando ganhos e perdas que estão implícitos na escolha entre sair do seu país de origem e chegar ao país de destino. Conforme essa abordagem, no lado da oferta de trabalho incidem decisões sobre a maximização dos benefícios, isto é, como será seu ganho no projeto de bem-estar do trabalhador migrante (intenções de melhores condições de trabalho e maior salário). Desta forma, o ponto central dessa teoria relaciona-se quer com recursos em capital humano e tecnológico, quer com recursos dos sujeitos¹⁶. Estes fatores vão gerar uma avaliação de cálculo custo e benefício - por meio da sua função no mercado de trabalho, ou seja, as necessidades do país de destino (e das suas empresas e empregadores) ligam-se com as necessidades dos indivíduos (trabalhadores) na decisão de migrar. Isto leva os teóricos a entenderem a migração como uma maneira de conseguir um resultado positivo, por parte do migrante, a nível de trabalho e necessidades económicas e psicossociais (BOHNING, 1983).

Diversas críticas são efetuadas à teoria neoclássica, não só por destacar justificações individuais isoladas, o que não vai auxiliar no estudo sociológico mais completo, mas também pelas fragilidades que mostra quando confrontada com acontecimentos históricos e dados de experiências concretas. Nota-se que o movimento migratório de trabalhadores de países desenvolvidos é proporcionalmente superior se comparado aos países subdesenvolvidos. Destaca-se, segundo investigações contemporâneas, que os primeiros migrantes não são os mais pobres; são donos de pequenos negócios, também trabalhadores com uma certa qualificação (ASSIS, 2004; SOARES, 2002; SIQUEIRA, 2003; MARTE, 1999).

Outra crítica à teoria neoclássica é feita por Portes¹⁷ (1995), pois, segundo o autor, as migrações não podem ser entendidas como um fenómeno exclusivamente

¹⁵ É o conjunto de capacidade, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favorecem a realização de trabalho de modo a produzir valor económico. São os atributos adquiridos por um trabalhador por meio da educação, perícia e experiência. Sullivan, Arthur; Steven M. Sheffrin. *Economics: Principles in action*. Upper Saddle River, New Jersey 07458: Pearson Prentice Hall, 2003. 5 p. ISBN 0-13-063085-3.

¹⁶ Para Becker (1983:9), isto compreende que o gasto em capital humano baseia-se em: “[...] atividades que influenciam o rendimento monetário e psíquico futuro através do aumento dos recursos nas pessoas”.

¹⁷ Portes, partindo do conceito de Weber de ação social, considera que os indivíduos, ao optar por uma ação racional, levam em consideração não apenas princípios económicos, mas também procuram atender as expectativas relacionadas ao grupo ao qual pertencem. O impacto dessa forma de entender a ação racional nos estudos sobre migração – a decisão de migrar e o próprio processo

económico. Como explica Weber (1991), no referente à acção social, os indivíduos fazem uso da acção racional com a finalidade de maximizar seus benefícios, atuando em função de motivos económicos. Contudo, não agem isoladamente, mas de acordo com as expectativas do grupo social em que estão inseridos.

Portanto, é fundamental investigar o fenómeno migratório internacional não só como um processo económico a nível individual, mas na perspectiva das relações sociais, o que implica compreender o que está implícito na intenção de migrar e todo o processo desde a decisão de partir do país de origem até à inclusão no país de destino, sendo também necessário perceber a influência das redes sociais no projeto migratório. Massey et. al 1987 (*in* SOARES, 2003: 240) declara que: “[...] as transformações estruturais nas sociedades de origem e destino respondem pelo início dos fluxos migratórios internacionais, as redes sociais conferem a tais fluxos estabilidade [...]”.

A Nova Economia das Migrações não está em linha com a teoria neoclássica, indo ao encontro de algumas críticas de Portes, ao destacar que o projeto migratório deve ser visto como a construção de uma coletividade, formada por agregados familiares, amigos, vizinhos e outros. O indivíduo migrante não decide, portanto, sozinho, mas influenciado por um contexto, tendo a intenção de maximizar os seus ganhos, garantindo a sua sobrevivência, qualidade de vida e também “(...) minimizarem e afrouxarem os constrangimentos associados a uma variedade de falhas de mercado”¹⁸ (SASAKI e ASSIS, 2000:7).

Em síntese, para os novos economistas das migrações (MASSEY, 1997), a análise vai para lá das diferenças do mercado de trabalho entre países de origem e destino, situando-se a construção da decisão de migrar para além do espaço domicílio/família. No fundo, esta posicionar-se-ia na dinâmica da sociedade de origem, quando cria condições para investir (ou não) em atividades locais, e nos elementos que caracterizam os mercados (de seguros, capital, políticas sociais) nos países de origem e destino. Na verdade, mesmo que se verificasse uma situação de equilíbrio, tão caracterizadora e “desejável” no quadro neoclássico, não cessariam os fluxos migratórios. Sendo assim, não se justifica na análise das migrações internacionais só a ênfase no salário e trabalho como fatores-chave, devendo

de inserção do migrante na sociedade de destino – passa a ser analisado considerando a influência das relações sociais e não apenas a decisão individual.

¹⁸ Mercado de trabalho, mercado de capitais, mercado de seguros.

também considerar-se os desequilíbrios dos mercados, os contextos familiares e locais e as políticas sociais e económicas, tudo fatores que contribuirão para a continuidade do fenómeno migratório (MASSEY, 1993).

A abordagem histórica-estrutural (OLIVEIRA e STERN, 1980; SALIM, 1992), evidencia os fatores e elementos estruturais que explicam os movimentos migratórios que estão vinculados aos equilíbrios e desequilíbrios, internos ou externos, que atuam nas economias locais, o que irá influenciar mudanças no processo produtivo. Essa teoria diverge da teoria Neoclássica e da Nova Economia das Migrações, quando afirma que são fatores macroestruturais (económicos e sociais) que influenciam as migrações.

Sendo assim, as causas principais do fenómeno das migrações internacionais encontram-se principalmente nos países para os quais os imigrantes se deslocam, pelas oportunidades económicas estruturais que justificam a deslocação do imigrante na busca trabalho, e não nos países de origem do fluxo migratório (MARGOLIS, 1994).

Perante estes pressupostos, a teoria histórico-estrutural interpreta de outra forma as migrações internacionais. De acordo com Piore (1979) e Portes (1981), que enfatizam a visão da teoria da segmentação do mercado de trabalho, as migrações laborais são analisadas considerando segmentos distintos do mercado de trabalho. Em termos estruturais, as especificidades que definem e atraem o fluxo migratório de trabalhadores correspondem à estrutura económica das sociedades desenvolvidas. Nestas, os trabalhadores nativos não querem desempenhar empregos mal remunerados, pouco qualificados e de baixa mobilidade profissional, decorrendo aqui que os empregos absorvidos pelos imigrantes tendem a ter salários inferiores por comparação aos salários dos autóctones.

Segundo Piore (1979), geram-se dois mercados de trabalho: secundário e primário. No mercado de trabalho secundário, posiciona-se mão-de-obra pouco qualificada, salário baixo, trabalhos conotados com status social inferior, fracas oportunidades de carreira, relação informal superior/empregado. Com relação ao mercado primário, ocorre mão-de-obra qualificada, salário elevado, trabalhos conotados com status social superior, boas condições de trabalho, elevada mobilidade e relação formal expressa num contrato.

Como indica Piore (1979), citando as migrações de regiões subdesenvolvidas para desenvolvidas, estas começaram por meio de um processo de angariação

pelos próprios empregadores, como aconteceu com os *Guest Workers*¹⁹ na Europa dos anos 50 e 60 ou com o *Bracero Program* pós guerra nos Estados Unidos (Piore, 1979). Os imigrantes apresentavam limitações como a falta de experiência no país de destino, não terem proteção legal e estarem mais motivados para trabalharem. Estas características somam a favor das empresas que recrutam os trabalhadores, pois aumentam a produtividade e diminuem os custos de produção.

Ainda com referência à perspectiva histórico-estrutural, emerge como principal representante Sassen, que dá continuidade à teoria de Piore e Portes. Para Sassen (1988a), as novas formas da economia mundial, pós anos 70, causaram um processo de reestruturação que originou um espaço transnacional, no qual não só circulam fluxos de capital, bens e informação, mas também de trabalhadores.

Para a autora, é importante compreender a forma de incorporação do migrante no mercado de trabalho na economia internacionalizada. Assim, o investimento internacional é um fator relevante para entender os movimentos migratórios internacionais na atualidade.

Segundo Castells (1999) (e aqueles que se lhe seguiram), o mundo contemporâneo foi marcado pelo fenómeno da globalização²⁰. Esse fenómeno atual é responsável não só por mudanças políticas, económicas, sociais e culturais, mas também, por ativar movimentos migratórios de um país para outro. A economia global (PORTES, 1999), com esse novo momento de crescimento e organização do capitalismo, conheceu novos processos como a financeirização e a liberalização dos mercados ao nível internacional que tiveram consequências na transformação do espaço.

Este processo da internacionalização do capital anda de par com a intensificação da urbanização, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, tendo contribuído para acentuar a migração internacional, que também conheceu

¹⁹ “Durante a década de 1960, a Alemanha buscou acordos bilaterais com Itália, Grécia e Turquia, tendo lançado seu programa de trabalhadores convidados. Este permite que os trabalhadores estrangeiros possam residir e trabalhar temporariamente num país de acolhimento, até que um próximo grupo de trabalhadores estejam disponíveis para mudar. Os trabalhadores convidados normalmente executavam trabalho semiqualeificado ou pouco qualificado agrícola, industrial, na construção civil ou no serviço doméstico. Os trabalhadores voltam para casa quando seus contratos expiram.” Levine, Linda. Congressional Research Service. The Effects on U.S. Farm Workers of an Agricultural Guest Worker Program. 111 Cong. Cong. Rept. N.p.: n.p., n.d. LexisNexis Academic. Web. 22 Mar. 2000.

²⁰ “É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes económicos” (Castells, 1999:87).

novos contornos (e.g. maior diversificação de origens e destinos, crescimento da componente feminina, acentuação dos fluxos de carácter temporário). Segundo Thomaz Júnior (2009:197), “[...] a mobilidade, a migração do capital e do trabalho está reconfigurando as espacialidades da economia global, os perfis, os conteúdos e subjetividades dos homens e mulheres que trabalham [...]”. Portanto, a mobilidade do capital e a mobilidade do trabalho são componentes determinantes do capitalismo no seu processo de concentração espacial do capital.

Concentrando-nos especificamente nas migrações internacionais, os estudiosos da antropologia e da sociologia, apontam para a emergência de um novo contexto nas migrações internacionais e de um novo significado assente na transnacionalização como novo campo analítico, a partir dos anos 1980, segundo Siqueira (2007), Boyd (1989), Massey (1997) e Tilly (1990):

Essa análise parte do princípio de que não há uma rutura definitiva com o país de origem. Os novos imigrantes mantêm vínculos e relações sociais com o seu país, estabelecem uma teia de relações sociais entre o local de origem e destino. Participam da vida familiar, da comunidade e outras instituições em seu país, mas também constroem possibilidades de participação no país hospedeiro. Neste sentido tornam-se transmigrantes, vivem entre dois mundos com hábitos, costumes e valores diferentes, envolvendo assim relações e conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global. [...] Vivendo entre o desejo de retornar e o de ficar, a migração não se efetiva, o emigrante não é nem permanente, porque tem sempre um projeto de retornar, faz investimentos na terra natal, mantém contato estreito com os familiares e amigos. Também não é temporário, porque na ambiguidade entre o desejo de retornar e o de ficar, cria relações com o novo mundo e assimila valores e costumes. Torna-se, assim, um transnacional. (SIQUEIRA, 2007: 49-50).

Para a entendimento do fenómeno da migração, vários autores como Charles Tilly (1990), Douglas Massey (1987) e Abdelmalek Sayad (1998) pretendem explicar as migrações através de questões relacionadas com aspectos identitários e de relacionamento com o grupo de origem. A direcção dos fluxos migratórios obedece a escolhas locais anteriormente reconhecidas, que estão associadas a ligações estabelecidas com parentes ou amigos no país de destino, constituindo-se, assim, o que chamamos “redes migratórias”²¹. Ao fixar-se no país de destino, os migrantes

²¹ As redes estruturam os fluxos e desempenham um papel importante não só na formação do desejo de partir, mas também na escolha do local de destino, no apoio ao percurso e na própria integração, através de processos como a difusão de informação ou o fornecimento de recursos aos novos imigrantes (monetários, logísticos e outros).

preservam ligações estreitas com o país de origem, criando meios para que o grupo a que pertenciam no seu país faça o mesmo percurso entre locais de origem e destino. Segundo Margolis (1994: 169):

[...] um migrante é seguido por outro; reações em cadeia atraem cada migrante via redes familiares. Cada migrante traz um novo conjunto de laços para as pessoas da comunidade de origem, e as pessoas de lá, por sua vez, têm mais laços com aqueles no local de destino. Uma corrente migratória auto continuada começa a fluir à medida que a migração se torna mais fácil. (MARGOLIS, 1994:169).

Dessa forma, na migração de longa distância, a conservação dos vínculos que as redes estabelecem entre a sociedade de origem e de destino são fundamentais na consolidação da constituição de grupos étnicos que levam suas identidades étnicas, relações de parentesco, de gênero e outras. Isto vai ampliar as oportunidades do imigrante no lugar de destino. Margolis (1994) considera que a decisão de migrar não é uma escolha solitária, mas sim um processo no qual todo o grupo social acaba por participar de várias formas, tornando o movimento sociopolítico.

Esse também é o entender de Tilly (1990), ao considerar que as redes têm um papel essencial no projeto migratório, quando conectam e auxiliam no processo de destino dos fluxos ajudando a fornecer informações para enfrentar as dificuldades no país de destino:

As redes também transformam as categorias existentes. Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração. Portanto, ao invés de um “transplante” coletivo, há uma recriação seletiva de laços sociais. (TILLY, 1990: 86).

Nesse entender, as redes auxiliam na materialização do projeto migratório e ajudam a dar novas configurações ao espaço no qual se fixam os migrantes. Segundo Tilly (1990), ao mencionar que não há um “transplante” coletivo, o que ocorre é um desfazer os laços sociais que voltam a ser refeitos quando há um ajustamento desses vínculos, ao longo do tempo, por meio da vivência comum no

país de destino. No fundo, identifica-se aqui uma analogia com o conteúdo dos processos geográficos de desterritorialização (quando os migrantes partem e quebram os vínculos ao território original de apropriação e vivência) e reterritorialização (quando os migrantes reconstroem a sua relação com social com o novo território e o seu conteúdo, após algum tempo de presença no país de destino) (HAESBAERT, 2004).

Segundo Boyd (1989), a partir da década de 1970, o estudo das redes sociais causou o interesse dos investigadores no âmbito da migração internacional, sendo dado destaque à relevância dos familiares e amigos por serem considerados os condutores de informações que permitiam a manutenção e expansão das correntes migratórias. Dessa maneira, no contexto contemporâneo, as migrações não só derivariam da consequência das crises económicas, mas principalmente de uma conjuntura de crescimento das redes sociais. Como cita Massey (1998:42):

Embora os diferenciais de renda, a diversificação de riscos, os esforços de recrutamento e a penetração do mercado possam continuar a estimular o movimento das pessoas, novas condições que surgem no curso da migração parecem funcionar como causas independentes: as redes migratórias se expandem, instituições que apoiam o movimento transnacional se desenvolvem, e o significado social do trabalho muda nas sociedades de destino. A consequência usual dessas transformações é a ampliação dos fluxos, levando à perpetuação da migração internacional através do tempo e do espaço. (MASSEY, 1998:42).

Particularmente, esta interpretação das redes permite estabelecer uma ligação entre as teorias micro e macro sociológicas das migrações internacionais, enfatizando os fatores estruturais causadores dos movimentos populacionais numa perspectiva objetiva e subjetiva (MASSEY, 1990).

As causas e motivações para a migração ocorrem por fatores circunstanciais e estruturais na sociedade, verificando-se que decisões individuais ou de grupo são orientadas pelo *capital social*²² que possibilita aos migrantes contatos com familiares, amigos e conterrâneos que se estabeleceram no local de destino. Ao realizarem ligações entre o país de origem e de destino, e nessa junção espaço temporal entre migrantes e não migrantes, gera-se uma teia de papéis sociais e relações interpessoais que levam a definir as migrações como produto social. Ao

²² Segundo Portes (1999:16), “o capital social refere-se à capacidade dos indivíduos para mobilizar recursos escassos em virtude da sua pertença a redes ou estruturas sociais mais amplas.”

migrarem, sejam quais forem suas razões subjectivas ou sua direção, as pessoas vão preferencialmente para lugares determinados pelas redes sociais, ou seja, são influenciadas por fatores subjetivos, mas também por fatores estruturais como causas económicas, sociais e políticas características dos países de origem e de destino e, ainda, por fatores intermédios como as redes sociais.

Essa perspectiva é corroborada por Massey²³ (1989: 169) quando considera que a migração internacional é:

[...] um processo social organizado por meio de conexões forjadas quotidianamente por relações interpessoais que caracterizam todos os grupos humanos. Estas conexões incluem os laços comuns de parentescos, amizades que foram adaptados à nova terra realidade de migração de massa. (MASSEY, et. al., 1989:169).

Para Massey (1988:396), as redes migratórias são classificadas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”. O significado e a utilidade social das redes podem assentar em “agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos” (KELLY, 1995:219). Sendo assim, as redes diminuem a sensação de estranhamento, insegurança e ameaça.

As redes, são, portanto, elementos importantes para o entendimento do estudo da migração, nomeadamente no caso dessa tese sobre o fluxo migratório entre Portugal e Brasil, uma vez que facilitam nos deslocamentos dos migrantes entre os países emissores e os receptores, constituindo-se como importantes fontes de informação. Também a abordagem com base no transnacionalismo se revela pertinente, pois ajuda a compreender o modo como os migrantes brasileiros desenvolvem ligações entre Portugal e o Brasil, quer na migração, quer, em muitos casos, após o retorno, originando um espaço social transnacional.

²³ “International migration is an inherently social process that is organized through networks forged from everyday interpersonal connections that characterize all human groups. These connections include the common bonds of kinship, friendship, paisanaje, white have been adapted to the new reality of mass migration” (Massey, 1989:169).

Refira-se que Sayad (2000) destaca que o projeto migratório é formado tanto pelo planejamento da ida como do retorno, sendo as redes migratórias, como vimos, componente muito importante desse processo, pois, desempenham papéis fundamentais na constituição e manutenção do fluxo migratório (FAZITO, 2008). No projeto migratório, como afirma Sayad (2000), o retorno está presente desde o início de sua construção; dessa maneira, a migração não é tida como definitiva no fluxo migratório, mas como componente de um deslocamento que muda de direção e intensidade ao longo do processo (OSMAN, 2007).

Na perspectiva de Sayad, o retorno apresenta um carácter essencial do fenómeno migratório que pode ser compreendido pelo deslocamento do espaço físico e social de um grupo ou de indivíduos, podendo ser reproduzido por categorias de redes sociais, incluindo a possibilidade do *retorno*²⁴. Efetivamente, na migração, os papéis realizados pelos imigrantes no passar da sua vivência individual e social, adotam, continuamente, um sentido temporal de carácter transitório (Sayad, 2000).

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cegos, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra. (SAYAD, 2000:11).

A saída do país de origem, normalmente, é vivenciada com angústia pelo emigrante, sendo esse sentimento partilhado por quem deixa o país e por quem nele permanece. Refira-se que o emigrante é frequentemente considerado como uma mão-de-obra provisória, temporária, emergindo uma ideia de transitoriedade, por mais que fique por muito tempo no país estrangeiro. Segundo Sayad (1998), a condição de migrante é constituída por uma dupla contradição: provisório-permanente, um estado de provisoriedade falsa que nunca se afirma permanente, mas que pode durar um tempo indefinido. Os indivíduos quando emigram se expõem à condição de exclusão, tendo um sentimento destroçado em relação a sua presença, chegando mesmo a perder o significado da vida. Dessa forma, surge, um estado limite: sua ausência e incapacidade social.

²⁴ “Está intrinsecamente circunscrita à denominação e à ideia de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures.” (SAYAD, 2000:11)

Como afirma Sayad (2000:14):

[...] o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, [...] bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos. (SAYAD, 2000:14).

Assim sendo, é impossível que o migrante não passe por consequências provenientes do fenómeno do deslocamento e da mudança do tempo. Migrar não traduz apenas sair de um lugar e chegar a outro sem ser penalizado (SAYAD, 1998).

[...] A identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetámos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2001:11-12).

Neste sentido, a identidade compreende a relação sujeito – sociedade (BERGER e LUCKMANN, 1983). A identidade não é tida como própria, mas é construída e reconstruída no duplo processo – do indivíduo e vínculo ao território num contínuo processo de mudança. É a identidade que dá condição para apoiar e localizar o sujeito em seus mundos, mundos que são criados e recriados a partir do que se deseja... O que gera variados processos desagregados, que se representam na existência de uma identidade múltipla (de género, de idade, de classe, territorial...).

De acordo com Haesbaert (2004:17);

Território, (...) enfocado numa perspectiva geográfica, intrinsecamente integradora, que vê a territorialização como um processo de domínio (político-económico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Cada um de nós necessita, como um recurso’ básico, territorializar-se. (HAESBAERT, 2004:17).

Portanto, cada sujeito possui o seu território, as suas territorialidades, como também suas territorialidades simbólicas – o “outro” lugar – o espaço simbólico, que serve como espaço de referência e de identificação para a construção de uma nova identidade territorial e social. Como afirma Sayad:

[...] no cerne da contradição constitutiva de uma vida impossível e inevitável por via da evocação das mentiras inocentes com que se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio, (e assim,) ele (Sayad) traça com pequenas pinceladas um retrato impressionante dessas “pessoas deslocadas”, privadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais. Como Sócrates, o imigrante é atópico, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...] Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita embaraço. (SAYAD, 1998:11-12).

As experiências não conhecidas, não vividas, levam o migrante a perder as suas referências e o seu potencial para dar novos significados e também para arrumar o seu espaço. A distância do país de emigração desencadeia um sentimento da ausência, surge, uma sensação de inquietação, de exigência da própria pessoa, com a intenção de cativar o grupo social a que pertencia no país de origem (FERREIRA, 2001).

Como argumenta Sayad (2000), a percepção do migrante na sua intenção de deslocamento só acha uma significação no ciclo vital da migração e termina no regresso ao país de origem – nesse ocorrer, o deslocamento, seja temporal ou espacial, é considerado como simbólico²⁵. A ideia de retorno surge precisamente da impossibilidade de não voltar para o mesmo espaço de partida. É um processo que em muitos momentos é vivido inconsciente pelo migrante, que procura dar sentido à realidade com a intenção de se sentir pertencente ao espaço que foi anulado no acontecer do seu deslocamento espacial.

O retorno é assinalado, pelos investigadores, como parte integrante da migração internacional, descrevendo as teorias que abordam a migração de retorno, várias categorias associadas a este processo. As migrações contemporâneas apresentam características diferentes das migrações do século XIX no que diz respeito às motivações, direções e perfil do migrante. Nesse sentido as teorias clássicas nem sempre são suficientes para explicação desse fenómeno.

Referente à teoria neoclássica da migração internacional, o que move o migrante é a decisão racional de alcançar uma vida melhor no retorno. Quando essa

²⁵ “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular; do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, que dizer, única concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, de causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 1996:9).

meta não é alcançada, a migração se torna, nessa perspectiva, um fracasso. Sendo assim, o retorno acaba não sendo definitivo, podendo ser sistematicamente adiado ou, ainda, nunca concretizado.

A migração de retorno é avaliada como uma opção negativa durante o tempo que se passou no país de acolhimento porque não se obtiveram os benefícios previstos, ocorrendo um erro no cálculo do custo - benefício que impulsionou a ruptura e/ou redução do tempo no país de imigração (CASSARINO, 2004; DURAND, 2006; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013). Por outro lado, na abordagem dos novos economistas, o retorno à terra natal é impulsionado pelo resultado negativo da vivência do migrante em relação a ganhos, trabalho e tempo.

Nesse ponto é importante realçar que estas teorias não avaliam outros aspectos que não os económicos, pois a migração pode ser positiva em outras dimensões, o que leva o migrante a permanecer. Além disso, é importante considerar os aspectos psicológicos tanto no destino, ou seja, como o sujeito se relaciona com a sociedade, como no retorno, que depois de um tempo de ausência, o território de origem torna-se para o migrante um lugar estranho, diferente daquele que ele deixou quando emigrou, como afirma Sayad (2000), pois o sujeito viveu novas experiências e o lugar também mudou.

Durant (2006) considera que no contexto do país de destino, o processo decisório para retornar, proporcionaria ao imigrante realizar o custo das necessidades psicológicas (distância, saudade, dificuldade com a nova rotina) que foram vivenciadas, funcionando como meios para o cálculo custo-benefício financeiro (DURAND, 2006).

Considerar todas as dimensões no retorno, acaba por constituir uma crítica em relação à teoria neoclássica, uma vez que o regresso pode significar que o migrante não conseguiu a maximização dos seus benefícios em termos de melhores salários ou trabalho. De acordo com Durant (2006), a teoria neoclássica não reconhece que na decisão de regressar o migrante é influenciado pelo conjunto das suas experiências.

Segundo Cassarino (2004), na abordagem dos teóricos da Nova Economia das Migrações, considera-se que a decisão de retornar assenta no cálculo das diferenças entre o mercado de trabalho do país de origem e do país de destino, e que aquela é definida coletivamente no seio do domicílio/família do imigrante, ocorrendo também estímulos ao regresso associados ao alcance de metas

financeiras, muitas vezes já fixadas antes de migrar. Segundo Sánchez (2013), o regresso surge como algo inato da vivência migratória promissora - quando alcançados ganhos durante o período de migração, provenientes de maior lucro, de poupança própria que possibilita o envio de uma parte desse dinheiro para familiares na terra natal. O envio de dinheiro é uma forma de dinamizar a gestão económica na esfera doméstica/familiar e, também, uma maneira de compensar problemas financeiros, sociais ou psicológicos daqueles que ficam no país de origem. Evidentemente, estes fatores impulsionam o regresso, juntamente com a ligação afetiva que o imigrante tem com o país de origem (CASSARINO, 2004).

Na abordagem histórico-estrutural, os meios económicos e as relações sociais com o país de origem são decisivos para o migrante no regresso, constituindo-se como elementos-chave na decisão de retorno e no reingresso na terra natal. Também o êxito ou insucesso do migrante que regressa são associados a causas sociais, políticas, económicas, culturais e ambientais que geram equilíbrios e desequilíbrios, internos e externos, na sociedade de origem (CASSARINO, 2004).

Equacionar o retorno no âmbito da perspectiva do transnacionalismo, requer elaborar um modelo conceptual e investigativo dos migrantes tendo como objetivo um amplo entendimento dos vínculos sociais e económicos tanto em relação aos países de destino como aos países de origem. De acordo com Portes (1999), a teoria transnacional pretende esclarecer se os vínculos sociais transnacionais frequentes e prolongados podem interferir na identidade dos migrantes. A teoria transnacional opõe-se às perspetivas estruturalistas, aos pensadores neoclássicos e à própria Nova Economia das Migrações Laborais (NELM), quando sustenta que a migração de retorno não é tida como a trajetória final do ciclo migratório, mas como uma etapa em um processo contínuo. Segundo Portes (1999), as atividades transnacionais ocorrem através de vínculos sociais geralmente frequentes, constantes e ativos entre o país de origem e o país de destino. O retorno faz parte do processo migratório, logo, faz parte de um conjunto de elementos circulares associados a conexões sociais, económicas, trocas de experiências e indicações que auxiliam a intensificar laços e a adaptação bidirecional dos migrantes.

Segundo Cassarino (2004), o fundamento da teoria transnacional relacionada à migração é composto pelas identidades e mobilidades transnacionais. Em relação às identidades transnacionais, as práticas sociais e experiências adquiridas no país de destino vão influenciar a convivência na origem. A junção dessas vivências leva à

“divisão identitária”, “dupla consciência”, ou “dupla ausência” que são componentes da experiência migratória (LEVITT, 2001; SAYAD, 2000). Essa dupla identidade capacita o migrante a fazer e refazer a sua adaptação no país de destino ou no país de origem no momento do regresso ou reemigração. No segundo momento da migração de retorno para a terra natal, os teóricos do transnacionalismo mencionam as mobilidades transnacionais (PORTES, 1999). Essas mobilidades dizem respeito aos migrantes regressados que mantêm recursos permanentes associados aos vínculos que estabeleceram com o país de destino. De acordo com Cassarino (2004), no projeto de retorno, os migrantes efetuam um balanço custo-benefício relacionado com a situação socioeconômica e política no país de origem, onde opiniões e comportamentos sociais são reelaborados ou não, organizados e reorganizados de acordo com as perspectivas dos migrantes de regresso.

Na perspectiva da teoria das redes sociais, os migrantes de regresso adquirem durante a experiência migratória novas competências, ou seja, obtêm meios econômicos, sociais e aptidões, como também, capital social (CASSARINO, 2004). A princípio é incerta a influência e a utilização destes meios no desenvolvimento local por parte dos migrantes regressados, mas estes elementos são necessários na migração de retorno para sua adaptação na origem. Evidentemente, essas experiências são diferenciadas e sua utilização nesse processo de transnacionalização vai depender de variáveis encontradas na origem e da predisposição psicológica de cada um (CASSARINO, 2004).

Efetivamente, esta visão ajuda na desconstrução do projeto de retorno que corresponderia a uma prática voluntária; dessa forma, não é uma questão do migrante desejar retornar, mas ser capaz de concretizar tal ação. Cassarino (2004) reconhece as capacidades dos migrantes regressados criarem fortes vínculos transnacionais durante o tempo que estiveram fora do país de origem. Na perspectiva da teoria das redes, os vínculos criados são tidos como estímulos externos de uma vivência durante a migração que venha ajudar nos interesses dos migrantes no seu regresso, o que envolve reunir aptidões e informações subsequentes ao regresso para auxiliar na reintegração na terra natal (CASSARINO, 2007).

De acordo com a abordagem transnacional à migração de retorno, a Teoria das Redes afirma a habilidade dos migrantes regressados de estabelecer vínculos com os antigos lugares no qual ficaram inseridos. Contudo, estes vínculos não são

concedidos como partilhamento próprios e também não estão sujeitos necessariamente ao grupo que migrou, como afirmam os transnacionalistas. De acordo com a perspectiva teórica das redes, estes vínculos, são reprodução de uma vivência migratória, e têm papel importante no suporte para ações dos migrantes no seu regresso. Os meios para um regresso promissor vão depender da reintegração profissional e social dos emigrantes (CASSARINO, 2007), acrescentando-se a isto os aspectos psicossociais que são importantes nesse processo.

Em suma, as estruturas sociais sobre as quais se baseiam as redes sociais e económicas transfronteiriças correspondem a “uma entidade social (que) existe sob forma de consciência subjetiva partilhada coletivamente” (CASSARINO, 2004: 226). Neste quadro, são reconhecidas aptidões aos migrantes retornados que agrupam e mobilizam meios e conhecimentos essenciais para organizar o seu retorno. Assim sendo, as redes sociais são compostas por uma diversidade de relações interpessoais, juntamente com as ligações transfronteiriças originárias de vivências precedentes que abrangem, também, migrantes regressados (CASSARINO, 2004).

As redes sociais são elementos fundamentais, não só para a compreensão dos processos de migração internacional, mas também para os processos de migração de retorno, contribuindo para a formação das decisões e para dar um certo apoio aos migrantes, conferindo um novo enquadramento e novos significados para esses fenómenos.

No quadro 1, retirado de Cassarino (2004), está exposto um resumo do estudo das teorias da migração internacional a partir da perspectiva do retorno, na sequência da análise que se acaba efetuar.

Quadro 1: As teorias da migração internacional na perspectiva do retorno

	Economia Neoclássica	Nova Economia das Migrações	Estruturalismo	Transnacionalismo	Sociais
Migração de Retorno	Aqueles que ficam no país de destino são mais bem-sucedidos. O retorno é uma anomalia, se não o fracasso da experiência migratória	O retorno faz parte do projecto migratório (visto como uma “estratégia calculada”). Ela ocorre quando os objectivos do migrante são alcançados no país de destino	Dicotomia centro/periferia. O retorno ao país de origem ocorre sem que haja mudanças ou compensações nas limitações estruturais nos países periféricos de origem. O retorno também se baseia em informações incompletas sobre o país de origem.	O retorno não é necessariamente permanente. Ele ocorre quando são reunidos recursos financeiros e benefícios suficientes para sustentar a família e quando as “condições” no país de origem são favoráveis. Ele é preparado. O retorno tem fundo social e histórico	O retorno é garantido e sustentado por redes transfronteiriças de relações sociais e económicas que transmitem informações. Voltar constitui apenas um primeiro passo para a conclusão do projeto migratório.
O migrante retornado	Abarca o migrante malsucedido que não pôde maximizar sua experiência no exterior	Abarca o migrante bem-sucedido cujos objetivos foram alcançados no país de destino. O retornado é um intermediário financeiro e um assalariado visado.	O retornado (migrante que não é bem nem mal-sucedido) leva de volta suas economias ao país de origem. As expectativas de retorno são reajustadas e adaptadas ao contexto estrutural do país de origem. “Divergências comportamentais” ocorrem no retorno. Somente o retorno por doença, velhice, aposentadoria e falta de talento, ou seja, o custo do retorno é reduzido	Pertence a um grupo étnico (ou seja, tem a consciência de pertença a uma diáspora com raízes no “local de origem” efetivo ou ancestral) globalmente disperso. Experiência migratória bem-sucedida antes de retornar. O retornado define estratégias para manter a mobilidade transfronteiriça e os vínculos embutidos em sistemas globais de relações étnicas e parentais.	Um ator social que tem valores, projetos e sua própria percepção do ambiente de retorno. Reúne informações sobre o contexto e as oportunidades nos países de origem. Os recursos são mobilizados antes do retorno. Pertence a redes transfronteiriças que envolvem migrantes e não migrantes.

Motivação dos retornados	A experiência migratória falhou. Precisa retornar para o país de destino.	Apego ao lar e à família. Metas são atingidas	Apego ao lar e à família, nostalgia. As motivações são reajustadas de acordo com as realidades do mercado e relações de poder do país de origem	Apego ao lar e à família. Laços familiares são cruciais. Condições sociais e económicas do retorno são percebidas como suficientemente favoráveis para motivar esse retorno, podendo ou não manter ligações aos espaços de destino migratório.	Inserido e moldado por oportunidades sociais, económicas e institucionais no país de origem, bem como, pela relevância dos seus próprios recursos
Capital financeiro	Nenhuma renda ou economia é repatriada do exterior.	As remessas constituem em uma segurança contra eventos inesperados. Ajuda os membros da família	Economias e remessas não têm impacto real sobre o desenvolvimento do país de origem. Os membros da família monopolizam os recursos financeiros. Não há efeito multiplicador	Pensões e benefícios sociais são partes das remessas. Recursos financeiros são usados de acordo com as condições institucionais do país de origem. Transforma a estrutura económica e política das áreas de destino	Remessas e economias constituem apenas um tipo de recursos. Podem ser investidos em projetos produtivos que visam garantir o retorno.
Capital humano	As habilidades adquiridas no exterior dificilmente podem ser repassadas no país de origem. Capital humano é desperdiçado.	O desenvolvimento de habilidades varia de acordo com a probabilidade de retorno.	As habilidades adquiridas no exterior são desperdiçadas devido a limitações estruturais dos países de origem. Status social não muda.	As habilidades são aperfeiçoadas e a experiência educacional adquirida no exterior permite uma mobilidade ascendente. Possibilidade de tirar partido do capital relacional externo.	Habilidades adquiridas no exterior, assim como conhecimento e experiências, contatos e valores são fatores que contribuem para garantir um retorno bem-sucedido

Fonte: Cassarino (2004:269), com ligeiras adaptações.

Com a intenção de aprofundar a compreensão não só das teorias, os estudiosos do retorno assinalam o esforço para classificar o fenómeno segundo tipologias com objetivo de conceituar os diferentes contextos e causas que estão associados ao retorno do migrante à terra natal (CASSARINO, 2004:270; DURAND, 2006:170-173; SIQUEIRA, 2009:169-171).

De acordo com Cassarino (2004:270), os padrões de retorno são interpretados não só com base na organização dos migrantes retornados, mas também na sua mobilização de recursos. Isto permite estabelecer as seguintes tipologias:

a) Retornados com alto nível de preparo (*preparedness*):

- É referente aos migrantes que estruturam seu próprio retorno, com estratégias para captar os recursos essenciais;
- Frequentemente é composto pelos migrantes que consideram já ter acumulado meios económicos, sociais e competências (tangíveis e intangíveis) valorizando a situação da terra natal, para assegurar a mobilidade de meios na realização de empreendimentos.

b) Retornados com baixo nível de preparo:

- a duração do tempo de migração é mínima não proporcionando reunir os meios essenciais;
- A migração foi cessada repentinamente e para continuar vivendo no país de destino as despesas são mais elevadas do que se se regressar, pelo que o retorno e a reintegração dos migrantes na terra de origem resultarão dos meios existentes.

c) Sem nível de preparo:

- Causas do retorno por deportação, solicitação negada de asilo.

Já Durand (2006:170-173) propõe uma tipologia distinta:

a) Retorno voluntário do migrante estabelecido:

- Está relacionado ao migrante que retorna por vontade própria após ter vivido um tempo maior no exterior, possuindo visto do país para o qual migrou e/ou mesmo a nacionalidade deste;
- Envolve alteração de domicílio e um novo processo de fixação no país de origem. Fazem parte os migrantes económicos após viverem um grande período fora do país de origem com acúmulo de poupança;

- O regresso dos migrantes para o lugar de origem dá-se pelo contexto do país de origem oferecer requisitos melhores;
- Exilados políticos ou refugiados;
- Migrantes reformados.

b) Retorno do migrante temporário:

- Diz respeito aos trabalhadores temporários que, ao concluírem seus trabalhos, se enquadram em programas específicos em que só se pode ficar no país de destino por um determinado tempo, havendo que retornar como o contrato exige.

c) Retorno transgeracional:

- Refere-se do retorno dos descendentes dos migrantes – filhos, netos e bisnetos. Beneficiam de ligação sanguíneas e culturais, muitas vezes reconhecidas formalmente, para auxiliar a entrada ou a nacionalização.

d) Retorno forçado:

- Dá-se em condições forçadas por razões económicas, políticas e raciais – como os refugiados ou deportados.

e) Retorno do fracassado:

- O migrante sem alternativa é obrigado a regressar para o local de origem pelos contextos não favoráveis no destino;
- O insucesso ocorre por não ter alcançado os objectivos desejados.

f) Retorno programado:

- Retorno de natureza oficial, criado pelos países, com intuito de difundir as políticas migratórias, para estimular a migração de retorno, como também, conservar vínculos formais com as pessoas que vivem no estrangeiro.

Por último, Siqueira (2009:169-171) menciona cinco categorias de retorno referentes ao caso brasileiro:

a) Retorno temporário:

- O migrante define o país de destino como seu país para viver;
- No país escolhido tem sua família, seu trabalho, e seus investimentos. Não tem o receio de fazer economia para juntar dinheiro e voltar para o Brasil pode ocorrer em algum momento particular (férias, eventos em família...);
- Envia remessas financeiras para ajudar a família.

g) Retorno continuado:

- Após o retorno à terra natal, o emigrante fez investimentos financeiros em negócio próprio, casa... com o dinheiro resultante de poupanças efetuadas durante o tempo que trabalhou no país de destino; como não obteve sucesso nos investimentos e na readaptação ao cotidiano do local de origem, tem a intenção de reemigrar.

h) O Retorno permanente:

- O emigrante retorna para seu local de origem, onde consegue se readaptar ao estilo de vida do local que escolheu morar no país de origem, não tendo a intenção de emigrar outra vez. Abrange os emigrantes que se tornaram independentes e estabeleceram lugar no mercado de trabalho;
- Engloba os emigrantes mais ricos que executam projetos de maior poder aquisitivo.

i) O transmigrante:

- Refere-se ao migrante que se reparte, residencialmente, entre o país de destino e o país de origem, tem documentação e conserva seu domicílio, faz investimentos e tem vida social entre os dois lugares em que vive.

j) Os retornados da crise:

- Está relacionado com o migrante que foi afectado pela crise económica a partir do ano de 2007; esta afetou principalmente postos de trabalho no mercado de trabalho secundário, o que levou a perdas de emprego e menores salários. O custo-benefício da emigração passa a não ser favorável, o que causa o retorno em virtude da impossibilidade de prosseguir residindo nos Estados Unidos, como em outros países que foram afectados pela crise (Portugal, Itália, Espanha...).

Durante o processo migratório, os contextos socioeconómicos, culturais e políticos, levam à desconstrução e reconstrução do projecto migratório, o que, por sua vez, faz com que o retorno venha a manifestar distintas variações. De algum modo, a diversidade de perfis de migrantes retornados, evidenciada nas várias tipologias descritas, aponta precisamente para isto, pois em tempos diferentes do seu percurso, o mesmo migrante pode experienciar modalidades de retorno distintas.

3 A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS

Todo migrante define-se pela viagem, como refugiado, retirante, indocumentado, legal, clandestino, esperado, expulso, radicado, errante. Ainda que esteja localizado, enraizado ou integrado, ainda guarda em si algo do viajante, de quem está em trânsito, literal ou metaforicamente. Mesmo aquele que nunca saiu do seu lugar, que está enraizado por gerações, mesmo esse, no contraponto com o migrante recente ou antigo, sente-se desafiado pela viagem do outro. Esse é um estado de espírito que perpassa a percepção e a atividade, o modo de ser e a subjetividade de uns e de outros

(Ianni, 2004:9).

A migração acompanha vários momentos da história do Brasil. Desde a época da chegada dos portugueses, já se manifestava esse panorama e até aos dias de hoje temos a presença de distintos fluxos tanto de chegada como de partida. Foi no contexto das migrações internacionais que a população, a cultura e a economia brasileira se constituíram. Nessa perspectiva, será descrito o território brasileiro como ponto de chegada e partida e, mais especificamente, o fluxo migratório para Portugal enquanto tema específico dessa tese.

3.1 DE UM PONTO DE CHEGADA PARA UM PONTO DE PARTIDA

Os Portugueses foram os primeiros que chegaram, começando a dominar a terra e a instalar-se no início da época colonial, que se estende de 1500 a 1822, ocorrendo entre os anos de 1701-1760²⁶ o máximo da chegada de portugueses, como pode observar-se no quadro 2.

²⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

Quando 2: Imigração portuguesa para o Brasil-Colônia entre os anos 1500-1817

Imigração portuguesa para o Brasil - Colônia entre os anos 1500-1817			
Período	1500-1700	1701-1760	1808-1817
Quantidade	100.000	600.000	24.000

Fonte: Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística (IBGE: 2000).

O colonialismo português não se traduziu apenas na chegada de europeus, uma vez que o tráfico de escravos africanos, essencial para o funcionamento do sistema económico implementado na colónia, esteve presente praticamente desde o início, estimando-se que terão entrado quase 3,5 milhões de africanos no Brasil entre 1500 e 1830 (quadro 3). Este período foi marcado pelo crescimento da economia relacionado com o trabalho braçal da mão-de-obra escrava na lavoura da cana-de-açúcar, a que se seguiu, posteriormente, um ciclo de exploração do ouro, em benefício da metrópole e de outras potências europeias (CONRAD, 1978; CALDEIRA, 1997).

O ciclo do ouro dominou a dinâmica económica com a exploração e exportação do ouro no período do Brasil colónia durante os primeiros 60 anos do século XVIII, tendo, então, a produção começado a diminuir em decorrência da exaustão gradual das minas que se localizavam nos atuais estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia (BUENO, 2003).

Quadro 3: Imigração forçada de africanos no Brasil entre os anos 1500-1855²⁷

“Entrada” de escravos africanos no Brasil				
Período	1500-1700	1701-1760	1761-1829	1830-1855
Quantidade	510.000	958.000	1.720.000	618.000

Fonte: Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

²⁷ IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 223 *apud* IBGE. Desembarques no Brasil.

A presença, mais ou menos esporádica, de outros colonizadores (holandeses, franceses, espanhóis, etc.) diversificou o quadro migratório “internacional”, mas foi o tráfico de escravos provenientes de África e o desenvolvimento de uma economia fortemente apoiada na escravatura que mais contribuíram para a chegada de “migrantes forçados” (os africanos traficados como escravos) e para o processo de miscigenação assimétrica do povo brasileiro (resultante de um quadro de relações raciais dominado e imposto pelos colonizadores). Após a independência do Brasil, em 1822, a imigração internacional foi-se intensificando, sobretudo proveniente da Europa, apresentando um grande impacto no aumento do crescimento demográfico brasileiro no final do século XIX e início do século XX, que foi acompanhado por um processo de diversificação cultural das populações. Note-se que, apesar do predomínio dos europeus, desde finais do século XIX que a imigração para o Brasil incluía sírios e libaneses, a que se juntaram japoneses a partir de inícios do século XX (FERNANDES e RIGOTTI, 2008).

Posteriormente, ao longo da segunda metade do século XIX, dá-se o declínio progressivo da ordem escravocrata (sistema económico), que a abolição completa da escravatura em 1888 encerra. Nesta época, emergem novas especializações na produção agrícola, com destaque para a intensificação da produção de café, que implicou um aumento na demanda por mão-de-obra que foi suprida com a entrada de um grande número de imigrantes vindo da Europa (quadro 4). A primeira vaga migratória estrangeira acontece de 1880 a 1903, contabilizando-se, segundo Levy (1974), 1.9 milhões de imigrantes Europeus (sobretudo italianos, mas também portugueses, espanhóis e alemães) a chegar ao Brasil.

A produção cafeeira exerceu influência na economia do Brasil entre os anos de 1800 e 1930. No final do século XIX, a imigração italiana é estimulada pela falta de mão-de-obra para a produção do café e pela política de auxílios do governo paulista. Reconhecendo as más condições de vida desses imigrantes em São Paulo, o governo italiano expediu, em 1902, o *Decreto Prinetti*²⁸, proibindo a imigração gratuita para o Brasil (BAENINGER e PATARRA, 1995).

²⁸ Em 1902, o governo italiano promulga o Decreto Prinetti que impediu a emigração custeada de cidadãos italianos para o Brasil. Grandes proprietários de São Paulo e os Estados do Sul pagaram antecipadamente o valor das despesas no processo de imigração dos trabalhadores vindos da Europa, particularmente da Itália. O objetivo da vinda dos imigrantes europeus era garantir a substituição do trabalho escravo (recém-libertado). Esse fato levou a uma precariedade na forma de trabalho e excesso de poder dos grandes latifundiários que tratavam os imigrantes europeus tal qual os escravos libertos. Também havia o interesse de “branqueamento” da população.

Entre 1904 e 1930, ocorre a segunda vaga de imigrantes europeus no Brasil, tendo chegado 2.1 milhões de imigrantes, provenientes, no pós-1ª Guerra Mundial, principalmente da Polónia, Rússia e Roménia. Como referem Brito (2004); Vainer,(2000) e Brito (1996), no decénio de 1930 há uma redução do fluxo migratório internacional, sobretudo a partir do início da Segunda Guerra Mundial.

Quadro 4: Imigração para o Brasil, por nacionalidade e períodos.

Imigração para o Brasil, por nacionalidade e períodos										
Nacionalidade	Período									Total
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933	1934-1944	1945-1949	1950-1954	1955-1959	
<u>Alemães</u>	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723	N/D	5.188	12.204	4.633	176.422
<u>Espanhóis</u>	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405	N/D	4.092	53.357	38.819	683.382
<u>Italianos</u>	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177	N/D	15.312	59.785	31.263	1507.695
<u>Japoneses</u>	-	-	11.868	20.398	110.191	N/D	12	5.447	28.819	188.723
<u>Portugueses</u>	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650	N/D	26.268	123.082	96.811	1391.898
<u>Sírios e Libaneses</u>	96	7.124	45.803	20.400	20.400	N/D	N/A	N/A	N/A	189.727
<u>Outros</u>	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586	N/D	29.552	84.851	47.599	596.647
Total	979.572	852.11	1.006.617	503.981	713.132	N/D	92.412	338.726	247.944	4.734.494

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

Podemos assim considerar o período de 1930 a 1953, como aquele em que ocorre a terceira vaga de imigrantes, que assume um carácter menos numeroso, e inclui a entrada dos japoneses nos anos de 1932 a 1935 e, também, a nova imigração espanhola, grega e sírio-libanesa, nos anos de 1953 a 1960. Muitos destes imigrantes foram direccionados para a esfera industrial. Segundo Baeninger e Patarra (1995), se a imigração em 1920 correspondia a 5,11% de estrangeiros residentes no país, na década de 1980 esse número baixou significativamente para 0,77%, o que parece atestar a perda progressiva da condição de país de imigração por parte do Brasil.

Até a década de 1950, o Brasil era apontado como um país receptor de grande número de imigrantes internacionais, diminuindo tal fluxo migratório na década de 60, o que conduziu a que o país se tornasse, posteriormente, emissor de mão-de-obra para países desenvolvidos (industrializados). A partir desse acontecimento, entra-se em uma nova fase na história das migrações brasileiras, que passaram a ser muito marcadas pela emigração.

Entre os anos de 1956 e 1961, o Brasil viveu uma época de desenvolvimento económico e de equilíbrio na política. Nesse período, o governo de Juscelino Kubitschek instala um programa político de crescimento nacional, mas também, originou a entrada do investimento de capital estrangeiro na economia brasileira, fomentando o desenvolvimento industrial. Segundo Cano (2007), o panorama dos movimentos migratórios no Brasil, o progresso da economia industrial no Sudeste foi importante para a organização e dinamização do mercado de trabalho brasileiro. E ainda de acordo com Singer (1980: 217), “as migrações são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudanças, do qual elas não podem ser separadas”. Este texto, precursor no Brasil, classifica a migração interna como um elemento social de grande importância nos processos de industrialização e urbanização do país, permitindo compreender as componentes de recomposição demográfica.

Segundo Carvalho (1996), nos anos de 1980, o Brasil deixa de ser um país habitualmente conhecido como receptor de imigrantes, para converter-se em um país emissor de emigrantes, ocorrendo uma modificação clara no seu posicionamento no quadro da migração internacional.

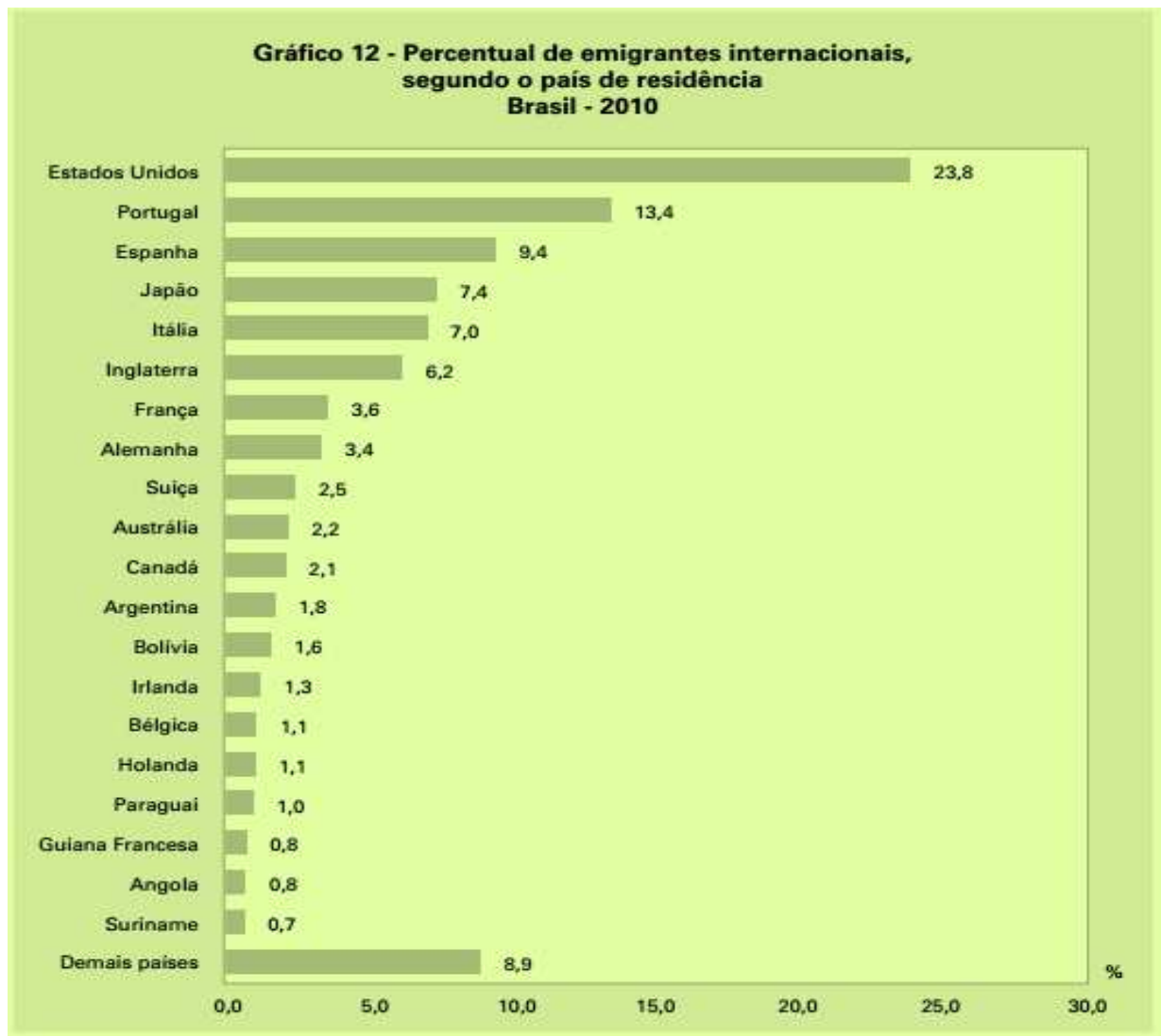
Nos anos 1980, o Brasil passava por uma grande crise económica (Margolis, 1994). Nesta época, conceituada como “*década perdida*” (SALES, 1995), o Brasil

passava por retrocesso económico, falta de emprego e inflação crescente. Sobretudo a componente política foi decisiva na motivação da sociedade para retomar a democracia e a tomada da cidadania. “A partir da década de 1980, ficou cada vez mais claro que um crescente número de brasileiros passaram a residir no exterior, tema que, recorrentemente tornou-se objeto de interesse dos media” (CARVALHO e CAMPOS, 2006:55). É neste contexto que se assinalou o começo do movimento migratório internacional de saída brasileiros que, de resto, acompanhou o que se passou em outros países da América do Sul, de que são exemplo o Equador, a Colômbia ou a Argentina. Tal como aconteceu com o Brasil, todos estes países experimentaram fluxos de saídas relevantes, quer para os EUA quer para a Europa, que se foi afirmando como um destino migratório cada vez mais relevante, com destaque para a Espanha e Portugal (no caso dos brasileiros). No que respeita a estes últimos, a emigração dirigiu-se também para outros países como a Itália e o Japão (BÓGUS, 1995).

Entre o decénio de 1980 e o presente, o número de brasileiros residentes no exterior aumentou significativamente, não se sabendo, contudo, o seu valor exato. De acordo com Campos (2011), há diferenças relevantes nas estimativas do número de brasileiros que residem no exterior. Os dados do Ministério das Relações Exteriores indicavam algo entre 2 e 3,7 milhões de brasileiros residindo no exterior (Brasil, 2008). Já nas estimativas da Organização Internacional para as Migrações – OIM, o número de brasileiros vivendo no exterior permaneceria entre 1 e 3 milhões (CNPd; OIM; MTE, 2010).

A divulgação, por parte do IBGE, dos resultados do Censo Demográfico de 2010 trouxe novas informações (e questionamentos) relativamente aos brasileiros residentes no exterior (gráfico 1). Neste Censo incluíram-se, pela primeira vez, questões com o objetivo de se estimar o número de brasileiros residindo no exterior. Segundo os dados obtidos, este número seria de 491.645, distribuídos por 193 países do mundo, com destaque para os Estados Unidos que continuam sendo o principal país de emigração (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%).

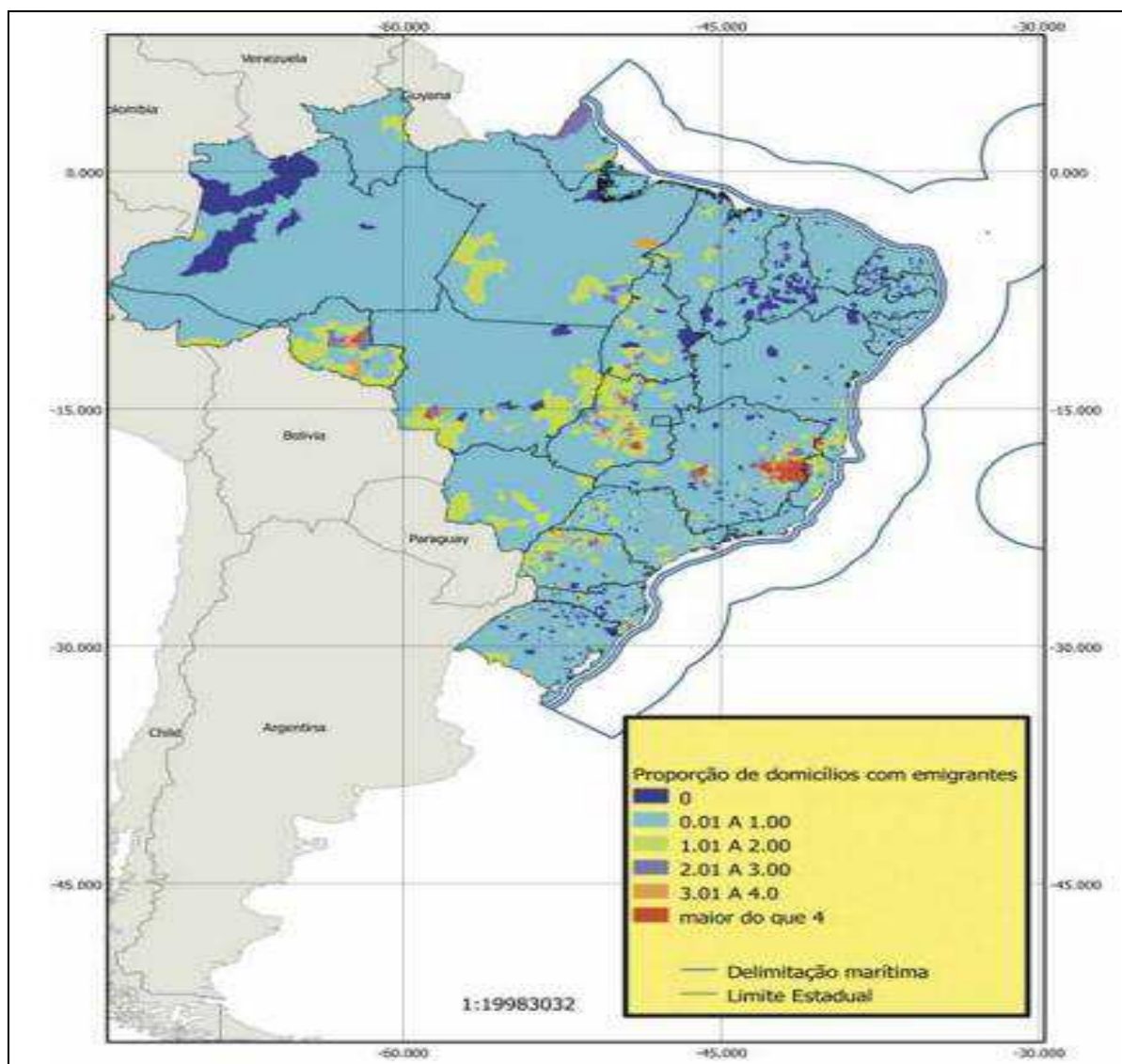
Gráfico 1: Percentagem de emigrantes internacionais, segundo o país de residência, Brasil – 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010).

Como se constata, este número diverge totalmente dos anteriores. Parte desta discordância pode ser atribuída ao erro de cobertura do censo e a possíveis erros de declaração e de memória dos entrevistados (IBGE, 2010). Apesar de possuírem limitações, os dados do Censo Demográfico de 2010 são importantes para se verificarem os destinos mais procurados, assim como os principais estados de origem dos emigrantes brasileiros (figura 1), destacando-se Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Paraná e Rondônia. Note-se que estes Estados, com exceção de Rondônia, se destacam também enquanto espaços de origem dos brasileiros residentes em Portugal, referindo Bógus (2007), que muitos desses emigrantes são de origem de pequenas cidades do interior do Brasil, que dependem do envio de dinheiro.

Figura 1 - Mapa dos emigrantes internacionais brasileiros por Unidade Federativa em 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010)

Sobre as estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo, em 2014, dados atualizados em 2015 pelo IBGE, somam um total de 3.091,274 pessoas, referindo o Ministério das Relações Exteriores, para o ano anterior, cerca de 3,2 milhões de brasileiros emigrados (quadro 5). Este último valor é mais assertivo e mais reduzido do que o máximo que a mesma instituição apresentava para 2008, o que se deve, certamente, à redução das saídas e ao retorno de brasileiros após a crise econômica que teve início nos Estados Unidos em 2007-2008 e acabou por atingir todo o mundo nos anos seguintes, em especial o continente europeu.

Quadro 5: Estimativas da diáspora brasileira

Diáspora brasileira	Números (estimativas)
América do Norte	1.368,300
América Central e Caribe	4.005
América do Sul	339.407
Europa	865.681
Oriente Médio	42.830
Ásia	200.789
África	25.374
Oceânia	32.600

Fonte: Ministério das Relações Exteriores (2014)

Os Estados Unidos da América têm sido o principal destino dos migrantes latino-americanos, como de muitos dos brasileiros com perfis distintos (MARTES, 1999). Os imigrantes brasileiros apresentam distintos níveis de idade, sexo e grau de escolaridade, destacando-se a sua presença no mercado de trabalho secundário, como garçons, empregados na área da limpeza-faxina ou balconistas. Estes trabalhos são recusados pelos nativos. O desejo de alcançar uma vida melhor, o sonho de comprar casa própria, ou de simplesmente ter um carro, faz com que se sujeitem a qualquer tipo de trabalho (BÓGUS 1995; SALES 1999). Quando remetemos para os anos de 1980 e inícios de 1990, esses imigrantes podem ser classificados como refugiados económicos, por terem saído da recessão económica do Brasil que os impedia de obter uma melhor condição social (MARGOLIS, 1994).

Por causa dos atentados terroristas nos Estados Unidos, em 2001, a entrada de estrangeiros no país passou a ser dificultada. Intensificou-se a fiscalização das fronteiras e aumentaram as prisões de estrangeiros e deportações. Posteriormente, o país passou por uma forte crise económica que teve início em meados de 2007. Inicialmente, a crise se instalou no setor imobiliário americano, o que provocou o desemprego de uma grande parte dos imigrantes que trabalhavam na construção civil. Houve redução das horas de trabalho e queda do valor pago por hora trabalhada, o que, conseqüentemente, levou a redução dos ganhos. A crise atingiu também aqueles que, encantados pelas facilidades de crédito, resolveram investir suas economias na aquisição de imóveis naquele país, não podendo depois honrar

seus compromissos devido ao aumento dos valores das parcelas de financiamento. Para muitos desses emigrantes, o retorno passou a ser a única alternativa. A crise económica rapidamente se irradiou para o resto do mundo, sendo os seus efeitos sentidos em vários países (SIQUEIRA, 2010; SIQUEIRA e SANTOS, 2012).

Com relação ao fluxo migratório para Europa nos anos 1980, de forma geral, este assemelha-se ao perfil dos imigrantes que foram para os Estados Unidos, constituído por diferentes níveis de idade, sexo, grau de escolaridade e formas de inserção no mercado de trabalho. Contudo, verifica-se uma particularidade nesse fluxo migratório, uma vez que fatores históricos e laços culturais associados ao próprio processo migratório brasileiro, designadamente à denominada “emigração colonizadora” com origem em Portugal, Espanha, Itália e Alemanha, fazem parte da decisão de migrar. De algum modo, e remetendo para o que referimos no primeiro capítulo a propósito das ideias fundacionais de Ravenstein, identificam-se aqui elementos de contracorrente migratória *a posteriori*, dilatados no tempo e envolvendo componentes de descendência geracional. No caso dos fluxos entre Brasil e Portugal, os fluxos migratórios aparecem efetivamente ancorados em redes de amigos e familiares que exercem um papel importante na construção do desejo de partir e na escolha do lugar de destino (BÓGUS, 2007). A isto, deve acrescentar-se uma componente institucional que resulta do quadro de relações histórico-políticas específicas que, em matérias relacionadas com migrantes, se traduziu, por exemplo, no denominado *Acordo Lula* de 2003 que possibilitava a regularização de imigrantes brasileiros em Portugal e portugueses no Brasil (PADILLA, 2007) ou no *Estatuto de Igualdade de Direitos entre os cidadãos brasileiros residentes em Portugal e os cidadãos portugueses residentes no Brasil*, acordado pela primeira vez em 1972 e substituído, em 2003, pelos termos decorrentes do *Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil*, assinado em Porto Seguro, em 2000.

Em Junho de 1985, Portugal assinou o Tratado de Adesão à então Comunidade Económica Europeia o que conduziu à sua entrada efetiva nesta organização económica a 1 de Janeiro de 1986. A partir deste momento, o afluxo de fundos comunitários, que já vinham chegando na fase de pré-adesão, cresceu significativamente, permitindo a realização, ampliação ou melhoramento de múltiplas infra-estruturas e equipamentos (estradas, pontes, escolas...) que contribuíram para o processo de modernização do país que, contudo, não acautelou aspectos como o

agravamento da dependência financeira ou a necessidade de reforçar, mais ainda, a dimensão imaterial do desenvolvimento. Este processo, que também beneficiou do crescimento do investimento privado internacional nos decénios de 1980 e inícios de 1990 que não pode ser dissociado do movimento de privatização de empresas e da expansão do consumo, aumentou fortemente as necessidades de mão-de-obra e contribuiu significativamente para o aumento progressivo da imigração, que suplantou a emigração portuguesa em 1992-1993 (BAGANHA, FERRÃO e MALHEIROS, 1999). Esta data marca, de algum modo, o início de Portugal como “país de imigração”, situação que se manteve até 2011- 2012, quando os efeitos da crise económica financeira e social de 2007-2008 relançaram a emigração portuguesa para níveis não registados desde a primeira metade do decénio de 1970.

Esta transição de Portugal para “país de imigração” teve como protagonistas iniciais os imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), mas logo no decénio de 1980 surgiu uma primeira vaga de imigrantes brasileiros, na sua maioria bastante qualificados, que integrava, entre outros, odontologistas, especialistas em marketing e publicidade e técnicos de software (MALHEIROS, 2007). Efetivamente, no caso específico da Europa, distingue-se Portugal, na década de 80, como direção escolhida por muitos brasileiros que experimentavam um período de enorme instabilidade económica e social no seu país, e que procuravam novas oportunidades na vida, estabilidade social, segurança e empregos mais bem pagos.

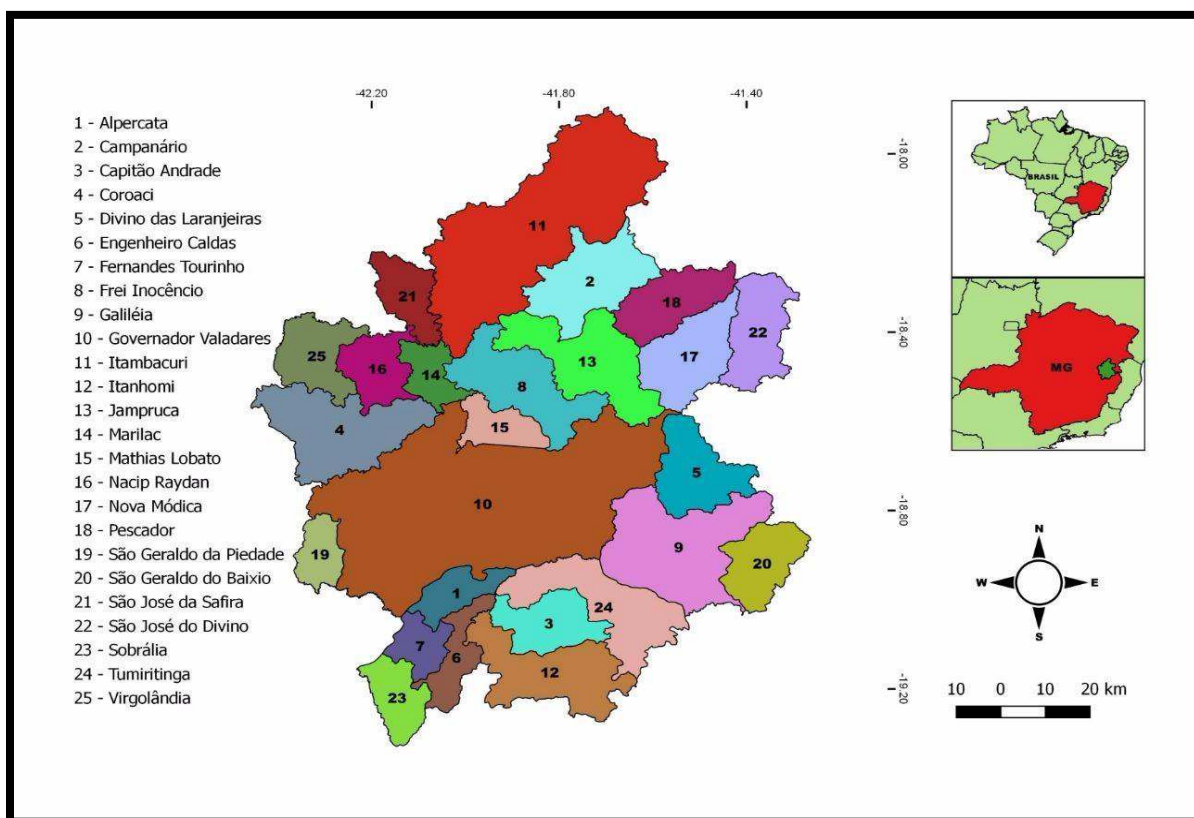
Tendo em consideração o descrito, a migração internacional de brasileiros, no panorama mundial e também em Portugal, passou a ter claramente mais significado após a década de 1980, resultante do processo de mudanças económicas, políticas e sociais, que decorrem do modelo da economia globalizada e que tiveram impactos fortes, quer no Brasil, quer em Portugal.

3.2 O FENÓMENO IMIGRATÓRIO BRASILEIRO A PARTIR DA DÉCADA DE 1960: O PAPEL DE MINAS GERAIS E DE GOVERNADOR VALADARES

O desenvolvimento do fenómeno migratório internacional brasileiro tem um importante componente histórico situado no município²⁹ de Governador Valadares³⁰

e na sua envolvente³¹ (figura 2), microrregião onde tem início um importante fluxo migratório na década de 1960, principalmente para os Estados Unidos.

Figura 2 - Municípios da Microrregião de Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil.



Fonte: Núcleo de Desenvolvimento Regional – NEDER/UNIVALE. Elaborado a partir da base de dados cartográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE e Microdados do Censo Demográfico de 2010. Autoria de Antônio Carlos de Oliveira Martins Júnior. Engenheiro Civil-UNIVALE- MG/Brasil, 2018.

²⁹ Município entende-se como espaço territorial político dentro de um estado ou divisão federativa, é o espaço administrado por uma prefeitura. Também o município tem a sua zona rural e a zona urbanizada. Inclusive um município pode possuir muitas cidades, do mesmo modo conceituada de distritos, de modo que o nome do município semelhante da cidade principal (sede deste), sendo nesse distrito que está a administração ou prefeitura.

³⁰ Município brasileiro localizado no interior do estado de Minas Gerais, região Sudeste do país. Localiza-se no Vale do Rio Doce, a leste da capital do estado, Belo Horizonte, distando desta cerca de 320 km. Ocupa uma área de 2 342,319 km², sendo que 24,4 km² estão em perímetro urbano, e sua população em 2017 era de 280 901 habitantes. O seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,727, considerado como alto em relação ao estado. O município está dividido nos seguintes distritos: Alto de Santa Helena, Baguari, Brejaubinha, Chonin, Chonin de Baixo, Córregos do Bernardo, Derribadinha, Vila Nova Floresta, Goiabal, Governador Valadares (sede), Penha do Cassiano, Santo Antônio do Pontal, São José do Itapinoã e São Vitor.

³¹ Segundo o Censo Demográfico (2010), a Microrregião de Governador Valadares possui 415.696 habitantes, com 25 municípios: Alpercata 7.172, Campanário 3.564, Capitão Andrade 4.925, Coroaí 10.270, Divino das Laranjeiras 4.937, Engenheiro Caldas 10.280, Fernandes Tourinho 3.030, Frei Inocêncio 8.920, Galiléia 6.951, Governador Valadares 263.689, Itambacuri 22.809, Itanhomi 11.856, Ampruca 5.067, Marilac 4.219, Mathias lobato 3.370, Nacip Raydan 3.154, Nova Módica 3.790, Pescador 4.128, São Geraldo da Piedade 4.389, São Geraldo do Baixo 3.486, São José da Safira 4.075, São José do Divino 3.834, Sobrália 5.830, Tumiritinga 6.293, Virgolândia 5.658.

Para entender o contexto que conduziu a esse fenômeno emigratório brasileiro, tomamos como referência acontecimentos que remontam à década de 1940, período que Governador Valadares ainda pertencia ao Distrito de Peçanha³².

Esse município, na década de 1940, foi um importante fornecedor de mica³³ para os aliados no período da Segunda Guerra Mundial. Essa atividade econômica trouxe contingentes de trabalhadores estrangeiros, a maioria deles norte-americanos. Nesse mesmo período, também para atender a demanda de minério de ferro para os aliados, realiza-se a reforma e ampliação da Estrada de Ferro Vitória a Minas³⁴ (anexos A, B e C) para o escoamento do minério de Itabira até o Porto de Vitória. Esse projeto foi executado pela empresa norte-americana Raymond-Morrison Knudsen do Brasil S. A (ESPÍNDOLA, 2012) e contou com a presença de engenheiros e executivos dessa nacionalidade. Esse período, que se caracterizou como um momento de desenvolvimento econômico para a cidade e região, fomentou e difundiu a ideia dos Estados Unidos como um país de muitas oportunidades (SIQUEIRA, 2018).

Segundo Soares (1995), no fim dos anos de 1960, com o esgotamento dos ciclos extrativista vegetal e mineral, ocorre a expansão da atividade pecuarista (de corte e de leite) que se tornou atividade de destaque na década de 1970, particularmente no Baixo Mucuri e no Médio Rio Doce. Esse setor acabou também por se esgotar devido principalmente a exaustão do solo, em função da atividade pecuária extensiva sem as técnicas de manutenção do solo, agora, desprovido de cobertura vegetal. Em virtude desta situação, tornou-se impossível absorver o excesso de mão-de-obra disponibilizado pelas atividades do setor extrativista e da

³² Cidade localizada no Leste de Minas Gerais, que fica a 110 km de Governador Valadares.

³³ Mineral usado como isolante elétrico na indústria bélica. Produto mineral em abundância na região, e que despertou o interesse de empresas americanas, interessadas na exploração e transação do produto.

³⁴ “A Estrada de Ferro Vitória a Minas (EF-262), também conhecida pela abreviação EFVM, é uma ferrovia brasileira que interliga a Região Metropolitana de Vitória, no Espírito Santo, a Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Sua construção se iniciou no final do século XIX e tinha como objetivo inicial o transporte ferroviário de passageiros e escoar a produção cafeeira do Vale do Rio Doce e Espírito Santo. No entanto, seu foco foi alterado em 1908, passando a visar Itabira e escoar o minério de ferro extraído no município até ao complexo portuário capixaba.”Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos (2006). (Ministério dos Transportes. Caderno: 24). Plano Plurianual 2004-2007: relatório anual de avaliação: ano base 2005: exercício 2006 (pdf). Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Consultado em 3 de março de 2017. Note-se que, atualmente, esta é uma das duas únicas linhas ferroviárias brasileiras ainda abertas ao tráfego regular de passageiros a longa distância (a outra é a Estrada de Ferro Carajás, também operada pela empresa Vale S.A., que liga São Luís do Maranhão a Parauapebas, no Pará).

atividade pecuária, então a perder dinamismo. Em relação ao setor terciário, este sempre foi pouco desenvolvido na região (ESPINDOLA, 2012).

Este quadro regionalmente específico, agravou – se com a estagnação económica sentida pelo Brasil no decénio de 1980, aumentando o desemprego e a pobreza. Toda esta situação contribuiu para a saída de muitos valadarenses para outras regiões e cidades (migração interna) e até mesmo para outros países (migração internacional) (SOARES, 1995).

Os países mais pobres, como o Brasil, viveram na década de 80 tentativas mal sucedidas de ajuste económico e financeiro, visando à nova realidade do capitalismo internacional e à necessidade de saldarem os compromissos com os pagamentos das dívidas externas. O resultado foi uma década de crise económica com uma profunda dimensão social, em que as taxas de desemprego se aproximaram dos 15% e a miséria se generalizou para 20% da população. (BRITO, 1996:11).

Como está exposto no (quadro 6), a emigração valadarense para o estrangeiro era muito pouco significativa até 1970, começando a crescer neste decénio, para atingir os valores mais elevados na segunda metade dos anos 80 do século passado, período em que, como referimos, as conjunturas económicas regional e nacional se revelaram francamente negativas. Note-se que na fase inicial, o fluxo migratório interno rural – urbano desempenha um papel fundamental, procurando a população encontrar trabalho em cidades mais desenvolvidas e com mercados de trabalho mais diversificados, tanto nos planos formal, como informal.

Quadro 6: Distribuição absoluta e percentual dos migrantes valadarenses de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países

Período	Abs.	%
1960 a 1970	462	1.7 %
1970 a 1975	1007	3.7%
1975 a 1980	816	30%
1980 a 1985	4082	15.0%
1985 a 1990	11864	43.6%
1990 a 1994	5360	19,7%
Período ignorado	1714	6.3%
Não forneceu informações	1905	7.0%
Total	27210	100.0%

Fonte: Soares (1995: 15).

É, pois, na década de 1980, que o fluxo migratório internacional atinge uma dimensão mais significativa na região de Governador Valadares. De acordo com Soares (1995:15):

O número de emigrantes valadarenses que se encaminham para outros países (...) é da ordem de 33.468 pessoas; o que representa, tendo como base o Censo de 1991, 15,9% da população encontrada na sede do município e 14% da população do município. (SOARES, 1995:15).

Contudo, este fluxo migratório internacional mais intenso dos anos 80 do século XX não pode ser dissociado de processos anteriores, nomeadamente as experiências de atração da migração interna nos decênios de 1940 e 1950 e, também, o vínculo estabelecido com os EUA no mesmo período. Ademais, a emigração externa da década de 1960, embora mais reduzida, foi fundamental para dar início à formação de uma rede emigratória que está na base de uma cultura da migração internacional³⁵.

Os Estados Unidos da América passam a ser, do "mundo estrangeiro", a referência mais concreta; tornam-se parte da vida e reduto de esperança, cujas raízes assentam-se nesses contatos que têm início na década de 40. Com mais propriedade, pode dizer-se que esse espaço específico (Estados Unidos da América) incorpora-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarense, torna-se "conhecido", facilitado, mais presente; já não faz parte de um mundo qualquer, ganha contornos definidos nas relações que se estreitam comercialmente. (SOARES, 1995:95).

Assim, os primeiros contatos dos valadarenses com os americanos, na década de 1940, fomentaram a ideia de que o lugar de onde vieram os engenheiros americanos era um lugar de riqueza e grandes possibilidades.

Segundo Siqueira (2009), com relação aos primeiros valadarenses que migraram para os Estados Unidos, na década 1960, tratava-se de 17 jovens, oriundos de uma elite em decadência, com idades entre 18 e 27 anos, que falavam inglês e possuíam visto de trabalho. Emigraram para os EUA com o desejo de ganhar dinheiro e regressar com sua independência económica, não migrando,

³⁵ Valadares constituiu um pólo que atraiu imigrantes de várias regiões do país em busca de melhores condições de vida. Nos anos 1940 e 1950, a migração fazia parte da experiência dos habitantes da cidade. Essas vivências combinadas com as representações que faziam da América são elementos que sugerem que em Governador Valadares se criou uma cultura de migrar para o exterior. (ASSIS, 1999:129).

portanto, por necessidades económicas elementares, mas levados pelo desejo de conhecer o novo lugar e aproveitar as suas oportunidades, uma vez que na cidade de origem essas oportunidades escasseavam devido a estagnação económica (SIQUEIRA, 2009). Os relatos desses primeiros emigrantes em seu retorno ou através de cartas ajudou a criar a imagem dos EUA como um lugar de grandes oportunidades, imagem essa que se vai progressivamente consolidando no imaginário popular, fomentando assim a cultura da emigração e contribuindo para o crescimento do fluxo para esse país (SIQUEIRA, 2009).

De acordo com Sales (1999), em relação aos brasileiros, o primeiro ponto de emigração para o exterior em maior escala, foi Governador Valadares, em Minas Gerais. O fluxo para os EUA, que, como vimos, teve um tímido início na década de 1960, foi-se ampliando progressivamente até aos anos de 1980, tendo emigrado para este país 52,6% das pessoas, entre os anos de 1985 e 1989. Neste período de crise económica no Brasil, esta corrente tomou uma dimensão maior, estendendo-se por toda Microrregião de Governador Valadares. Posteriormente, atingiu outras cidades do Brasil como Criciúma, Belo Horizonte, Goiânia e Rio de Janeiro que também passaram a alimentar esse movimento migratório para os Estados Unidos.

A crise económica vivenciada pelo Brasil na década de 1980, com elementos como a insegurança da população e as altas taxas de inflação e desemprego, associada a informações, passadas através das redes, sobre a perspectiva da emigração bem-sucedida dos que foram para os Estados Unidos, fomentou a ideia da migração como alternativa para enfrentar a instabilidade e a recessão económica e conquistar melhores condições de vida.

Essa migração laboral de brasileiros para os EUA atravessou o século e vivenciou idas e vindas ao longo de todo este período. Contudo, dois fatos contribuíram para introduzir constrangimentos a este movimento, levando a mudanças no cotidiano dos imigrantes e conduzindo a alterações na direção dos fluxos: os atentados de 2001 e a crise económica de 2007/2008. O atentado provocou maior fiscalização e controlo tanto nas fronteiras como internamente, gerando um aumento no número de deportações, e a crise reduziu o número de empregos e o valor da hora de trabalho. Como consequências, não só aumentou o número de retornos à terra natal, como se verificou um redirecionamento dos fluxos, emergindo Portugal como um novo destino (SIQUEIRA, 2010). Isso não significa que a emigração para os EUA tenha cessado, mas ocorrem mudanças, com destaque

para esta diversificação dos fluxos de saída, que reforçam o papel da Europa como área de destino e de Portugal, como importante país de acolhimento.

3.3 MOVIMENTO IMIGRATÓRIO PARA PORTUGAL. ESPECIFICIDADES DAS DIFERENTES VAGAS MIGRATÓRIAS

Os antigos vínculos culturais e históricos desenvolvidos desde a época da colonização portuguesa no Brasil, como também a mais recente fase contemporânea da emigração transatlântica portuguesa, que ocorreu entre finais do século XIX e os anos de 1950 e deu origem a uma “contracorrente migratória”³⁶, são fatores importantes na explicação da geração do fluxo de brasileiros para Portugal na década de 1980, quando a situação económica do Brasil se agravou. Nos dois decénios seguintes, a imigração de brasileiros para Portugal foi adquirindo mais notoriedade, elemento que está associado a um aumento considerável do fluxo, sobretudo entre a segunda metade dos anos 90 e o momento da crise de 2007/2008. Relembre-se que os imigrantes que chegaram em fins dos anos 1990 e início dos anos 2000 têm perfis distintos (migração laboral, com maior presença de trabalhadores menos qualificados e formas de inserção mais frequentes no mercado de trabalho secundário) relativamente aos imigrantes da década de 1980 e início de 1990 (PIRES, 1993; BAGANHA, FERRÃO e MALHEIROS, 1999; PADILLA, 2004).

Segundo Ferreira (2007: 47), associados a esses fatores estão também: “i) A língua que facilita a comunicação e “aproxima” as culturas; ii) O Retorno de portugueses que estão no Brasil que possuam mais contatos e mais facilidades na aquisição da nacionalidade Portuguesa; iii) Os investimentos económicos de empresas brasileiras em Portugal em finais dos anos 1980 e meados dos anos 90; iv) A oferta de trabalho não satisfeita internamente em segmentos qualificados do mercado de emprego (medicina dentária, publicidade, informático e outros); v) A noção errónea de imaginar que se pode utilizar Portugal como” porta de entrada” para Europa, associada à ideia de “facilidades” devido à nacionalidade brasileira; vi) A entrada de Portugal na Comunidade Europeia, conduziu à representação do país como um “paraíso”, com situação económica favorecida, verificando-se que a expansão da oferta de trabalho em finais dos anos 90 contribuiu para uma nova

³⁶ Brasileiros com ascendência portuguesa, sendo parte dessa contracorrente beneficiada com a aquisição da nacionalidade portuguesa.

onda de migrantes para Portugal, menos qualificados do que o primeiro grupo de imigrantes brasileiros, chegados no decénio precedente”.

Na verdade, as alterações políticas e económicas ocorridas em Portugal nas décadas de 1970 e 1980 também aumentaram o grau de atração do país, entre outros, para os imigrantes brasileiros. Efetivamente, Com o crescimento da economia portuguesa na década de 1980, mudanças sociais e políticas, levaram Portugal a ser entendido não apenas como um país de emigração mas também de imigração, tornando-se um destino para os brasileiros (FONSECA, 2008). Em 1986, Portugal entra na Comunidade Económica Europeia – CEE, tornando-se ainda mais atrativo para os imigrantes.

A comunidade Económica Europeia - CEE] injetou muitos milhões de EURO em Portugal, contribuindo para a dinâmica da economia Portuguesa entre meados dos anos 1980 e o início do século XXI, apoiada em sectores como as obras públicas, o comércio – a beneficiar de uma forte expansão do consumo ampliada pela generalização dos mecanismos de acesso ao crédito – e os serviços financeiros, deu um contributo relevante para este processo. Efetivamente, a modernização das infra-estruturas nacionais (redes de transportes, equipamentos de nível regional e nacional...) associada à transição para uma economia de serviços e a algumas mudanças sociais tais como o crescimento limitado, mas importante, dos níveis de qualificações dos jovens criaram as condições necessárias para atrair um grande número de imigrantes. (MALHEIROS, 2007:17).

Neste período, como refere Malheiros (2007), verifica-se uma “divisão profissional” entre a população estrangeira que reside em Portugal, sendo notória, nesta primeira fase, uma inclinação para o crescimento relativo do número de profissionais qualificados face aos desqualificados. Em finais dos anos 1990, ocorreu uma mudança nesse processo, como evidencia a imigração brasileira, que registou um aumento substancial em ocupações com pouca qualificação do comércio e construção civil, principalmente nas áreas metropolitanas. Assinala-se que essas mudanças nas características e perfis dos fluxos migratórios do Brasil para Portugal, a partir da segunda metade dos anos 1990, ajustaram-se, de algum modo, às necessidades de mão-de-obra do mercado de trabalho português (BÓGUS, 2007). Esta questão da polarização do mercado de trabalho nas décadas de 1980 e 1990, com efeitos sobre o recrutamento, quer de imigrantes altamente

qualificados, quer de imigrantes com qualificações muito baixas é explorado por Bógus (2007), que faz a seguinte referência a Lisboa no contexto migratório:

A inserção de Lisboa no conjunto das cidades europeias onde os impactos dos processos de globalização têm gerado correntes migratórias bipolares [...] a primeira corrente é composta por mão-de-obra altamente qualificada, ligada à gestão, às novas tecnologias e ao saber, atraída para núcleos centrais do sistema económico por razões de estratégia económica e de investigação científica e tecnológica. A segunda corrente é formada por mão-de-obra que, independentemente da sua qualificação, é atraída para estas cidades pelas oportunidades económicas geradas parcialmente pela primeira corrente, para atividades que essencialmente não requerem qualquer tipo de qualificação específica, tais como 'catering', limpezas, serviços pessoais e domésticos, e toda uma panóplia de pequenos negócios, nomeadamente restaurantes étnicos, reparações domésticas e atividades ligadas ao lazer. (BAGANHA, 2000 in BÓGUS, 2007:49).

Em suma, o dinamismo económico português de finais do século XX e primeiros anos do século XXI, apoiado, como já referimos, em fundos comunitários e em um relançamento do investimento, assentou na expansão das obras públicas, da construção civil e de actividades como o comércio e alguns tipos de serviços como o catering, as limpezas industriais e domésticas e o lazer. Neste quadro, os défices de mão-de-obra, com destaque, a partir dos anos 90, para a possuidora de qualificações médias e baixas tornaram-se significativos, o que fomentou o forte crescimento da imigração. As estatísticas relativas ao número de estrangeiros residentes evidenciam bem este processo, uma vez que este valor duplica entre o ano 2000 (207 607 estrangeiros em situação regular) e o ano 2002 (413 304 estrangeiros em situação regular), evolução que foi acompanhada por uma diversificação das origens dos fluxos, que acentuou algo que já se vinha observando desde os anos 1980 (MALHEIROS, 1998).

Estas modificações assentaram muito na chegada de mais Asiáticos (Chineses e nacionais dos países sub-continente indiano) e, particularmente, de milhares de brasileiros e de Europeus do Leste, a maior novidade no quadro imigratório português de finais do século XX/inícios do século XXI. Efetivamente se, em 2003, os Ucrrianos correspondiam ao maior grupo de estrangeiros regularizados e contabilizados em Portugal com 64 821 indivíduos, no ano seguinte já haviam sido ultrapassados pelos brasileiros, que registavam um efetivo de 66 721

indivíduos, contabilizando autorizações de residência e autorizações de permanência (título existente na altura). Desde então, a comunidade brasileira manteve-se sempre como o maior grupo estrangeiro em Portugal, registando 85 426 pessoas em 2017 (SEF, 2017).

Note-se que a oferta de mão-de-obra do mercado brasileiro que, para além da quantidade, caracteriza-se pela sua forte variedade interna, contribui para tornar o Brasil uma fonte de imigração muito importante para Portugal, com maior evidência no que respeita à Área Metropolitana de Lisboa.

Mesmo que a economia portuguesa tenha começado a experimentar sinais de contração logo na primeira metade da década inicial do século XXI, que se agravaram após 2007/2008, com destaque para o período da política de austeridade imposta entre 2011 e 2014, a presença de um grupo significativo de imigrantes em Portugal, com destaque para os brasileiros, foi-se mantendo, apesar das dificuldades económicas e sociais experimentadas por estes, com consequências ao nível das perdas de emprego, das reduções salariais, dos processos de reemigração e dos retornos (ESTEVES, FONSECA e MALHEIROS, 2017). A verdade, é que o stock global de imigrantes diminuiu de 451.742 pessoas em 2009 para 383.759 em 2015 (SEF, 2018), mas uma parte desta redução é meramente estatística, uma vez que no mesmo período se naturalizaram mais de 140 000 estrangeiros residentes, que deixaram as estatísticas do SEF, mas que, na maioria dos casos, não deverão ter deixado Portugal. No que respeita aos brasileiros, o grupo de estrangeiros que mais se naturalizou em Portugal ao longo deste período, a evolução foi idêntica, tendo passado de 116.220 em 2009 para 82.590 em 2015. Note-se que ao mencionar a manutenção de um elevado número de imigrantes em Portugal durante o período de declínio económico, naturalizados ou com cidadania estrangeira, não se está, de forma alguma, nem a negar a vulnerabilidade de muitas destas pessoas à crise económica e social, nem o aumento dos retornos ou a significativa redução do fluxo de entradas que, após 2011, foi ultrapassado pelas saídas, gerando um saldo migratório negativo em Portugal, algo que não ocorria desde o início dos anos de 1990.

Para fechar este capítulo, onde, se chamou bastante a atenção para elementos associados à estrutura económica, é importante referir que, numa perspectiva teórica, a compreensão dos movimentos migratórios poderia ser efetuada com base no modelo de atração - repulsão (LEE, 1980). Contudo, esse

modelo não esclarece pontos essenciais, seja nas explicações de causas micro referentes à inclinação para migrar (particularidades e opções específicas dos migrantes), seja no respeitante aos motivos macro. Na perspectiva da migração brasileira para Portugal, esses aspectos estruturais da economia auxiliam a compreender melhor o processo, mas não justificam todos os fatores que lhe são intrínsecos. É importante destacar o quadro histórico-cultural que aproxima Portugal e o Brasil, facilitando – até do ponto de vista institucional - os fluxos migratórios entre os dois países, que também aparecem ancorados em redes de amigos e familiares que exercem um papel importante na construção do desejo de partir, na escolha do lugar de destino, na ajuda ao percurso e até mesmo na integração.

Se a degradação da economia portuguesa levou à redução da atração e, por consequência, à diminuição dos fluxos de entrada, incentivando também ao regresso, ainda no quadro de um reforço da dinâmica de crescimento económico brasileiro, é importante ressaltar que, nem as relações de causa e efeito constituem uma sequência perfeita, nem determinam todas as justificações para a imigração de brasileiros para Portugal.

4 BRASILEIROS EM PORTUGAL

“A palavra imigração é bom lembrá-lo, não é uma palavra neutra e fria, é uma realidade que encerra pessoas, muito concretas, com as suas vidas, alegrias, esperanças e desejos. É uma realidade viva, em movimento contínuo que não se deixa fixar nem parar. É um puzzle humano colorido, de inumeráveis cores, línguas, sabores, tradições, culturas e religiões”

Pinto, 2004

No contexto atual, o processo migratório encontra-se diretamente influenciado pelas formas contemporâneas de reprodução do capital (ANDRADE, 2011), que, beneficiando de mobilidades cada vez mais fluídas, impele cada vez mais pessoas a trocarem as suas residências com o objetivo de melhorarem as circunstâncias de sua (re)produção sociofinanceira, adaptando-se às oportunidades oferecidas por um sistema cada vez mais globalizado.

Como já foi mencionado, a imigração brasileira para Portugal não é um acontecimento recente. Segundo Padilla (2005), na década de 1970 e após a Revolução de Abril, vieram Inicialmente os exilados políticos e, posteriormente, nos anos 1980, os descendentes de portugueses fixados no Brasil e outros brasileiros possuidores de escolaridade e competências superiores, que consubstanciaram a já mencionada “primeira” vaga. De acordo com Peixoto (2002) e Baganha e Góis (1998-1999), muito desses brasileiros contribuíram com os seus conhecimentos para o processo de modernização associado ao período de entrada de Portugal na então Comunidade Europeia, na década de 1980. Eram brasileiros pertencentes a uma camada social média ou alta, e considerados imigrantes não laborais, diferentemente de outros imigrantes (sobretudo africanos que vinham das ex – colónias portuguesas), que iniciaram sua vinda na década de 80 (PIRES, 2000).

Como referido anteriormente, a denominada “segunda” vaga da imigração brasileira, que aconteceu após finais dos anos 1990 (MALHEIROS, 2007) e terá encerrado no final do primeiro decénio do século XXI³⁷, integrou um número de

³⁷ Alguns estudiosos das migrações em Portugal levantam a questão relativa à eventual ocorrência de uma “terceira” vaga da imigração brasileira para Portugal, associada à retoma dos fluxos que se foi tornando evidente a partir de 2015 (PEIXOTO, 2015). Esta 3ª vaga, que não é objeto de análise nesta dissertação, apresenta, aparentemente, algumas características inovadoras, como o reforço da proporção de qualificados e a novidade da presença de imigrantes-investidores e empresários.

imigrantes superiores à “primeira” vaga e que tinham origens sociais mais diversas. Como foram realizados diversos trabalhos de caracterização desta 2ª vaga imigratória brasileira (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2007 ou PEIXOTO, PADILLA, MARQUES e GÓIS, 2015, por exemplo), decidimos aproveitar os dados que fornecem e as análises que contêm para explicar, de uma forma um pouco mais detalhada, as suas especificidades e tendências. Para além disto, utilizámos alguns dados estatísticos provenientes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), dos Censos mais recentes de Portugal (2011) e do Brasil (2010) e, ainda, a informação da OIM (Portugal) relativa ao Programa de Retorno Voluntário.

Referindo-se a esta “segunda” vaga, Peixoto e Figueiredo (2007) indicaram novos contornos da imigração brasileira em Portugal, que incluíam o crescimento significativo do fluxo, o reforço da imigração económica de carácter laboral e a sua desvinculação de laços parentesco com antepassados portugueses. Também apresenta maior número de pessoas menos qualificadas e com grau de escolarização inferior em relação à “primeira” vaga. São provenientes de contextos socioeconómicos mais modestos e inserem-se, mais frequentemente, num mercado laboral segmentado e cada vez mais flexibilizado e instável, que incentiva a imigração ilegal. Diversos tipos dos serviços, a construção civil e os serviços domésticos são ramos de atividade que absorvem muitos destes imigrantes (PEIXOTO, 2007; PADILLA, 2004).

Outra novidade que se torna mais visível a partir da década de 1990, corresponde às primeiras evidências de feminização da imigração para Portugal. Essa ocorrência é mais clara nos fluxos migratórios do Brasil e dos PALOP (com exceção da Guiné-Bissau), gradualmente mais propensos a uma feminização mais intensa. Pelo contrário, os fluxos migratórios do continente asiático e do Leste de Europa mantiveram-se menos feminizados (MARQUES e GÓIS, 2012).

Note-se que a evolução detectada em Portugal não pode ser dissociada de processos de carácter mais geral. Efetivamente, no que respeita ao fenómeno da feminização das migrações e, de acordo com Girona (2007), há uma propensão globalizada da feminização das correntes migratórias a partir de 2006, ano em que o número de mulheres já somava metade da população migrante na Terra. O que se tem observado ao longo dos anos é o protagonismo crescente das mulheres nos projetos migratórios. O número de mulheres migrantes é superior à migração

masculina nos países ricos, totalizando 51% (UN, 2003)³⁸. A feminização das migrações é, basicamente, um dos elementos do processo contemporâneo da globalização. Além disso, forma parte de um conjunto de práticas estruturadas que abrange países desenvolvidos e subdesenvolvidos, e que se manifesta também a outras escalas, como é o caso dos espaços urbanos e rurais, mais e menos desenvolvidos, situados no interior dos vários países.

Relativamente à feminização da imigração para Portugal, esta não parece diferente das formas da imigração para outros países da Europa do Sul (KING e ZONTINI, 2000). Para além do aumento do número de mulheres que migram, também ocorrem alterações nos papéis sociais de homens e mulheres no espaço de destino. A migração para as mulheres surge na maioria das vezes como um processo emancipador (PADILLA, 2006). Apresenta contornos de uma provável corrente migratória com característica laboral, com crescimento das atividades de comércio de bens e prestação de serviços, incluindo o aumento da economia à margem da formalidade. É verificado um direcionamento para o trabalho doméstico remunerado, que se configura como uma relevante demanda por mulheres migrantes. Por sua vez, o trabalho realizado desqualificado, juntamente à posição desfavorecida destas mulheres “indocumentadas”, propiciam contextos de trabalho muito precário. Em Portugal, fatores como o crescimento do número de idosos e a incorporação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho, influenciaram no sentido de uma maior incorporação de mulheres imigrantes em determinados segmentos da atividade económica, como o cuidado de idosos ou o trabalho doméstico (PEIXOTO *et al.* 2006; GRASSI, 2006).

Retomando a feminização da imigração do Brasil para Portugal, que ocorreu especialmente a partir da “segunda” vaga imigratória, esta caracterizou-se pela circulação crescente e por uma manutenção, ao longo do tempo, de importantes formas de incorporação no trabalho precário (WALL, NUNES e MATIAS, 2005). Como as oportunidades de emprego no ramo do comércio e serviços, que abrange hotelaria, restauração e turismo, se ampliaram (PADILLA, 2006), verificando-se o mesmo com a procura na área dos serviços domésticos e da prestação de cuidados a crianças e idosos (DIAS, ROCHA e HORTA, 2009), percebem-se as condições que contribuíram para o aumento do volume do fluxo de mulheres imigrantes, no

³⁸ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mundo>>. Acesso em: 23 set. 2015.

quadro de um mercado de trabalho em que o género é uma das grandes dimensões de segmentação. Evidentemente, a progressiva consolidação das redes sociais da imigração brasileira em Portugal, desde os anos 80 do século XX, também desempenharam um papel na indução desta imigração feminina.

Contudo, o período pós-2007/2008 foi marcado por alterações nos movimentos migratórios internacionais, consequência da grave crise económica que começou nos Estados Unidos e propagou-se por todo planeta. Neste contexto economicamente desfavorável que atingiu significativamente Portugal, como foi mencionado antes, os movimentos migratórios de brasileiros para este país também sofreram alterações, verificando-se um arrefecimento do fluxo migratório de entrada e a intensificação dos retornos.

A seguir serão apresentados estudos e dados estatísticos relevantes, provenientes de fontes secundárias, referentes à população estrangeira em Portugal, com destaque para a imigração brasileira associada à “segunda” vaga migratória, objeto de estudo dessa tese.

4.1. CARACTERÍSTICAS SOCIOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO

4.1.1 Aspectos Gerais da população estrangeira e brasileira em Portugal

No quadro 7 estão expostos dados sobre a população brasileira com estatuto legal de residência, dos anos 2000 até 2015³⁹.

Os dados discriminam o conjunto de títulos legais que, até recentemente, podiam habilitar um cidadão estrangeiro a uma permanência legal de longa duração (um ano ou mais) em Portugal: autorização de residência e de permanência e vistos de longa duração. Dada a temporalidade associada a estes títulos, estes valores estão próximos da noção de imigrante “permanente” (ou de longa duração) adotada por vários organismos internacionais nesta área. (PADILLA, 2015:16).

Esses dados evidenciam o aumento da presença de brasileiros em Portugal até 2010, que embora acompanhe a tendência global de crescimento da população estrangeira documentada, fá-lo de forma mais intensa. Por exemplo, se o total de estrangeiros em situação regular quase duplica entre 2000 e 2002, já o número de

³⁹ A partir de 2013, os dados são atualizados pela autora da tese.

brasileiros cresce 2,7 vezes no mesmo período. Este é um período em que se registam alterações importantes nas leis de imigração em Portugal, designadamente com a criação do estatuto proporcionado pelas autorizações de permanência em 2001, que permitiu a regularização de milhares de estrangeiros, entre os quais 37.765 brasileiros (quadro 7). Este “processo de regularização, que foi seguido de outros dois com menor impacto, em 2003 (o já mencionado *Acordo Lula*, destinado apenas a brasileiros em situação irregular) e 2004 (o chamado “Processo dos Correios”, aberto a todos os estrangeiros em situação irregular que tivessem entrado no país até 12 de Março de 2003⁴⁰), tornou o fluxo de imigrantes mais perceptível e contribuiu para o crescimento contínuo dos stocks.

É de destacar o fato de o stock de população brasileira residente duplicar entre 2002 e 2010, enquanto o stock global aumenta menos de 10% no mesmo período, começando, de resto, a declinar logo em 2009. Relembre-se que um dos fatores que possibilitou este crescimento se prendeu com a deflexão dos fluxos migratórios que costumavam demandar os EUA, em consequência do acentuar do controlo e das restrições impostas à imigração por parte deste último país, como resposta aos atentados terroristas de 2001. Ademais, a progressiva consolidação das redes migratórias de familiares, amigos e conterrâneos foi exercendo um papel fundamental na alimentação da corrente migratória em direção a Portugal.

O período entre 2010 e 2015, maioritariamente marcado pelo declínio da economia portuguesa que apenas no final inicia o seu processo de recuperação, caracteriza-se por uma progressiva redução, tanto do stock global de estrangeiros como do stock de brasileiros em situação regular (quadro 7), só que este último é bastante mais acentuado (-30,7% contra -12,7% do conjunto de estrangeiros residentes). De resto, se o stock global evidencia em 2016, o primeiro acréscimo desde 2009, tal não acontece com o stock de Brasileiros que ainda diminuiu neste ano⁴¹.

⁴⁰ A este requisito acrescentavam-se outros, como estar integrado no mercado de trabalho e ter efetuados pelo menos três meses de descontos para o fisco e a segurança social, antes de 12 de Março de 2003 (Decreto Regulamentar nº6/2004 de 26 de Abril).

⁴¹ Em 2017, também o stock de brasileiros volta a aumentar, mas este ano já se encontra fora do escopo de análise desta dissertação.

Quadro 7: População estrangeira com nacionalidade brasileira e população estrangeira total em Portugal, segundo o estatuto legal, 2000 a 2016

Anos	Total (i)	Autorizações de residência (AR)	Nacionalidade brasileira			Vistos longa duração prorrogados	Total População estrangeira (i)	% Nacionalidade brasileira/ estrangeiro
			Autorizações de permanência (AP) (ii)					
			Concedidas	Valor acumulado	Prorrogadas			
2000	22.202	22.202					207.587	10.7
2001	47.135	23.422	23.713	23.713			350.898	13.4
2002	59.848	24.762	11.373	35.086			413.487	14.5
2003	64.242	26.508	2.648	37.734			433.650	14.8
2004	66.495	28.730	31	37.765			447.155	14.9
2005	63.608	31.500			18.132	13.976	414.659	15.3
2006	68.013	42.319			7.719	17.975	420.189	16.2
2007	66.354	55.665			1.719	8.970	435.736	15.2
2008	106.961	106.704				257	440.277	24.3
2009	116.220	115.882				338	454.191	25.6
2010	119.363	119.195				168	445.262*	26.8
2011	111.445	111.295				155	436.822	25.5
2012	105.622	105.518				104	417.042	25.3
2013	92.120	91.238	-----	-----	-----	882	401.320	22.9
2014	87.493	85.288	-----	-----	-----	2.205	395.195	22.1
2015	82.590	80.515	-----	-----	-----	2.075	388.731	21.2
2016	81.251	79.569	-----	-----	-----	1.682	397.731	20.4

Fontes: Elaborado por Padilla. B. (in, Peixoto, Padilla, Marques e Gois., 2015). Dados INE/SEF (2014, 2015, 2016).

Obs: Dados atualizados pela autora dessa obra a partir do ano de 2013.

Observações:

i) Segundo Padilla (2015:17), “De 2001 a 2004 inclui autorizações de residência e autorizações de permanência em valor acumulado. De 2005 a 2007 inclui autorizações de residência, autorizações de permanência prorrogadas e vistos de longa duração prorrogados. De 2008 em diante inclui autorizações de residência e vistos de longa duração prorrogados;”

ii) “As autorizações de permanência foram concebidas, pela primeira vez, em 2001, sendo objeto de prorrogação anual até um prazo máximo de cinco anos, findo do qual se poderiam transformar em autorizações de residência. Só estão disponíveis os valores das prorrogações entre 2005 e 2007.”

As explicações para as diminuições observadas estão bem explícitas logo no Relatório do SEF de 2010:

O crescimento sustentado dos estrangeiros residentes em Portugal na última década foi quebrado (...) em 2010. Relativamente ao decréscimo do ano em apreço, este está associado à ocorrência simultânea de diversos fatores, designadamente o aumento da atribuição de nacionalidade portuguesa (desde a última alteração à lei da nacionalidade⁴²), a crise económica e financeira que Portugal enfrenta (redução do investimento e do emprego), bem como a alteração dos processos migratórios em alguns países de origem (nomeadamente o Brasil e Angola). (SEF, 2010:18).

Esta referência à “alteração do processo migratório no Brasil” aponta para a importância da imagem positiva que, na altura, a economia e a sociedade brasileiras possuíam. Isto funcionou, certamente, como um elemento atrativo que, potencialmente, terá contribuído para incentivar o retorno.

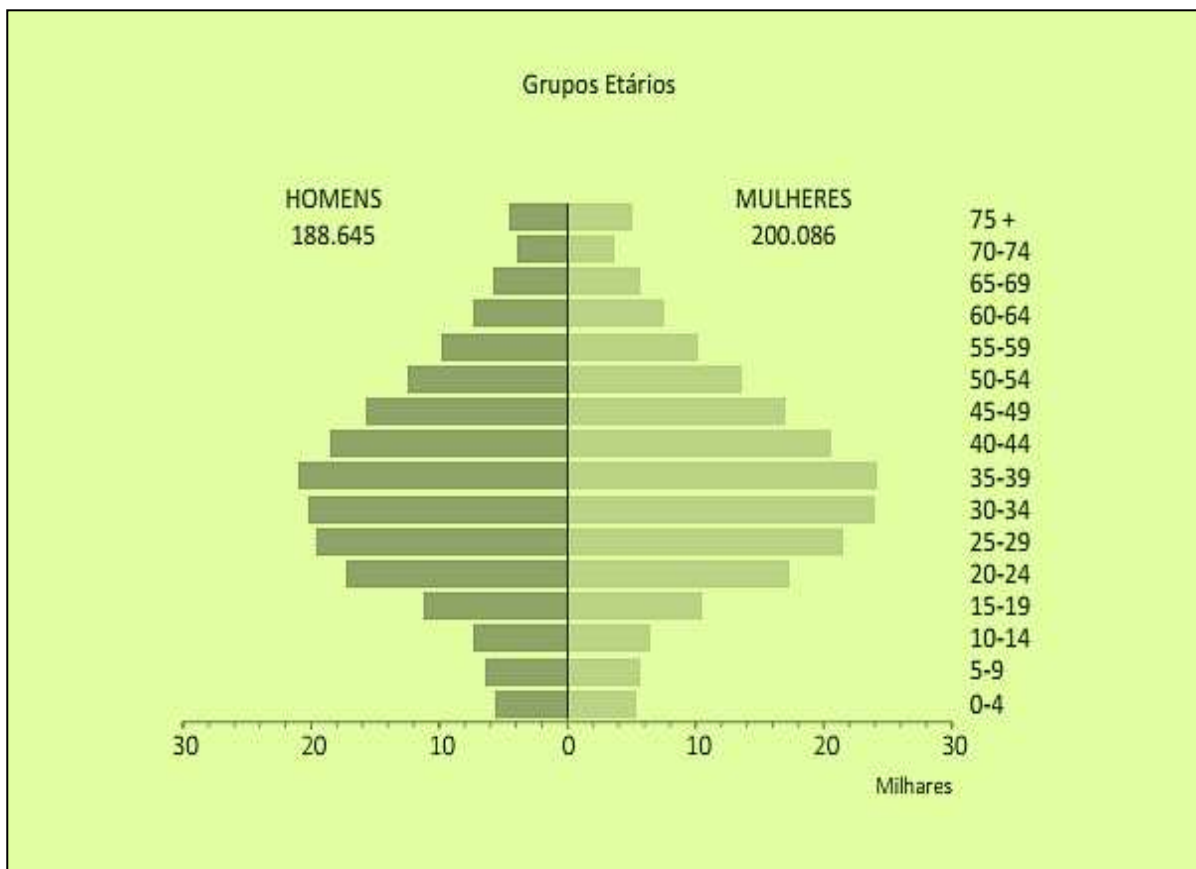
A disposição dos grupos etários do stock de residentes estrangeiros segundo o género (gráfico 2), confirma o predomínio da população do sexo feminino (51,5%). De acordo com o SEF (2015:13)⁴³, “a distribuição por género, atenta a origem geográfica, tem maior predominância no sexo feminino – América, União Europeia e África. Como fatores explicativos enunciam-se o reagrupamento familiar e a redução do quantitativo de residentes do sexo masculino”.

⁴² Lei n.º 37/81 de 3 de Outubro. Lei da Nacionalidade (com as alterações dadas pela Lei nº 25/94, de 19 de Agosto). Disponível em:

<http://www.sef.pt/portal/V10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4458#titlcap>.

⁴³ Relatório SEF (2015). Disponível em: <<https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>>.

Gráfico 2: Grupos etários do stock de residentes estrangeiros em situação regular, em Portugal, por sexo (2015)



Fonte: SEF (2015)

Se nos centrarmos nos grupos etários ativos, também detetamos uma maior presença de mulheres:

Cerca de 83,0% dos cidadãos estrangeiros residentes fazem parte da população potencialmente ativa (322.459), sendo de evidenciar a preponderância do grande grupo etário entre os 20-39 anos (166.474). Este grupo populacional tem uma composição por género com maior predominância feminina (52,7%). (SEF, 2015:13).

No quadro 8 estão os números referentes ao stock de imigrantes brasileiros com estatuto legal em Portugal, segundo o sexo.

Desde 2003, ano em que a comunidade brasileira em Portugal surge pela primeira vez como o grupo mais expressivo, ultrapassando os ucranianos, a proporção de mulheres é sempre superior à de homens, passando de uma sex-ratio de 1,04 em 2003, para 1,08 em 2007 e 1,27 em 2010. A feminização da imigração brasileira para Portugal acompanhou, assim, o crescimento global do stock de

brasileiros, que ocorreu entre o início do século e 2010. Refira-se que mesmo após 2010, quando a tendência de evolução do stock de brasileiros se inverte e este começa a diminuir, a feminização continua a acentuar-se, atingindo 1,52 mulheres para cada homem em 2013 e 1,63 em 2016. Isto está em sintonia com o significativo impacto da crise económica portuguesa em alguns setores fortemente masculinizados e etnicizados, como a construção civil e as obras públicas (MALHEIROS, OLIVEIRA e ALBRECHT, 2015).

Quadro 8: Stock de brasileiros com estatuto legal em Portugal por sexo, 2003 a 2016

ANO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
SEXO														
HM	26.508	28.730	31.500	68.013	66.354	106.961	116.220	119.363	111.295	105.622	92.120	87.493	82.590	81.251
H	13.021	13.696	14.602	33.189	31.824	49.867	52.061	52.478	47.518	44.127	36.515	33.956	31.700	30.938
M	13.487	15.034	16.898	34.824	34.520	57.494	64.159	66.885	63.927	61.495	55.605	53.537	50.890	50.313

Fonte: Elaborado pela autora, com dados estatísticos anuais do SEF

O gráfico 3 representa e sintetiza as nacionalidades estrangeiras mais significativas em Portugal, de acordo com o SEF (2015:12). A comunidade brasileira, apesar da diminuição observada entre 2010 e 2015, destaca-se como a principal comunidade estrangeira em Portugal, com um efetivo de cerca de 82.590 pessoas em 2015, número que ultrapassa o valor acumulado dos efectivos cabo-verdiano (2º grupo de estrangeiros em Portugal) e ucraniano (3º grupo) no mesmo ano.

Gráfico 3: Nacionalidades mais representativas dos estrangeiros legais em Portugal (2015)



Fonte: SEF (2015).

Os dados expostos nos gráficos 4 e 5 e no quadro 9 correspondem à atribuição da nacionalidade portuguesa aos brasileiros e estrangeiros residentes e não residentes em território português. Como comunica o SEF (2015), as condições de obtenção da nacionalidade portuguesa por parte de cidadãos estrangeiros foram alargadas devido à quarta alteração à Lei da Nacionalidade⁴⁴, publicada em 2006. Esta modificação introduziu uma definição mais vasta de domicílio regular em Portugal para o cumprimento de conseguir a nacionalidade (a titularidade de visto ou

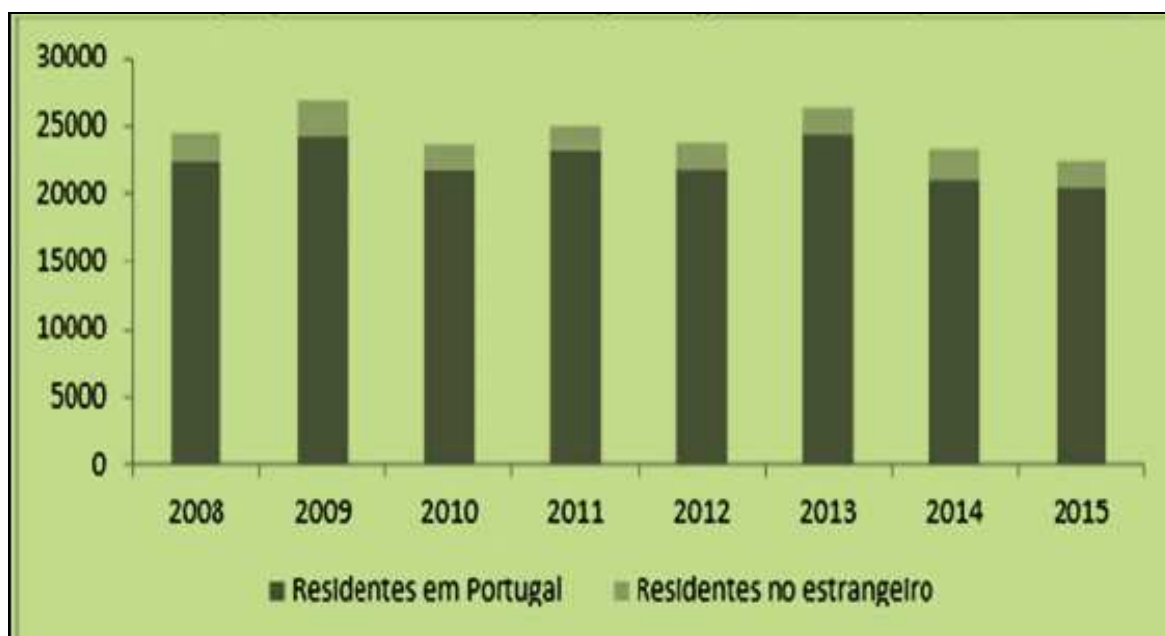
⁴⁴Lei Orgânica nº 2/2006, de 17 de Abril, que modifica a Lei nº 37/81, de 3 de Outubro.

a autorização de residência), reduziu o tempo de residência em Portugal exigido aos cidadãos não comunitários e não nacionais dos PALOP e do Brasil para ficarem em condições de solicitar a nacionalidade, e facilitou a obtenção da cidadania portuguesa aos filhos de estrangeiros nascidos em Portugal⁴⁵.

De acordo com dados divulgados nas Estatísticas Demográficas do INE (2015) referentes ao crescimento de aquisições da nacionalidade portuguesa, mais de 90% é atribuída a estrangeiros residentes em território português, entre os anos 2008 a 2012 (gráfico 4). Esta situação modifica completamente o quadro observado entre os anos de 1980 e 1990, como evidencia Oliveira:

A maioria das aquisições de nacionalidade portuguesa era de residentes no estrangeiro. Como citam Oliveira e Inácio (1999), entre os anos de 1985 e 1996, a maioria das pessoas que adquiriu a nacionalidade portuguesa residindo no estrangeiro era de origem asiática (via Macau), enquanto estrangeiros residentes em Portugal (a minoria) que adquiriu a nacionalidade era dos PALOP e do Brasil. Neste período a taxa da aquisição da nacionalidade portuguesa entre os imigrantes foi relativamente baixa, variando entre 0,7% entre 1988 e 1996. (OLIVEIRA, 2014:166).

Gráfico 4: Aquisição da nacionalidade portuguesa segundo a residência, entre 2008 e 2015



Fonte: Estatística Demográficas INE (2015)

⁴⁵Nova alteração à Lei da Nacionalidade, ocorrida em 2018 (Lei Orgânica 2/2018 de 5 de Julho de 2018), alargou, mais ainda, as possibilidades de aquisição da nacionalidade portuguesa, mas isto já sai fora do espectro temporal de execução desta tese.

*Nota: “Os dados correspondem aos artigos 2º, 3º, 4º, 5º e 6º da Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de abril, quarta alteração à Lei nº 37/81, de 3 outubro. O quadro apenas contempla as aquisições de nacionalidade portuguesa de residentes em Portugal, não se consideram as aquisições de nacionalidade portuguesa no estrangeiro.

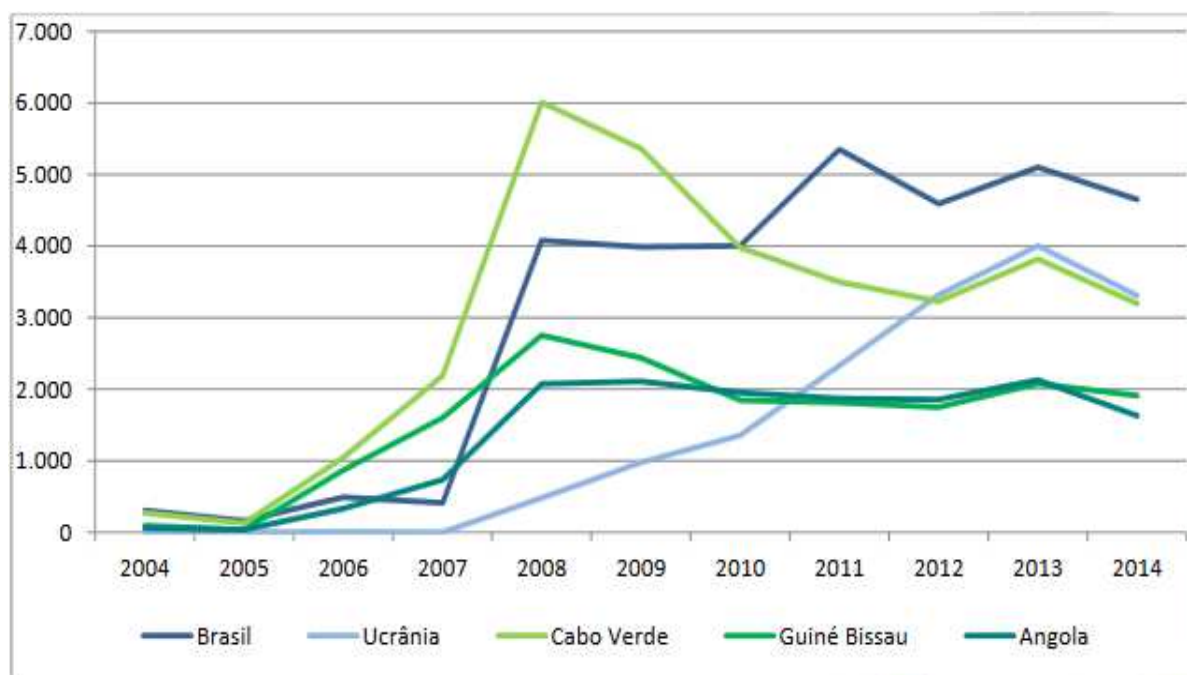
Quadro 9: Aquisição da nacionalidade portuguesa, total e brasileiros, 2008 a 2015

Anos Total	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Total Brasil	Total							
	24.556 5.701	26.892 5.746	23.615 5.424	25.016 6.607	23.722 6.499	26.430 6.390	23.305 (...)	22.541 (...)
Total Brasil	Residentes em Portugal							
	22.408 4.080	24.182 3.993	21.750 4.007	23.238 5.352	21.819 4.596	24.476 5.102	21.124 4.656	20.396 6.394
Total Brasil	Residentes no estrangeiro							
	2.148 1.621	2.710 1.753	1.865 1.417	1.778 1.255	1.903	1.954 1.288	2.181 (...)	2.145 (...)

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas. // Nota: Os dados correspondem aos artigos, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º da Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril, quarta alteração à Lei nº 37/81 de 3 de Outubro (Lei da Nacionalidade).

Obs: Dados atualizados pela autora a partir do ano de 2012.

Gráfico 5: Aquisição da nacionalidade de residentes em Portugal, por principais nacionalidades de origem, entre 2004 e 2014.



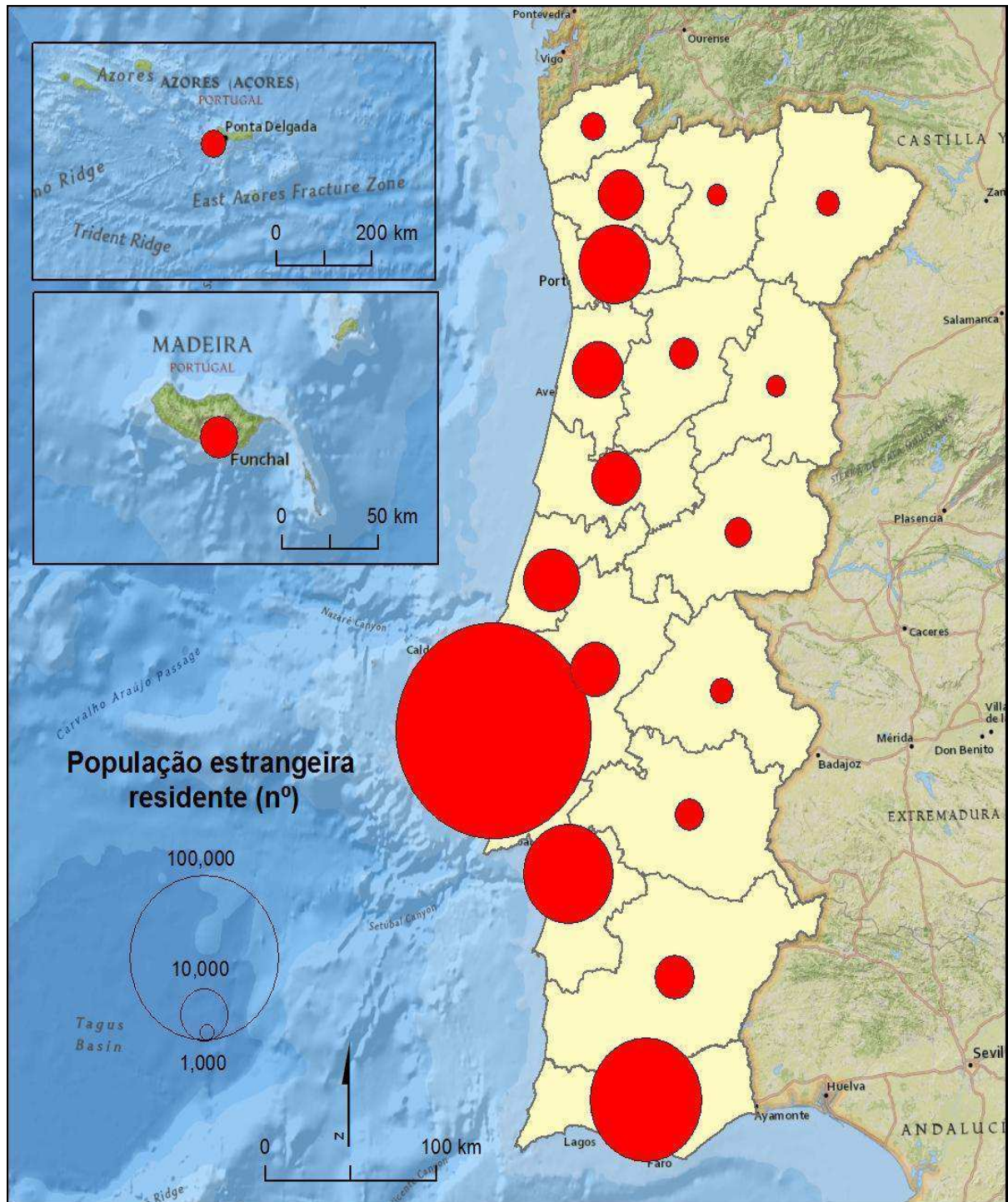
Fonte: International Migration Outlook, OCDE 2016. (In: Oliveira, Gomes e Santos, 2017)

Os cidadãos brasileiros são aqueles que, após 2010, mais têm obtido o novo estatuto de nacionalidade portuguesa (gráfico 5). De acordo com dados do INE, entre os anos de 2008 e 2010, o número de aquisições de nacionalidade pela parcela de brasileiros que vivem em Portugal foi por volta dos 4.000 por ano, abaixo dos cabo-verdianos, suplantando as 5.300 aquisições em 2011. Não se tem ideia exata se os cidadãos brasileiros detentores de nacionalidade portuguesa permanecem em Portugal, retornam para seu país de origem, ou migram para outros países da Europa, embora seja certo que ao possuírem a nacionalidade portuguesa se torna mais fácil entrar e sair de Portugal, como também transitar por países que fazem parte da União Europeia.

É importante mencionar que, em relação aos brasileiros, o acesso à nacionalidade portuguesa – e também italiana, por exemplo, está vinculada, em diversos casos, à ancestralidade associada ao movimento migratório anterior de cidadãos daqueles países para o Brasil. Isto permite que descendentes de brasileiros obtenham mais fácil e rapidamente a nacionalidade portuguesa, processo para o qual as alterações na Lei da Nacionalidade de Portugal têm contribuído, possibilitando, por exemplo, que os netos de portugueses nascidos no exterior obtenham a nacionalidade portuguesa.

A distribuição geográfica do stock de residentes estrangeiros em Portugal em 2015 (figura 3) mostra que a fixação destes acontece principalmente no litoral sul, com aproximadamente 69,1% no conjunto dos distritos de Lisboa (173,521), Setúbal com 36.994 e Faro com 58.246 e, somando um total de 268,761 pessoas. A outra área onde se registam níveis de concentração importantes é o Norte Litoral, com destaque para o distrito do Porto com 23,726 pessoas, e os espaços contíguos de Braga e de Aveiro.

Figura 3 - Distribuição geográfica com valores absolutos do stock total da população estrangeira residente em Portugal, em 2015



Fonte: INE, SEF (2015)

Em relação à distribuição geográfica da população estrangeira em Portugal (figura 3), vale a pena dar uma atenção particular à Área Metropolitana de Lisboa (AML) como espaço de interesse não só de residentes brasileiros, mas dos imigrantes em geral. Efetivamente, Lisboa é o local de maior preferência e também

Considerando especificamente a distribuição dos imigrantes brasileiros pelos distritos portugueses (figura 4), a concentração em Lisboa-Setúbal é significativa, reproduzindo o quadro geral dos estrangeiros (cerca de 55% residem aqui). Sobressai depois o Porto e os seus prolongamentos para os distritos de Aveiro e Braga, verificando-se que aqui os brasileiros estão sobrerrepresentados face à distribuição global dos imigrantes, pois se quase 20% do stock de aqueles tem aqui residência, menos de 12% do conjunto dos estrangeiros vive nestes três distritos. Isto vem confirmar o efeito “contracorrente ancestral”, pois os distritos de Porto e Braga deram origem aos contingentes mais significativos de emigração portuguesa para o Brasil⁴⁶. Por último, o Algarve é também um local de fixação importante mas, ao contrário do que acontece com o stock global, a percentagem de brasileiros residentes em Faro é inferior à do Norte Litoral. Tendo em consideração esta distribuição geográfica, justifica-se a distribuição das entrevistas efetuadas, privilegiando a AML e o Norte Litoral.

Os quadros 10, 11, 12 e 13 foram extraídos do projeto de pesquisa “Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal”⁴⁷. As informações são pertencentes a imigração da denominada “segunda” vaga.

No quadro 10 estão expostos os dados dos imigrantes brasileiros inquiridos, segundo a existência de antepassados portugueses, considerando o grau de parentesco destes. As informações expostas indicam que a maioria dos brasileiros inquiridos não tem atualmente vínculos familiares com o país de destino migratório, no caso, Portugal. Dos inquiridos, 58,2 % (com respostas válidas) declaram não ter antepassados portugueses. Isto confirma que os imigrantes brasileiros em Portugal associados à “segunda” vaga se distinguem da “primeira” vaga pela redução dos vínculos familiares originais a cidadãos portugueses. Mesmo assim, deve frisar-se

⁴⁶ Note-se que o stock inclui imigrantes brasileiros de primeira e segunda vaga. Como o efeito de ancestralidade (e contracorrente) é mais significativo entre os portugueses de 1ªvaga, é provável que a presença no Norte Litoral se tenha atenuado um pouco entre os chegados na 2ªvaga.

⁴⁷ “Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal”. Projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), ocorreu entre os anos de 2007 e 2011. Projeto envolveu investigadores do Socius / Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Universidade de Lisboa (nessa altura ainda Universidade Técnica de Lisboa); CIES / Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE/Instituto Universidade de Lisboa; e CES / Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. A metodologia de investigação incluiu, numa primeira fase, entrevistas a informadores privilegiados, autoridades portuguesas, autoridades consulares e líderes associativos e, numa segunda fase, um inquérito por questionário aplicado a 1398 cidadãos de nacionalidade brasileira maiores de 16 anos, aplicado durante os primeiros seis meses de 2009 em todas as regiões de Portugal”.

que 41,8% dos inquiridos ainda declarou ter vínculos familiares com antepassados portugueses, sendo estes na maioria dos casos bastante distantes: 18,8 avós e 14,5 % bisavós.

Quadro 10: Imigrantes brasileiros por antepassados portugueses, 2009

Antepassados	Número	%
Pai	49	3.3
Mãe	37	2.5
Avô Paterno	110	7.5
Avô Materno	76	5.2
Avó Paterna	45	3.1
Avó Materna	44	3.0
Bisavô/ó	212	14.5
Outro	30	2.1
Nenhum	852	58.2
Todos	8	0.5
Total	1.463	100%

Fonte: Inquérito aos imigrantes Brasileiros em Portugal (2009); Peixoto; Padilla; Marques, Góis (2015)

*Não respostas: 131

Segundo Peixoto, Padilla, Marques e Góis (2015: 24) “Muitas das novas contracorrentes migratórias têm funcionado, assim, com base num fosso geracional significativo.” Neste entender, as lembranças e os vínculos do lugar de origem ainda não foram desfeitos com o tempo, e considera-se uma opção praticável no lugar de destino quando esses vínculos se encontram presentes, emergindo a partilha da língua como mais um elemento com significado afetivo.

O quadro 11 faz referência às habilitações literárias dos inquiridos, o que caracteriza a correlação estrutural dos sistemas de ensino brasileiro e português. De acordo com a informação nele contida, a maioria dos imigrantes brasileiros em Portugal possuíam diplomas de ensino médio de 2º grau- referente ao 12º ano em Portugal, num total de 49,9%. Posteriormente, 18,8% detêm uma escolaridade média baixa (1º grau, 5º a 8 / 9º ano). Com qualificação mais elevada, ao nível da

licenciatura, detetam-se 13,1% dos inquiridos, sendo que 6% possui pós-graduação, mestrado ou doutoramento.

Quadro 11: Imigrantes brasileiros por habilitações literárias, 2009

Habilitações literárias	Número	%
Não analfabeto	6	0,4%
Ensino fundamental (1º grau, até 4ª série / 5º ano)	89	6,5
Ensino médio (1º grau, 5º a 8 / 9º ano)	257	18,8
Ensino médio (2º grau / 12º ano)	683	49,9
Ensino Superior (Licenciatura)	179	13,1
Pós-graduação, mestrado ou doutorado	82	6,0
Ensino profissional e tecnológico	48	3,5
Outras habilitações	25	1,8
Total	1.369	100,0

Fonte: Inquérito aos imigrantes Brasileiros em Portugal (2009); Peixoto; Padilla; Marques, Góis (2015)

* Nota: Não respostas: 29

Estes dados reafirmam que os brasileiros oriundos da “segunda vaga” migratória são menos qualificados, o que caracteriza uma maior transferência de mão-de-obra pouco qualificada para Portugal. Como também foi mencionado em outros estudos (THEMIS⁴⁸) que abordaram a escolaridade dos imigrantes brasileiros, estes revelam um grau de habilitações literárias mais elevada do que a média em Portugal. É importante destacar que este quadro de maior “qualificação” não pode ser dissociado de um aumento do número de estudantes estrangeiros em Portugal, constituindo-se isto como tendência no panorama da imigração nos derradeiros anos.

No quadro 12 estão os dados sobre a condição perante o trabalho dos inquiridos brasileiros, tanto no momento anterior a migração, como também em Portugal. No Brasil, 71,4% dos inquiridos possuía trabalho, e apenas 7,9% encontrava-se desempregado. Dos brasileiros com emprego no Brasil, 59,6% eram trabalhadores por conta de outrem, 21% trabalhadores independentes e apenas 8%

⁴⁸THEMIS – Theorizing the Evolution of European Migration Systems, 2010. Disponível em: <<http://www.imi.ox.ac.uk/projects/themis/publications#sthash.phWIRWxp.dpuf>>.

desempregados. E do total dos inquiridos, 18,6% afirmaram ser estudantes no Brasil, estando estes desvinculados do grupo de trabalhadores.

Quadro 12: Imigrantes brasileiros por condição perante o trabalho, 2009

Condição perante o trabalho	Brasil	%	Portugal	%
Empregado	958	71,4	951	72,9
Dos quais:				
Funcionário público	92		14	
Trabalhador de empresa	571		707	
Empregador	78		52	
Trabalhador independente	200		143	
Empregado doméstico	17		35	
Desempregado	106	7,9	204	15,6
Estudante	249	18,6	97	7,4
Doméstico	21	1,6	44	3,4
Aposentado	8	0,6	8	0,6
Total	1.342	100,0	1.304	100,0

Fonte: Inquérito aos imigrantes Brasileiros em Portugal (2009); Peixoto; Padilla; Marques; Góis (2015)

* Nota: Não se aplica e não responde: 56 no Brasil, 94 em Portugal

Com relação aos imigrantes brasileiros em Portugal e sua condição de trabalho no momento do inquérito, as modificações mais significativas são em relação a trabalhar por conta de outrem e à situação de desempregado; por outro lado, o número de estudantes em Portugal diminuiu para 7,4%. Os empregados em Portugal somam um total de 72,9% e os desempregados 15,6%, revelando que o número de brasileiros sem trabalho quase que duplicou após a migração para Portugal.

Segundo Peixoto, Padilla, Marques e Góis (2015: 26):

Estas variações refletem os trajetos habituais dos migrantes e o contexto histórico em que sucederam. A diminuição do número de estudantes e o aumento dos economicamente ativos é normal numa situação migratória, tal como acontece com a concentração dos empregados em relações de trabalho assalariado após a migração. É com base na relação salarial dependente que se conjugam muitas ofertas de trabalho para os migrantes e que se assegura o estatuto legal. (PEIXOTO, PADILLA, MARQUES e GÓIS, 2015: 26).

Nota-se que o aumento do número de desempregados brasileiros em Portugal face à situação pré-imigração no Brasil, a partir de 2009, é um dos fatores que contribuem para desencadear o retorno.

No tocante ao setor de atividades no Brasil e em Portugal (quadro 13), antes da migração, 18,9% dos inquiridos apontou trabalhar no comércio por grosso ou retalho e reparação de veículos automóveis, seguindo-se o grupo dos inseridos em “outras atividades de serviços coletivos, sociais e pessoais” com 12%, estando 8,5% no setor da saúde e ação social. Fazendo referência ao setor de atividade em Portugal, os inquiridos indicam 26,6% no alojamento e restauração, seguido da construção civil e obras públicas com 15,3% e as atividades familiares e domésticas com 12,1%. Comparando os setores de atividade no Brasil e em Portugal, distinguem-se principalmente os serviços de alojamento e restauração, a construção civil e as atividades pessoais, familiares e domésticas, que quase triplicaram as suas percentagens, passando de 18,4% no Brasil para cerca de 54%, em Portugal. De algum modo, a sobrerrepresentação de brasileiros nestes setores atesta a importância do fornecimento de mão-de-obra brasileira com qualificações médias e baixas para vários segmentos da economia portuguesa. Outra grande diferença diz respeito à redução significativa do número de inquiridos que, em Portugal, exerce atividades na educação e saúde. Isto indica a complexidade em exercer um ofício principalmente no sector da saúde, devido ao corporativismo e à burocracia criados pelas entidades reguladoras, que incluem a dificuldade de reconhecimento de graus académicos obtidos no estrangeiro e, também, a própria inscrição nas ordens profissionais.

Quadro 13: Imigrantes brasileiros por setor de atividade, 2009

Setor de actividade	Brasil	%	Portugal	%
Construção Civil e obras públicas	66	7.1	136	15.3
Comércio por grosso ou retalho, reparação de veículos automóveis	176	18.9	77	8.7
Alojamento e restauração	67	7.2	237	26.6
Transportes, armazenagem e comunicações	67	7.2	66	7.4
Educação	67	7.2	14	1.6
Saúde e ação social	79	8.5	25	2.8
Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	112	12.0	92	10.3
Actividades pessoais, familiares e domésticas	38	4.1	108	12.1
Outro sector	261	28.0	135	15.2
Total válido	933	100.0	890	100.0

Fonte: Inquérito aos imigrantes Brasileiros em Portugal (2009) (in Peixoto, Padilla, Marques e Góis, 2015).

* Não especificado, não se aplica e não respostas, 465 no Brasil, 508 em Portugal.

Em relação às remessas enviadas para o Brasil pelo conjunto de todos os imigrantes e, também, pelos imigrantes brasileiros (quadro 14), verifica-se uma evolução crescente entre 2000 e 2006, o ano em que alcança o seu ponto máximo. A partir de 2007, com a crise e as suas consequências em termos de desemprego, redução salarial, retorno e reemigração, as remessas dos imigrantes começam a reduzir-se, atingindo-se valores mínimos, para o caso dos brasileiros, em 2012. A partir daqui ocorrem oscilações, mas os valores sofrem alterações pequenas entre aquele ano e 2015. Os números apresentados de saídas de remessas em 2000 e 2006 mostram uma variação de +221% para o total de estrangeiros e de +932% para os brasileiros, repercutindo o significativo crescimento deste coletivo imigrante e a sua atitude relativamente ao envio de dinheiro para a origem. Já entre 2007 e 2015 se verificam decréscimos de -8,3% para o total e de -25,8% para os brasileiros, mostrando a sensibilidade destes à crise e, também, os efeitos do retorno. Note-se que os brasileiros são o grupo de imigrantes que, nos últimos anos, mais remessas envia de Portugal, correspondendo o seu contributo a mais de 50% do total enviado e registado, no “período de pico” situado entre 2006 e 2011.

Quadro 14: Remessas enviadas para o Brasil e para o total de países estrangeiros, 2000 – 2015

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Total	188.96	408.96	435.50	467.10	485.60	559.99	609.77	570.00	580.00	559.21	567.34	585.63	525.53	556.04	534.81	522.61
Brasil	33.79	51.61	87.00	168.98	216.47	267.59	348.66	311.83	331.71	309.96	306.35	277.57	225.65	253.25	255.30	231.38

Fontes: Ferreira, Rato e Mortágua (2004), com base no Banco de Portugal (1999 e 2001); Banco de Portugal (2002 a 2012).

Obs: Dados atualizados pela autora dessa obra a partir do ano de 2013. Fonte: Pordata (2016). Disponível em: <<https://www.pordata.pt>>.

Os imigrantes que mandam dinheiro para seu país de origem podem encontrar-se documentados ou não, sendo de admitir que a sua situação tem alguma relação com a capacidade de aforramento e, sobretudo, com a utilização de canais mais ou menos formais para o envio de remessas. Por último, refira-se que o aumento das remessas acontece a partir da “segunda” vaga de imigração brasileira em Portugal, principalmente entre os anos de 2000 e 2006.

No quadro 15, é possível observar a evolução do número de imigrantes desempregados em Portugal, que teve um aumento significativo a partir de 2008, período de agravamento da crise económica, evidenciada por fases de crescimento económico lento e mesmo de estagnação ou recessão, tendo ocorrido uma diminuição drástica do número de postos de trabalho que contribuiu para elevar o número de desempregados. Entre os anos de 2007 e 2012, o desemprego registado dos imigrantes em Portugal agravou-se significativamente, passando de 19,511 trabalhadores, em 2007, para 41,516 em 2012. Contudo, os números mostram que o efetivo crescimento do desemprego ocorreu entre os anos de 2007 e 2009. Entre 2012 e 2016, evidencia-se uma redução no número de imigrantes desempregados, que passa de cerca de 40.000 para 21.448. Esta evolução positiva, para além de refletir o processo de recuperação económica de Portugal, pode resultar de saídas do sistema por reemigração ou de eventuais regressos à terra origem da população estrangeira que vive em Portugal.

Quadro 15: Número de desempregados registados (estrangeiros), entre 2004 e 2016

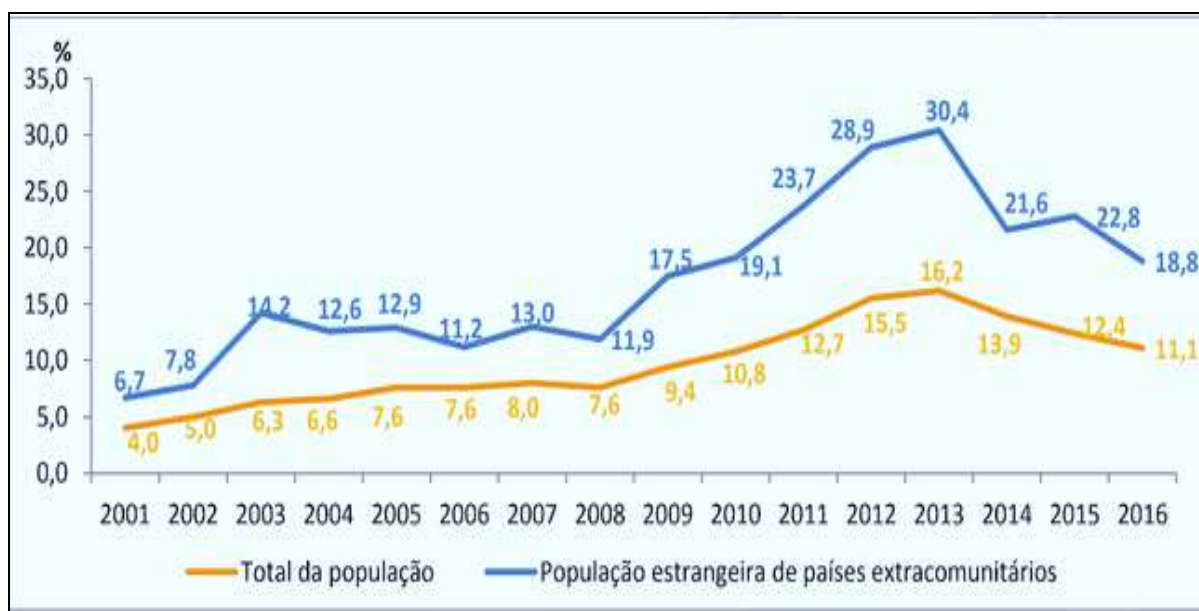
Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Total	20.036	21.470	21.674	19.511	24.203	36.442	36.496	38.803	41.516	34.968	27.815	25.165	21.448

Fonte: Elaborado pela autora, com dados estatísticos anuais do IEFP.

Detalhando a análise, de acordo com os dados dos Centros de Emprego do IEFP⁴⁹, de Janeiro 2004 para Janeiro de 2012, os imigrantes inscritos como “desempregados” observaram um crescimento de 152%, passando de 20.035 para 41.516 (quadro 15).

De acordo com dados do INE (gráfico 6), a comparação entre a taxa média de desemprego da população estrangeira de países extracomunitários com a taxa média de desemprego da população portuguesa entre 2008 e 2012, revela que o incremento observado, apesar de significativo nos dois casos, foi maior entre os extracomunitários, que passaram de cerca de 12% para mais de 29%, quase o dobro da taxa média global de desemprego registada em 2012 – 15,7%. Refira-se que a proporção dos estrangeiros inscritos como desempregados somava 4,2% do total de inscritos em 2003, tendo passado para 6,9% em 2012; no entanto, entre os anos de 2012 e 2016, registou-se uma diminuição do número de desempregados registados nos centros de emprego, sendo esta propensão mais notável entre a população estrangeira.

Gráfico 6: Taxa média de desemprego da população estrangeira de países extracomunitários, 2001 a 2016



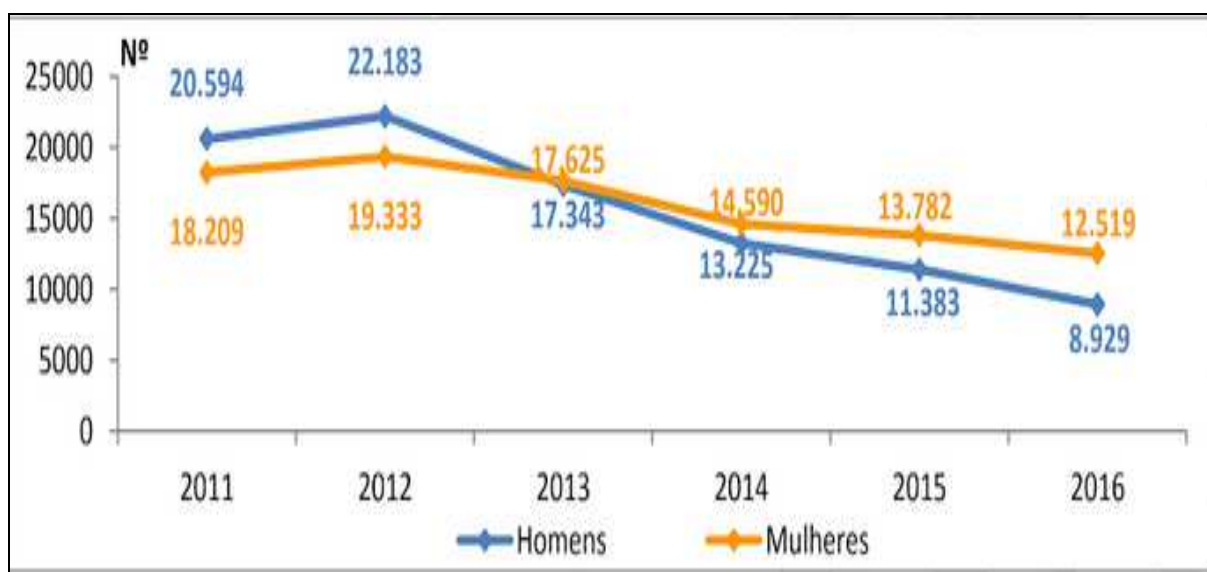
Fonte: Eurostat, INE - inquérito ao emprego. In: Oliveira e Góis (2017)

⁴⁹ Os desempregados inscritos nos Centros de Emprego incluem aqueles que não têm emprego e que estão em fase de procura ativa de emprego, revelando disponibilidade para trabalhar. Não se incluem neste número desempregados que não estejam a procurar emprego, nem as pessoas em situação irregular – que incluem muitos estrangeiros – que não possuem condições formais para se inscrever nos Centros de Emprego.

* Nota: Em 2011 há quebra de série no Inquérito ao Emprego. Entre 2007 e 2010 os dados referentes à população estrangeira de países extracomunitários referem-se à taxa média de desemprego.

O gráfico 7 mostra ainda que as mulheres estrangeiras, que representavam mais de metade da população estrangeira desempregada entre 2007 e 2009, passam a constituir menos de 50% dos desempregados alóctones inscritos nos centros de emprego no período 2010-2012. Na verdade, se a variação do desemprego estrangeiro feminino no período 2003-2012 é ligeiramente superior à do masculino (+155,5% contra 149,1%), nos anos de intensificação dos efeitos da crise (2008-2012), o número de homens estrangeiros desempregados aumenta 2,5 vezes enquanto o número de mulheres estrangeiras na mesma situação sobe 1,7 vezes. Isto confirma que no momento do primeiro impacto da crise sobre o sistema de emprego, os homens estrangeiros foram mais atingidos do que as mulheres.

Gráfico 7: Desemprego registado de estrangeiros em Portugal Continental, segundo o sexo, entre 2011 e 2016

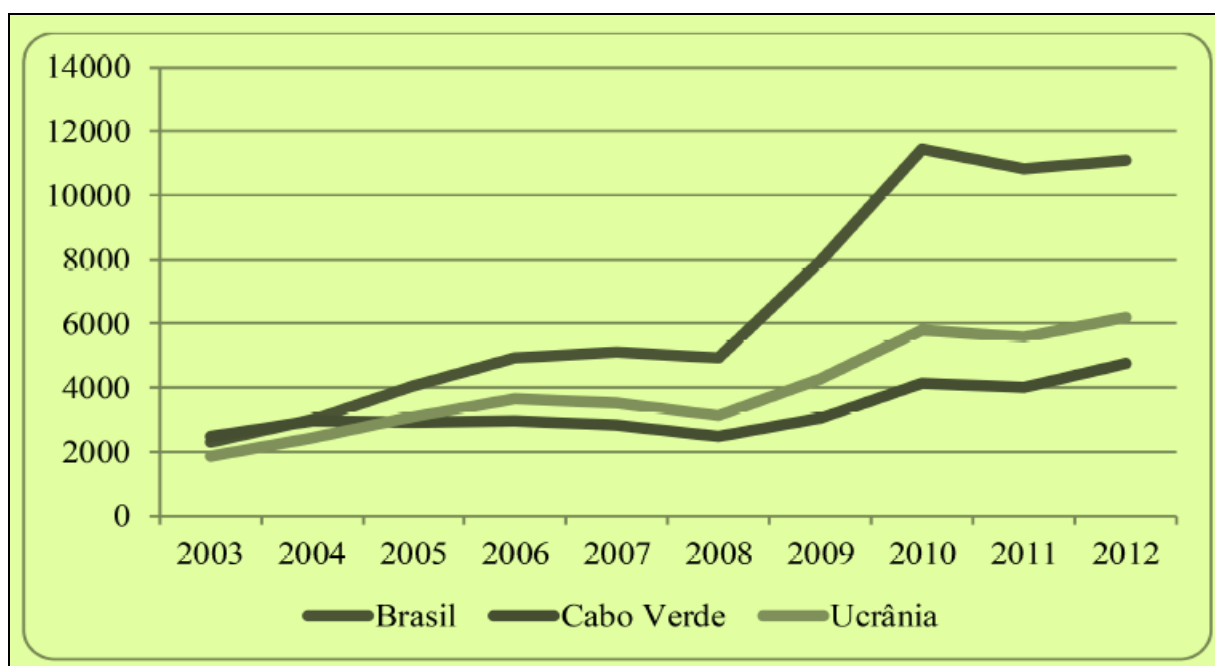


Fonte: Eurostat, INE - inquérito ao emprego. In: Oliveira e Góis (2017)

No gráfico 8 estão os dados da evolução dos desempregados brasileiros, ucranianos e cabo-verdianos inscritos nos centros de emprego, verificando-se que as tendências de evolução dos três grupos são similares, observando-se um incremento entre 2004 e 2006, uma relativa estabilização posterior, que se mantém até 2008, seguida de uma subida significativa no período 2008-2010 e de uma nova estabilização nos dois anos seguintes.

Apesar das tendências observadas registarem padrões similares nos três grupos, os cidadãos brasileiros apresentam números de desempregados mais elevados do que os observados entre cabo-verdianos e ucranianos, agravando-se substancialmente esta situação a partir de 2008, com o acentuar da crise económica. Efetivamente, a própria OECD (2008), referia que, em relação ao desemprego em Portugal, os imigrantes revelavam condições de maior instabilidade, em especial os cidadãos brasileiros. Esta ocorrência está relacionada com a presença de brasileiros em determinados setores e nichos do mercado de trabalho marcados por forte susceptibilidade a crises conjunturais (e.g. construção civil, obras públicas, o próprio comércio), assim como com a relação contratual que é constituída com o patrão.

Gráfico 8: Evolução dos desempregados brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos inscritos nos Centros de Emprego, 2003-2012



Fonte: IEFP (vários anos). Disponível em: <<https://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/EstatisticasMensais/Paginas/Home.aspx>>.

No quadro 16 estão dados mais atualizados do desemprego registado de estrangeiros segundo as nacionalidades com maior número de desempregados inscritos. Para além de se detetar uma redução dos níveis de desemprego registado dos três maiores grupos de estrangeiros (brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos) acompanhando a recuperação da economia portuguesa, face ao observado em 2011 e 2012 (gráfico 8), as posições relativas mantêm-se, encontrando-se os

brasileiros em primeiro lugar (26,0% do total de desempregados registados), seguidos dos ucranianos (12,4%) e dos cabo-verdianos 11,6%.

Quadro 16: Desemprego registado de estrangeiros segundo as nacionalidades com maior número de desempregados inscritos, em Portugal Continental, em 2015 e 2016

Nacionalidade	2015		2016	
	Nº	%	Nº	%
Brasil	6.305	25,1	5,585	26,0
Ucrânia	3.299	13,1	2,662	12,4
Cabo Verde	3.123	12,4	2,480	11,6
Roménia	2.000	7,9	1,598	7,5
Angola	1.693	6,7	1,438	6,7
Guiné-Bissau	1.658	6,6	1,169	5,5
Bulgária	771	3,1	684	3,2
São Tomé e Príncipe	891	3,5	679	3,2
Espanha	559	2,2	529	2,5
Total estrangeiros	25.165	100	21.448	100

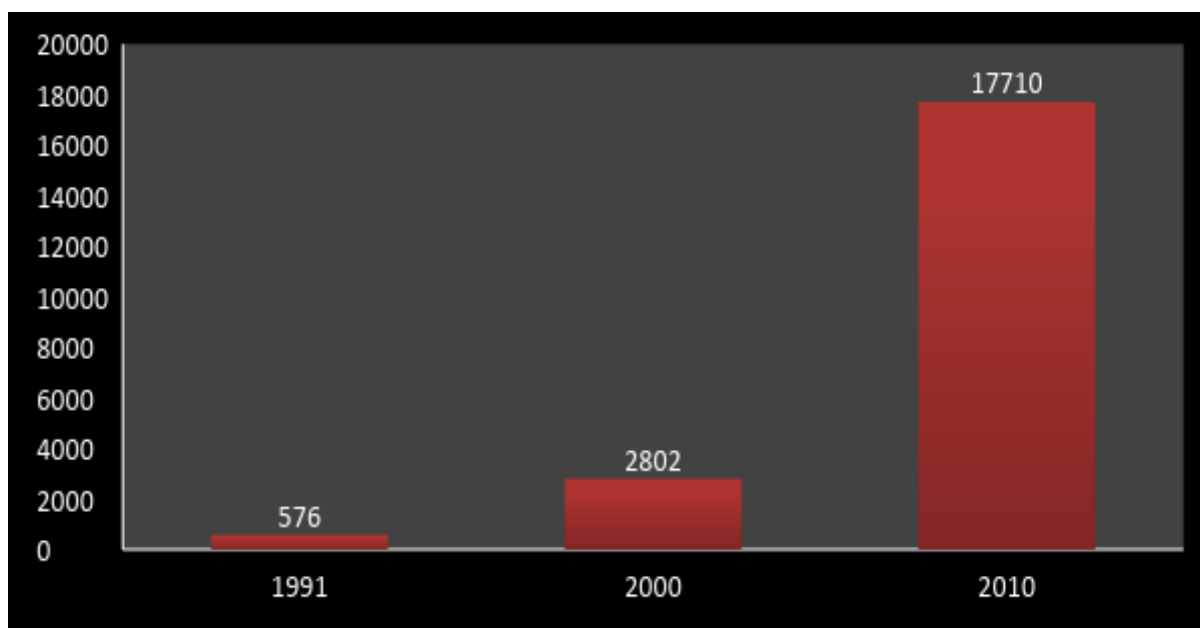
Fonte: IEFP. In: Oliveira e Gomes (2017)

Dados dos censos demográficos do Brasil e dos registos de retorno (apoiado) de brasileiros disponibilizados pela OIM em Portugal permitem obter algumas informações sobre os regressos dos membros deste grupo ao seu país de origem. Se até ao início do século XXI, o número de brasileiros que retornavam não era relevante e era apenas associado a um etapa rotineira da circulação migratória internacional, no período 2007-2014, com a alteração das correntes migratórias entre Brasil e Portugal no quadro da crise económica portuguesa e do crescimento económico brasileiro, o retorno surge como um acontecimento cada vez mais possível e relevante.

Os dados dos censos demográficos do Brasil nos anos de 1991, 2000 e 2010 evidenciaram este aumento no número de brasileiros que retornaram de Portugal. Os números expostos no gráfico 9 indicam que, entre 1991 e 2010, o retorno foi aumentando de modo significativo e progressivo. O número de retornados brasileiros

que viviam em Portugal cinco anos antes do Censo de 2000, foi 4,8 vezes superior ao número de indivíduos que se encontravam na mesma situação, no ano de 1991. Contudo, a variação entre 2000 e 2010 ainda é mais significativa, uma vez que o valor inicial cresce 6,3 vezes, atingindo, no último ano, 17.710 pessoas (cidadãos nascidos no Brasil que residiam neste país à data do Censo de 2010, mas que cinco anos antes tinham a sua residência em Portugal).

Gráfico 9: Brasileiros natos que viviam em Portugal nos anos de 1986, 1995 e 2005 e retornaram para o Brasil



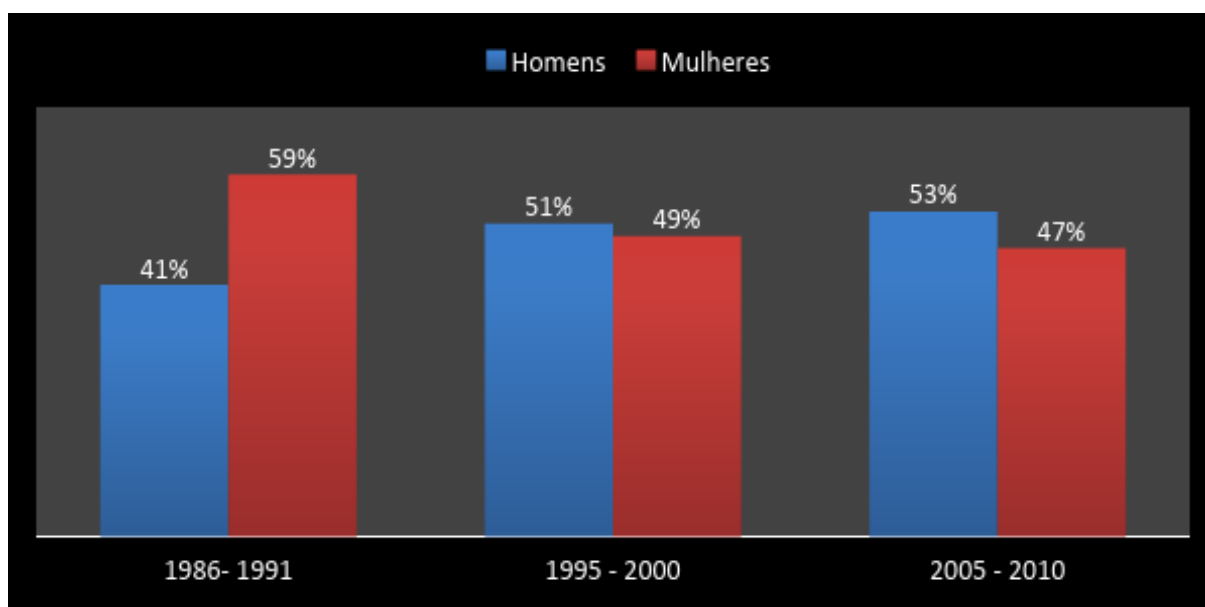
Fonte: Censos Demográficos, IBGE (1991, 2000 e 2010)

* N° de que brasileiros que retornaram de Portugal anos e total (1991 = 576, 2000 = 2.802 e 2010 = 17.710)

Com referência à repartição por sexos dos brasileiros que retornaram de Portugal (gráfico 10), nota-se, pelos números expostos até ao ano de 1991, que a maior parte eram mulheres. Após 2000, ocorre uma inversão, que se acentua nos dados do Censo de 2010, passando os homens a ser a maioria. Embora a migração brasileira em Portugal seja bastante feminizada, parece contraditório que o número de homens regressados nos períodos 1995-2000 e, sobretudo, 2005-2010 seja superior ao de mulheres. Se os efeitos da crise económica, que afetaram com particular intensidade setores bastante masculinizados, como a construção civil, constituem uma explicação importante, há outras questões, designadamente de índole familiar, que também devem ser consideradas. Por exemplo, de acordo com

as Estatísticas Demográficas do INE, os casamentos mistos ocorridos em Portugal, entre 2012 e 2016, envolvendo cidadãos e cidadãs de Portugal e do Brasil, incluíram 6.717 mulheres brasileiras e apenas 1492 homens com esta nacionalidade. Como o estabelecimento de laços conjugais transnacionais no país de destino pode funcionar com um incentivo à fixação, sobretudo se se verificar o nascimento de filhos, o fato de o número de mulheres brasileiras envolvidas neste processo ser, no período de referência, 4,5 vezes superior ao de homens brasileiros, contribuirá, também, para explicar o menor número de retornos daquelas, pelo menos nas fases mais precoces e intermédias do ciclo migratório.

Gráfico 10: Brasileiros que viviam em Portugal e retornaram para o Brasil, por sexo



Fonte: Censos Demográficos, IBGE (1991, 2000 e 2010)

Para além dos indicadores dos Censos do Brasil e dos dados da OIM⁵⁰ em Portugal, declarações de imigrantes e de associações brasileiras de imigrantes, bem como informações recolhidas junto de investigadores e da imprensa ajudaram a fortalecer a hipótese relativa a um aumento do número de retornos após a crise financeira em Portugal.

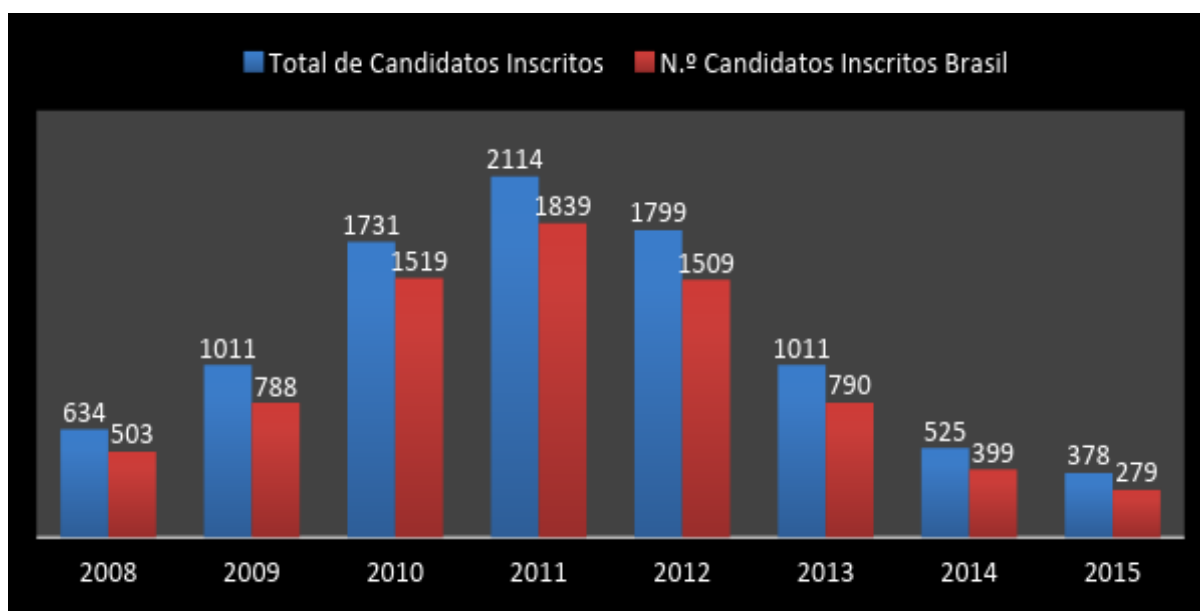
Note-se que os dados da OIM corroboram esta hipótese, pois revelam que o número de candidatos inscritos no Programa de Apoio Voluntário (PRV)⁵¹, em

⁵⁰ Organização Internacional das Migrações (OIM).

⁵¹ O Programa de Retorno Voluntário nasce da colaboração entre o Governo Português e a Organização Internacional para as Migrações (OIM) – Missão em Portugal, protocolada a 21 de Dezembro de 2001, com intenção a colocar em execução uma política ativa, confiável e humana, de

Portugal, teve um aumento gradual significativo entre 2008 e 2011 (gráfico 11)⁵², atingindo um total de 2.114 estrangeiros inscritos em 2011. Refira-se que a grande maioria destes cidadãos tem nacionalidade brasileira (quase 88% em 2010; mais de 90% em 2011). Em contrapartida, a partir de 2012, verifica-se um decréscimo no número de inscritos, o que indica uma diminuição no fluxo de entrada de estrangeiros em Portugal e, também, no próprio stock de não nacionais. Refira-se que, segundo a OIM(2012), as principais causas na justificação dos candidatos a buscarem o programa são, principalmente, o desemprego (46%) e os problemas de regularização (17,9%).

Gráfico 11: Total de candidatos inscritos e número de Candidatos inscritos brasileiros no Programa de Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal



Fonte: Base de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2015)

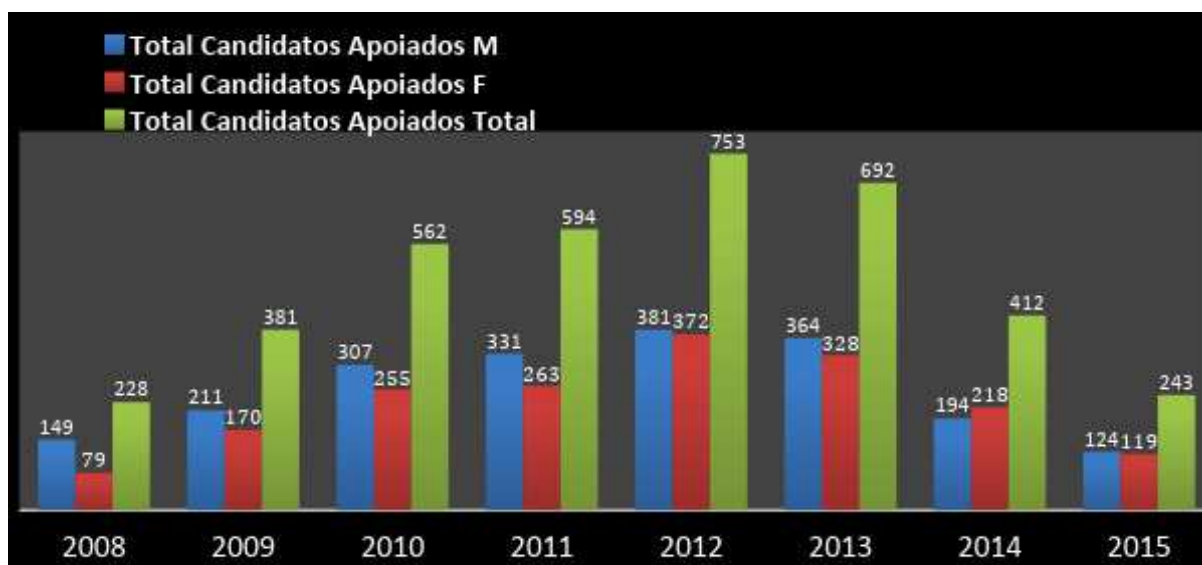
Nos gráficos 12 e 13, estão os dados do total de candidatos brasileiros apoiados segundo o género. Entre os anos 2008 e 2012, o apoio aos cidadãos brasileiros foi sempre crescente no total. Os candidatos apoiados até 2011 eram

retorno voluntário de cidadãos estrangeiros aos seus países de origem ou a Estados terceiros de acolhida inclinados a aceitá-los. Destina-se a imigrantes sem condições para ficar em países estrangeiros e que desejem retornar ao país de origem. A OIM fornece apoio logístico e financeiro, incluindo, além da passagem, auxílio para a documentação necessária. Em alguns casos, os imigrantes recebem assistência durante a viagem e um benefício financeiro para a reintegração pós-retorno – para abrir um negócio ou estudar, por exemplo. A ideia é evitar a reemigração. Cada pessoa recebe 750 euros. Esse programa é financiado pelo Fundo Europeu de Regresso e pelo Estado Português.

⁵² Os brasileiros são a nacionalidade com o maior número de inscritos no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário da OIM (PRV).

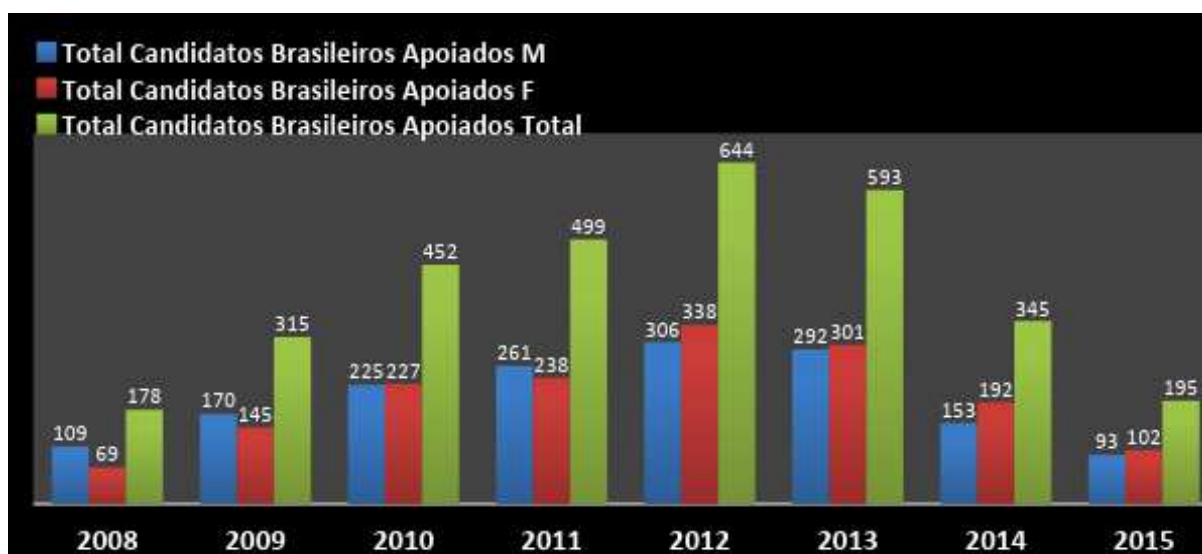
predominantemente do sexo masculino, observando-se, a partir de 2012, uma inversão que faz das mulheres brasileiras as principais utilizadoras do programa. Note-se que isto acontece no período em que o número de candidatos brasileiros, tanto homens como mulheres, experimenta uma redução contínua e progressiva (entre 2012 e 2015).

Gráfico 12: Total de candidatos apoiados e total de candidatos apoiados segundo o género, no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal



Fonte: Base de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2015)

Gráfico 13: Total de Candidatos Brasileiros Apoiados segundo género, no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário (PRV) da OIM, Portugal



Fonte: Base de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2015)

Foram apresentados dados estatísticos dos cidadãos estrangeiros e brasileiros residentes em Portugal, mais direcionados para o conhecimento e caracterização da “segunda” vaga migratória.

Os elementos que definem a “segunda” vaga migratória de brasileiros em Portugal, correspondem a uma maior feminização do fluxo e a uma concentração em idade ativa jovem (20-30 anos), o que aponta para uma migração laboral, seja relacionada ao sexo masculino, seja ao sexo feminino. As razões para migração foram principalmente económicas, identificando-se uma grande percentagem de indivíduos que detêm diplomas de nível médio (equivalente ao 12.º ano em Portugal). Muitos desempenham atividades profissionais pouco qualificadas, destacando-se a construção civil, os serviços de limpeza, cuidados de idosos e crianças, hotelaria e restauração. Bastante afetados pela crise económica de 2007/2008, os brasileiros em Portugal perderam rendimento e registaram um incremento significativo do desemprego que se refletiu na redução dos volumes de remessas e no aumento dos retornos. Como resultado disto (e do elevado número de naturalizações), o stock de brasileiros reduziu-se a partir de 2010.

Como as correntes migratórias entre Brasil e Portugal foram alteradas entre 2007 e 2014, como consequência da crise financeira, económica e social em Portugal e do crescimento económico do Brasil, os capítulos finais explorarão, para lá da perspetiva estrutural, as características e condições específicas da imigração brasileira para Portugal e do seu retorno (ou não).

5 MODELO DE ANÁLISE

A temática do estudo centra-se na migração brasileira para Portugal, fundamentando-se na construção do projeto de retorno ao Brasil e na identificação dos motivos que o condicionam, tendo por objeto de análise a “segunda” vaga migratória (período posterior a 1997/1998), que é caracterizada, como vimos, por uma maior diversificação das origens sociais e um número mais elevado de pessoas menos qualificadas, tendo ocorrido uma certo “processo de proletarização” (Malheiros, 2007). Nesse sentido, para guiar a pesquisa empírica, partimos do seguinte conjunto de questões de investigação:

- a) Que motivos/características justificam que alguns brasileiros não regressem num horizonte curto/médio e outros o façam?;
- b) Que tipos de capital associado à experiência migratória em Portugal facilitam a (re) inserção dos migrantes na vida quotidiana no Brasil?;
- c) Que tipos de problemas sentem os migrantes aquando da sua reinserção no Brasil? Quais as diferenças principais em relação ao momento de partida?;
- d) Após o retorno, os migrantes mantêm ligações a Portugal? De que tipo?

Como afirmámos no início, a imigração brasileira, como todas as migrações, é um processo dinâmico que sofre modificações sucessivas associadas aos contextos espaço-temporais, constituído por movimentos de pessoas entre o país de origem e o país de destino, o que justifica os objetivos gerais e os objetivos específicos que estabelecemos para este trabalho, e que relembramos aqui: objetivos gerais: Identificar e analisar as motivações de retorno e de que forma se processa a reinserção social dos imigrantes no Brasil; Identificar se os imigrantes regressados mantêm uma relação com Portugal e em que termos..

Objetivos gerais

- Identificar e analisar as motivações de retorno e de que forma se processa a reinserção social dos imigrantes no Brasil;
- Identificar se os imigrantes regressados mantêm uma relação com Portugal e em que termos.

Objectivos específicos

- Perceber o papel da crise económica portuguesa nas razões para o retorno;
- Identificar o contributo da presença em Portugal para a reinserção no Brasil;

- Verificar se existe um processo de reemigração dos retornados brasileiros para P outros países ou um eventual regresso a Portugal.

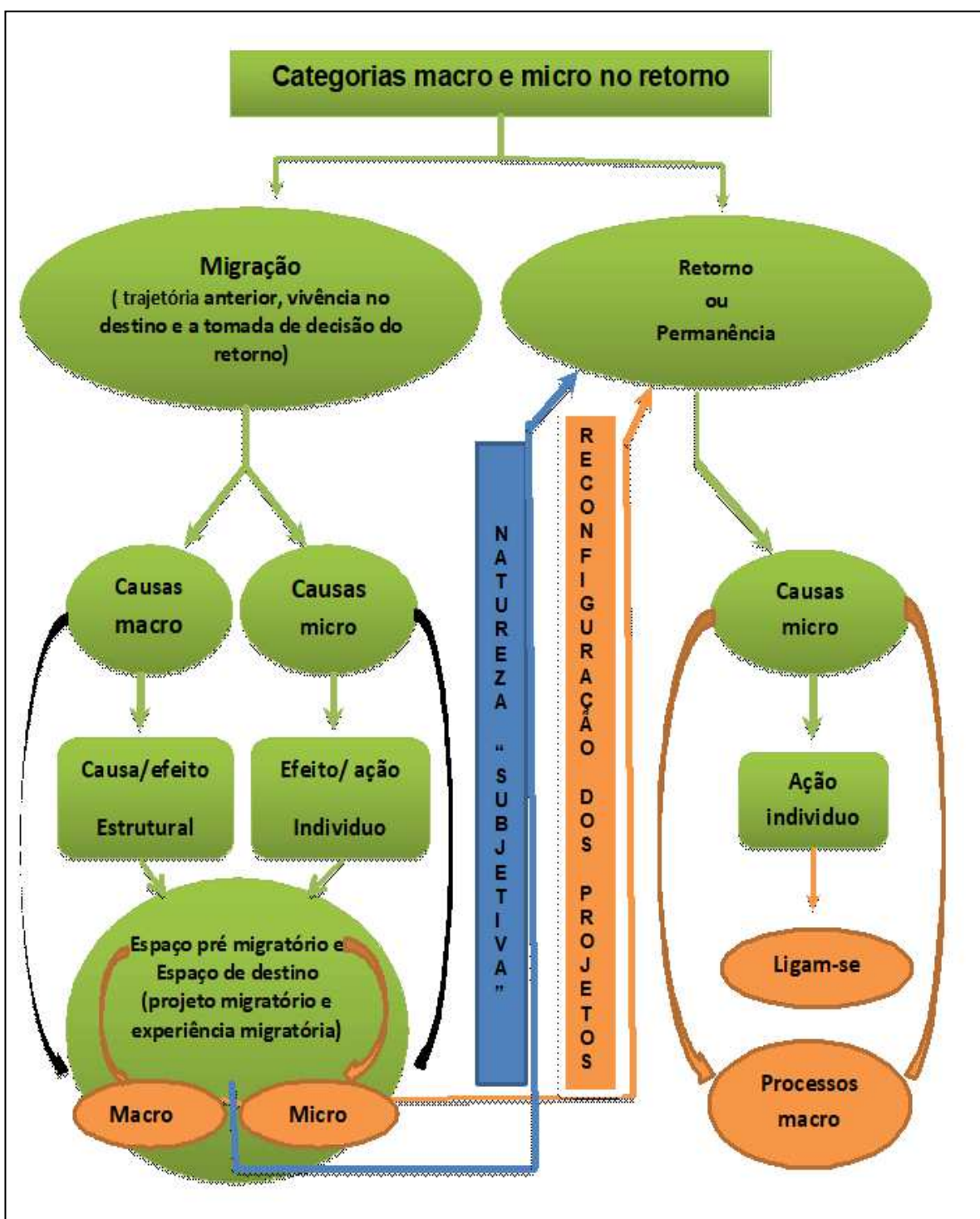
Com o propósito de contribuir para a investigação no âmbito das migrações internacionais, tenciona-se dar atenção às particularidades fundamentais e aos padrões da migração brasileira entre Portugal e Brasil, na perspectiva do projeto de retorno ao Brasil, procurando perceber os motivos que influenciam uns a regressar em um determinado tempo, outros a não tomarem essa decisão, fixando-se mais definitivamente no destino. Pretende-se perceber como as causas macro e micro se conjugam para incentivar e sustentar o retorno, a reemigração ou a permanência no destino. Por um lado, trata-se de entender o contexto económico de Portugal com a desaceleração da economia, após a crise económica em 2007/2008, e o crescimento economia brasileira, como fatores de arrefecimento do fluxo migratório e de intensificação dos retornos.

Estão expostos na figura 5 as componentes determinantes que compreendem as categorias micro e macro, como causas que estão ligadas ao *projeto migratório*, a *trajetória migratória* e o *retorno*. Neste sentido, a constante macro estrutural – crise económica em Portugal e o crescimento económico no Brasil, assim como, as componentes que integram e configuram a categoria micro - relacionadas ao projeto migratório, não só na conjuntura que antecede o retorno, mas também na trajetória antes da migração, a vivência no espaço de destino (experiência migratória) e o retorno ao país de origem (SAYAD, 2000). As causas macro e micro estimulam a migração, mas também incidem na tomada de decisão como estímulo ou conservação do retorno ao país de origem.

Antes de migrar, os projetos são de natureza “subjéctiva” (BOURDIEU, 2006), e estão relacionados a compreensão de que os sujeitos encontram-se no *definido tempo*, ou seja, em um *plano abstrato e de idealização* – no momento anterior à migração, o projeto é elaborado com base nessas expectativas. Posteriormente, e a partir da vivência migratória no espaço de destino, das relações que mantêm e das práticas quotidianas, o idealizado nem sempre se concretiza e o projeto migratório é reelaborado à medida que essas vivências vão se ampliando. Nesse contexto, os projetos migratórios são processos ativos, incompletos e que sofrem alterações. Novas práticas vão ser introduzidas a partir das vivências. Sendo assim, no caso dos imigrantes brasileiros, essas novas experiências ocorrem durante o período de permanência em Portugal, sejam elas de natureza individual ou familiar, vínculos

com pessoas e com o lugar, de domínio económico e social, gerando uma reconfiguração de seus projetos, que incluem a possibilidade de retorno ou de permanência.

Figura 5 - Categorias micro e macro como causas de permanência no país de destino ou de retorno ao país de origem



É importante realçar, como afirma Sayad (2000), que a ideia de retorno é inerente à condição do migrante, pois está presente no projeto migratório desde o seu início, sendo um elemento pertencente à constituição do fenómeno migratório - emigração e imigração. O retorno a cada circunstância é reinventado (SAYAD, 2000, 1998). Mas também a migração de retorno não é tida como definitiva, é uma “volta à “origem” transitória”, que requer processos mais amplos de mobilidade e até mesmo de reemigração, nos quais se incluem ligações transnacionais (MARGOLIS, 1994; PRIES, 1999).

No tempo de permanência do imigrante pode ocorrer ou não a “conservação” dos múltiplos vínculos com os seus lugares ou cidades de origem (embora muitos desses vínculos sejam perdidos pela ausência e ruptura em relação ao espaço de partida devido ao longo tempo de ausência/“presença”), mesmo que a sustentação dessas relações seja, atualmente, cada vez mais auxiliada por veículos facilitadores de interlocução/“contato” a partir das novas tecnologias de informação e comunicação. Estas ligações podem também ser alimentadas por meio de deslocações reais entre a terra natal e o espaço de destino, a manutenção dos laços familiares e de amizade e, também, a ativação de fluxos materiais – envio de dinheiro e aquisição bens, no quadro de práticas transnacionais (PORTES, 1996). É por meio de práticas transnacionais que os imigrantes desenvolvem dimensões sociais que permeiam divisas geográficas, culturais e políticas (SCHILLER, BASCH e SZANTON-BLANC, 1992, mencionado em GONÇALVES, 2009).

Como cita Carlos (1994:218), “O espaço e tempo são indissociáveis, e a memória revela essa indissociabilidade... a busca do tempo é a busca dos lugares da vida”. É assim reafirmada a conjugação inseparável entre espaço e tempo, porque um e outro terminam por atingir de modo direto as relações sociais e variadas práticas socioculturais, que se ampliam e tomam novas formas. A questão temporal corrobora para que o imigrante tenha um maior conhecimento do espaço social e geográfico do país de destino, o que auxilia na expansão das redes familiares para além das extensões de domicílio e trabalho, movendo-se para espaços de diversão/lazer, ampliando as relações de amizade seja com autóctones, seja com indivíduos de outras nacionalidades para além da sua.

A figura 6 mostra o processo de construção e reconstrução relativo ao sujeito em contexto de migração, trajetória migratória e retorno, onde a reprodução

simbólica⁵³ (percepção interna) exerce um papel fundamental na compreensão por meio dos sentidos - retida na memória, constituída de experiências fundamentais. No primeiro momento, *espaço de destino*, o sujeito imigrante duplica-se entre o eu e o outro - origem e destino, acontecendo o processo de reconhecimento e identificação no outro lugar - espaço simbólico com visíveis efeitos da reconstrução simbólica, que recai na identidade da própria pessoa (processo de desterritorialização/reterritorialização). Isto causa distanciamento face ao seu espaço de origem, sendo as relações simbólicas primitivas atenuadas ou mesmo anuladas. O imigrante, ao se identificar com o espaço simbólico correspondente ao "outro lugar" e procurar localizar novos padrões na medida em que a nova identificação é difícil e demorada, vai passar por um sentimento de estranheza/estranhamento.

No segundo *espaço* - "*origem*", os processos acontecem de forma oposta. Aquando do retorno, o sujeito "ex-emigrante" duplica-se entre o eu e o outro (emigrante que retorna à "origem" e imigrante que sai do destino), verificando-se diversas ocorrências que reproduzem, agora em contraponto, o processo que ocorre no espaço de destino, com destaque para a dificuldade de readaptação ao seu lugar de "origem" e a geração de um sentimento de não pertença.

No terceiro espaço *intermediário* - "*habitado/desabitado*", ocorre a negação do sujeito ao duplicar-se, mas o sujeito é ele mesmo duplicado, naquele que imigrou e retornou, podendo afirmar-se que esse sujeito ressignifica esse espaço e seus elementos de acordo com sua experiência. No espaço intermediário, há um processo de identificação e desidentificação com o espaço de imigração e emigração. Esta lógica consiste na intermediação entre os *espaços* - *deslocado* (espaço de origem) e *tempo-permanência* (espaço de destino) - ocasionando a distância ao país de origem e a vivência no tempo de migração no espaço de destino, *sentimentos associados ao novo quadro relacional* (manutenção da incompletude, ou de uma circularidade entre esses espaços). Segundo Winnicott, em (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1995:74), trata-se da "criação de fronteira onde o Eu e a realidade interna aprendem a ser um em relação a uma realidade

⁵³"Uma representação mental (ou representação cognitiva), na filosofia da mente, psicologia cognitiva, neurociência e ciência cognitiva, é um símbolo cognitivo interno hipotético que representa a realidade externa, ou então um processo mental que faz uso de um símbolo." Apesar do uso difundido em diferentes modelos que têm como unidade básica o indivíduo, existem limitações epistêmicas concernindo seu uso." FLÔRES (2008:166-181).

compartilhada de Outros”. Isto surge como resultado dos processos experienciados no espaço de destino e de origem.

A construção simbólica é, ao mesmo tempo, um ato de conhecimento e um ato afetivo, que está presente nas representações, quando estas evocam momentos, pessoas, lugares ou coisas. Trata-se de representações variadas que são guardadas na memória através de imagens ou através da sua ligação a fatos significativos, quer sejam reais ou transformados em mito (COSGROVE, 1998 e 1984; JOHNSTON, GREGORY e SMITH, 1994).

Os símbolos, quando evocados, executam uma função essencial, dando significação e sentido à realidade vivida pelas pessoas no meio em que estão inseridas (FERREIRA, 2007). Nessa perspectiva, nesses três espaços vividos pelo migrante: projeto migratório (origem), trajetória migratório (destino) e retorno (volta definitiva ou não), as relações afetivas são construídas, ressignificadas dando suporte a essas vivências e possibilitando a circularidade do sujeito nesses diferentes espaços. Esses elementos são significantes para sua decisão de retorno ou permanência.

Ainda com relação à figura 6, de acordo com Ferreira (2007), a representação simbólica atribui-se a partir do crescimento do Eu, ao dividir-se no duplo papel do Eu da vivência diária, com encanto e fascínio (do que é desejado) e no papel hétero – atribuído ao Outro (no espaço simbólico), com a sensação manifesta por temor e pelo amedrontamento (no espaço desconhecido e inexplorado). É no espaço estranho (o lugar do “outro” - o trajeto migratório) que mais ocorre a evolução do simbólico, segundo Ferreira (2007:22):

A produção das identidades sociais que abrangem a junção entre dois processos: o processo pelo qual os atores sociais assimilam em conjuntos mais amplos, de pertença ou de referência, com ele se organizando de modo direcional (processo de identificação); e o processo através do qual os agentes tendem a tornar-se independentes e a diferenciar-se socialmente, fixando em relação a outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identificação). O imigrante busca raízes identitárias (processo identificatório) no “outro lugar”, interpretando-as a partir das referências identitárias que trás do local de origem. As identidades são construídas e reconstruídas, pressionando o sujeito no “espaço estranho” – “outro lugar”, gerando estranheza em relação ao meio e o sentimento de estranhamento em relação a si mesmo. (FERREIRA, 2007:22).

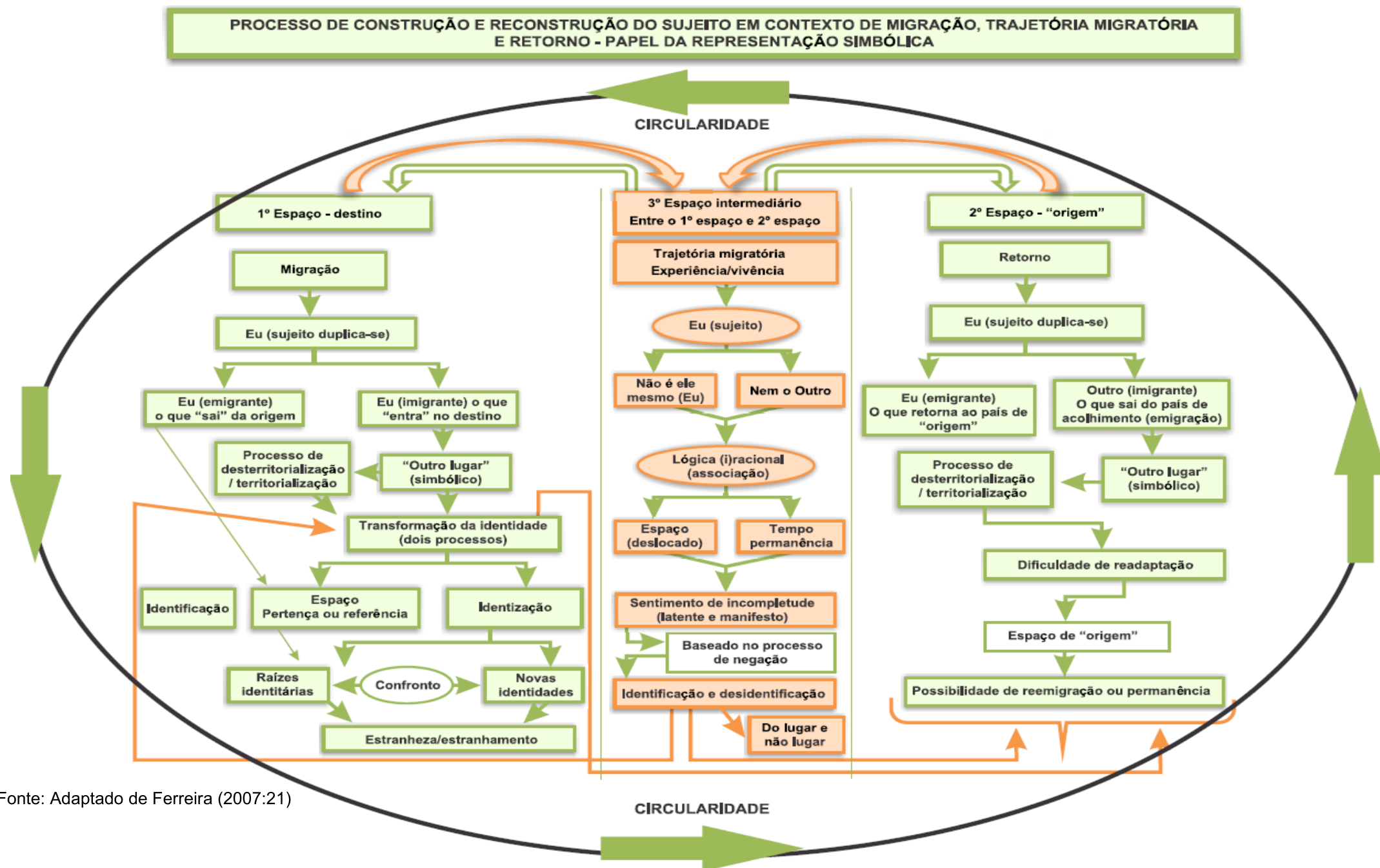
Acrescenta-se a essa perspectiva de um espaço estranho (o destino ou a trajetória migratória) e do que ocorre com o migrante no retorno, a emergência de um espaço intermediário que surge na lógica relacional entre esses dois primeiros espaços, no âmbito de um processo desenvolvido para ressignificar esse novo momento. Neste entender, o próprio sujeito é, ao mesmo tempo, o executor da criação mental e aquele que pode, de alguma forma, modificá-la. Isto requisita da própria pessoa, uma “condição empática”⁵⁴, do meio interno com o meio externo, sendo que todos esses processos colocam o sujeito em uma condição de circularidade permanente.

O que na psique⁵⁵, no sentido psicanalítico, é a junção de mecanismos mentais conscientes e inconscientes, que possibilitam aos seres humanos ajustarem-se ao meio circundante (social e temporal) por meio de processamentos de aprendizado.

⁵⁴ “A empatia envolve três componentes: afetivo, cognitivo e reguladores de emoções. O componente afetivo baseia-se na partilha e na compreensão de estados emocionais de outros. O componente cognitivo refere-se à capacidade de deliberar sobre os estados mentais de outras pessoas. A regulação das emoções lida com o grau das respostas empáticas. A empatia parte da perspectiva referencial que é pessoal a ela, ciente das próprias limitações em acurácia, sem confundir a si mesmo com o outro. Em outras palavras, seria o exercício afetivo e cognitivo de buscar interagir percebendo a situação sendo vivida por outra pessoa (em primeira pessoa do singular), além da própria situação”. Eres, R., & Molenberghs, P. (2013:1).

⁵⁵ A psique tem diversas funções: aquilo que se reflexiona, passa e o que a consciência aprende. No espaço físico, a psique é controlada pela cabeça - sensatez. Deste modo, associa-se a psique ao organismo: ou seja, não se trata de uma extensão independente que se possa separar do corpo.

Figura 6 - Processo de construção e reconstrução do sujeito em contexto de migração, trajetória migratória e retorno - Papel da representação simbólica



Dito isto, pode-se considerar que ser migrante é entendido a partir dos três momentos descritos: o *projeto migratório (origem)*, a *trajetória migratória (destino)* e o *retorno*. Nessa perspectiva, é relevante compreender como estes processos vivenciados influenciam os padrões da migração brasileira entre Portugal e Brasil e determinam ou condicionam o cotidiano do migrante. Esse é, pois, o modelo de análise de que lançaremos mão para responder às questões centrais que norteiam essa investigação.

5.1 ROTEIRO DE PESQUISA/METODOLOGIA

A metodologia da investigação estabelecida aborda o estudo da migração brasileira para Portugal, centrando-se na construção do projeto de retorno ao Brasil e na identificação dos motivos que o determinam, tendo por recorte temporal a “segunda” vaga migratória, período posterior a 1997/1998 e até ao ano de 2015.

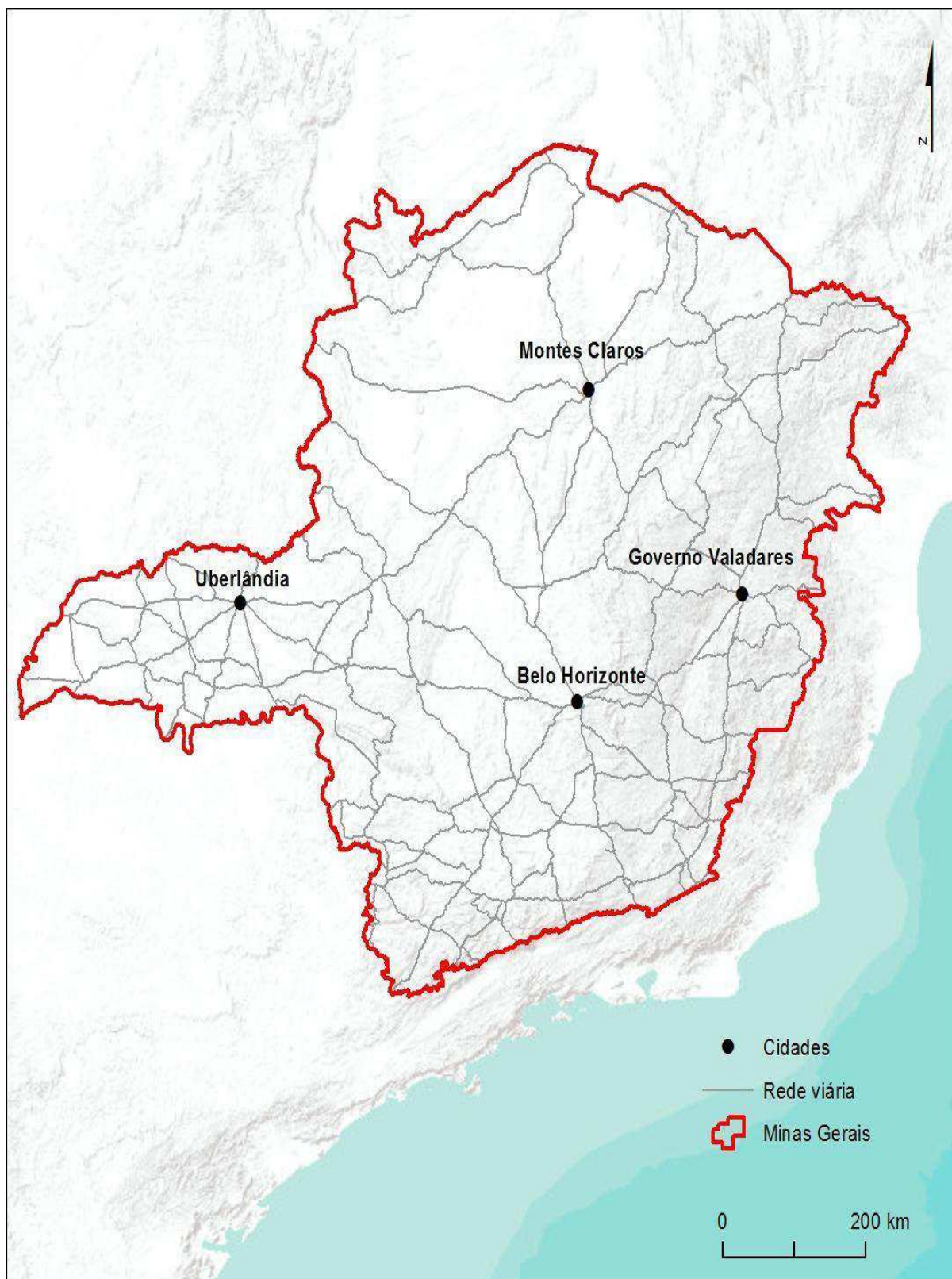
Como critério de suporte metodológico recorreremos às técnicas quantitativas e qualitativas, para atingir uma compreensão holística do objeto de estudo, em termos macro (aspectos estruturais e de enquadramento; caracterização geral, tipologias), e em termos micro (explicações profundas dos processos, opções e estratégias dos sujeitos). Os métodos quantitativos (baseados em fontes secundárias) abrangerão o tratamento de dados estatísticos recolhidos em Portugal e no Brasil, que incluem elementos produzidos pelo IBGE, os recentes Censos dos dois países, a informação proveniente da OIM relativa ao Programa de Retorno Voluntário, os dados do SEF, e ainda dados por amostragem recolhidos em estudos recentes sobre imigração brasileira para Portugal. Os métodos qualitativos (fontes primárias) resultarão da aplicação de uma estratégia multi-situada na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e Norte Litoral (Porto e Braga), como lugares de maior concentração de imigrantes brasileiros, entre eles, os provenientes do estado de Minas Gerais, a principal região de origem destes. Como espaço de operacionalização da análise do retorno, elegemos uma subárea do Estado de Minas Gerais, que corresponde à cidade de Governador Valadares e municípios vizinhos, designada como microrregião de Governador Valadares (Figuras 8, 9 e mapa incluído no subcapítulo 3.2).

Figura 7 - Mapa do Brasil com Estado de Minas Gerais, onde está localizada a Cidade de Governador Valadares.



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Figura 8 - Mapa do Estado de Minas Gerais com algumas das principais cidades. Área de estudo: Governador Valadares.



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

A entrevista estruturada foi o instrumento utilizado para coleta de dados. As perguntas não tinham um seguimento fixo, o que possibilitou ao entrevistado/a “falar à vontade”, embora em alguns momentos exista a necessidade de reencaminhar a entrevista, na ocorrência deste se afastar muito do roteiro. O tempo deixado ao entrevistado para responder às perguntas não é pré-estabelecido para que este consiga falar espontaneamente.

A amostra de entrevistados é intencional, específica e não probabilística⁵⁶. Tanto no Brasil como em Portugal utilizou-se a técnica “bola de neve”⁵⁷, tendo como sujeitos brasileiros maiores de 18 anos que tenham migrado em fins dos anos 1990. A pesquisa foi realizada no Brasil nos meses de Março a Maio de 2014, na cidade de Governador Valadares, situada na Microrregião de Governador Valadares que tenham retornado de Portugal. Essa cidade foi selecionada em função do percentual de brasileiros dessa localidade que emigram para Portugal. Foram aplicadas 50 entrevistas gravadas em cassete e posteriormente transcritas na íntegra, executando-se também uma súmula dos gestos observados.

Em Portugal, também foram realizadas 50 entrevistas e as características geográficas básicas dos entrevistados, tanto do Brasil como de Portugal, podem ser observadas nos anexos (E e F).

Os guiões de entrevista - anexos G e H – foram construídos de maneira a captar o número máximo informações dos indicadores da intensidade e constituição dos fluxos migratórios (demografia, social, de género, geografia), bem como a caracterização dos imigrantes brasileiros na sociedade portuguesa e no mercado de trabalho. Por sua vez, no Brasil, o guião de entrevista inclui variáveis de retorno a partir do contexto económico de Portugal e crescimento da economia brasileira, assim como a análise de retorno nos locais de origem dos imigrantes e a relação mantida entre locais de origem e de destino. O conjunto de questões principais, comporta: dados particulares da pessoa; história do processo migratório (desde o momento que concebe o desejo de migrar e migração - última migração), vivência e perspectiva migratória; as razões para permanecer em Portugal e construção do

⁵⁶ Exemplo, escolher uma amostra buscando por pessoas para serem entrevistadas (no caso, indicadas pelos entrevistados ou não, como conhecidos de outras pessoas...), onde metade precisa ser homens e a outra metade mulheres (coincidindo com a distribuição assumida na população). Isso representa um critério de amostra não probabilística.

⁵⁷ Baseia-se no participante convidar ou indicar novos participantes da sua rede de parentes, amigos e conhecidos, em lugares variados.

projeto de retorno. No caso dos retornados para o Brasil, as razões para o retorno, dificuldade no retorno, readaptação ao local de origem.

Os dados recolhidos nas entrevistas foram classificados e, a partir das categorias definidas tendo como ponto de partida o modelo analítico, buscou-se conseguir avaliar/compreender o processo migratório, a influência do tempo na permanência do imigrante, a experiência migratória, o contexto que conduziu ao regresso (ou ao modo como este é perspectivado) e a mobilidade socioeconómica e profissional no país de recepção e na dinâmica do retorno. Embora esta informação seja de natureza qualitativa, para além do recurso a “falas” dos entrevistados, procedeu-se a uma sistematização em quadros estatísticos simples, sem qualquer pretensão de generalização, de modo a obter uma leitura mais clara e relacional, frequentemente, privilegiando uma dimensão de género.

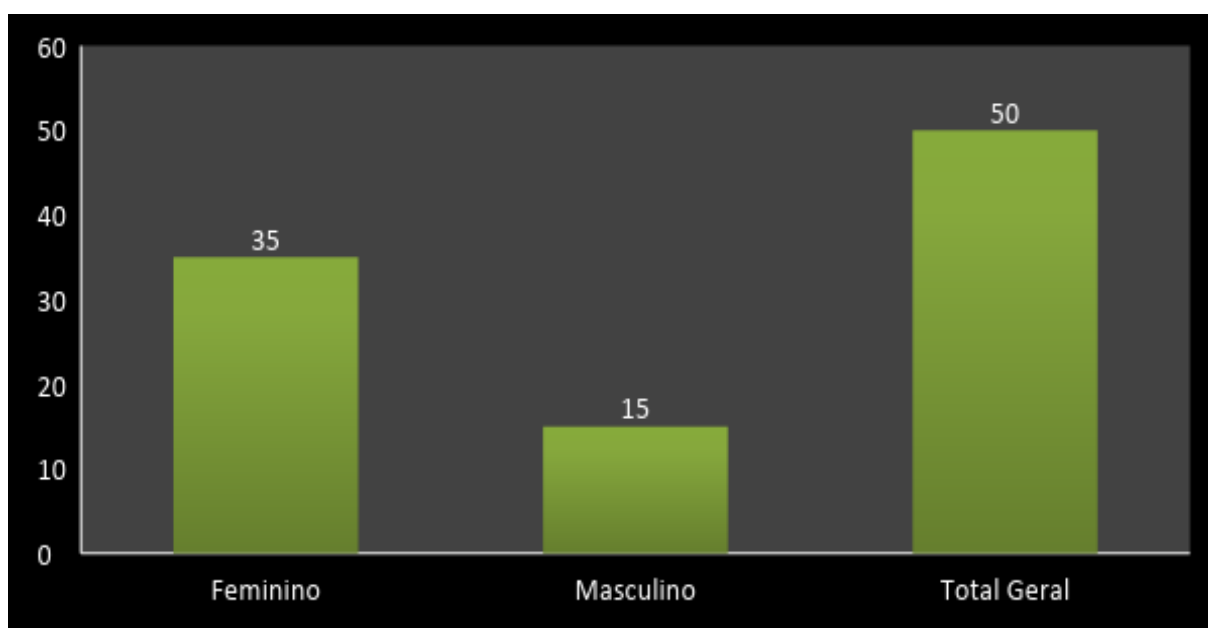
6 BRASILEIROS EM PORTUGAL E BRASILEIROS QUE RETORNARAM PARA A CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES E ARREDORES: ANÁLISE DOS DADOS

Ao iniciar este capítulo, queremos lembrar que se trata de um estudo multiterritorial de natureza eminentemente qualitativa apoiado numa amostra intencional de entrevistados e com utilização de dados secundários sujeitos a tratamento quantitativo, para complementar as análises, cuja explicitação mais detalhada é efetuada nas páginas que se seguem.

6.1 BRASILEIROS EM PORTUGAL

Foram realizadas 50 entrevistas com brasileiros em Portugal oriundos do Estado de Minas Gerais. Os entrevistados residem no Norte Litoral – Porto e Braga e Área Metropolitana de Lisboa – AML. O gráfico 14 apresenta os números dos brasileiros imigrados para Portugal, somam 35 mulheres e 15 homens. Como vimos anteriormente, a migração brasileira em Portugal constitui um dos coletivos de imigrantes mais feminizados, especialmente a partir da denominada “segunda vaga”, entre finais dos anos 1990 e até ao ano de 2015 (recorte temporal).

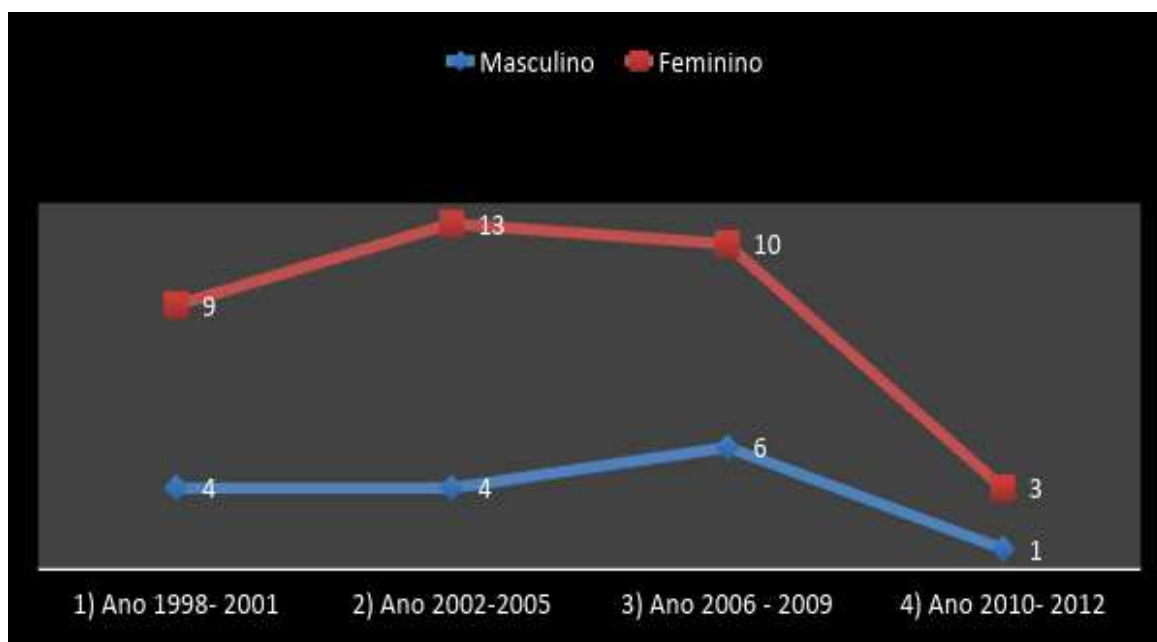
Gráfico 14: Número de brasileiros entrevistados em Portugal, por sexo



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Analisando o momento de migração dos entrevistados (gráfico 15), com início em 1998, ano que marca o começo da denominada “segunda” vaga migratória, observa-se que o ápice do fluxo migratório deu-se nos anos de 2002 a 2005, embora com muito pequena diferença para o período 2006-2009, quando um ligeiro aumento nos homens compensa a redução verificada nas mulheres. Destaca-se que essa mesma constatação é verificada em estudos realizados sobre a imigração brasileira em Portugal, como é apontado nos projetos *THEMIS* e *Vagas Atlânticas*, o que ajuda a sustentar a pertinência da nossa amostra que, lembramos, não é representativa, mas sim ilustrativa e intencional. Salienta-se que este período antecede a forte crise económica e financeira que atingiu Portugal, tendo nele ocorrido diversos fatores (e.g. implementação da moeda única – o Euro – a partir de 2002, acordo Lula em 2003 que possibilitou regularizações de brasileiros como foi explicado em capítulo anterior - anexo D, nova lei da imigração em vigência a partir de 2007) que ajudam a compreender a intensificação do fluxo.

Gráfico 15: Ano de migração para Portugal, por sexo



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Em Portugal, a crise económica teve início explícito no ano 2007/2008, consequentemente, a desaceleração económica explica largamente a redução do

fluxo migratório a partir do ano de 2010, elemento claramente perceptível neste gráfico e confirmado pelas estatísticas oficiais.

Conforme a distribuição etária (quadro 17), 32% do grupo de brasileiros estudados têm entre 19 e 32 anos (16 entrevistados) e, entre 33 e 42 anos, 22 entrevistados (44%). Trata-se de uma amostra de imigrantes jovens em idade ativa, que chegou em um momento bastante precoce do seu ciclo de vida⁵⁸, influenciados por várias circunstâncias, pois para além de virem à procura de trabalho, principalmente o grupo mais jovem, encontrou motivação no espírito de “aventura”, associado a conhecer outra cultura, economia e sociedade, o que implica empenho e alguns riscos. Contudo, há que referir a existência de 12 inquiridos (24%) com idade entre 43 e 58 anos, o que aponta para uma componente minoritária mais “madura” dos imigrantes brasileiros que estará associada a fluxos iniciais ocorridos numa fase um pouco mais avançada do ciclo de vida e, sobretudo, para um prolongamento do tempo de residência em Portugal.

Considerando as diferenças por sexos, o quadro 17 aponta para uma juventude um pouco mais acentuada na componente feminina do fluxo.

Quando 17: Faixa etária de imigrantes brasileiros entrevistados (idades no momento da entrevista), por sexo

Faixa etária imigrantes brasileiros entrevistados, por sexo	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total geral	Total %
1) 19 – 32	3	20	13	37,1	16	32
4) 33 – 42	8	53,3	14	40	22	44
6) 43 – 58	4	26,6	8	22,8	12	24
Total Geral	15	100	35	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* A média da idade dos entrevistados quando migrou para Portugal era de 25 anos e a média da idade atual 36 anos.

Quanto ao estado civil atual (quadro 18), mais da metade dos entrevistados é casado (29 entrevistados - 58%) e 3 entrevistados (6%) vivem em uma união de fato. Os solteiros somam 14 (28%) e 4 (8%) estão separados/divorciados.

⁵⁸ Atente-se a diferença de idades médias entre o momento da entrevista e o momento de chegada, em que aquela era de apenas 25 anos.

Considerando o estado civil por sexos, não se detetam diferenças significativas na amostra, embora o número das mulheres em uma relação conjugal (21 casadas e 2 vivendo em uma união de fato – 66% do total de mulheres), seja um pouco superior ao dos homens (60% destes estão em uma relação conjugal - 8 são casados e 1 vive em união de fato).

Quadro 18: Estado civil atual dos imigrantes brasileiros, por sexo

Estado civil atual	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total geral	Total %
1) Casado	8	53,3	21	60	29	58
2) Solteiro	4	26,7	10	28,5	14	28
3) Separado/divorciado	2	13,3	2	5,7	4	8
4) União de fato	1	6,6	2	5,7	3	6
Total Geral	15	100	35	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Com relação à nacionalidade dos cônjuges/parceiros dos entrevistados (quadro 19), verifica-se que as relações com cônjuges/parceiros portugueses apenas ocorrem entre as mulheres brasileiras (em 35, 9 são casadas ou vivem em união de fato com portugueses). Isto está em sintonia com o que referimos no capítulo 4, a propósito de os casamentos mistos ocorrido em Portugal entre cidadãos/ãs portugueses/as e brasileiras/os envolver quase cinco vezes mais mulheres brasileiras do que homens brasileiros. Neste quadro, com uma amostra pequena como a desta tese, a probabilidade de não ter nenhum homem brasileiro com uma relação conjugal com uma portuguesa era elevada.

Refira-se, contudo, que a situação mais frequente é ter cônjuges/parceiros de nacionalidade brasileira (46% dos casos), tanto entre os homens (9 situações entre os 15 inquiridos), como entre as mulheres (14 casadas ou em união de fato). Não se verifica nenhuma relação conjugal com homens ou mulheres de outras nacionalidades entre os imigrantes brasileiros entrevistados. Não foi constatada a existência de famílias transnacionais ou até mesmo afastadas pela migração, pois

no momento das entrevistas todos os cônjuges/parceiros estavam vivendo em Portugal. Os outros 18 (36%) dos entrevistados são solteiros.

Quadro 19: Situação do Cônjuge/parceiro, por nacionalidade

Cônjuge/parceiro em Portugal ou não	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total geral	Total %
1) Casado/União de fato (cônjuge/ parceiro brasileiro (a))	9	60	14	40	23	46
2) Não tem. É solteiro/ divorciado ou separado (a)	6	40	12	34,3	18	36
3) Casado/união de fato (cônjuge/parceiro português)	0	0	9	25,7	9	18
Total Geral	15	100	35	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* Todos os cônjuges/parceiros residiam em Portugal no momento da entrevista.

Para saber se o companheiro ou cônjuge atual é o mesmo antes da migração ou não, ou se o companheiro ou cônjuge dessa união aconteceu no percurso migratório (quadro 19) foi necessário fazer o cruzamento de dados do estado civil atual (quadro 18) (quando foi entrevistado em Portugal) com o estado civil quando migrou (recolhido nas entrevistas). Uma primeira observação demonstra que, no momento em que ocorreu a migração, os casados e numa união de fato somam 32% (16 entrevistados), e os solteiros e separados/divorciados 68%. No que respeita ao estado civil atual, os casados e numa união de fato somam agora o dobro (64%), 29 casados e 3 união de fato, enquanto os solteiros e separados/divorciados se reduzem para 36% (14 solteiros e 4 união de fato) (quadro 18).

Numa observação com mais detalhe (quadro 20), confirma-se que 12 (24%) cônjuges ou parceiros acompanharam e permanecem juntos na migração e 4 (8%) não acompanharam, ocorrendo a junção física a *posteriori*. No momento da migração, 34 entrevistados (68% do total) eram solteiros ou estavam separados/divorciados. Durante o percurso migratório em Portugal ocorrem 17⁵⁹

⁵⁹ A diferença entre o número efetivo de casamentos (17) e o valor que aparece no quadro 20 (16 matrimónios ocorridos em Portugal), deve-se ao fato de um destes já se ter desfeito, sendo o entrevistado colocado na categoria “Não tinha relação conjugal”.

casamentos: no caso das mulheres, 9 casam com portugueses e os restantes correspondem a casamentos entre brasileiros(as).

Quadro 20: Cônjuge/parceiro acompanhou na migração, acompanhou após a migração ou no percurso migratório ocorre casamento/união de fato, separação/divórcio

Cônjuge/parceiro acompanhou ou não na migração (partida)	Total	Cônjuge/parceiro acompanhou após a migração ou cônjuge ou parceiro acontece no percurso migratório	Total
1) Não acompanhou/ veio antes ou depois (casado, união de fato)	4	1) Sim (migrou do Brasil ou já estava em Portugal)	16
2) Acompanhou (casado, união de fato)	12	2) Não tinha relação conjugal (Solteiro, separado, divorciado...)	18
3) Não tinha relação conjugal (solteiro, separado, divorciado...)	34	3) Casou em Portugal (com brasileiro ou português)	16
Total Geral	50	Total Geral	50

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Para a análise do nível de instrução atual e no momento de migração dos entrevistados (quadros 21 e 22), foi feita uma correspondência entre as escolaridades organizadas pelo regime de ensino do Brasil e pelo regime em Portugal. Em termos gerais, observa-se que a escolaridade do momento em que veio do Brasil para o momento atual em Portugal (em que foi entrevistado) regista um aumento, designadamente no que respeita aos níveis de escolaridade superior, com o aparecimento de entrevistados com mestrados e doutoramentos, situação inexistente aquando da saída do Brasil (quadros 21 e 22). Relembre-se que os entrevistados quando migraram para Portugal eram bastante jovens, como pode ser observado no quadro 17, correspondendo a média de idade no momento de saída a 25 anos. Para alguns dos entrevistados foi possível dar continuidade aos estudos em Portugal, o que se traduziu na obtenção de mestrados e doutoramentos.

Como está exposto, no quadro 22, mais de metade dos entrevistados (8 homens e 21 mulheres) possuíam, à data da entrevista, diploma do secundário completo (ensino médio 2º grau), o que parece confirmar a relevância das qualificações intermédias entre os brasileiros que integram a 2ª vaga migratória. Em relação aos que possuem até ao secundário incompleto – até o 9º ano, detetam-se apenas 3 homens e 5 mulheres. Com qualificações de nível universitário, entre licenciatura incompleta e doutoramento, aparecem 11 inquiridos, o que mostra que a

distribuição das qualificações se inclina mais para o nível superior do que para os níveis mais básicos, confirmando-se a importância da presença de brasileiros com graus académicos no mercado de trabalho português, mesmo que esta se tenha atenuado, em termos relativos, nesta segunda vaga migratória.

Quadro 21: Escolaridade quando migrou para Portugal por sexo

Escolaridade quando migrou para Portugal	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total geral	Total %
1) Básico (Ensino fundamental – 1º grau – até 4 série / 5º ano)	3	20	1	2,8	4	8
2) Secundário incompleto (1º grau – 5º à 8ª série/ 9º ano)	1	6,7	5	14,2	6	12
3) Secundário Completo (2º grau/ 12º ano)	9	60	22	63	31	62
4) Universitário incompleto (Licenciatura incompleta)	1	6,7	3	8,5	4	8
5) Universitário completo (Licenciatura completa)	1	6,7	2	5,7	3	6
6) Técnico (ensino profissional)	0	0	2	5,7	2	4
Total Geral	15	100	35	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Quadro 22: Escolaridade atual em Portugal, por sexo

Escolaridade atual em Portugal	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total geral	Total %
1) Básico (Ensino fundamental – 1º grau – até 4 série / 5º ano)	1	6,6	2	5,8	3	6
2) Secundário incompleto (1º grau – 5º à 8ª série/ 9º ano)	2	13,3	3	8,5	5	10
3) Secundário completo (2º grau/ 12º ano)	8	53,4	21	60	29	58
4) Universitário incompleto (Licenciatura incompleta)	3	20	2	5,8	5	10
5) Universitário completo (Licenciatura completa)	0	0	1	2,8	1	2
6) Técnico (ensino profissional)	0	0	2	5,8	2	4
7) Mestrado	1	6,6	3	8,5	4	8
8) Doutoramento (último ano)	0	0	1	2,8	1	2
Total Geral	15	100	35	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

De resto, como também foi indicado em estudos anteriores, como *Vagas Atlânticas* e *Themis*, com respeito ao nível de escolaridade dos imigrantes brasileiros, estes revelam um grau de habilitações literárias mais elevado do que a média observada em Portugal.

Com relação ao trabalho exercido pelos entrevistados no Brasil antes da migração e imigrados em Portugal quando foram entrevistados (quadro 23), observa-se uma concentração maior no setor terciário (atividades de comércio e prestação de serviços), tanto no Brasil como em Portugal. No entanto, os ramos de serviços em que se empregam no Brasil e em Portugal registam algumas diferenças, com destaque para uma maior concentração dos trabalhadores antes da migração em serviços pouco qualificados (28 entrevistados – 56%), nomeadamente os vendedores 12 pessoas (24%). Relativamente à situação em Portugal, verifica-se uma redução da categoria descrita (passa para 19 entrevistados – 38%), enquanto a categoria dos empregados de café e restauração aumenta substancialmente, passando de 2 para 16 entrevistados).

Outras diferenças que merecem referência dizem respeito à ligeira diminuição de patrões/empregadores e de prestadores de serviços semi-especializados na transição do mercado de trabalho brasileiro para o português, o que parece apontar para algumas situações de inserção profissional desqualificante, tão frequentes entre os migrantes. Efetivamente, parece evidenciar-se um desequilíbrio entre a formação de alguns imigrantes brasileiros (e.g. com formações técnicas, cursos superiores) e os trabalhos que desempenham em Portugal. Quando não conseguem colocações no mercado de trabalho que se adequem às qualificações que possuem, pode ocorrer um nível de desqualificação significativo, como já exposto em alguns estudos (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2007; OCDE, 2008). Por sua vez, a necessidade em ter um trabalho e a oferta de trabalho no país de migração, condicionam os imigrantes a aceitarem trabalhos menos qualificados de baixo salário.

Finalmente cabe referir que o número de estudantes também diminui durante o percurso migratório em Portugal, sendo de assumir como hipótese que a aquisição de formação superior se faça, para estes imigrantes brasileiros, no quadro de um estatuto de trabalhador-estudante.

Quadro 23: Imigrantes brasileiros por ocupação profissional antes de migrar e em Portugal

Imigrantes brasileiros por ocupação profissional	No Brasil antes de migrar	%	Em Portugal	%
1) Por conta de outrem - Serviços não qualificados (empregadas domésticas, faxineira, promotora, vendedora, babá, auxiliar de estética, manicura, cuidadora de idoso, pintor da construção civil, costureira, secretária, corretor de imóveis...)	28*	56	19	38
Café e restauração	2	4	16	32
Serviços semiespecializados (agente de saúde, assistente dentária)	2	4	1	2
2) Trabalhador independente qualificado (dentista)	3	6	3	6
Trabalhador independente semiquualificado (protético)	1	2	1	2
Trabalhador independente não qualificado (construção civil – pedreiro)	1	2	1	2
3) Patrão/ empregador – tem seu próprio negócio (dona de café, construção civil – emprega mais que uma pessoa)	3	6	2	4
4) Estudante	8	16	4	8
5) Desempregado, dona de casa (“não tem emprego”)	2	4	3	6
Total	50	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015).

* Profissão exercida no Brasil antes da migração para Portugal, dos 28 que trabalham em serviços não qualificados, 12 desses são vendedores (comerciários).

*Sobre a remuneração desses trabalhadores por conta de outrem (com contrato de trabalho) recebem um salário mínimo nacional por uma jornada de 8h diárias, com duas folgas por semana, tanto no Brasil como em Portugal. Em Portugal, alguns entrevistados afirmaram que muitas vezes trabalham além do horário combinado ou que está no contrato de trabalho.

No tocante ao número de brasileiros desempregados em Portugal, como é observado no quadro 23, não é relevante - 6% (3 pessoas) dos 50 entrevistados. E isto em um momento (ano de realização dos questionários) em que os efeitos da crise económica, financeira e social portuguesa ainda se faziam sentir com acuidade sobre os imigrantes, tendo gerado a diminuição de postos de trabalho e até mesmo a redução dos salários.

6.2 BRASILEIROS QUE RETORNARAM PARA A CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES E ARREDORES, MINAS GERAIS

Muitos brasileiros que foram viver para Portugal nas décadas de 1980 e 1990 resolveram retornar para o Brasil, sobretudo após aquele país começar a vivenciar o contexto de uma intensa crise económica, a partir do ano de 2007/2008. Até então, o

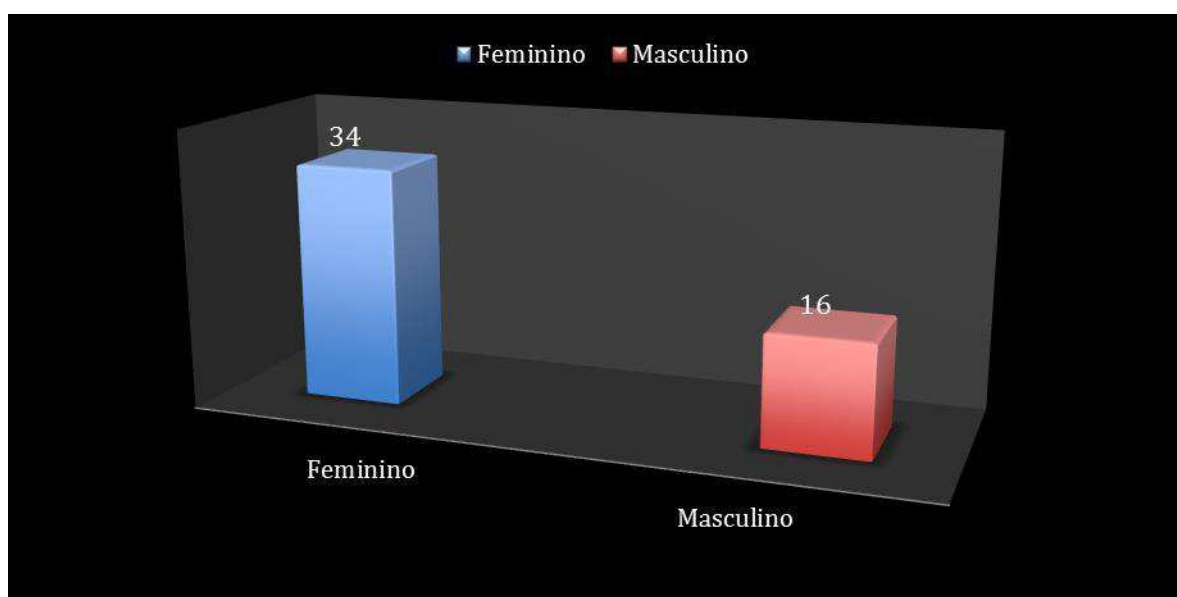
retorno ocorria em pequeno número e era considerado uma etapa normal, implementada por uma parte dos migrantes, no quadro do movimento migratório internacional.

É certo que no projeto migratório o imigrante sustenta o desejo de melhorar sua posição socioeconômica no país de origem, mas em contexto de recessão econômica no país de destino, para além de ser estimulada a diminuição do fluxo de entrada, tende a ocorrer o aumento do retorno. A crise financeira no país de destino, consequente falta de emprego, maior concorrência, diminuição dos salários e aumento do custo de vida contribuíram para aumentar o percentual de retorno.

Nesta seção estão expostos os dados dos 50 entrevistados brasileiros que retornaram de Portugal para a cidade de Governador Valadares e arredores. Como mencionámos no início deste trabalho, 10 desses entrevistados são filhos de emigrantes nascidos no Brasil que acompanharam, numa idade muito jovem, a emigração dos seus pais (mãe ou pai e mãe) para Portugal e, alguns anos depois, o retorno destes para o Brasil.

O gráfico 16, apresenta o número de retornados por sexo, somando 34 mulheres e 16 homens, mantendo-se, portanto, no quadro do fluxo de retorno, a sobre-feminização que caracteriza a emigração brasileira para Portugal. Por este motivo, a nossa amostra intencional respeitou estas indicações.

Gráfico 16: Número de brasileiros retornados, por sexo

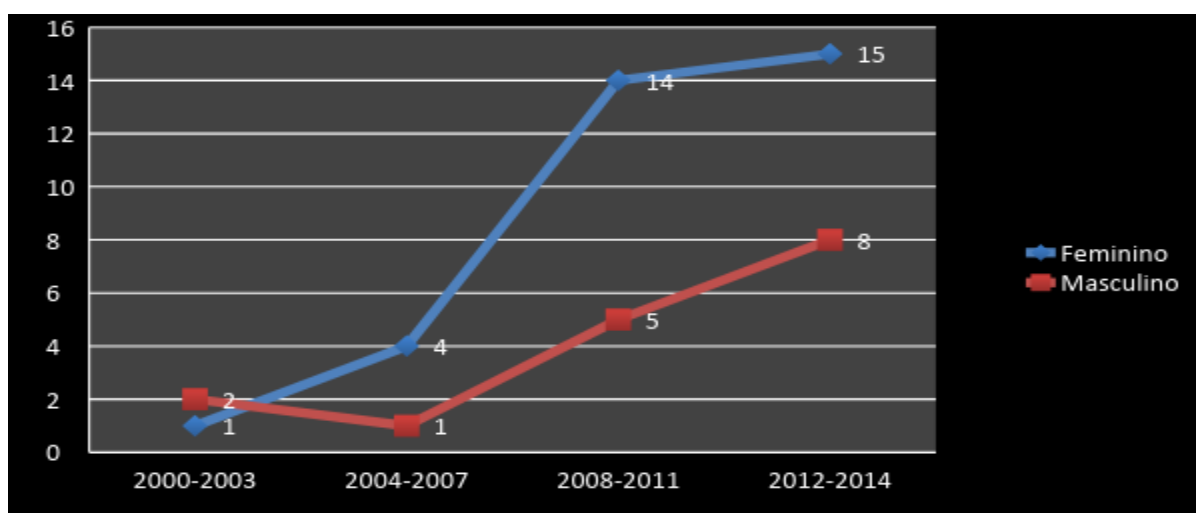


Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Dos 50 entrevistados, 6 homens haviam já reemigrado para Portugal.

Com relação ao retorno dos entrevistados (gráfico 17), este intensifica-se no ano de 2008, coincidindo com o agravar das condições económicas e sociais em Portugal⁶⁰. Por outro lado, como mencionámos na *Introdução* deste trabalho, o Brasil conhecia, neste período, uma nova fase de crescimento económico que fortalecia o seu grau de atração. Neste contexto, confirma-se o aumento da entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil, verificando-se também o retorno de muitos brasileiros que residiam no exterior, sendo de destacar que Portugal aparece na terceira posição dos países com mais brasileiros que regressam, estando os Estados Unidos e o Japão na frente. (SIQUEIRA, 2010). Assim, entrava o Brasil em um novo período da migração internacional, caracterizado por um reforço das entradas e uma redução nas saídas (SIQUEIRA e SANTOS, 2012; PEIXOTO *et al.*, 2015).

Gráfico 17: Ano de retorno por sexo



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Conforme a disposição da faixa etária (quadro 24), 40% dos entrevistados que retornaram têm idade entre 18 e 31 anos (20 pessoas), o que revela uma forte juventude no momento do retorno que é claramente influenciada pela inclusão dos filhos que migraram para Portugal e depois regressaram ao Brasil acompanhando os seus pais.

⁶⁰Nesta amostra, não se notam diferenças entre a proporção de retornos de homens e de mulheres, antes (poucos regressos) e depois da crise espoletada em 2007 (forte aumento dos retornos de homens e mulheres).

Entre 32 e 41 anos identificam-se 15 regressados (30% do total), o que demonstra o significado dos retornos de ativos jovens. Também em idade ativa, embora mais madura, encontram-se os 10 regressados (20% do total) situados na faixa etária entre 42 e 51 anos, havendo apenas 5 entrevistados no Brasil com mais de 51 anos, na sua maioria com idades abaixo da referência para a reforma. Se considerarmos que estas idades foram recolhidas no momento da entrevista e que esta, em muitos casos, ocorreu vários anos após o regresso dos migrantes, podemos afirmar estar perante um processo de retorno que se verifica, maioritariamente, numa fase ainda precoce do ciclo de vida, justificando uma reinserção na vida ativa no Brasil (e não apenas o gozo da reforma).

Estas características da faixa etária dos entrevistados que retornaram, conforme pode ser observado no quadro 24, requerem da sociedade de recepção bastante atenção, pois o perfil, da grande maioria, é de trabalhador na idade economicamente ativa. Este fato provoca um impacto no mercado de trabalho das pequenas cidades que não têm oferta de emprego suficiente para atender a demanda desses retornados. Isso demonstra a necessidade de pensar estratégias para a reinserção social e laboral dos regressados.

Complementarmente deve referir-se que, nos casos entrevistados, a situação detetada parece apontar para estadias não muito prolongadas em Portugal, havendo agora que confirmar, com amostras mais amplas e para um período de tempo mais extenso relativamente aos anos de início da denominada segunda vaga (2007/2008), se o padrão de regressos detetado é passível de generalização.

Quadro 24: Faixa etária dos brasileiros retornados, por sexo

Faixas etárias	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total Geral	Total %
1) 18 – 31	13	38,2	7 *	43,7	20	40
2) 32 – 41	10	29,4	5	31,2	15	30
3) 42 – 51	8	23,5	2	12,5	10	20
4) 52 e mais anos	3	8,9	2	12,5	5	10
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

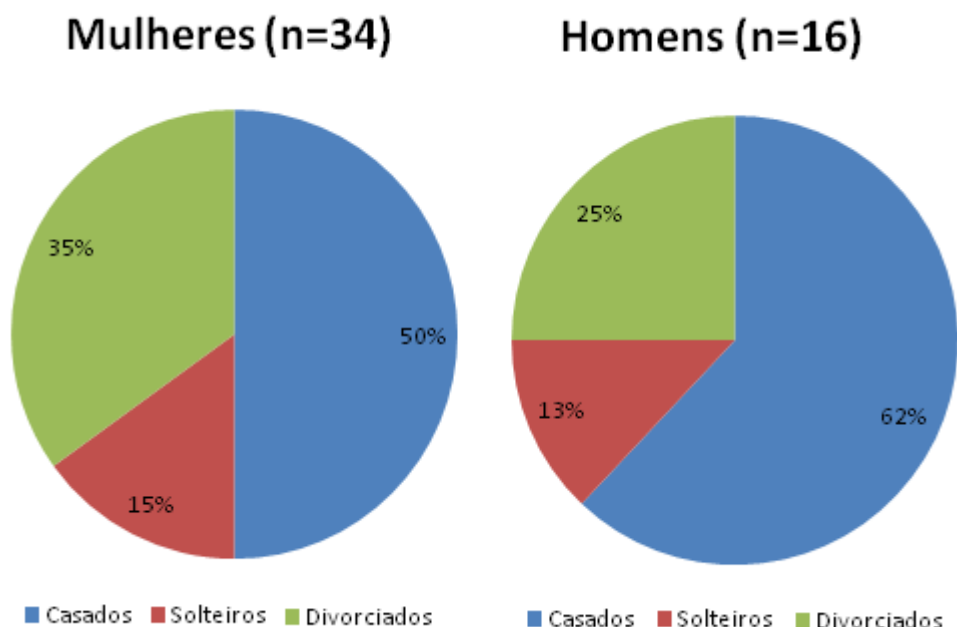
* Um entrevistado nasceu em Portugal, quando concedeu a entrevista estava com 18 anos.

Por último, o quadro 24 mostra ainda que, apesar dos dois emigrantes retornados com idade superior a 57 anos serem ambos homens, o padrão geral aponta para uma juventude um pouco maior dos regressados do sexo masculino: enquanto 7 destes (quase 44% do total de homens) têm idades inferiores a 33 anos, são 13 as mulheres na mesma situação, o que corresponde a 38% dos indivíduos do sexo feminino. A análise das faixas etárias mais velhas (acima dos 42 anos) aponta no mesmo sentido, pois temos 11 mulheres nesta situação (32%) e apenas 4 homens (25% do total de inquiridos do sexo masculino).

Com relação ao estado civil no retorno (gráfico 18), é necessário explicar se o cônjuge ou companheiro acompanhou ou não na migração e no retorno. Outro aspecto importante é verificar se houve alteração do estado civil no percurso migratório ou após o retorno (quadro 25).

Destaca-se que 27 entrevistados são casados (54%), desses, 2 (4%) não acompanharam seus cônjuges no retorno. Outros 23 (46%) entrevistados são solteiros, separados/divorciados.

Gráfico 18: Estado civil no retorno, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

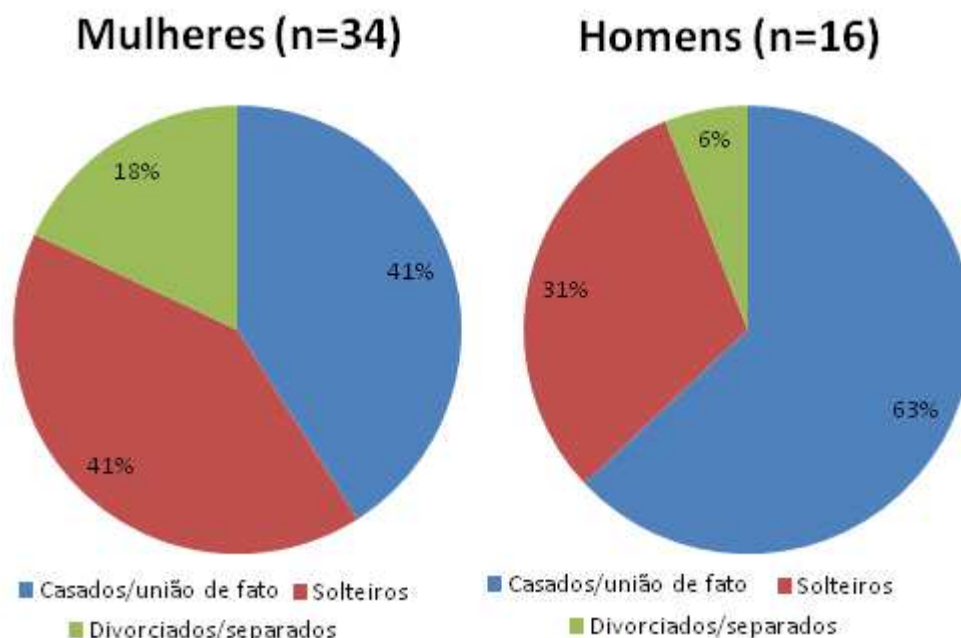
* Nenhum entrevistado no retorno mencionou na relação conjugal viver numa união de fato;

* Dos 27 casados que retornaram, ocorreram 5 separações após algum tempo (menos de 3 meses) no Brasil;

* Dos 26 entrevistados sem relação conjugal (solteiros, separados/divorciados) que migraram para Portugal (quadro 25), 3 solteiros casaram nesse país. Dos 24 casados que migraram para Portugal, 3 deles separam-se em Portugal e voltaram a casar;

* Nenhum casamento ou união ocorre com pessoas de outra nacionalidade. Todos os cônjuges ou companheiros (as) são de nacionalidade brasileira. Apenas uma entrevistada solteira que retornou tem um namorado português. O mesmo continuou vivendo em Portugal.

Gráfico 19: Estado civil quando migrou para Portugal, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

A comparação dos gráficos 18 e 19 referentes ao estado civil no retorno e no momento original de emigração, dá indicações muito interessantes sobre o modo como se intersejam percursos migratórios e relações conjugais. Se o número de casados/união de fato se mantém relativamente estável nos dois momentos, já a proporção de solteiros e divorciados/separados se altera substancialmente: enquanto no momento da migração para Portugal os primeiros registam um número significativo (cerca de 31% dos entrevistados homens e 41% das mulheres) e os segundos são bastante reduzidos (menos de 18% das mulheres e 6% dos homens inquiridos), em contexto de retorno a situação inverte-se e os divorciados/separados passam a representar 35% das mulheres e 25% dos homens⁶¹. Se esta modificação reflete mudanças no ciclo de vida dos migrantes (na fase de migração para Portugal os entrevistados são mais jovens, o que implica, uma maior proporção de solteiros), também traduz processos de rutura e recomposição familiar indissociáveis do efeito da distância e da ausência, mas também do alargamento dos contatos e das mudanças nas perspetivas de vida. Efetivamente, como mostra o quadro 25, entre

⁶¹ Em contexto de retorno, os solteiros reduzem-se a 14% do total (5 mulheres e 2 homens).

os 24 casados que emigraram para Portugal ocorreram três processos de recomposição familiar (separação seguida de novo casamento), verificando-se também o matrimônio de três solteiros. Adicionalmente, verifica-se um incremento significativo nas separações durante o tempo de migração (o número duplica no que respeita às mulheres e quadruplica nos homens – gráficos 18 e 19. Mas não é apenas o tempo no exterior, ou a ausência que dão origem a rupturas e recomposições; na verdade, após o retorno ocorreram 5 separações entre os 25 casados que regressaram ao Brasil (gráfico 18 e quadro 25), o que mostra que a retoma da vida conjugal na origem também apresenta desafios significativos.

Quadro 25: Cônjuge/parceiro acompanhou na migração ou não, cônjuge/parceiro acompanhou no retorno ou não, alteração da relação no percurso migratório ou após o retorno

Cônjuge/parceiro acompanhou na migração para Portugal ou não	Total	%	Cônjuge/parceiro acompanhou no retorno ao Brasil ou não	Total	%	Casos de alteração da relação no percurso migratório ou no retorno	Total
1) Não acompanhou (casado, união de fato)	18*	36	1) Não acompanhou. Retornou depois (casado)	2	4	1) Alteração no percurso migratório (casado ocorre separação e posteriormente casa)	3
2) Acompanhou (casado, união de fato)	6	12	2) Sim acompanhou (casado)	25	50	2) Alteração no percurso migratório (solteiro, depois casa)	3
3) Solteiro, separado, divorciado...	26	52	3) Solteiro, separado, divorciado	23	46	3) Ocorre separação após o retorno	5
Total Geral	50	100	Total Geral	50	100		

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Destaca-se que o número de cônjuges/parceiros que não acompanharam na migração é superior aos que acompanharam seus cônjuges/parceiros. Esses dados fazem referência principalmente às mulheres que ficaram na sociedade de origem, indo algum tempo depois ao encontro dos cônjuges/parceiros.

No aumento das divorciadas/separadas de 6 para 12 entre a migração e o retorno, verifica-se que essas rupturas das relações são majoritariamente das mulheres. Segundo Lisboa (2007), a experiência de migrar para o estrangeiro, provoca nas mulheres transformações em suas vidas, pois incorporam novos hábitos e costumes no seu cotidiano. A experiência pessoal e profissional no país emigrado gera mais autonomia, provocando nessas mulheres a ressignificação das

suas identidades, emancipação económica e de género. Estas mudanças concorrem para o processo de empoderamento.

O quadro 26 apresenta a escolaridade dos entrevistados no retorno. Apesar do processo migratório em Portugal parecer contribuir para o aumento da escolaridade dos imigrantes brasileiros, sobretudo no que respeita à frequência e conclusão de cursos superiores, incluindo mestrados e doutoramentos⁶², na amostra de entrevistados retornados ao Brasil prevalecem níveis de escolaridade médios e baixos: 32% possuem a escolaridade básica (4 homens e 12 mulheres), 14% o secundário incompleto (4 homens e 3 mulheres) e 30% o secundário completo (ensino médio 2º grau) (5 homens e 10 mulheres).

Diferentemente dos brasileiros da “primeira vaga” que retornaram entre 1991 e 2000 e possuíam escolaridade elevada tendo maior facilidade de inserção no mercado de trabalho no Brasil, estes que retornam com baixas qualificações, têm maiores dificuldades de (re) inserção profissional.

Quadro 26: Escolaridade no retorno, por sexo (%)

	Masculino	(%)	Feminino	(%)	Total Geral	Geral %
1) Básico (Ensino fundamental – 1º grau – até 4ª série / 5º ano)	4	25	12	35,2	16	32
2) Secundário incompleto (1º grau – 5ª à 8ª série/ 9º ano)	4	25	3	8,9	7	14
3) Secundário completo (2º grau/ 12º ano)	5	31,3	10	29,4	15	30
4) Universitário incompleto (Licenciatura incompleta)	1	6,2	6	17,6	7	14
5) Universitário completo (Licenciatura completa)	0	0	2	5,9	2	4
6) Técnico (ensino profissional)	2	12,5	1	2,9	3	6
Total Geral	16	100	34	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Com relação ao estatuto legal quando migrou para Portugal e no retorno (quadro 27), verifica-se que, na migração, 49 dos 50 entrevistados entraram em Portugal utilizando o passaporte e declarando-se turista, sendo que apenas 1

⁶² Ver, a este propósito, a análise efetuada no subcapítulo anterior.

entrevistado possui nacionalidade portuguesa por nascimento. Nos termos da legislação em vigor, os cidadãos brasileiros não precisam de visto para entrar em Portugal, podendo ficar até 90 dias como turistas.

Ainda em relação ao estatuto legal, durante o período em que estiveram em Portugal ocorreram alterações importantes e, no momento do retorno, 46% (23 entrevistados) eram detentores de autorização de residência, 24% (12 entrevistados) possuíam nacionalidade portuguesa e apenas 1 voltou com autorização de residência vencida. Destaca-se que 28% (14 entrevistados) estavam em Portugal indocumentados quando regressaram ao Brasil.

O significativo incremento dos entrevistados que passam a uma situação de dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa) durante o período de migração⁶³ possibilita a prática de um vai-e-vem atlântico, entre Portugal e o Brasil, que pode ser mobilizado por motivos que vão da simples visita à remigração, caso os contextos se alterem. Contudo, apesar da potencial facilitação da circulação resultante da obtenção da nacionalidade portuguesa, à data da entrevista, nenhum dos 12 “luso-brasileiros” manifestou vontade de viver em Portugal. Isto demonstra que possuir a nacionalidade não é, necessariamente, característica relevante para querer reemigrar para Portugal. Note-se que para 3 entrevistados, Londres e EUA seriam uma possível possibilidade para essa reemigração.

Quadro 27: Estatuto legal quando migrou para Portugal e no retorno

Estatuto legal quando migrou e no retorno	Estatuto legal no retorno				
Estatuto legal na migração	Autorização de residência	Nacionalidade Portuguesa	Autorização de residência caducada	Indocumentado	Total geral
Passaporte	23	11	1	14	49
Nacionalidade Portuguesa		1*			1
Total Geral	23	12**	1	14	50

Fonte: Entrevistados pela autora (2014).

*Esse entrevistado nasceu em Portugal. Por isso, possui nacionalidade portuguesa;

** Dos 12 entrevistados que possuem nacionalidade portuguesa (pelo tempo que estiveram emigrados, em média 10 anos), 5 são mulheres (2 mulheres demonstram o desejo de reemigrar) e 7 são homens (tendo 2 já reemigrado).

⁶³ Passam de um para doze, o que corresponde a quase 25% dos entrevistados (Quadro 27).

O quadro 28 apresenta a ocupação profissional exercida durante a migração em Portugal e no retorno. Há uma maior concentração no setor terciário – atividade do comércio e prestação de serviços, tanto durante a migração em Portugal como no retorno. Os trabalhadores, por conta de outrem, durante a migração, somam 84% (42 pessoas). Desses, 11 pessoas (22%) trabalham em restaurantes e cafés, desempenhando os outros 31 entrevistados atividades diversas nos serviços pouco qualificados, ramos em que predomina o maior número de trabalhadores brasileiros durante a migração em Portugal. Outros 4% (2 pessoas) são trabalhadores independentes (músicos) e 10% (5 pessoas) são estudantes. Os desempregados são apenas 2% (1 pessoa).

No retorno, ainda no quadro 28, observa-se uma maior diversificação das ocupações em todos os setores. Os trabalhadores por conta de outrem reduzem-se agora a 64% (32 pessoas), enquanto os entrevistados que possuem seu próprio negócio passam de zero para dez pessoas (20% no retorno). Isto evidencia algo que ocorre em muitos projetos de migrantes internacionais – a abertura de um negócio por conta própria, que representa uma certa autonomia e sucesso económicos, no momento do regresso.

Reportando-nos aos ramos de atividade dos trabalhadores por conta de outrem, mantém-se a maior presença no setor de serviços pouco qualificados, ocorrendo, no entanto, uma substancial redução dos empregados de cafés e restaurantes (3 pessoas; apenas 6% do total)⁶⁴. Apenas no momento do retorno aparecem empregados de serviços semiespecializados 2% (1 técnico em eletrónica) e serviços qualificados 4% (2 professores), o que parece apontar para algum aproveitamento das qualificações mais elevadas dos emigrantes regressados. O número de estudantes nos dois momentos quase não sofre alterações, passando de 5 (na migração em Portugal) para 4 no retorno.

⁶⁴ Alguns regressados mantêm-se neste ramo de atividade, mas agora como pequenos patrões ou patroas – é o caso das proprietárias de lanchonetes e restaurantes que foram entrevistadas.

Quadro 28: Ocupação profissional durante a migração em Portugal e no retorno

Ocupação profissional (categorias)	Durante a migração em Portugal	Total %	No retorno	Total %
Trabalhador: por conta de outrem; Trabalhador independente; Patrão/empregador; Estudante; Desempregado e dona de casa				
1) Por conta de outrem - Serviços não qualificados (empregadas domésticas, faxineira, vendedora, babá, manicura, cabeleireira, cuidadora de idoso, pintor da construção civil, recepcionista em consultório)	31	62%	26	52%
Café e restauração	11	22%	3	6%
Serviços semiespecializados (técnico em eletrónica)			1	2%
Serviços qualificados (professor)			2	4%
2) Trabalhador independente semiqualeficado (músico)	2 *	4%	2 **	4%
3) Patrão/ empregador – tem seu próprio negócio (dona de restaurante, lanchonete, dona de açougue (talho), constrói e vende imóveis, dona de salão de beleza, dono de loja informática... (emprega mais que uma pessoa)			10 ***	20%
4) Estudante	5	10%	4	8%
5) Desempregado, dona de casa (“não tem emprego”)	1	2%	2	4%
Total	50	100%	50	100%

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Dois entrevistados mencionaram ter duas ocupações tanto na migração em Portugal como no retorno. Foi pedido ao entrevistado que escolhesse a ocupação profissional para ele com maior importância;

** Dois entrevistados têm as mesmas ocupações tanto no período de migração em Portugal como no retorno. Dos 6 entrevistados que reemigraram, esses dois tiveram as mesmas ocupações no país de destino e de origem;

*** Dos 10 empreendedores, 6 são mulheres e 4 são homens.

O projeto migratório é carregado de desejos e sonhos de uma vida melhor e no retorno a intenção é mudar sua condição socioeconómica e ter acesso a mais e melhores bens de consumo e a um dia-a-dia com mais qualidade. Como observámos, 20% (4 homens e 6 mulheres) abriram seu próprio negócio. Durante o período de emigração a origem do capital é proveniente de economia própria, do cônjuge ou companheiro que reinvestem no próprio negócio. As poupanças obtidas no exterior ajudam ao investimento no negócio próprio, aquando do retorno.

Segundo Rebelo (2003), nesse contexto, a iniciativa do empreendedorismo emerge do capital humano, bem como das capacidades reunidas e acumuladas durante o tempo de migração e do próprio modo de inserção no mercado de trabalho. No caso das mulheres, a experiência durante a época de migração tem um papel de emancipação e independência económica (GHOSH, 2009). Para muitas

mulheres, antes da migração o seu papel resumia-se em muitos casos à esfera familiar (tarefas de casa, educação dos filhos). As razões e consequências do fenómeno migratório na autonomia das mulheres migrantes levam a evidenciar o desejo de conjugar a vida familiar com a vida profissional, como benefício na qualidade de vida – desde as relações domésticas a compreensões de classe e género, seja na distribuição igual de tarefas domésticas e da manutenção económica da casa e dos filhos (PADILLA, 2007).

Neste capítulo foram apresentados os dados do estudo empírico efetuado diretamente com os brasileiros em Portugal e com os retornados para a cidade de Governador Valadares, verificando-se que a maioria migrou bastante jovem. A escolaridade da amostra dos emigrados é maior do que a escolaridade da amostra composta por aqueles que retornaram (comparar quadros 21 e 22), o que pode ser um indicativo de que os que possuem maior escolaridade tem uma maior propensão a permanecer (ou, eventualmente, a reemigrar para países terceiros), mesmo em situação de crise.

No capítulo seguinte, ainda com relação aos dados do estudo empírico, serão abordados os elementos mais específicos que definem o retorno e a permanência em Portugal.

7. ELEMENTOS QUE DEFINEM O RETORNO OU PERMANÊNCIA

7.1 OS QUE RETORNAM: EXPETATIVAS E REALIDADE

“Nada do que foi será. De novo do jeito que já foi um dia.
Tudo passa. Tudo sempre passará.
A vida vem em ondas como um mar.
Num indo e vindo infinito.
Tudo o que se vê não é.
Igual ao que a gente viu há um segundo.
Tudo muda o tempo todo no mundo.
Não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo...”

Música: Como uma Onda – Lulu Santos

“[...] o meu retorno foi uma decisão familiar. A primeira coisa que decidi fazer foi vender dois lote que tinha em Vitória. Na verdade eu e minha mulhé não queria morar lá. Um desses lote o pai dela deu pra ela, o outro eu comprei com o dinheiro de Portugal. Vendemo os lote por 100 mil real. E ai fizemo um propósito: quando vendesse os lote [...] era pra voltar. Era preciso o dinheiro para comprar uma casa aqui em Valadares. Porque mia família mora toda em Virgolândia e da mia mulhé mora em Mantena. Então Valadares ficava no meio desses lugar. Pra procurar trabaio era melmelhó. E ter mais espaço pra poderprocura as coisa pra começar a vida...A sorte é que não tinha comprado casa em Portugal. Só tive que vender o carro, era o que tinha. E depoi os móvel doe para os conhecido. Entreguei a casa pro dono. Paguei tudo que devia. Demorou uns 3 meis para organizar tudo. E arrumei as mala. Comprei passage pra Belo Horizonte. Depois fui ao encontro da minha muer que estava com os pai em Valadares. Foi triste a saída pelas amizade que deixei. Por gostar muito de Portugal. Foi em Portugal que me converti pra evangélico. Tinha minhas amizade na igreja e fora da igreja também. Tinha o pessoal da firma que trabaia. Eu que gostava muito! Foi triste [...] foi triste [...] Eu deixava uma vida [...] que fiquei 13 ano. E meu filho ia ficar também para trás. E também ia começar tudo do zero em outro país [...] que é o meu país [...] (pausa). Eu voltei pro Brasil certo e pedindo a Deus pra num volta pra Portugal. Eu não quero voltar pra Portugal pra começar tudo de novo. Eu vim com a consciência assim: vou pra ficar no Brasil! Mas quando cheguei aqui estranhei muito [...] Se disser que eu me adaptei rápido [...] é mentira. Tive dias difícil [...] Primeiro minha mué ficou na casa dos pai dela, 5 mei. Eu na casa da minha irmã. Foi o tempo que procurei trabalho e uma casa para comprar. Comecei logo a trabalhá na área da pintura por conta na construção civil, ganhava uns 800 real a 1000 real. Eu estranhei o clima, muito quente! Passei 13 ano num clima frio de lá. Depoi as pessoa e modo de viver aqui. São mais carismáticas, mais dadas. Lá não.! Estranho a violência no Brasil. Lá não é assim. E os costume das pessoa no Brasil [...] andando descalço, sem camisa, consome bebida alcoólica dentro do mercado e [...]. Eu me sinto um

estrangeiro dentro do meu próprio país! No começo tinha medo de andar na rua, tinha medo de falar porque eu usava termos de lá [...] falava autocarro. Era difícil! Agora já estou mais acostumado”. (José, 38, Viveu em Portugal 13 anos, retornou em 2012).

Início este capítulo com o relato de um dos entrevistados. A confiança e empatia foram decisivas para que cada um contasse suas histórias durante o percurso migratório - nelas transportam emoções, desejos, aspirações, expectativas de um futuro melhor. Este relato é analisado a partir de três momentos, os três espaços e tempos vivenciados pelo entrevistado: tempo de migração, retorno e o espaço intermediário (migração e retorno - que se fundem em um só), ou seja, a trajetória migratória. Esta fala manifesta, nas suas entrelinhas, um discurso não apenas desse entrevistado; trata-se, de fato, de um discurso plural, por contar experiências e sentimentos desde a migração até ao retorno, em sentido mais amplo, relata circunstâncias do espaço migrado – país de destino, para explicar as razões do retorno e o próprio retorno. O entrevistado descreve sua experiência quase que por ele próprio incompreendida.

[...] eu deixava uma vida... que fiquei 13 ano. [...] E também ia começar tudo do zero em outro país... que é o meu país (pausa).[...] Eu estranhei o clima... muito quente! Passei 13 ano num clima frio de lá... Depois as pessoa e modo de viver aqui... é mais carismático, mais dado... Lá não...! Eu me sinto um estrangeiro dentro do meu próprio país!”. (José.), 38, Viveu em Portugal 13 anos, retornou em 2012)

Nessa perspectiva pode-se perceber que para o entrevistado retornar é migrar outra vez, mas na direção contrária do processo migratório inicial. No lugar de origem ou “não-origem”- no retorno, o sentido de vivência requer mais do que um processo de sentir, traz uma nova vivência – “experiência de contato” com outra cultura. Nestas circunstâncias, vão ocorrer situações coletivas onde o emigrante sente-se como o “estranho”, o “diferente”. Segundo Sayad (2000:12):

“Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares, os homens que se deixou, tal qual se os deixou.” (SAYAD, 2000:12).

Nesse entender, no espaço de origem, o emigrante necessita readaptar-se e integrar-se a um contexto diferente do momento migração, seja no contato social, no ambiente de trabalho, no meio familiar e dos amigos. Isto requer um exercício do sentimento de pertencimento - sentir-se aceito no espaço de origem, expressando sentimentos e percepções descritos no relato do entrevistado.

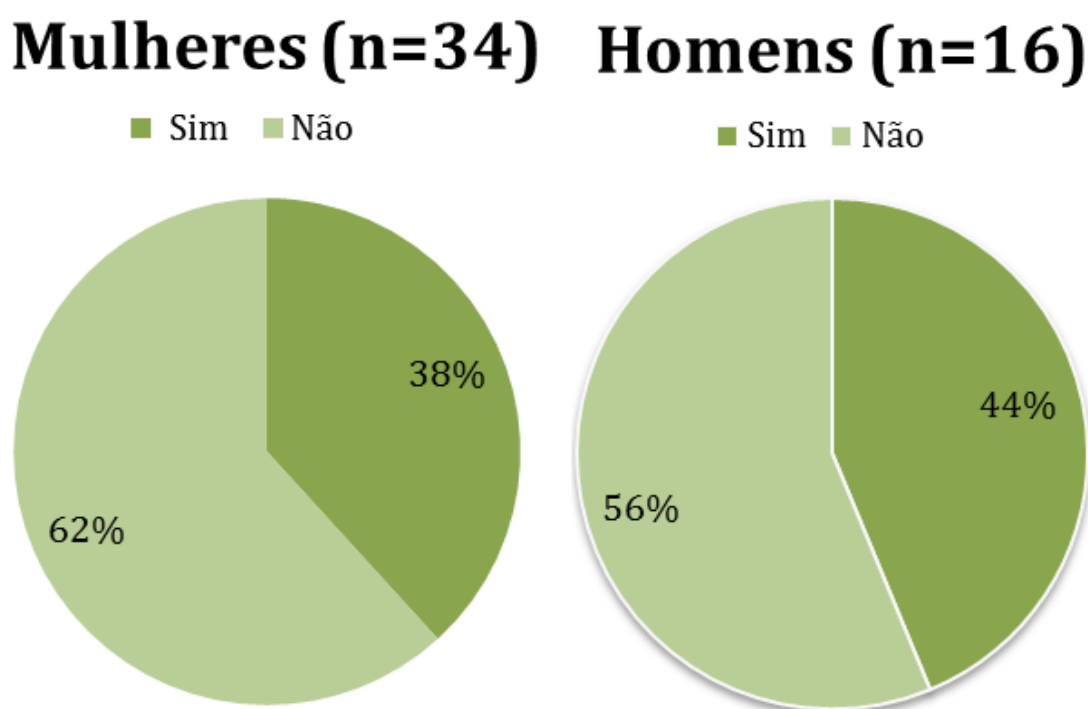
A migração de retorno é circunscrita pelo regresso de migrantes ao país de origem (MARGOLIS, 1994; SAYAD, 2000; FERREIRA, 2001; DEBIAGGI, 2004). A compreensão do retorno vai mais além desses dois contextos - do país de origem e do país de destino. Considera-se que o retorno é tido como um novo ciclo migratório (de maneira “quase definida”, porque envolve uma dinâmica ininterrupta), um período para ser materializado e executado, podendo ser interpretado também como o “não – retorno” até tal acontecer. E enquanto componente integrante da migração internacional, o retorno não pode ser considerado como fim do ciclo migratório, isto é, o retorno ao local de origem não é “*nem definitivo e nem permanente*”, como ocorre no processo migratório inicial (SAYAD, 2000).

Com a intenção de delinear uma melhor compreensão e interpretação a respeito do fenómeno da migração de retorno, as teorias migratórias mencionadas no primeiro capítulo desta tese serão utilizadas na análise dos dados empíricos deste capítulo, objetivando, assim, responder a duas das questões que norteiam esse estudo, ou seja, as motivações de retorno e de que forma se processa a reinserção social dos imigrantes no Brasil.

Com o propósito de contribuir para a resposta à primeira das questões mencionadas, foram construídas categorias a partir das principais causas do retorno invocadas pelos entrevistados. No gráfico 20, que relaciona crise e estadia em Portugal, observa-se que 30 entrevistados regressados (60%) afirmam que a crise não afetou o projeto de permanecer naquele país. Das 34 mulheres entrevistadas, 21 (cerca de 62%) afirmam não ser diretamente atingidas pela crise, ocorrendo o mesmo com 9 dos 16 homens (56%). Ainda que a nossa amostra de entrevistados seja ilustrativa e não representativa, é interessante verificar que a diferença registada não é significativa, o que aponta para uma relativa ausência de diferenças de género no que diz respeito ao modo como homens e mulheres brasileiros/as foram atingidos/as pela crise em Portugal. Este resultado não parece suportar a ideia transmitida pelos dados estatísticos provenientes de fontes oficiais que indicam que a crise teve maior impacto nos homens. Esta diferença pode ser justificada, para

além da questão da amostra, pela amplitude do período de retornos coberto nesta tese (maior do que os anos – 2010-2014 - de maior impacto de crise económica e financeira) e por incluir apenas regressados ao Brasil. Também o fato de a resposta ser, em certos casos, interpretada no quadro da economia familiar, justifica que algumas mulheres respondam que foram diretamente afetadas pela crise porque alguém do seu agregado familiar (e.g. o cônjuge), e não elas especificamente, foi atingido pela crise. Mesmo assim, a proporção de homens que mencionam ser afetados pela crise é um pouco superior à de mulheres.

Gráfico 20: A crise económica afetou o projeto de permanecer em Portugal, por sexo (%)



Fonte: entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Na globalidade, estes dados nos permitem considerar que a crise não é o motivo direto para o regresso, mas contribui para acelerar o retorno. O aumento da incerteza em relação às perspectivas económicas, a diminuição da oferta de emprego e o baixo rendimento das famílias, são fatores associados à crise económica em Portugal que se conjugam para pressionar no sentido da partida.

Segundo Siqueira (2009), as condições económicas são variáveis importantes para definir o projeto de retorno; contudo, outras variáveis devem ser consideradas

como contribuintes relevantes nesse projeto. Quando o custo - benefício da emigração passa a não ser mais favorável, outros fatores intervêm e em situação inversa também. Isto pode ser observado nos relatos dos entrevistados a seguir:

“Eu construí uma boa clientela no salão... Olha, o meu marido tava desempregado. Houve uma crise muito grande na construção civil... Na minha área profissional não teve um grande abalo... Era uma profissional já estabelecida na minha área... na área da beleza”. (Rosa, 32 anos, viveu na Costa da Caparica 15 anos, retornou em 2012).

“Da primeira vez não afetou. Porque quando eu voltei a segunda vez pra Portugal e fui trabalhar no chimarrão, não quiseram mais me pagar o mesmo salário que eu ganhava antes, era 700 e gorjetas... dava uns 900 a mil euros. E quando retornei eu não conseguia ganhar esses mil euros de jeito nenhum! E olhe que eu trabalhava (risos). Eu ganhava da segunda vez só uns 700 euros.” (António, na 1ª vez migrou com 19 anos e retornou com 21 anos, vivendo em Lisboa 2 anos, entre 2006 e 2008; na 2ª vez migrou com 21 anos e retornou com 24, vivendo 3 anos em Lisboa, entre 2008 e 2011).

“Não! Até a data de 2010, crise nenhuma me afetou. Sempre tive meus clientes da construção civil. A crise não foi a razão. Também não estava no mesmo nível de antes... de 2007... Só voltei mesmo pro Brasil porque vi que ganharia mais construindo aqui.” (Valter, 33 anos, viveu em Portugal 11 anos, retornou em 2010).

Com a recessão económica em Portugal muitos postos de trabalho foram eliminados e salários reduzidos, conforme relata o entrevistado António. A construção civil foi o setor mais afetado; em consequência, os homens foram os mais atingidos nesse período de forte estagnação e mesmo retração económica. Remetendo para elementos das teorias das migrações e do retorno, como o processo de decisão de migrar não é, na maioria dos casos, individual mas familiar, mesmo que um dos elementos do agregado seja menos afetado, se outro sofre um impacto maior a decisão pode, então, ser o regresso. Este é o caso da entrevistada Rosa, que afirma não ter sido atingida pela crise, mas, contudo, retornou em função da situação de desemprego do companheiro. Dentre os entrevistados observou-se que o desejo de retornar é um pouco mais declarado pelos homens, pois seu nicho de trabalho foi contundentemente afetado pela crise.

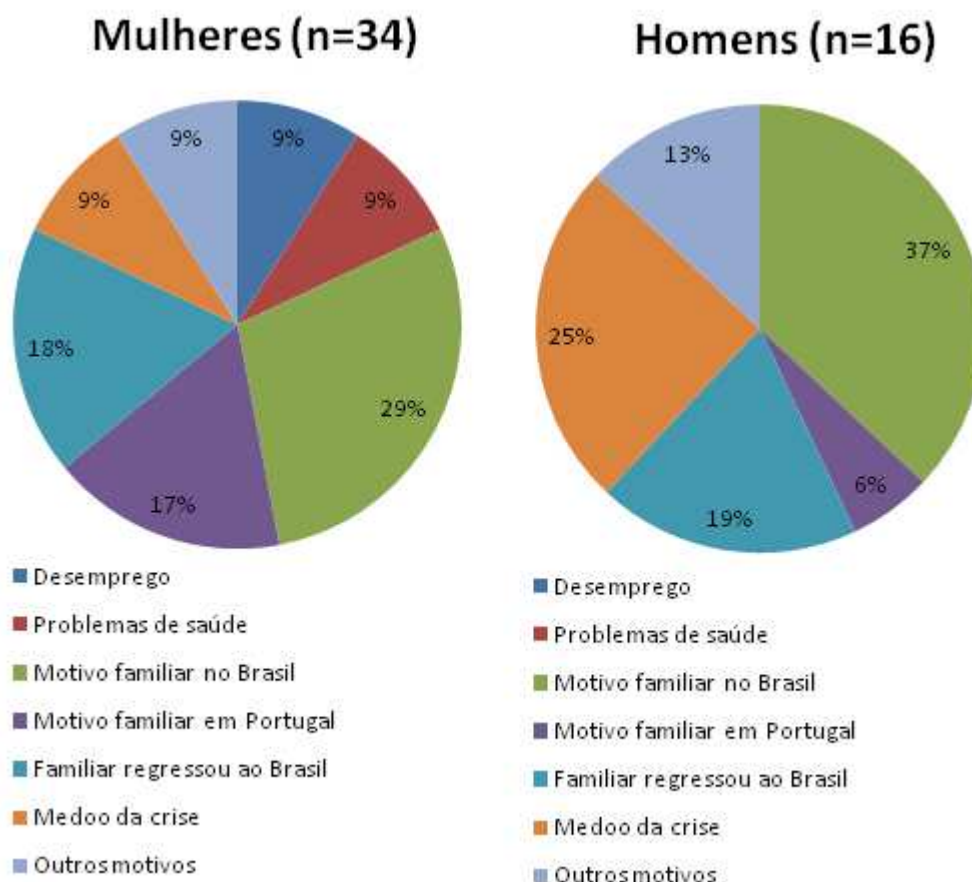
Nesse ponto, é importante ressaltar que as razões, tanto para migração quanto para o retorno, podem estar vinculadas também a outros fenómenos sociais que, em diversos casos, acabam por estar associados ao processo de mudança

estrutural da economia. Nesse sentido, a perspectiva histórico-estrutural reconhece que a corrente migratória – emigração e retorno - é definida, pelo contexto e recursos económicos e, também, pelas relações sociais com o país de origem. Refira-se que estas últimas são relevantes em todos os casos, sendo significativo também que a ideia de “contexto económico” inclua quer Portugal, quer o Brasil, como atesta o entrevistado Valter, ao referir que só voltou porque ganhava mais neste país.

O gráfico 21 apresenta os principais motivos apontados pelos entrevistados para o retorno, aparecendo primeiro as questões familiares, citadas por 64% dos entrevistados (32 pessoas). Também neste caso, as diferenças entre homens e mulheres são pouco significativas (22 em 34 mulheres referem este tipo de motivos, passando-se o mesmo com 10 dos 16 homens, o que se aproxima dos 2/3 de entrevistados, em qualquer dos casos). Como vimos, tratando-se de um processo que envolve decisões estabelecidas no quadro familiar, não é surpresa que as proporções sejam idênticas, ainda que ligeiramente superiores no caso das mulheres, o que, apesar de não ser estatisticamente significativo, relembra-nos o maior papel afetivo e social destas no suporte às estruturas familiares.

O segundo motivo invocado, a bastante distância das questões familiares, corresponde ao “medo da crise” (7 respostas - 14% dos entrevistados), que é declarado por 3 mulheres e 4 homens. Atendendo à dimensão das subamostras de homens e mulheres inquiridos, a questão da crise é, do ponto de vista relativo, muito mais invocada como justificação de retorno pelos homens (25% destes fazem-no) do que pelas mulheres (apenas 9% consideram este motivo; passando para 18% se adicionarmos aquelas que mencionam o desemprego). Parece assim que, não só a crise teve efetivamente um impacto superior sobre os migrantes do sexo masculino contribuindo mais para que estes regressassem ao Brasil, como as justificações de carácter económico estão mais presentes no discurso destes, o que se ajusta às próprias autorepresentações clássicas dos papéis de género, que remetem para os homens a função de “provedor da família”

Gráfico 21: Motivos do retorno, por sexo %



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014).

*Motivo familiar no Brasil, dos 16 que citaram, 3 mulheres entrevistadas referiram cuidar do pai ou mãe doente, 7 mulheres e 1 homem disseram que os filhos ficaram com parentes no Brasil. E outros 5 homens disseram ter cônjuges/ companheiras e filhos no Brasil);

*Familiar voltou para o Brasil: 6 mulheres disseram que filhos e pais, nesse caso, os filhos migraram para Portugal ainda adolescentes com os pais, depois voltaram para o Brasil. E 3 homens apontaram filhos terem regressado;

*Motivo familiar em Portugal: 1 mulher apontou separação com por ficar só com o filho, 2 mulheres falam na dificuldade em não ter com quem deixar o filho, 1 mulher tem um filho com problemas na escola, e 2 mulheres e 1 homem citam a razão dos filhos irem estudar no Brasil.

Como foi citado no capítulo 1, Durand (2006) destaca vários fatores que influenciam o retorno, tais como, distância ao país de origem, saudade, dificuldade de absorção da nova rotina, de novos acontecimentos e outros, afetando os indivíduos diferentemente na sua tomada de decisão. Destaca-se que esses fatores exigem do migrante ações significantes das necessidades psicológicas – internas e externas de cada indivíduo.

Portanto, para os entrevistados, as razões para o retorno não estão necessariamente vinculadas à questão económica, como está exposto no quadro 28 (subcapítulo 6.2). A sua observação demonstra que 10 entrevistados retornaram

com uma condição económica favorável e possuíam capital financeiro para abrir seu próprio negócio, o que parece apontar para uma situação de eventual conclusão do projeto migratório, eventualmente associada a alterações no quadro familiar. Note-se que nos relatos, as questões familiares são recorrentes, apesar de os dados apresentarem nuances que são importantes ressaltar. Desde logo, o migrante precisa demonstrar, para seus pares, o sucesso do projeto migratório, pelo que voltar em condições económicas desfavoráveis é constrangedor. Nesse ponto, para justificar para si e para os outros o retorno em condições de fracasso, as demandas familiares (cuidar dos filhos no caso de muitos dos entrevistados desse estudo) surgem como o elemento mais admissível, mascarando assim os aspectos económicos, ou seja, a crise pode não ser um fator socialmente “admissível” para o retorno, enquanto a razão familiar pode ser mais fácil de explicar sua volta. Embora não estejamos completamente seguros, uma vez que as entrevistas não permitem distinguir com clareza até que ponto as justificações baseadas na família “mascaram” outros motivos de retorno, com destaque para o insucesso económico, é de admitir que seja maior o número de homens que recorra a este expediente, uma vez que a pressão social para o sucesso financeiro do projeto migratório tenderá a ser maior no seu caso.

Destaca-se que entre os que apresentam o motivo familiar como razão do retorno, a condição económica tende a ser mais desfavorável. Relembrando que o motivo familiar é ligeiramente mais mencionado pelas mulheres, a origem de tal situação está associada especialmente à importância da adolescência dos filhos na justificação para o retorno, que aparece associada a algumas causas específicas, como:

- i) Desagregação da família (filhos que ficam com parentes no Brasil) quando as “mães” emigram para Portugal;
- ii) Problemas vivenciados pelos filhos desses emigrantes que ficaram no Brasil:
 - Saúde física e sobretudo emocional dos filhos é prejudicada durante a migração pela ausência dos pais (mãe ou pai);
 - Novos arranjos familiares – “vidas separadas geograficamente”; fim de relacionamento que ocorreu antes ou durante o processo migratório.

Observa – se no quadro 29 (número de filhos nascidos antes da migração), e como está exposto no gráfico 21, que o motivo familiar para o retorno é atribuído aos filhos que ficaram no Brasil. Dos 50 entrevistados, 23 (quase metade) tinha filhos

quando migrou para Portugal, sendo que o número médio de filhos por migrante (no momento da partida) se situa em 1,04 (considerando os 50 entrevistados) e em 2,26 (tendo apenas em conta aqueles que já se encontravam em situação de parentalidade). Note-se que 16 dos 23 migrantes que chegaram a Portugal já na condição de pais ou mães deixaram filhos no Brasil, sendo que 13 daqueles tinham descendentes menores de idade. Na verdade, mais de metade dos filhos dos migrantes entrevistados ficou no Brasil ao cuidado de algum parente (irmã, avó, tia), somando um total de 32 crianças e jovens (24 são menores e 8 são adolescentes). Os filhos que migraram junto ou mais tarde foram ao encontro dos pais (mãe, pai ou pai e mãe) somam 20 pessoas (14 menores e 6 maiores) e envolvem 11 entrevistados. Face a esta relevância da continuidade dos descendentes no Brasil, incluindo muitos menores, percebe-se que as razões familiares desempenhem um papel significativo nas decisões de regressar.

Deve reconhecer-se que há uma figura feminina na sociedade de origem, familiar da migrante (avó, tia...), que ficou como responsável e cuidadora desses “filhos da não migração” que não foram incluídos concretamente no projeto migratório dos pais. Estes, através do envio continuado de lembranças, de bens de consumo, de remessas procuram “fazer-se presentes” e buscam as relações com os filhos que ficaram na origem e assim suprir a ausência⁶⁵. De acordo com Bryceson e Vuorela (2002), as famílias transnacionais são conceituadas “como famílias cujos membros vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando atravessam fronteiras nacionais”.

⁶⁵ O envio de remessas é uma forma de construção e conservação dos laços através de símbolos culturais - ideias, comportamentos, práticas sociais são gerados e utilizados para reorganizar-se no contato entre país de destino e país de origem para atenuar a ruptura com a família – agora família transnacional. De acordo com Canales (2005:157), “com o envio de remessas, não apenas dinheiro e mercadorias circulam, como também se permite a reprodução de relações culturais, identidades simbólicas e colectivas”.

Quadro 29: Número de filhos nascidos antes da migração – quantos ficaram no Brasil (menores e maiores) e quantos foram para Portugal (menores e maiores)

	Total de entrevistados	Filhos que foram para Portugal (menores)	Filhos que foram para Portugal (maiores)	Filhos que ficaram no Brasil (menores)	Filhos que ficaram no Brasil (maiores)	Total de filhos antes da migração
Filhos menores (ficaram no Brasil)	9			18		18
Filhos maiores (ficaram no Brasil)	2				6	6
maiores ou menores (foram todos para Portugal)	7	13	1			14
Filhos (1 maior ficou no Brasil e 1 menor foi para Portugal)	1	1			1	2
Filhos (1 menor ficou no Brasil e 1 maior foi para Portugal)	1		1	1		
Filhos (2 menores ficaram no Brasil e 2 maiores foram para Portugal)	2		4	4		8
Filhos (1 menor Brasil e 1 maior EUA[1])	1			1	1 EUA	2
Sem filhos	27					
Total geral	50	14	6	24	8	52

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Todos estes filhos têm pais brasileiros;

São identificadas nas entrevistas questões relacionadas a rupturas familiares por causa da migração, como transtornos psicológicos, alterações ligadas à educação, à autoridade, quem orienta/educa os filhos na ausência do pai ou mãe. Caracterizam-se como escolhas familiares de pais “ausentes/presentes” devido a situação de emigração.

“Minhas filhas moraram em Portugal 8 anos e depois voltaram pra Valadares [...]. Minha irmã ficou com elas. De repente a minha filha mais nova, ela tinha 16 anos, começou com anorexia e bulimia... Foi um sofrimento muito grande [...] Eu tive que sofrer calada... Não podia contar pro meu marido que tinha tido um AVC em Portugal. [...] minha outra filha mais velha manda uma mensagem: “Mãe venha embora! P está muito magra... [...] Foi um acumulo de muitas coisas... Ausência dos pais... Minha irmã não cuidava delas bem...” (Cristina. 53 anos, viveu 12 anos em Portugal, retornou em 2013)

“Sou separada do pai dos meus filhos. [...] Tenho dois filhos. Eles “ficar” em Valadares com minha irmã. E foi por causa dos meus filho que “ficar” em Valadares que voltei. Eles “tava” ficano adolescente... Eles “reclamava” da minha ausência... É muito difícil “fica” longe ... Fui pra Portugal pra “ganha” dinheiro... pensando numa vida melhor pra eles”. (Elia. 33 anos, viveu em Portugal 6 anos, retornou em 2014)

A ruptura da família através do espaço transnacional pode provocar problemas nos filhos que ficaram na sociedade de origem; esses, tornam-se assim, um grupo desprotegido e vulnerável. Na transição da pré-adolescência para a adolescência, apresentam problemas psicológicos e até mesmo problemas de ordem social:

“Foi chegar no Brasil encontrar meu filho preso, minha mãe internada. Sem falar que encontrei minha conta sem dinheiro quando acreditei e confiei na minha mãe. Foi todo trabalho de 7 anos em Portugal.” (Maria, 42 anos, morou 7 anos em Portugal, retornou em 2012)

“[...] Minha volta definitiva foi por causa do problema do meu filho envolvido com drogas. E foi chegando aqui em Valadares e meu filho sendo preso. Não foi tráfico. Ele foi envolvido num crime de um sobrinho meu. Meu filho foi culpado e não tinha como dizer que não [...] Ele foi julgado e condenado por 18 anos de cadeia. [...] Acho que minha ida pra Portugal ajudou mais ainda ele ficar nesse mundo... Fiz de tudo pra ajudar esse meu filho mas não consegui. Eu acho que minha mulher não teve controle.” (Paulo, 40 anos, viveu em Portugal 8 anos, retornou em 2007)

Portanto, o retorno surge de uma conjugação de fatores que são avaliados individualmente e em família. A perspectiva do trajeto de vida é assinalada por negociar as transformações individuais e dinâmicas familiares no decorrer do tempo, mesmo que em espaços geográficos separados:

“Retornei pra Valadares pelo meu filho ter ficado com minha irmã. Ele não queria ir morar pra Portugal. Nesta época tinha 12 anos. Fiquei 5 anos longe dele. Adolescente começa não querer aceitar opinião de ninguém... Minha irmã falou que ele estava ficando rebelde... Que respondia, queria sair só... Vim primeiro e meu marido só depois de 3 meses volta pro Brasil.” (Luana, 41 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2011)

“Foi pelos meus filhos que voltei pro Brasil. Foi uma decisão minha e do meu marido. Já não aguentava viver longe deles. [...] Eles não foram para Portugal por ter ficado para fazer companhia para minha mãe e meu pai. Não quis tirar eles dos meus pais. [...] Eu voltei e meu marido ainda ficou Portugal. Foi outra vez complicado... não foi fácil... Mas foi preciso ele ficar para poder trabalhar e ganhar mais dinheiro para terminar de construir nossa casa.” (Elda, 36 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2008)

“[...] Voltei por causa do meu filho que estava “desnutrido...” Ele começou a “aguar...” Ninguém dizia que era isso., mas quando vi... foi que reparei que ele começou a “aguar...” Ele ficou com minha mulher, hoje ex-mulher. Ele falava no telefone comigo: “Papai, você vai voltar quando?” “Você vem pro meu aniversário?” (Rui, 30 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2011)

Como pode ser observado nas falas dos entrevistados, a família é reconhecida como protagonista nas escolhas em momentos difíceis. Visto que, nas vivências e vínculos nos percursos e projetos individuais, no seio familiar, a constituição de “*modelos familiares*” com o passar do tempo sofrem alterações em valores, maneiras de comportamento e composição.

Com relação aos motivos do retorno (gráfico 21) destaca-se, também, o medo da crise e do desemprego. Nos relatos podemos observar que os entrevistados não estavam desempregados, contudo a crise, os baixos salários e a possibilidade de ficar sem trabalho causavam desconforto. Além disso, conforme relata o entrevistado Vando, as possibilidades de maiores ganhos no Brasil foram elementos importantes para optar pelo regresso:

“A primeira vez foi pelos meus pais. Da segunda vez a idade chegando... a gente via que era mais difícil estabilidade aqui no Brasil. Também a crise foi outro fator. Não só a questão financeira contou, também a questão psicológica...” (Otávio, 1ª vez migrou com 23 anos e retornou com 35 anos, viveu em Portugal 12 anos, entre 1999 a 2011; a 2ª vez migrou com 36 anos e retornou com 37 anos, viveu 1 ano em Portugal, entre 2012 a 2013)

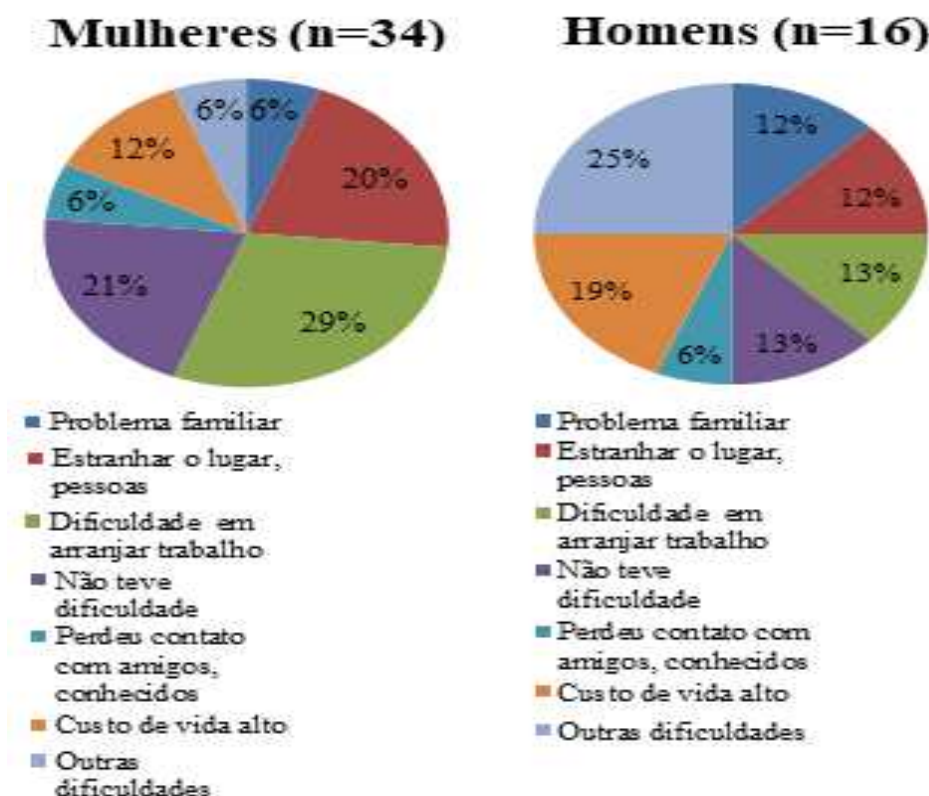
“Fiquei em Portugal até 2011. [...] Nesse tempo entro no fundo de desemprego e pelo Instituto de Emprego. Foram 300 horas de curso. Depois desse curso consegui outro trabalho numa atelier ganhando um salário mínimo. Para retornar pedi ajuda financeira da minha irmã. O dinheiro que ganhava lá não dava pra todas as despesas de casa 350 euros, mais comida, mais transporte...E eu sozinha com meu filho.” (Patrícia, 32 anos, Viveu em Portugal 11 anos e retornou em 2011)

“Porque na minha área da construção civil estava ruim em Portugal pela crise e bom no Brasil. Eu não tinha intenção de voltar. Numa vinda dessa pro Brasil ver meus pais observei que o ramo da construção civil estava bom. Pessoas em Portugal já tinham-me dito que se as pessoas construíssem casas para o programa Minha casa Minha vida ganharia bem... Eu tinha um dinheiro guardado... comecei a construir e a vender [...]. Está dando tudo certo.” (Vando, 33 anos, viveu em Portugal 11 anos, retornou em 2010)

No gráfico 22 estão expostas as dificuldades encontradas no Brasil quando retornam. Dentre as 35 mulheres entrevistadas, 10 (um pouco menos de 1/3) declaram encontrar dificuldades para entrar no mercado de trabalho brasileiro, ao contrário dos homens, pois apenas 2 (cerca de 13% dos indivíduos do sexo masculino entrevistados) fazem essa declaração. Com o crescimento económico no Brasil, o mercado de trabalho no setor da construção civil estava em ascensão, principalmente pelo incentivo do Programa Minha casa, Minha vida (PMCMV)⁶⁶, implementado pelo Governo Federal, após o ano de 2009.

⁶⁶Minha Casa Minha Vida - Habitação Popular | Caixa. Disponível em: <www.caixa.gov.br>, Consultado em: 31/02/ 2016

Gráfico 22: Dificuldades no retorno, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Essa dificuldade maior entre as mulheres na inserção no mercado de trabalho pode ser compreendida a partir dos relatos abaixo. Diferentemente dos homens, não encontraram um mercado em expansão, pois os empregos disponíveis exigem competências que a maioria não tem, sendo, portanto, essa uma das principais dificuldades de inserção no mercado de trabalho no retorno, conforme pode ser observado no relato de Patrícia.

“Voltar pro Brasil é complicado... Lá fora você faz muitas profissões... Quando volta pro Brasil você tá defasado... pra trabalhar no Brasil. É muito grande o grau de exigência... de curso, de outras competências... Pra ocupar um cargo hoje de caixa de mercado você precisa ter uma grau de qualificação muito boa. E só pagam um salário mínimo e nada mais.”
(Patrícia, 32 anos, viveu 11 anos em Portugal, retornou em 2011)

“[...] como falei, a maior dificuldade foi arranjar trabalho na área da pessoa. No meu caso sem experiência em trabalhar no Brasil fica mais complicado. Eu nunca trabalhei no Brasil. Saí do Brasil com apenas 16 anos. Eles sempre falam da falta de experiência que a pessoa não tem.”
(Cristina, 25 anos, viveu em Portugal 9 anos, retornou em 2010)

“Eu fiquei um ano sem trabalho aqui no Brasil. O salário aqui é muito baixo, só ganho 600 reais. Meu marido só agora ele vai trabalhar com contrato. Eu fiquei um ano sem trabalho. Coloquei curriculum em tudo que era lugar...Foi muito difícil o primeiro ano.” (Valmiria, 31 anos, viveu em Portugal 8 anos, retornou em 2012)

Uma das características na migração feminina atual é fundamentada na constante reprodução e exploração de gênero na perspectiva do capitalismo global. No local de destino, as trabalhadoras migrantes executam trabalhos próprios femininos, como: atividades domésticas, cuidados a idosos, cuidados a crianças (MALHEIROS, PADILLA e RODRIGUES, 2010). De certa forma, o tempo em que se esteve longe do mercado de trabalho do país de origem provoca um sentimento de incapacidade e incompetências pessoais e profissionais. No caso desse grupo de entrevistados, principalmente as mulheres sentem maiores dificuldades em arranjar trabalho no retorno. As exigências para a inserção no mercado de trabalho do Brasil são diferenciadas do mercado de trabalho em Portugal, pois no Brasil há uma maior exigência no que confere ao grau de escolaridade para exercer determinados trabalhos. É importante mencionar que a experiência migratória é diferenciada para cada pessoa. Dados anteriores mostram que, durante a emigração em Portugal, se verifica um aumento da experiência profissional e, em alguns casos, um aumento da escolaridade, o que é positivo no regresso. Contudo, este último processo não se estende a todas as emigrantes, significando que as qualificações efetivamente não aumentam para muitas das regressadas.

Quanto aos entrevistados que mencionam o custo de vida alto como dificuldade no retorno, somam 7 (4 mulheres e 3 homens) – gráfico 22. Durante a experiência no país de destino, padrões de consumo distintos, novos costumes e novos hábitos são incorporados. Para os entrevistados, o custo de vida mais baixo proporciona uma qualidade de vida mais elevada. No retorno, ocorre a comparação da condição de vida que tinham no país de destino e a falta de perspectiva em manter o mesmo padrão de consumo no espaço de origem. É o que pode ser observado nos relatos a seguir:

“Aqui tudo é mais difícil...trabalho ganhando bem, ter um carro, morar num local bom...casa ou apartamento porque o salário da pessoa não dá para se manter por ser tudo caro.” (Lorena, 19 anos, viveu em Portugal 3 anos, retornou em 2011)

“Conseguir manter meu filho e minha casa com o dinheiro que ganho que não dá pra nada. No Brasil é tudo caro. O custo de vida muito alto. Tenho trabalho mas não ganho o suficiente pra ter uma vida melhor.” (Roberto, 1ª vez migrou com 25 anos e retornou com 26 anos, viveu 1 ano em Portugal, entre 2006 a 2007; 2ª vez migrou com 29 anos e retornou com 30 anos, viveu em Portugal 1 ano, entre 2010 a 2011)

Ainda de acordo com o gráfico 22, a questão da readaptação - estranhar o lugar e as pessoas, é referenciada por 7 mulheres (1/5 das entrevistadas) e 2 homens (pouco mais de 10% dos questionados), destacando-se que estes são filhos que acompanharam seus pais no projeto migratório. Verifica-se assim que para as mulheres e para os descendentes, o sentimento de estranheza é mais marcante, sendo que, no caso dos últimos, a pouca vivência e experiência do território para o qual regressam constitui um contributo forte para esta sensação. Relativamente às mulheres, este maior estranhamento do lugar e das pessoas não pode ser dissociado dos elementos de emancipação e empoderamento que muitas vezes estão associados à sua experiência migratória⁶⁷ e que, de algum modo, são colocados em causa no seu retorno ao Brasil.

No momento do retorno ao Brasil, metade dos migrantes regressou acompanhada de descendentes (quadro 30), a larga maioria destes menores de idade (29 em 37) e nascidos em Portugal (30 em 37). Refira-se que dos 21 emigrantes que tiveram filhos pela primeira vez em Portugal, 16 deles foram progenitores pela primeira vez. Tudo isto confirma a juventude dos migrantes, evidenciando, também, que o retorno de muitos deles acontece num quadro familiar e ainda numa fase adulta-jovem do seu ciclo de vida.

⁶⁷ A este propósito, ver Lisboa (2007) e Ghosh (2009).

Quadro 30: Número de filhos nascidos em Portugal e número de filhos que acompanharam os pais no retorno para o Brasil

Número de filhos nascidos em Portugal	Total de entrevistados	Número total de filhos nascidos em Portugal	Número de filhos no retorno para o Brasil (nascidos em Portugal ou no Brasil)	Total de entrevistados	Número total de filhos que acompanharam os pais no momento do retorno para o Brasil
1 filho	13	13	2 filhos menores de idade	7	14
2 filhos	7	14	2 filhos maiores de idade	2	4
3 filhos	1	3	1 filho maior de idade	1	1
Nenhum filho	29	0	1 filho menor de idade	13	13
			2 filhos (1 menor de idade e 1 maior de idade)	1	2
			3 filhos menores de idade	1	3
			Nenhum filho acompanhou o migrante no retorno	25	
Total Geral	50	30	Total geral	50	37

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Todos nascidos em Portugal e retornados têm pais (mãe e pai) de origem brasileira;

* Dos 30 filhos que nasceram em Portugal e retornaram, 29 são menores e apenas 1 com maior idade (18 anos);

* Dos 20 filhos que foram para Portugal (quadro 28) 14 são menores e 6 maiores; desses, apenas 7 retornaram para o Brasil no mesmo momento com os pais (quadro 29).

Esses filhos envolvidos na emigração para Portugal dos pais e retorno para o Brasil, exteriorizam a sensação vivida de não mais se “sentir em casa”, ocorrendo confrontação com o “novo espaço – espaço de origem”. Parece que não se “pertence” ao espaço de origem, que, na verdade, em termos de socialização, é “de origem” essencialmente para os pais. A ausência do ritmo de vida do cotidiano, a quebra dos vínculos com o país de origem que antes eram vistos e sentidos como inatos, são modificados pela trajetória migratória e, sobretudo, pela longa presença no estrangeiro, que se torna mais marcante para os jovens que aí fazem a sua sociabilização:

“Vivia com meus pais em Portugal. Fui com 16 anos, quase 17 anos. agora tenho 29 anos. Casei e formei minha família em Portugal, [...] Estou acostumada com o modo de vida do povo de lá... Eu queria que o povo de lá tivesse a alegria do povo daqui. Mas gostaria que o povo aqui respeitasse mais. Estranho muito as coisas. A principal razão por eu ter voltado... foi... foi por meus pais já terem voltado pro Brasil. Acho que o povo daqui fala muito da sua vida e da vida dos outros.(Viviam, 29 anos,

viveu com os pais e depois com marido em Portugal 12 anos, retornou com o marido e duas filhas em 2012)

“Eu vim de Portugal até aqui chorando. Estranhei. Minha mãe já tinha vindo aqui com meu irmão, mas eu não. Eu olhava pros meus amigos aqui, Estavam crescendo (pausa). Alguma coisa estava estranha em mim... (pausa) A casa da mãe minha avó tinha mudado bastante. (pausa). Foi muito estranho... Por mim tinha ficado em Portugal. Mas tinha que voltar com minha mãe.” (Carolina, 18 anos, viveu com a mãe e o padrasto em Portugal 5 anos, retornou com a mãe em 2013).

“Quando meus pais decidiram voltar pro Brasil, depois de 20 anos que viviam em Portugal. Pra mim ia ser tudo diferente. Eu tinha vindo pro Brasil passear com 10 anos de idade. Não lembrava de quase nada... [...] Nos primeiros dias achei tudo bom. Ai quando passa o 1 mês, o 2º mês e a pessoa cai na real quando sai. No modo de como andar na rua. As pessoas aqui ficam encarando a pessoa... Estranhei alguns lugares... O convívio com algumas pessoas eu acho estranho” (Gustavo, 18 anos, nasceu em Portugal, retornou com os pais em 2013)

A partir dos relatos, pode-se considerar que, “O estranhamento é causado sobretudo pelas transformações do uso do espaço e de uma nova organização do tempo na vida cotidiana, colocando os migrantes retornados face a situações transformadoras imprevistas” (Ferreira, 2007:32), perspectiva também discutida por Sayad (2000). Após o percurso migratório, nem o migrante, nem o território de origem e as pessoas que aí permaneceram são mais os mesmos, sendo essa, portanto, a razão do estranhamento e desconforto presente no retorno.

Conforme afirmam Berger e Luckmann (1983), a identidade envolve a junção do sujeito e da sociedade. Nessa perspectiva, podemos observar no gráfico 22 que para apenas 9 entrevistados (7 mulheres – 21% - e 2 homens – 13%) esse reencontro com a identidade foi fácil, pois afirmaram não ter dificuldades no regresso, tendo-se identificado com o território. E se é a identidade que atribui meios para auxiliar e situar o sujeito em seus espaços que estão em constante transformação com relação ao que se imagina ou anseia, nem todos os que retornam experimentam da mesma maneira a territorialização. Tomando como base as ideias de Haesbaert (2004), que faz referência aos processos territoriais (territorialização, desterritorialização, reterritorialização) destacando uma visão geográfica em sua totalidade (percepção, relação social com o espaço e identificação com este), a territorialização dos que retornam é ativada como forma

de re-estabelecimento no local de origem, reconstruindo ou reativando os laços sociais e a imbricação no lugar. Para aqueles que assumem uma atitude pró-ativa, mantiveram ligações mais ou menos fortes à origem e ativaram práticas transnacionais, o estranhamento é trabalhado e reelaborado sem grandes conflitos.

“Em Valadares só cheguei faz um mei. [...] Ultrapassar as dificuldade sempre é possível. Sei que tenho pocos estudo. Minha vida tomará um bom rumo... Mas quando se tem garra, força... Tudo é possível!” (Elia, 33 anos, viveu em Portugal 6 anos, retornou em 2014)

“Cheguei em maio e junho já estava trabalhando. Tenho novas amizades... Já estou um ano no mesmo trabalho com carteira assinada. Trabalho das 9 da manhã às 18:30. Ganho um salário mínimo.” (Luam, 22 anos, viveu em Portugal 2 anos, retornou em 2013)

“Não tive dificuldade... Em Portugal financeiramente estava bem. Só foi começar a organizar minha casa aqui... comprar todos os móveis... até agora ainda não comprei tudo... É um recomeço aqui em Valadares. Já estou acostumada com as pessoas... com o lugar” (Amanda, 49 anos, viveu em Portugal 20 anos, retornou em 2013)

Relativamente à influência da vida profissional e pessoal em Portugal sobre a experiência no retorno, observa-se nas entrevistas (quadro 31) que aquelas têm correlação positiva com a obtenção de uma melhor condição de vida (mobilidade social e económica) no Brasil. Efetivamente, 90% dos entrevistados (31 mulheres e 14 homens) afirma que sua experiência migratória em Portugal influenciou sua vida no retorno favoravelmente (quadro 31): i) No domínio pessoal e profissional; ii) Na obtenção de uma melhor condição social e económica; iii) Na experiência pessoal e profissional.

Quadro 31: Influência da experiência de vida (pessoal e profissional) em Portugal na inserção profissional e pessoal atual no Brasil

	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total %
1) Experiência pessoal e profissional em Portugal influenciou	31	91,1	14	87,5	45	90
2) Experiência pessoal e profissional em Portugal não influenciou	3	8,9	2	12,5	5	10
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

De acordo com Sasaki e Assis (2000:7) “[...] os imigrantes não devem ser vistos como indivíduos, mas como integrantes de estruturas sociais que afetam os múltiplos caminhos da sua mobilidade socioeconômica.” Desta maneira, os sujeitos no percurso migratório passam a fazer parte de novas redes de amigos, podendo também alargar ou intensificar as suas redes familiares. Adquirem novas experiências que podem ser utilizadas em benefício próprio e, posteriormente, utilizam esse conjunto de aprendizados para realizar seus projetos. Como observamos nas palavras dos entrevistados:

“Aprendi a fazer unha de gel em Portugal. Também fiz cursos em Portugal de unha de gel que foi bom para aprender para uma nova profissão, assim posso trabalhar e ganhar mais. Antes de ir para lá eu era do sítio, é zona rural. Eu não sabia o que era viver num lugar grande. Cresci muito no pessoal estou mais madura, com mais experiência... No tempo livre que tinha em Portugal fazia unhas das pessoas. E por fazer os vários cursos aprendi mais ainda a fazer unhas. Investi em mim! Aqui em Valadares posso fazer unhas de gel ou normal. Preciso caminhar com as minhas próprias pernas... Trabalhando para mim (risos!). Agora sei o que quero para mim!” (Elia, 33 anos, viveu em Portugal 6 anos, retornou em 2014)

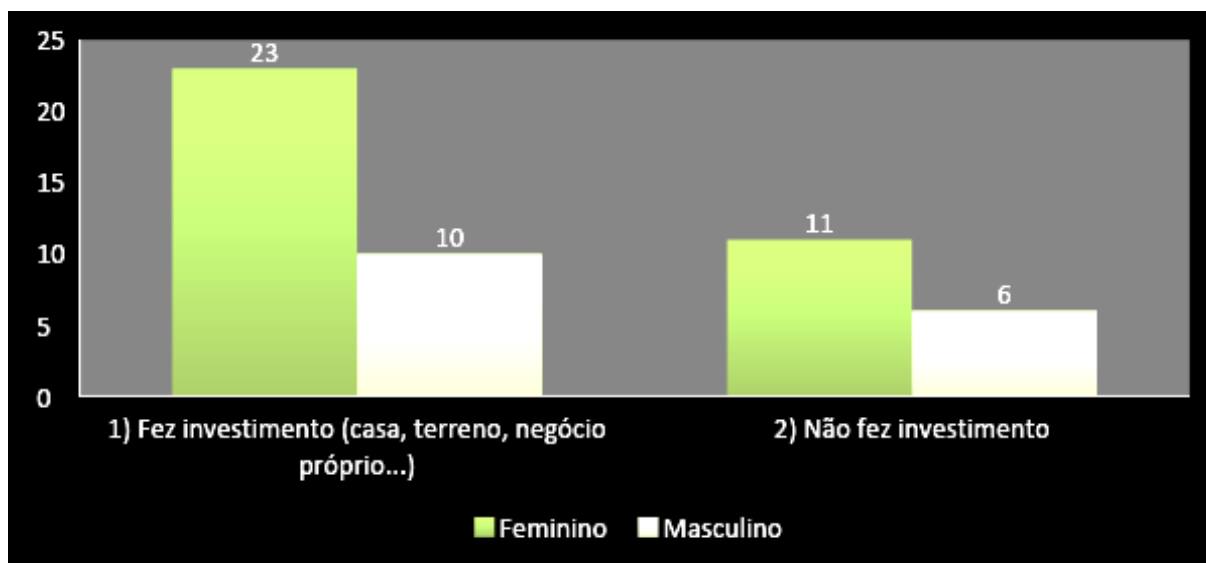
“No pessoal foi uma experiência muito boa... pela qualidade do trabalho que aprendi muito... Pela questão cultural... Convivi com pessoas diferentes... Aprendi a dar mais valor a questão financeira. No profissional aprendi muitas coisas como cabeleireiro... Trabalhei como cabeleireiro. Fui - me aperfeiçoando como cabeleireiro. Acabei por abrir meu salão de cabeleireiro aqui em Valadares.” (Arnaldo, 37 anos, morou em Portugal de 1999/2011/ reemigrou/ retornou 2011/2013)

“Na experiência de fotógrafo ajudou muito! A filmagem eu comecei em 2002 lá. Fui estudando... evoluindo. Eu sou autodidata. Porque eu só fiz curso de eletrônica na UNIVALE. Em fotografia e filmagem eu aprendi tudo! Eu trouxe a experiência para cá em filmagem e fotografia... E no pessoal amadureci muito. ... Quem vai pro exterior aprendi algo na vida... Aprendi a falar só o que é preciso... Não falar de ninguém... ser verdadeiro... Aprendi isso com os portugueses.” (Heitor, 37 anos, viveu em Portugal 12 anos, retornou em 2012)

Como argumenta Becker (1975), o capital humano é um conjunto de aptidões produtivas que uma pessoa consegue obter, resultante do acúmulo de experiências originais ou particulares, que podem ser empregadas na realização de riqueza. Assim, as vivências de imigrantes no lugar de destino fornecem atributos que colaboram na vida pessoal e profissional, originando, uma melhor condição socioeconômica, o que colabora na reinserção no país de origem. E, como afirma Portes: “O capital social refere-se à capacidade dos indivíduos para mobilizar recursos escassos em virtude da sua pertença a redes ou estruturas sociais mais amplas” (Portes, 1999:16). Nessa perspectiva, os dados e os relatos demonstram que o retorno apresenta diferentes nuances, dependendo da experiência vivenciada, do capital social, dos aspectos psicossociais e das condições econômicas dos sujeitos no retorno.

Com relação aos investimentos no Brasil (gráfico 23), observa-se que a maioria dos 50 entrevistados, 68% (23 mulheres e 11 homens) fez investimentos no Brasil, mesmo em situação de crise econômica em Portugal. Na verdade, a poupança foi realizada ao longo de todo o período de emigração. Investir no país de origem pressupõe, assim, melhoramento de condição de vida, sendo, também, uma aposta para o futuro.

Gráfico 23: Investimento no Brasil, por sexo



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Dos 33 entrevistados que fizeram investimentos, 10 são empreendedores. Desses, 6 mulheres abriram 3 salões de beleza, 1 lanchonete, 1 restaurante, e 1 talho (açougue); os 4 homens abriram 1 loja informática, 1 loja de revelação de fotografia/filmagem, 1 salão, 1 construtora. Os outros 23 que fizeram investimentos, apostaram principalmente na compra de casa, carro, terreno, mobília para casa;

* As 6 mulheres que abriram seu próprio negócio são casadas. Todas estão à frente da gestão do negócio. 1 mulher abriu talho (açougue) tem 4 funcionários e 1 dos salões de beleza tem um cabeleireiro. Em relação ao negócio aberto pelos homens, 3 deles são casados e um separado (ruptura da relação após o retorno). Todos estão à frente do próprio negócio. Apenas o que trabalha com fotografia/filmagem não tem empregados; os demais empreendedores homens têm de 1 a 4 empregados.

De acordo com Portes (2001), o transmigrante é aquele que desenvolve e conserva vínculos simultâneos com o país de destino e o país de origem, sejam eles afetivos, económicos ou políticos. As práticas transnacionais entre os dois destinos são componentes características na vivência dos sujeitos (CASTLES, 2005).

Segundo os relatos dos entrevistados, as práticas transnacionais durante o tempo que estiveram emigrados em Portugal, em relação ao envio de remessas financeiras, eram realizadas através de agência de câmbio ou instituição bancária. As remessas financeiras não eram constantes, sendo mais comum deixar o dinheiro em uma conta no banco em Portugal ou levar o dinheiro quando se ia de férias para o Brasil. Percebe-se entre os entrevistados um “certo receio” em confiar em parentes para realizar negociações, ou ter acesso à sua conta bancária. Consideravam mais seguro fazer diretamente as negociações e os investimentos, tanto na compra do carro, da casa ou de lotes de terreno, como no processo de estabelecimento de um negócio próprio. O envio de remessas financeiras mais pontual para alguns dos

entrevistados era feito via agência de câmbio e tendo como destino a subsistência das famílias (filhos, mulher/ companheira, pais) que estavam no local de origem.

“Durante o período que estava em Portugal comprei um lote. Tinha uma conta no banco lá em Portugal. Quando vinha pro Brasil trazia uma parte do dinheiro para investir... E foi com a venda desse lote e outro da minha mulher que compramos a nossa casa.” (Janaína, 38 anos, viveu em Portugal 13 anos, retornou em 2012)

“Eu ainda consegui ajudar minha mãe a reformar a casa dela. Também pude comprar uma pequena casa em Valadares. Eu tinha uma conta aqui em Valadares, onde eu e meu marido mandávamos dinheiro quando podia. Quando voltamos compramos essa casa.” (Viviane, 31 anos, viveu em Portugal 8 anos, retornou em 2012)

É interessante ressaltar que muitas mulheres antes da migração tinham um papel que resumia-se apenas, em muitas circunstâncias, à esfera familiar (tarefas de casa, educação dos filhos). Como mencionado atrás, segundo Ghosh (2009), a experiência no período de migração tem um papel emancipador e de autonomia econômica para muitas mulheres. No retorno, a independência das mulheres migrantes é evidenciada pelo desejo de conciliar a vida familiar com a vida profissional, com benefício na qualidade de vida. Como podemos observar nos relatos dos entrevistados, este processo parece concretizar-se:

“Esse açougue abri depois da separação com economias de Portugal. Comprei junto do meu marido quando voltamos uma casa e um carro. Mas na separação, meu ex ficou com a casa e o carro. Eu desde que voltei tinha dúvida que negócio ia abrir. Depois da separação comecei a trabalhar num talho aqui em Central de Minas. Pensei que eu seria capaz de abrir um açougue pra mim. Ter meu próprio negócio. Ser independente. E consegui! Está todo legalizado o açougue”. (Débora 25 anos viveu em Portugal 7 anos, retornou 2010)

Quando perguntado aos entrevistados que retornaram sobre o projeto para obter renda, pode-se observar, no quadro 31 e nos relatos de Laura e Ester, que as mulheres que investiram em pequenos negócios pretendem dar continuidade ou mesmo ampliar essas pequenas iniciativas empresariais:

“Quando vim pra Portugal já tinha uma casa muito boa em Valadares. Tinha meu salão (ponto) alugado. Juntei meu dinheiro esse tempo todo. Perto de voltar pro Brasil mandei meu dinheiro pra minha conta do Banco do Brasil em Valadares. Voltei pra Valadares e abri um salão num local

*muito bom que foi num spa. Assim posso ter meu próprio dinheiro.”
(Laura, 41 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2011)*

“Com minhas economias comprei uma chácara. Estou terminando de construir a casa aqui em Valadares. Eu e meu marido vendemos o salão em Portugal que compramos com nossas economias. Foi para comprar este salão aqui. Já faz um ano que abri o salão. Assim tenho uma vida fora de casa... Tenho também um consórcio da moto.” (Ester, 35 anos, viveu em Portugal 12 anos, retornou em 2013)

Essa perspectiva é confirmada observando o quadro 32 que demonstra que a maior parte dos entrevistados (15, que correspondem a 30% do total) têm a intenção de abrir um negócio ou de o continuar/ampliar. Isto é mais significativo entre as mulheres, pois cerca de 1/3 (11 em 34) refere a via empreendedora (e são apenas elas que têm intenção de iniciar novos negócios), enquanto para os homens o valor baixa para 1/4 (4 em 16 entrevistados), correspondendo, em todos os casos, à manutenção de atividade já estabelecida. Isto denota, também, que o processo migratório parece ter um efeito mais incentivador junto das mulheres, relativamente à abertura de pequenas actividades empresariais e ao risco que lhes é inerente. Por outro lado, 26% das mulheres entrevistadas (9 em 34) demonstram o desejo de estudar para ter emprego e salário mais elevado, valor bem superior àquele que encontramos para os homens inquiridos (2 em 16, isto é, aproximadamente 13%).

Estes elementos vão ao encontro das teses que apontam para um reforço da emancipação, empoderamento e autonomia das mulheres durante o percurso migratório, que depois se reflete na implementação de novas práticas no retorno (Siqueira, 2009). Para os homens, dar continuidade a iniciativas já existentes ou concentrarem-se em ganhar dinheiro, trabalhando, por conta de outrem, constituem os projetos mais destacados.

Quadro 32: Projeto para obter renda na origem, após retorno, por sexo

	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total %
1) Continuar ou ampliar negócio próprio	4	11,8	4	25	8	16
2) Montar negócio próprio	7	20,5	0	0	7	14
3) Estudar para ter emprego e salário melhor	9	26,5	2	12,5	11	22
4) Ganhar dinheiro trabalhando para comprar casa, carro, terreno...	4	11,8	2	12,5	6	12
5) Ter trabalho	6	17,6	6	37,5	12	24
6) Outros projetos*	4	11,8	2	12,5	6	12
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* No ponto 6 (outros projetos), incluem-se 6 entrevistados que mencionaram razões específicas de caráter diversificado, não passíveis de classificação lógica em outras categorias.

Nos relatos, estas diferenças entre homens e mulheres também são evidenciadas, pois elas enfatizam, precisamente, o projeto de montar o próprio negócio e estudar como intenção de melhorar sua renda no futuro mais do que os homens:

“Meu projeto é estudar... é fazer uma faculdade...de administração ou arquitetura. Não fiz ainda pela razão de só ter trabalhado há pouco tempo... Só tenho um ano que voltei pro Brasil. E quem sabe mais pra frente ter um negócio meu...montar uma loja de roupa... ou de cosmético, ou acessório...” (Roberta, 24 anos, viveu em Portugal 8 anos, retornou em 2013)

“Meus planos no momento é continuar trabalhando. Depois fazer uma faculdade para ter emprego melhor. Ou prestar um concurso público.” (Lia, 22 anos, viveu em Portugal 2 anos, retornou em 2013)

“Tentar melhorar no trabalho pra ganhar tendo mais estudos. Não é para agora. Preciso de dinheiro para estudar. Mas só assim posso ter um salário melhor...Uma vida melhor!” (Mônica, 35 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2011)

É visível a capacidade das mulheres de percepção e reação à mudança em resposta à experiência durante o tempo de emigração, quando expressam a vontade em melhoria de vida e a ideia de mobilizar vários recursos para o conseguir – afinal,

trata-se da construção explícita de um projeto de vida pessoal e profissional. Observa-se nos relatos o desejo “em estudar para ter um emprego melhor”, “montar seu próprio negócio”.

Os entrevistados utilizam distintas formas de tecnologias coletivas (a internet com mais frequência por ter custo baixo - WhatsApp, Facebook e Skype, com menos frequência ligações via telefone ou telemóvel por terem custo elevado) para comunicarem com os seus familiares e amigos que continuam em Portugal. Em relação à assiduidade da comunicação entre os entrevistados, há alguns que falam quase todos os dias, principalmente com filhos que ficaram em Portugal, somando 14 pessoas em 50 (quadro 33). Esta prática é mais frequente entre as mulheres (11 em 34 fazem-no, o que corresponde a quase 1/3 das entrevistadas) do que entre os homens (apenas 3 em 16, o que significa menos de 20%). Refira-se que a maioria dos homens (13 em 16) menciona contatos mensais ou ainda menos frequentes, o que parece evidenciar que a importância da estadia em Portugal e as lógicas do transnacionalismo afetivo, sobretudo para com familiares, têm mais protagonistas entre as mulheres retornadas (quase metade declaram contactar semanal ou diariamente com Portugal). Note-se que isto não obsta a que 8 mulheres tenham contatos apenas esporádicos ou mesmo nenhum contato com o país de destino, valor mais elevado, em termos relativos, do que o observado para o grupo de homens (quadro 33).

Quadro 33: Frequência da ligação (comunicação) com Portugal, por sexo

Intensidade das comunicações	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total %
1) Quase todos os dias	11	32,3	3	18,8	14	28
2) Quase toda semana	5	14,7	0	0	5	10
3) Todos os meses	10	29,4	10	62,5	20	40
4) Com menos frequência	4	11,8	2	12,5	6	12
5) Perdeu contato	4	11,8	1	6,2	5	10
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Relativamente aos casos de contato menos frequente, considera-se pelos relatos dos entrevistados que a não manutenção dos laços com amigos e familiares

que ficaram em Portugal tem as mais variadas razões - falta de tempo, dificuldade em acessar e custo alto da internet, valor elevado das ligações via telefone:

“Falo com meus três filhos que moram em Lagos. Falo por celular uma vez por mês. Não tenho computador pra falar pela internet.” (Armando, 60 anos, viveu em Portugal 12 anos, retornou em 2014)

“Falo pelo facebook quase toda semana com umas ex vizinhas e minha cunhada que ainda ficou vivendo em Portugal.” (Pilar, 31 anos, viveu em Portugal 11 anos, retornou em 2010)

“Deixei alguns amigos em Portugal. Sempre que posso falo com elas pelo facebook, não há dia certo para falar, se a pessoa está online, fala. Ligar é muito caro.” (Mercedes, 35 anos, viveu em Portugal 5 anos, retornou em 2011)

As novas tecnologias facilitam as comunicações e ampliam as redes de contato. Os dados do quadro 33 demonstram que os contatos estão sendo na generalidade mantidos, pois apenas 11 perderam o contato ou têm pouco contato com seu círculo de conhecimento que ficou em Portugal. Esta evidência dos “canais abertos”, mostra que o retorno pode não corresponder ao encerramento do ciclo migratório, como menciona Portes (1999), pois a informação continua a circular e, eventuais alterações de contexto, podem induzir a reemigração. Contudo, é importante lembrar que à medida que o tempo vai passando, os interesses vão mudando e esses vínculos vão se desfazendo. Diferentemente, aqueles que deixam parentes muito próximos vão mantendo os laços e a comunicação.

Precisamente no que respeita à reemigração, no quadro 34 observa-se que dos 50 entrevistados, 6 (todos homens) já reemigraram para Portugal duas vezes. Embora a maioria dos entrevistados revele pouca circularidade⁶⁸ entre origem e destino, uma pequena parte foi capaz de mobilizar essa circularidade e reemigrar para Portugal, sendo de admitir que isto possa acentuar-se no novo contexto pós-

⁶⁸Segundo Siqueira e Pereira (2013:132) “Esta opção pela migração circular, envolvendo retorno temporário e manutenção de uma ligação aos países de emigração e correspondente estilo de vida, envolve vários fatores: pode servir para atenuar sentimentos de estranhamento e dificuldades de reintegração no país de origem, garante o acesso ao nível de rendimentos do país de destino, quando o regresso à origem não o permitiria (por exemplo, devido a restrições impostas pelos regimes de segurança social) e assegura, também dessa forma, a manutenção do envio de remessas e manutenção de famílias (mais ou menos alargadas) no país de origem (entre outros).” Consideramos aqui circularidade como o movimento do indivíduo entre vários lugares seja para passeio, trabalho ou por razões indefinidas.

2015, que é marcado pela reversão das condições anteriores, uma vez que a instabilidade político-económica caracteriza atualmente o Brasil e a recuperação económica marcou Portugal nos últimos 3 anos. Efetivamente, o retorno não tem de ser uma fixação definitiva; podendo acontecer variados retornos e partidas.

Quadro 34: Entrevistados que já reemigraram após o retorno, por sexo

	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total %
1) Sim, para Portugal	0	0	6	37,5	6	12
2) Não	34	100	10	62,6	41	88
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

* Dos 6 entrevistados que reemigraram, nenhum mostrou intenção em reemigrar outra vez.

Quando os emigrantes referem nos seus relatos os diversos momentos da circulação entre Portugal e Brasil, percebe-se que se trata de permanências transitórias, de ciclos que se repetem, sendo os motivos principalmente económicos e familiares:

“Vim a primeira vez fui pra Portugal e fiquei só um ano, depois voltei pro Brasil e fiquei uns 3 anos... Daí voltei pra Portugal. Eu fui a primeira vez pra melhorar de vida... A primeira vez voltei por não querer mais ficar em Portugal. Na segunda foi por causa do meu filho. Da segunda vez volto porque quis voltar. Estava trabalhando mas não quis mais ficar em Portugal. Tinha minha família no Brasil.” (Reginaldo, migrou 1ª vez aos 25 anos e a 2ª Vez aos 29 anos. Retornou a 1ª Vez aos 26 anos e a 2ª Vez aos 30 anos. Migrou para Portugal a 1ª vez em 2006 e a 2ª Vez em 2010; retornou a 1ª Vez em 2007 e a 2ª Vez em 2011)

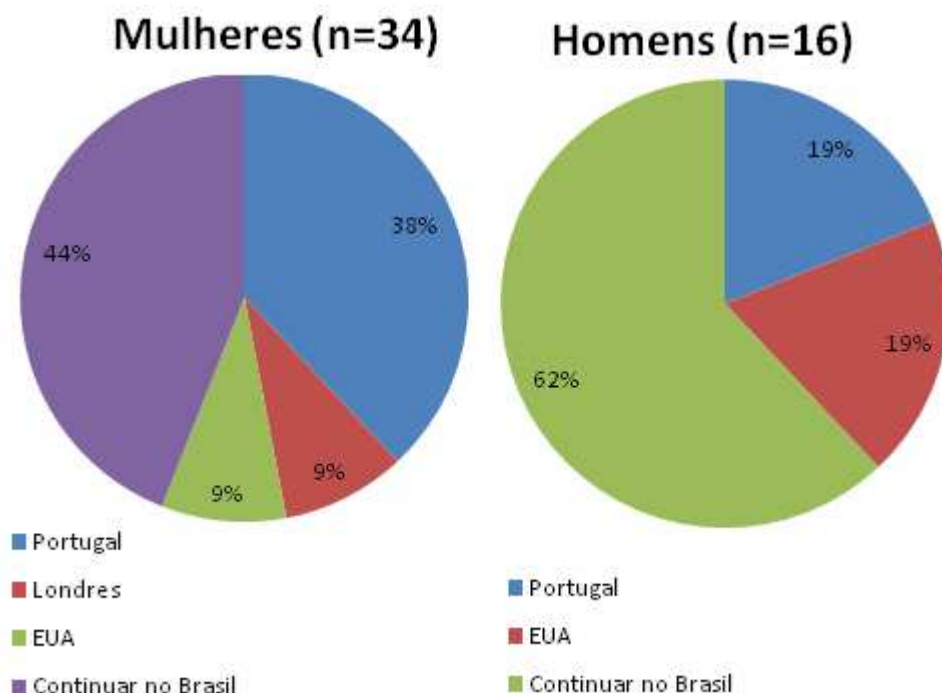
“Eu fui novo com 19 anos. Parei os estudos no 2º ano. Então eu queria ter uma experiência diferente... Meu pai estava em Portugal. Fiquei aqui [Brasil] um ano. Comecei a namorar com essa moça... eu já conhecia ela... E casamos assim rápido. Em um mês! E voltamos lá pra Portugal para tentar melhorar de vida. E retornei a primeira vez porque já estava cansado de trabalhar no restaurante. E a segunda vez foi por causa da esposa. Ela veio embora primeiro. Eu fiquei em Portugal ainda. Tive que retornar pra resolver essa situação.” (Arlindo, migrou a 1ª vez aos 19 anos e a 2ª vez aos 21 anos. Retornou a 1ª vez aos 21 anos e a 2ª vez aos 24

anos. Migrou a 1ª vez em 2006 e a 2ª vez em 2008; retornou a 1ª vez em 2008 e a 2ª vez em 2011)

Quando questionados sobre se gostariam de viver em outro país – reemigrar (gráfico 24), metade dos entrevistados expressa o desejo de o fazer em algum momento. Esta intenção é mais significativa entre as mulheres (19 em 34, o que corresponde a cerca de 56% das entrevistadas) do que entre os homens (6 em 16, isto é, aproximadamente 38%). Este resultado está em linha com o que vimos dizendo a propósito do maior impacto do processo migratório nestas mulheres brasileiras, em termos de emancipação e empoderamento, contribuindo isto para que a hipótese de reemigração, em alguns casos para outros locais (Londres, EUA), se coloque de modo mais explícito.

Conforme destaca Padilla (2007), a experiência migratória modifica a percepção das mulheres em relação a seus papéis sociais e suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e na condução de suas vidas, reforçando a autonomia. Ora no retorno à sociedade de origem, seus companheiros ou familiares desejam, frequentemente, que elas reassumam a antiga posição e relação de género, o que se torna extremamente difícil, se não mesmo inaceitável. Essa é, pois, uma das razões que ajuda a explicar o facto de mais mulheres retornadas ao Brasil desejarem migrar novamente.

Gráfico 24: Gostaria de viver em outro país (reemigrar), por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

As razões que levam a reemigrar ou permanecer no país de origem são distintas, como a dificuldade na readaptação, ocasionada pelo afastamento do “tempo emigrado”, sobretudo quando se eterniza por longos anos o binómio temporal passado/presente, alimentado pelo imaginário do que ficou para trás na terra de origem, sustentado na lembrança das “velhas” relações familiares, amizades, ainda do momento anterior à emigração. Como os lugares são dinâmicos, os migrantes ao regressarem, deparam – se com uma realidade que, às vezes, não é a esperada e nem é a mesma do espaço de origem inicial, associado ao momento de partida. Adicionalmente, as experiências quotidianas que tiveram no país de destino não podem ser reproduzidas na sociedade de origem, que possui características sociais, políticas e económicas específicas. Evidencia-se, portanto, que o retorno e a (re) adaptação (ou não) são vividas e experienciadas de modo distinto pelos vários regressados, dependendo de fatores diversos que, para além da dimensão temporal do afastamento, vão desde a interseção no mercado de trabalho até à adaptação ao território, passando pela relação com seus pares e com as práticas sociais, entre vários outros:

“Sim, eu gostaria de voltar pra Portugal. Porque pra mim mesmo na crise eu enfreto as barreiras... Lá tive uma vida muito melhor do que tenho aqui no Brasil... Tudo aqui é muito difícil em relação ao que vivi em Portugal... Estranho por tudo ser caro e difícil de conseguir. Aqui tou distante das pessoa que conhecia...E lá... fiz muitas amizade com portugueses. Eu gosto muito de Portugal!!” (Moara, 42 anos, viveu em Portugal 7 anos, retornou em 2012)

“Não. Eu não tenho nos meus planos de migrar outra vez. A pessoa quando migra trabalha de mais. Envelhece muito. Quero ficar aqui no Brasil mesmo.” (Jacira, 40 anos, viveu em Portugal 13 anos, retornou em 2012)

“Eu penso em Londres por ter parentes lá. Mas para sair daqui com minha filha preciso de autorização do pai. Acho que a educação para minha filha lá... é melhor. No Brasil as coisas são complicadas...” (Munique, 32 anos, viveu em Portugal 6 anos, retornou em 2012)

Valeu a pena ou não retornar? As respostas a essa questão estão sistematizadas no quadro 35, detetando-se um balanço claramente positivo, pois 82% dos entrevistados (29 mulheres e 12 homens) estão satisfeitos com a opção que tomaram. A influência na tomada de decisão para o retorno contou não apenas com a questão familiar, como já foi mencionado anteriormente, mas também com aspectos económicos não só do país de destino mas principalmente do Brasil, que se encontrava com economia em crescimento.

Quadro 35: Avaliação do retorno ao Brasil, por sexo (%)

	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total %
1) Valeu a pena ter retornado	29	85,3	12	75	41	82
2) Não valeu a pena ter retornado	5	14,7	4	25	9	18
Total Geral	34	100	16	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora no Brasil (2014)

Embora façam maioritariamente um balanço positivo da opção de regressar ao Brasil, os depoimentos recolhidos mostram que alguns entrevistados no retorno sentem-se “imigrantes no próprio país”, consequência do tempo em que estiveram ausentes. Como a experiência migratória é diferenciada para cada pessoa, no

retorno, como é mencionado no relato dos entrevistados, verifica-se em alguns casos uma contradição entre a própria presença e o voltar a pertencer ao espaço que “era de origem”, e, em outros casos, o sentimento de pertencimento em relação ao lugar e a retomada das relações familiares, das amizades:

“Não! Pelas condições que encontrei aqui. E pelas condições que o meu país oferece. Não valeu a pena! Eu estranhei as pessoas, a sujeira. Era o tal fúnil que falava.... No início é bom mas depois vc cai na real que precisa trabalhar. Continuar a vida. Qua as pessoas que ficaram não estão preocupadas com você. Cada um tem sua vida. Quando vc procura as pessoas q conhecia e pensa que terá o calor humano não é nada disso. Quando vc sai tudo isso é dissolvido. Então é se sentir um imigrante na sua terra...[...] Tive vontade de voltar mas não tinha condições.”(Paola, 32 anos, viveu em Portugal 11 anos, retornou em 2011)

“Valeu! Hoje o nível de vida meu aqui não está como lá, mas tinha uma vida organizada. Lá eu tinha carro, aqui não. Aqui já vivo bem na minha casa própria. E o que faço é pagar contas da casa. Aqui estou descansado que não pago aluguel e nem prestação de casa. E não me arrependo de ter vindo antes pro Brasil. Porque Deus tem o tempo dele. E era o tempo certo de voltar quando voltei. Não me arrependo de nada! Aqui acho que estou melhor. Perto dos meus familiares, amigos.” (Joice, 38 anos, viveu em Portugal 13 anos, retornou em 2012)

Valeu assim, aqui está minha terra, as minhas origens estão aqui e não lá. E... o Brasil é a minha casa, É a minha terra. A minha família é aqui, não é lá fora. Mesmo meus filhos estando em Portugal. Eu acho que eles lá vão casar. Vão viver lá... Não sei quando eles vão voltar a passeio pra cá. (Soraia, 42 anos, viveu em Portugal 10 anos, retornou em 2014)

De acordo com Sayad (1998:15), o espaço de circulação não é exclusivamente um espaço físico, “ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através de duas realizações culturais que são a língua e a religião)”. Como já foi referido, o retorno é um elemento constituinte do projeto migratório – no retorno o emigrante assimila e compreende que o espaço concreto – espaço geográfico é idêntico, não de forma linear, mas de forma circular, o emigrante vai e volta ao seu lugar de saída, mas não volta para o mesmo tempo de partida (SAYAD, 2000). Inclusive, não só o tempo possui ligação com a utilização do espaço, mas também o tempo e o espaço não se desvinculam e possuem efeitos diretamente nas experiências de vida dos que retornam.

Retornar é, sem dúvida, um processo sensível e difícil, porque é uma nova migração no sentido oposto do inicial. Sucessos e decepções, alegrias e tristezas, sentimento de estranheza e estranhamento vão ocorrer no processo de reencontro com a terra de origem - lugar, pessoas e até mesmo o reencontro do próprio sujeito “imigrante – aquele que teve novos contatos e foi adquirindo novas características no estrangeiro”, com o que retorna – emigrante – aquele que procura se (re)adaptar ao local de onde saiu, readquirir a sua condição de membro da comunidade de origem. Muitas vezes, esse migrante imagina e deseja que vai retornar para o mesmo espaço e tempo de quando migrou e que vai encontrar as pessoas e o lugar como os deixou. Mas nem o lugar, nem as pessoas, nem o próprio sujeito que retornou são mais os mesmos, podendo isso dar origem a um conflito interno – a princípio, confrontado com diferenças que não percebe, não domina ou não deseja, o migrante parece “não querer perceber” ou “negar-se a aceitar essas mudanças” (SAYAD, 1998).

E como relatou Célia, 53 anos, que viveu em Portugal 12 anos e retornou em 2013. “[...] uma coisa que marcou foi colocar a vida da gente numa mala para retornar... E quando fui para Portugal também coloquei a vida numa mala outra vez...”

Nessa perspectiva, são variados os motivos e contextos migratórios de vida apontados nas respostas dos entrevistados que retornam. Os percursos dos migrantes devem ser estudados e entendidos de forma que abranjam manifestações dentro do quadro social, político, económico e cultural, mas também constituídos de suas particularidades individuais, constituindo a dimensão psicológica um elemento importante para a reorganização das emoções, sentimentos, rupturas e formas de reinserção.

7.2 OS QUE PERMANECEM: EXPETATIVAS E REALIDADE

“(...) Se algum dia à minha terra eu voltar,
quero encontrar as mesmas coisas que deixei...
De rever a terra em que nasci
E correr como em criança nos verdes campos do lugar...”

Música: Os Verdes Campos da Minha Terra - Agnaldo Timóteo

“[...] Evidente que ao longo dos 11 anos perdi o contato com os amigos. Mas o interessante que agora que vou mais pro Brasil. Estou resgatando o contato outra vez com os meus amigos. Falo todos os dias pelo facebook e whatsapp. Telefone é mais demorado. É um tempo perdido que não volta... É uma sequela que ninguém vai curar... É uma sequela que vai levar pro resto da vida... Esse buraco... (pausa)... que foi feito nos anos longe do Brasil e distante de todos.

“O que você chama de “buraco”?”

“Eu chamo esse buraco de ilusão! A gente às vezes aparenta uma coisa... mas o que vai por dentro é outra... Eu acredito que ninguém é feliz longe das suas raízes. Longe do seu país. A não ser que seu país passe por uma guerra, catástrofe. Primeiro ano no outro país é a fase da adaptação. Segundo ano vai se acostumando. Terceiro ano você não sabe se é daqui ou de lá... Às vezes a pessoa acorda completamente sem identidade! E nesse momento eu consigo me sentir de lá... Quando eu resgato minha identidade! Quando resgato os meus amigos! Quando tenho a certeza do meu retorno. Mas acho que a minha idade contribui pra tudo isso. E o mais engraçado era que eu tinha consciência que estava perdendo a minha identidade. Estava perdendo os meus amigos. Estava perdendo o contato com familiares. Sabia que por mais que eu tivesse noutro país, nunca seria a minha pátria. Eu seria só mais um...! Mesmo tendo dupla cidadania! É claro que consegui trabalhar isso comigo... E hoje quando vou pro Brasil e piso na minha terra, sinto que é o meu lugar! Mas não quero perder o vínculo com Portugal.” (Miguel, 45 anos, Belo Horizonte. Imigrou para Portugal em 2004, vive em Oeiras).

Observa-se nos elementos explícitos e nas entrelinhas deste relato, que apesar de ser individual acaba por ser parecido ao que afirmam outros entrevistados que estão migrados em Portugal, a complexidade do que é ser imigrante. Ao contar suas experiências e sentimentos, o migrante indica, mais ou menos explicitamente, diversas razões, seja para permanecer em Portugal, seja para retornar para o Brasil. Em sentido mais vasto, narra circunstâncias do espaço migrado – país de destino, para explicar as razões de permanecer em Portugal ou de construir seu projeto de

retorno. Evidencia-se a duplicidade (entre a origem e o destino), quando o entrevistado fala:

“A gente às vezes aparenta uma coisa... mas o que vai por dentro é outra... Eu acredito que ninguém é feliz longe das suas raízes. Longe do seu país! Primeiro ano no outro país é a fase da adaptação. Segundo ano vai se acostumando. Terceiro ano você não sabe se é daqui ou de lá. Às vezes a pessoa acorda completamente sem identidade!”(Miguel, 45 anos, Belo Horizonte. Migrou para Portugal em 2004, vive em Oeiras).

E como afirmam Guattari e Rolnik (1999:68), “a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses, que podem ser imaginários. Essa referenciação vai desembocar no que os freudianos chamam de processo de identificação”. Portanto, nos mais variados momentos vivenciados pelo imigrante distante do país de origem, o novo espaço – país de destino, por vezes apresenta um genuíno sentido entre *ser e lugar – existência e territorialidade*. Esses elementos são constituintes das relações sociais no processo de construção e reconstrução da identidade territorial, que atinge os comportamentos dos imigrantes nas vivências no país de destino. Como menciona Casey (2001:684), “não há lugar sem homem, nem homem sem lugar. Esta afirmação revela a compreensão ontológica da espacialidade a partir da qual existe a indissociabilidade ser – lugar, homem – espaço”. Nesse relato, o entrevistado transporta emoções, desejos de reencontros e resgate das amizades; reencontro com familiares ocasionados pelo “*tempo perdido que não volta*”. O “*buraco*” é visto pelo entrevistado Miguel como “ilusão”, ocasionada pelos anos longe do Brasil e distante de todos. Contudo, os dois espaços e tempos de migração, bem como o espaço intermediário, fundem-se em um só – partida, trajetória migratória e retorno⁶⁹ (nesse caso, o retorno não concreto, o pensado, desejado muitas vezes e realizado virtualmente, que é adiado mas não abandonado).

A ruptura com a sociedade de origem gera uma vontade em ocupar um novo espaço, de se sentir pertencente como maneira de buscar “equilíbrio emocional”, o que se comprova quando o entrevistado diz: “[...] quando eu resgato minha identidade! Quando resgato os meus amigos. É quando tenho a certeza do meu retorno. Mas acho que a minha idade contribui pra tudo isso. E o mais engraçado

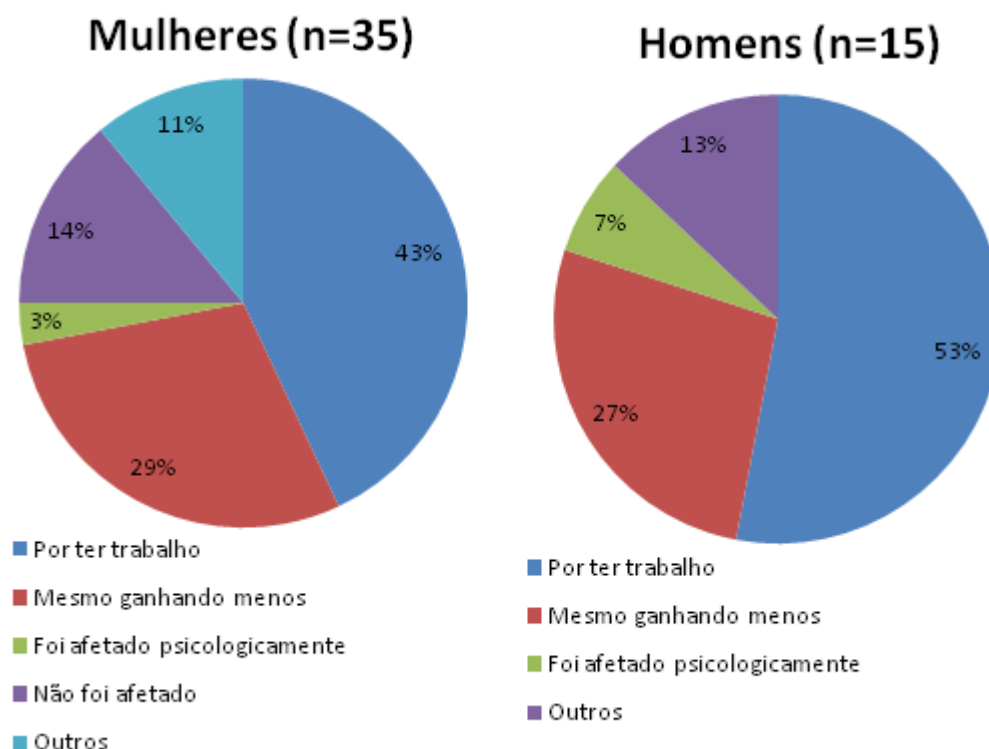
⁶⁹ A este propósito, ver a figura 5 na página 114.

era que eu tinha consciência que estava perdendo a minha identidade. Estava perdendo os meus amigos. Estava perdendo o contato com familiares. Sabia que por mais que eu tivesse noutro país, nunca seria a minha pátria”. Com isso, o imigrante não é permanente, porque há sempre uma concepção, um plano de retornar, quando tenta resgatar os laços com a família, com amigos. Como também o imigrante não é provisório, pela duplicidade entre a vontade de regressar e permanecer, pelas relações criadas e estabelecidas com o espaço de destino, onde os hábitos e rotinas foram absorvidos e postos em prática no seu quotidiano.

Nas próximas páginas, procuramos fornecer e interpretar elementos que contribuem para compreender a não concretização do projeto de retorno, ou pelo menos o seu adiamento, por parte dos brasileiros entrevistados em Portugal, considerando tanto causas micro, como causas macro.

O gráfico 25 inclui elementos acerca da influência da crise económica portuguesa na decisão de permanecer e não retornar para o Brasil dos 50 entrevistados em Portugal. O fato de conseguirem manter o emprego (mais de metade dos homens e um pouco mais de 40% das mulheres destacam-no) aparece como a principal justificação para a continuidade do projeto migratório em Portugal, motivando o não retorno, mesmo que o salário se tenha reduzido (esta situação atingiu 14 dos 50 respondentes). Há ainda cinco mulheres que mencionam não ter sido afetadas pela crise, o que significa que o projeto migratório não sofreu negativamente com a conjuntura económica desfavorável ocorrida em Portugal, Isto contribui também para enfatizar a ideia de que as imigrantes brasileiras em Portugal terão sido menos atingidas pela crise económica do que os homens brasileiros imigrados. Por último, podem referir-se as duas situações excecionais (1 homem e 1 mulher) que correspondem a entrevistados que afirmam ter sido afetados tanto financeiramente como psicologicamente pelas crise, mas que mesmo assim optaram pela permanência em Portugal.

Gráfico 25: A crise em Portugal influenciou na decisão de permanecer e não retornar para o Brasil, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* Dos 50 entrevistados, 4 são estudantes (três estudam e trabalham ao mesmo tempo e um apenas estuda). Vários dos demais entrevistados exercem a sua atividade profissional em cafés e restaurantes, trabalhando em média 8h diárias, com duas folgas semanais. No caso específico das mulheres com atividade na limpeza industrial e como empregadas domésticas, a duração das jornadas de trabalho sobe, em média, para 10h diárias. Relativamente ao estatuto formal dos entrevistados, 3 estão desempregados e têm as autorizações em vias de caducar, outros 30 possuem autorização de residência, 1 possui visto de estudante (faz mestrado em direito) e 16 possuem nacionalidade portuguesa.

A diminuição dos postos de trabalho causando um acréscimo no desemprego e também a redução dos ganhos em Portugal, relatados pelos entrevistados, são consequências dos efeitos da crise económica, contudo não produziram efeitos suficientes para fazê-los retornar:

“A crise afeta de fato... A mim não afetou. Sempre tive trabalho. Sempre continuei a trabalhar e estudar. A crise não me forçou a nada. E o momento pior em Portugal foi quando a minha mãe ficou sem trabalho. Porque houve dificuldade. Tivemos que fazer retenção de custo. (João, 20 anos, Belo Horizonte- MG. Migrou com os pais em 2008. Vive em Lisboa.)

“Eu dificuldade, dificuldade... com a crise não fui tão afetada. Claro que as coisas ficaro mais difícil... O engraçado que hoje ganho mais. Como empregada doméstica ganho 800 euros. Meus patrão tem muito dinheiro.

Tive sorte. São bons pra mim. O problema com a crise muita coisa aumentou.” (Gorete, 33 anos, Ipatinga - MG. Migrou em 2002. Vive no Porto)

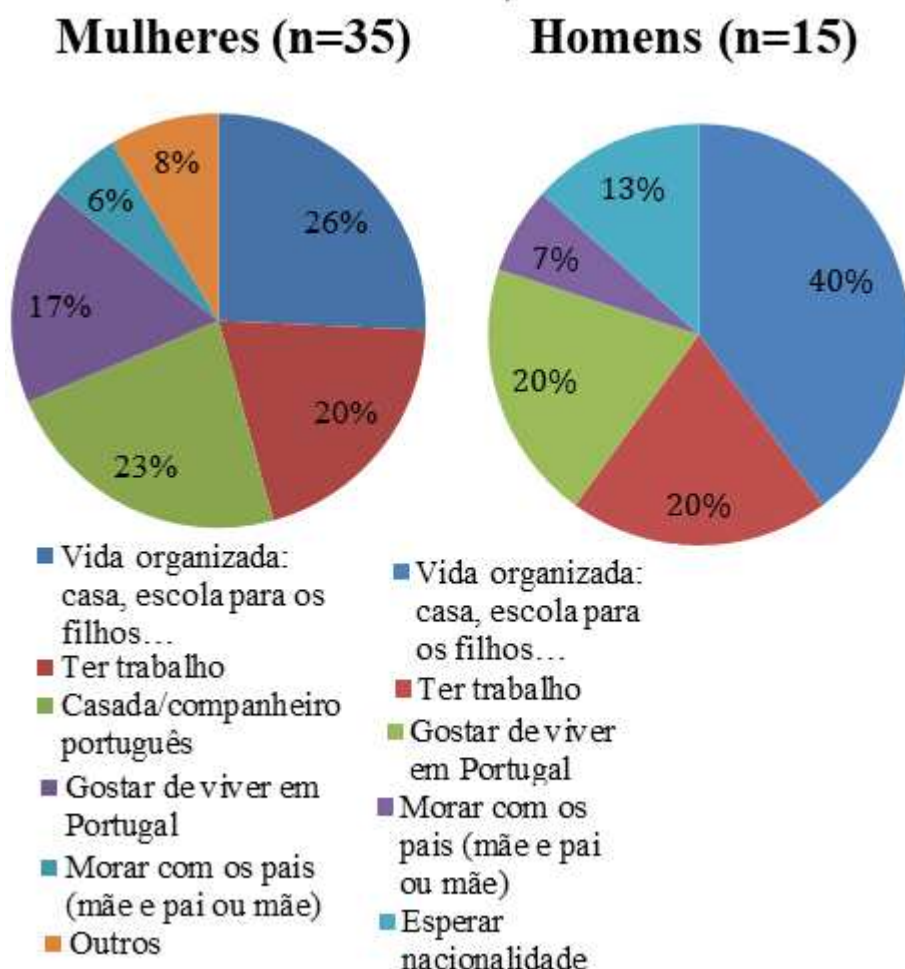
“Muitas vezes a dificuldade em pagar as contas. Mas vou levando (risos). Claro que a crise afeta mais no salário, passamos a ganhar menos. Emprego tem, mas muito menos do que antes. Mesmo assim tenho trabalho.” (Joana, 41 anos, Governador Valadares – MG. Migrou em 2000. Vive em Carcavelos.)

Estes relatos corroboram os dados apresentados no gráfico 25 e, também, os resultados de outros estudos realizados sobre crise e retorno (SIQUEIRA, 2012; SILVA, 2016), demonstrando que permanência e retorno são definidos por múltiplas variáveis, apesar do aspecto económico ter um peso significativo.

Embora as razões para permanecer em Portugal sejam diversificadas (gráfico 26), dois aspectos merecem destaque: antes de mais, a inserção na vida social quotidiana no país de destino (ideia de “vida organizada”) que é mencionada por 30% dos entrevistados (6 homens e 9 mulheres), sendo de destacar o maior peso relativo que esta justificação tem para os brasileiros do sexo masculino que foram inquiridos. Depois, e relativamente às mulheres, as justificações de índole familiar assumem um peso significativo (10 em 35 entrevistadas), sendo que a vida conjugal com portugueses é aqui dominante – 9 casos⁷⁰. Por último, 3 homens e 7 mulheres (20% dos entrevistados referem permanecer em Portugal porque têm trabalho, sendo significativo que não se identifiquem diferenças na proporção de respostas fornecidas por cada um dos géneros. Por último, a expectativa de obtenção da nacionalidade portuguesa é um motivo pouco invocado para a permanência no destino migratório, sendo apenas mencionada por duas entrevistadas.

⁷⁰ No momento da entrevista, dos 50 entrevistados, 32 estavam casados ou viviam em união fato, sendo que 9 destes, todas mulheres, tinham contraído matrimónio com portugueses (só 8 mencionam serem casadas com portugueses). Não se verificava nenhum caso de casamentos com pessoas de outras nacionalidades.

Gráfico 26: Razões para permanecer em Portugal por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Como resulta das razões mencionadas pelos entrevistados para permanecer em Portugal, evidencia-se que o projeto migratório sofre alterações ao longo do tempo de estada no país de destino, em três âmbitos:

- Inserção na vida social quotidiana/organização da vida no local de acolhimento;
- Individual (por via do trabalho ou de alterações no estatuto formal, como a obtenção da nacionalidade);
- Familiar (principalmente por girar em torno dos filhos, mas também por via de ruturas e início de novos relacionamentos conjugais).

Nos relatos a seguir são mencionados fatores que levam ao adiamento do retorno ou à opção pela permanência, ilustrando bem as três principais razões da permanência. Em primeiro lugar, a inserção progressiva no meio social de destino, que se manifesta através da organização da vida social, isto é, do estabelecimento de um espaço doméstico (a casa), da escola dos filhos e do trabalho, mesmo com

baixo salário. Deixar essas conquistas para recomeçar na origem pesa na decisão de permanecer ou retornar em uma situação de crise no destino.

“Mesmo com a crise eu sempre tive trabalho. Se a pessoa escolhe muito fica sem trabalho. Eu não escolho. Preciso ganhar meu dinheiro pra pagar as minhas contas.” (Jessica, 27 anos. Manhaçú – MG. Migrou para Portugal em 2008. Vive em Oeiras)

“Quando cheguei em Portugal já estava a crise instalada. Não havia emprego na minha área... Tentei várias clínicas odontológicas. Sempre recebia não! Mas fui perseverante. Terminei a minha especialização em ortodontia. Fiz depois curso de implantologia. Depois casei. Foi aí que tive muita ajuda financeira do meu marido que é português.” (Amélia, 32 anos. Governador Valadares- MG. Migrou para Portugal em 2010. Vive no Porto)

“O que me faz continuar vivendo em Portugal é pela família... falo dos meus filhos. Eles têm uma escola muito boa! Mesmo escola pública. No Brasil eu não tenho condições de pagar escola particular. E a escola pública não presta. Pelos filhos abro mão de muita coisa.” (Josimael, 41 anos. Governador Valadares - MG. Migrou para Portugal em 2000. Vive em Carcavelos)

Outra razão refere-se ao fato do projeto migratório, depois de algum tempo de permanência em Portugal, sofrer mudanças. Em alguns casos deixa de ser individual⁷¹ e passa a ser familiar, seja porque homens e mulheres que migraram sozinhos efectuam reagrupamento familiar no destino, seja porque casaram durante a migração com nativos ou com brasileiros que aí conheceram. Relembrando o que foi comentado no capítulo 6.1, verifica-se, efetivamente, que, durante o tempo de migração em Portugal, ocorreram bastantes mudanças de estado civil, sendo de destacar os 16 casamentos ou uniões de fato efetuados por entrevistados/entrevistadas, que envolveram 7 cônjuges da mesma nacionalidade e 9 portugueses (todos do sexo masculino). Refira-se que os casamentos mistos significam vínculos de pertencimento transnacionais, ou seja, traduzem a “globalização dos processos migratórios”, modificando e agregando hábitos, estabelecendo novos vínculos parentais e, também, novas maneiras de adaptação e inserção no país de destino. Como consequência de tudo isto, ocorre uma inevitável reelaboração do projecto migratório (AMBROSINI, 2008).

⁷¹ Nesse ponto é importante lembrar que, como descrito na teoria (SAYAD, 1998), o projeto migratório é familiar, pois envolve relações familiares no processo de mobilidade dos sujeitos. Contudo aqui, por razões didáticas, fazemos essa distinção no sentido em que o projeto é reelaborado passando a ser centralizado na família nuclear, reunificada ou formada no destino.

Outro elemento importante são os filhos, quer os que vão de encontro aos pais, quer aqueles que nasceram em Portugal. Por essa razão, e tal como elaborado para a amostra de entrevistados que regressou ao Brasil, efetuámos cruzamentos e categorizações para saber o número de filhos que migraram para Portugal acompanhando os pais (logo ou em fase de reagrupamento *a posteriori*), o número de emigrantes que deixou filhos no Brasil e, ainda, o número de emigrantes que teve filhos em Portugal (e quantos descendentes destes emigrantes nasceram neste país).

O quadro 36 inclui informação acerca dos entrevistados que já tinham filhos nascidos no Brasil antes da migração. A larga maioria destes (39 em 50) não tinha filhos quando emigrou. Dos 11 que tinham descendência no momento da migração, apenas um veio para Portugal acompanhado de um filho menor.

É interessante destacar que, tanto entre os migrantes que retornaram ao Brasil como entre os que permaneceram em Portugal, no momento de início da emigração para este país, a maioria não tinha filhos. Isto atesta, por um lado a juventude do fluxo migratório e, por outro, o fato da inexistência de dependentes tornar mais simples e exequível o projeto migratório de muitas pessoas.

O quadro 37 apresenta o número de filhos depois da migração nascidos no Brasil e que foram para Portugal (menores e maiores) e, também, os filhos que nasceram em Portugal. Comparando este quadro e o quadro 36, observa-se uma grande mudança em relação ao número de filhos antes e depois da migração. Efetivamente, se 39 dos 50 entrevistados em Portugal não tinham descendência quando migraram para este país, desses, 15 tiveram um total de 36 filhos nascidos em Portugal (todos menores no momento da entrevista), durante o seu período de emigração. A estes, há ainda que juntar mais 13 crianças nascidas no Brasil, durante o tempo de emigração do progenitor (pai ou mãe ou ambos), sendo que destas, oito vieram *a posteriori* para Portugal (quadro 37). Note-se que todas estas alterações modificam drasticamente o projecto migratório e influenciam diretamente a decisão de permanecer ou retornar.

Quadro 36: Número de filhos nascidos no Brasil antes da migração (desses, quantos ficaram no Brasil e quantos acompanharam os pais na deslocação para Portugal - menores e maiores)

	Total de entrevistados	Filhos que nasceram antes da migração e ficaram no Brasil e EUA no momento da migração dos pais (menores)	Filhos que nasceram antes da migração e acompanharam os pais na migração para Portugal (maiores)	Total de filhos antes da migração
1 filho menor (ficou no Brasil) e EUA	8	8*		8
2 filhos menores (ficaram no Brasil)	2	4		4
1 filho menor (foi para Portugal)	1		1	1
Nenhum filho	39			
Total geral	50	12	1	13

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* 1 filho menor vive com o pai nos EUA;

* Os filhos (todos menores) que ficaram inicialmente no Brasil estavam sob o cuidado de familiares: 6 com as mães, 3 com avós e 2 com o pai.

O projeto migratório é, portanto, modificado, como pode ser observado pelos relatos dos entrevistados, deixando de ser individual e passando a ser focado na sua família. Nas razões para permanência em Portugal citadas anteriormente (gráfico 26), nota-se que o projeto migratório familiar gira muito em torno dos filhos, como atesta o facto de os entrevistados que têm descendentes destacarem, no âmbito de “ter vida organizada”, a existência de uma “escola pública de boa qualidade para os filhos”. É a percepção de que permanecendo, estão a proporcionar uma boa qualidade de vida para o futuro dos filhos e para si próprios. No fundo, se nos posicionarmos no âmbito de uma avaliação custo-benefício, teremos de considerar que essas condições de vida “melhoradas”, correspondentes a bens materiais e poder de consumo alcançados em Portugal, seriam difíceis de atingir no Brasil.

Quadro 37: Número de filhos depois da migração que nasceram no Brasil e foram para Portugal (menores e maiores) e filhos que já nasceram em Portugal

	Total de entrevistados	Filhos depois da migração que nasceram no Brasil e não foram para Portugal (menores e maiores)	Filhos depois da migração que nasceram no Brasil e foram para Portugal (menores)	Filho depois da migração que nasceram no Brasil e foram para Portugal e EUA (maiores)	Filhos que nasceram em Portugal (todos menores)	Total de filhos depois da migração (que nasceram no Brasil e migraram para Portugal ou que já nasceram em Portugal)
2 filhos (1 maior que veio do Brasil e 1 um menor nasceu em Portugal) - 1 desses filhos vive nos EUA (o maior)	2			2**	2	4
Filhos menores que nasceram em Portugal	18				34	34
Filhos (menores que vieram do Brasil)	4		7			7
2 filhos (1 menor e 1 maior que ficaram no Brasil)	2	4 *				4
Nenhum filho	24***					
Total geral	50	4	7	2	36	49

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* Os filhos que ficaram no Brasil e não migraram para Portugal são 2 maiores e 2 menores

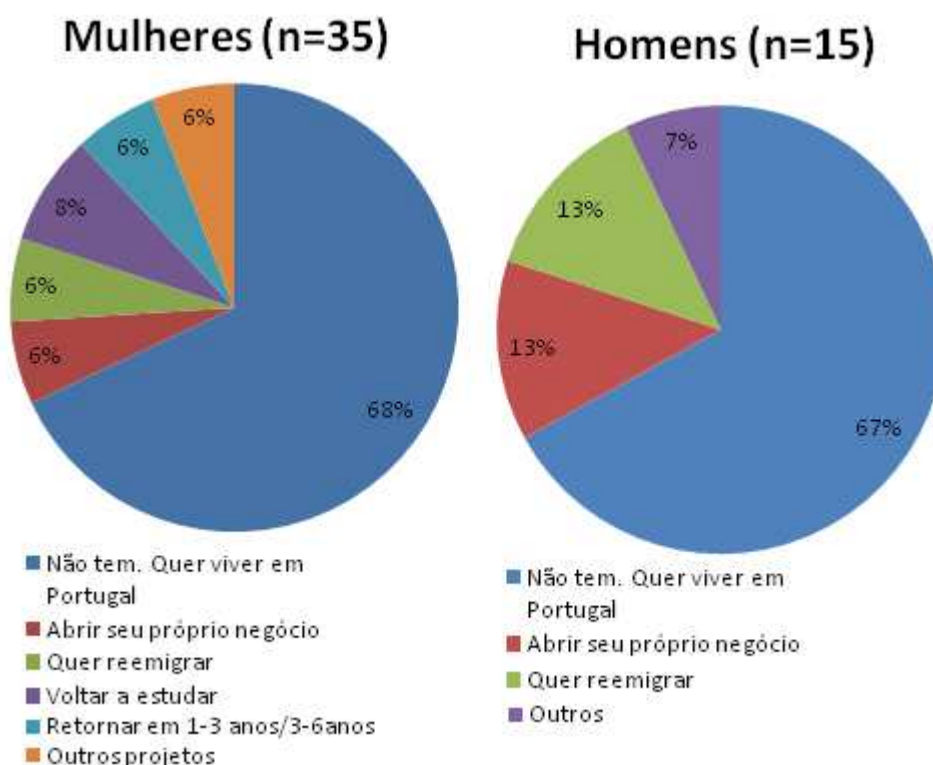
** 1filho (maior idade) ainda continua nos EUA vivendo com o pai;

*** Dos 39 entrevistados que antes da migração não tinham nenhum filho (quadro 36), 15 tiveram um total de 36 filhos durante a estadia em Portugal após a migração, e 24 continuam sem nenhum filho.

No gráfico 27 está exposto o projeto de retorno. Bem mais da metade dos entrevistados (10 homens e 24 mulheres, o que corresponde a 68% do total) afirmam não ter projeto de retorno, desejando continuar em Portugal e não tendo perspectiva definida de regresso. Em termos relativos, os valores de homens e mulheres são praticamente idênticos. Refira-se que apenas 2 mulheres estarão a planificar o retorno, mencionando projetá-lo para um prazo situado entre 1 e 3 anos (em um dos casos) e entre 3 e 6 anos, no outro. Ainda neste âmbito de projeções de retorno, é justo mencionar 2 homens e 2 mulheres que afirmam tencionar abrir o seu próprio negócio no Brasil, bem como as 3 mulheres que pretendem estudar quando regressarem. Isto está em linha com evidências

provenientes da amostra de entrevistados que retornaram ao Brasil, pois entre estes encontraram-se 11 indivíduos que mantêm a intenção de voltar a estudar, sendo maioritariamente mulheres (9 dos 11).

Gráfico 27: Posição relativamente ao projeto de retorno, por sexo(%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Trabalhar em mais de um lugar e aceitar as condições precárias impostas pelo empregador são constantes na vida do imigrante laboral, tendendo a agravar-se em situação de crise na sociedade de destino. Para a maioria dos entrevistados que permanecem em Portugal, os projetos migratórios são reelaborados numa perspetiva socioeconómica (trabalho, poupança própria ou familiar, abrir um negócio por conta própria, adquirir bens) e, também, afetiva e cultural (criação de vínculos com pessoas e com o lugar - identificação com o espaço de destino).

Através dos relatos dos entrevistados, emergem questões socioeconómicas, como por exemplo ter trabalho, enquanto fatores fundamentais para permanecer em Portugal, pois envolvem o desejo de rentabilizar os ganhos. Para o imigrante, no tempo de migração é fundamental fazer poupanças para investir no próprio negócio no retorno, em um tempo futuro, ou no país de destino.

Numa perspectiva afetiva e cultural, o tempo de migração em Portugal implica maiores relações sociais e uma maior identificação com a cultura, com as pessoas, criando raízes e novos laços. Os vínculos também são criados pelos filhos que criam raízes em Portugal, justificação adicionada no contexto familiar para a permanência, como relata Dália:

“Vou ficar aqui. Já temos vínculos. E meu marido começa a criar seu próprio negócio de armar móveis para as lojas. Ele presta serviço nisso.”(Dália, 36 anos. Governador Valadares - MG. Migrou para Portugal em 2006. Vive em Braga)

“Eu tenho intenção de voltar, mas não pra já. Penso em voltar quando eu estiver mais velha. Quando eu trabalhar bastante. Nesse momento não juntei dinheiro com meu marido. Mas já conseguimos morar sozinhos, ter a nossa casa arrumadinha. Mesmo que alugada. Financiamos um carro. E quando retornar pro Brasil penso em abrir um negócio.”(Maria Eduarda, 25 anos. Malacacheta – MG. Migrou para Portugal em 2008. Vive em Cascais)

“Tinha a intenção de voltar em dois anos. E estou aqui há 15 anos. Meus filhos já estão criando laços e raízes aqui. É tranquilo pra criar os filhos. Pra mim Portugal é como se fosse a minha casa.”(Melina, 34 anos. Teófilo Otoni – Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2000. Vive no Porto)

No quadro 38, os entrevistados foram posicionados no tempo “presente/passado” e indagados sobre a imagem que têm do Brasil presentemente, se é melhor ou pior do que quando deixaram o país”. Essas informações foram filtradas pelos entrevistados como evolução positiva e negativa em várias circunstâncias, prevalecendo a negativa (35 referências contra 15 positivas). A dimensão económica e social é a mais realçada enquanto elemento marcante da evolução percebida, emergindo, contudo, de forma ambivalente, pois as referências negativas são pouco superiores às positivas (12 contra 10). Embora a situação macroeconómica do Brasil fosse ainda positiva à data de realização das entrevistas, em 2015 começavam a sentir-se os primeiros indícios de que algo se poderia deteriorar. Em contrapartida, no mesmo ano, a economia portuguesa dava sinais de recuperação, o que, conjugado com a situação menos “exuberante” do Brasil, pode, numa análise custo-benefício, levar os imigrantes brasileiros entrevistados a apreciarem mais negativamente a evolução económica e social deste último país. A isto, adiciona-se uma certa desconfiança que é associada aos políticos corruptos, fato esse que é visto e sentido como negativo para que a economia do Brasil não

melhore e o crescimento económico e social só prevaleça para uma minoria rica. A segurança é citada por 1/5 dos entrevistados, e sempre em termos de evolução desfavorável, passando-se o mesmo com os “políticos”, embora neste caso 2 pessoas (em 10) mencionem uma evolução positiva. Neste dois casos, trata-se de elementos (a violência e a mencionada corrupção e falta de seriedade da maioria dos políticos) que a média e a opinião pública brasileira representam sistematicamente de forma negativa, sendo isto reproduzido pelos entrevistados. Na verdade, olhando para a evolução de todos os aspectos, apenas a educação tem mais referências positivas (4) do que negativas (2). Esta imagem mais favorável da educação é decorrente da possível implementação de políticas educacionais ativas por parte dos últimos governos.

Quadro 38: Evolução da percepção da imagem do Brasileiros em diversos domínios (comparação entre o momento de partida e o momento presente)

Domínios	Imagem mais positiva	Imagem mais negativa	Total Geral
1) Económica e social	9	12	21
2) Segurança (violência)		10	10
3) Políticos	2	8	10
4) Saúde pública		3	3
5) Educação	4	2	6
Total	15	35	50

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

As falas incluídas abaixo realçam, precisamente, os fatores económicos e sociais, mas principalmente a violência, que influenciam, mais negativamente do que positivamente, a decisão do retorno para o Brasil, levando à opção de permanecer em Portugal.

“Eu queria ver o Brasil melhor... Mas vejo tanto político roubando. Isso me faz não acreditar no Brasil... Eu acho que nada mudou. Tudo continua na mesma maneira. A violência é grande.” (Joelia, 35 anos. Governador Valadares - Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2015. Vive em Algués)

“O Brasil em relação a Portugal no padrão de vida, na segurança... Portugal é melhor. Mas economicamente o Brasil está melhor que Portugal... As pessoas que eu conheço evoluíram mais lá... Os que vieram pra Portugal evoluíram menos... Eu também não vou acreditar em tudo de ruim que vejo na tv sobre o Brasil... Claro que Portugal é mais seguro que o Brasil. Mas Portugal é muito menor que o Brasil!” (Lielva, 30 anos. Belo Horizonte – Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2004. Vive em Lisboa)

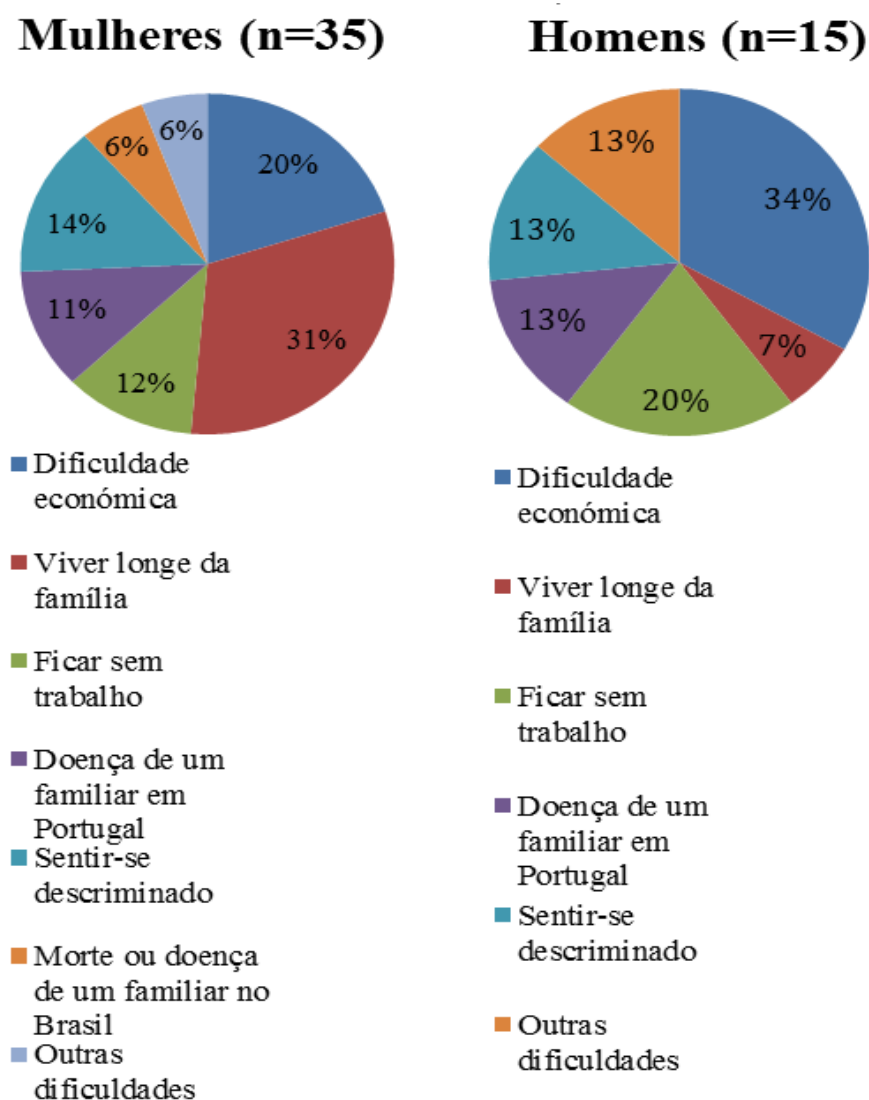
“Eu acho pra quem quer estudar melhorou e muito. Vejo meus amigos estudando. Fico triste. Mas escolhi viver em Portugal por um tempo. Aqui ou trabalha ou estuda. Eu não tenho condições de estudar aqui. Mas vou sim fazer a minha faculdade no Brasil.” (Josélia, 25 anos. Divinópolis - Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2008. Vive em Paço de Arcos)

Como é observado nas falas, há uma estreita inclinação para a imagem ser mais positiva nas questões relacionadas à educação e economia no Brasil, o que está em linha com a análise dos elementos do quadro 38. Por outro lado, o que permeia o imaginário dos brasileiros é o fato de considerarem que em Portugal há mais segurança para viver, mais acesso à saúde pública de qualidade, e mesmo à escola pública. Essa é um ganho para os filhos no futuro. Nota-se que os entrevistados ao mencionarem esses fatores concretos consideram que vivem em um “padrão europeu”, por acreditarem englobar não só o estilo de vida dos portugueses mas o estilo de vida Europeu. Estes fatores positivos que têm e usufruem em Portugal são comparados com a vida que levavam no Brasil, geralmente, com pouco acesso ao consumo e aos serviços sociais. Isto justifica dizer, uma vez mais, que os entrevistados reelaboraram seus projetos migratórios tendo em atenção esses factores positivos que associam a Portugal.

No tocante às dificuldades dos brasileiros que permanecem em Portugal (gráfico 28) assumem destaque as económicas, mencionadas por 24% dos entrevistados (5 homens e 7 mulheres). Por outro lado, o viver longe da família é igualmente citado por 24% dos respondentes, só que neste caso o desequilíbrio de géneros é muito significativo (1 homem e 11 mulheres), evidenciando-se, tal como em outras respostas, uma maior ligação das mulheres ao universo familiar. Ficar sem trabalho, que está associado às dificuldades económicas e remete para o quadro de crise, foi citado por 14% dos respondentes (3 homens e 4 mulheres), sendo a discriminação referida por um número idêntico, mas com uma distribuição distinta por géneros – 2 homens e 5 mulheres (apesar disso, o peso relativo de uns

e outros nas respetivas subamostras é praticamente idêntico, em torno dos tais 14%).

Gráfico 28: Dificuldades em Portugal, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Em síntese, as principais dificuldades sentidas em Portugal são as económicas e a falta de trabalho, como pode ser observado no gráfico 28. O outro aspecto apontado está relacionado com questões familiares – viver longe da família e morte ou doença de um parente - aparecendo a discriminação por parte dos portugueses em terceiro lugar. Mais uma vez, deve realçar-se que os aspectos económicos são mais destacados pelos homens e os familiares pelas mulheres, não

se detetando praticamente diferença em relação à discriminação, se os valores forem relativizados. Note-se que este último resultado contraria conclusões de outros trabalhos que destacam a maior discriminação das mulheres brasileiras em Portugal. Embora isto possa ter origem na reduzida dimensão da amostra, pode também apontar para uma subanálise da discriminação dos homens brasileiros, que também ocorre⁷² e que, porventura, justificaria mais estudos. Apesar desses fatores negativos na relação custo benefício, estes migrantes decidem permanecer em Portugal, pois a maioria não tem um projeto de retorno:

“Olha, a crise piorou a vida aqui. Ficar sem trabalho é sempre difícil. Aqui em Portugal não podemos viver sem trabalho. Tem contas pra pagar. Família pra alimentar. Mesmo com menos trabalho que existe com a crise. A pessoa sempre encontra. Embora ganhando menos. Mesmo assim, prefiro viver em Portugal.” (Vitor, 48 anos. Belo Horizonte. Migrou para Portugal em 2001. Vive em Lisboa)

“Minha maior dificuldade foi a saudade da minha família. Não é fácil viver longe da nossa terra... Da nossa família. Os primeiros meses chorava muito. Hoje estou bem. Aprendi a viver em Portugal.” (Miriam, 25 anos. Governador Valadares – Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2009. Vive em Algés)

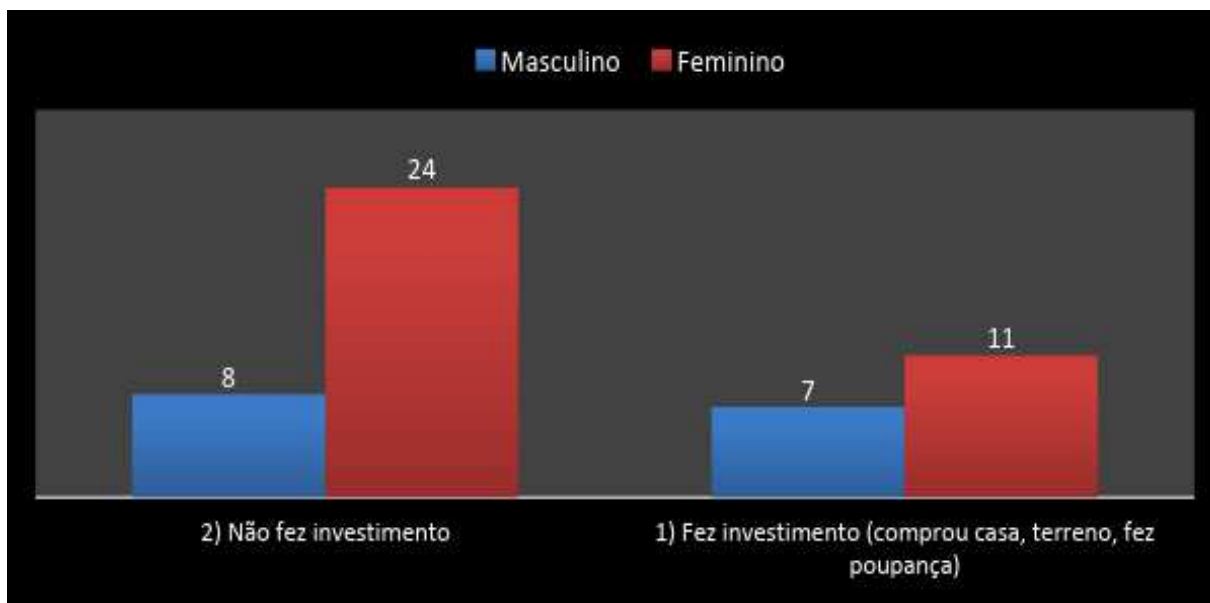
“Sofri uma bocado de discriminação em todos os sentidos... Português não gosta de brasileiro não! Hoje está menos essa discriminação... Não é que melhorou... Foi a situação financeira que fez com que eles diminuisse a sua arrogância. Mandaram muitas vezes eu voltar pra minha terra. Agora são eles que querem sair da terra deles. Risos!” (Vanilsom, 40 anos. Conselheiro Lafaiete – Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2005. Vive em Braga)

Em relação ao investimento no Brasil (gráfico 29), quase 2/3 dos 50 entrevistados declarou não efetuar investimentos no país. Aqueles que o fizeram (11 mulheres e 7 homens), direcionaram o seu investimento para a compra de casas, terrenos e realização de poupanças, essencialmente orientadas para depósitos no Banco no Brasil. É relatado pelos entrevistados que o envio de dinheiro também se destina a ajudar familiares (mãe, sogra, filhos), seja no melhoramento da casa, seja no próprio sustento (alimentação, educação para os filhos que ficaram com parentes no Brasil). Refira-se que a orientação para o investimento no Brasil é maior nos homens (mais de metade declara fazê-lo) do que nas mulheres entrevistadas em

⁷² A este propósito ver, por exemplo, Machado (2007).

Portugal (apenas um terço refere ter esta prática). Para além de esta diferença estar eventualmente associada a uma maior disponibilidade financeira dos homens, parece confirmar um maior conforto das mulheres com a “situação de emigrante”, valorizando menos a preparação de condições para o retorno, associado à construção de um melhor futuro no Brasil. Em contrapartida, várias enviam dinheiro para ajudar familiares (sobretudo filhos, mas, por vezes, também os pais), como atestam os excertos incluídos nas páginas seguintes.

Gráfico 29: Realização de Investimento no Brasil, por sexo



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

Há também alguns emigrantes que investiram na abertura do próprio negócio em Portugal (1 homens e 3 mulheres). Contudo, conforme o relato de Josefa, em consequência da crise económica vivenciada em Portugal, muitos, não foram bem-sucedidos:

“O meu pior momento em Portugal foi a crise, 100% a crise! Minha maior dificuldade é no âmbito empresarial. É muita burocracia... São muitos impostos... E o café em ser no centro comercial com pouco movimento... Piorou tudo!” (Josefa, 41 anos. Leopoldina – Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2004. Vive em Cascais)

Para outros entrevistados, o tempo de estadia em Portugal, em média de 10 anos, ainda não foi suficiente para fazer poupanças. Ademais, a crise económica ocasionou salários diminuídos e perda de postos de trabalho, o que se repercutiu, inevitavelmente, na capacidade de aforro dos emigrantes. Por tudo isto, a maioria dos entrevistados encontram dificuldades em realizar maiores investimentos no Brasil como pode-se observar:

“Não fiz nenhum investimento no Brasil em concreto... casa... Só mandei dinheiro para minha mãe e minha sogra. Era para ajudar... No caso da minha mãe foi para melhorar a casa dela. Também não ganhamos muito! Meu marido ganha mil euros e eu uns 700 euros. Agora já moramos em um apartamento pequeno que alugamos por 400 euros, com despesas de

alimentação, água, gás, energia... fica em torno de uns 600 a 700 euros. Guardamos pouco... Agora também compramos um carro.” (Maria Eduarda, 25 anos. Malacacheta, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2008. Vive em Cascais)

“Não fiz investimento pra mim. Mas mandei muito dinheiro pra minha mãe construir uma casa. Fiz investimento aqui em Portugal. Só nesta loja eu pus do meu bolso 30 mil euros. E a crise atrapalhou muito.” (Miguel, 45 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2004. Vive em Oeiras).

“A gente vive pela fé... “Deus me deu uma casa no Brasil”. Comprei uma casa em Governador Valadares. Agora quem mora é minha irmã nela.” (Vamberto, 42 anos. Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2005. Vive em Braga)

A frequência da comunicação que os emigrados mantêm com familiares e amigos no Brasil (quadro 39) é a outra face do que analisámos a propósito das comunicações dos brasileiros retornados com Portugal: em ambos os casos privilegiam as aplicações de comunicação disponíveis na internet (whatsapp, facebook e skype, sobretudo) devido ao seu custo muito reduzido.

No entanto, quanto à frequência de comunicação propriamente dita, ela é bastante mais intensa entre os emigrados brasileiros (40 pessoas, correspondendo a 80% dos entrevistados declaram fazê-lo diariamente – quadro 39) do que entre os brasileiros retornados (apenas 28% comunicava diariamente com Portugal – ver quadro 33). Os destinatários destes contatos são sobretudo familiares (filhos, irmãos, sobrinhos), mas também amigos, continuando as mulheres a ser mais assíduas nesta prática (cerca de 86% fá-lo diariamente, reduzindo-se esta percentagem para 67% entre os homens entrevistados). Refira-se que os 2 homens que comunicam mensalmente, apenas via telefone ou telemóvel, com o Brasil, têm por destinatários os pais que não possuem competências informáticas que lhes permitam utilizar as outras alternativas de comunicação. Nenhum entrevistado mencionou ter perdido contato com amigos e conhecidos no Brasil, mas a frequência das comunicações vai-se tornando mais escassa à medida que a estadia em Portugal se vai prolongando.

Quadro 39: Frequência da ligação (comunicação) com o Brasil por sexo

Mantém ligação (comunicação) com o Brasil (intensidade)	Feminino	(%)	Masculino	(%)	Total geral	Total (%)
1) Todos os dias (Facebook, messenger e WhatsApp)	30	85,7	10	66,6	40	80
2) 1 vez a 3 vezes por semana (Facebook, messenger e WhatsApp, skype*)	5	14,3	3	20	8	16
3) 1 vez por mês fala através de ligação telefónica	0	0	2	13,4	2	4
Total Geral	35	100	15	100	50	100

Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

* Raramente utilizam o Skype (1 vez por semana).

Nos últimos anos, a difusão e facilitação do acesso a tecnologias que permitem a transmissão de imagens e mensagens escritas ou faladas possibilita que componentes da família e amigos separados geograficamente, “encontrem-se virtualmente” por determinados momentos, tornando possível a diminuição da ausência. Os imigrantes tomam esse momento como forma de “vivenciar” acontecimentos da vida familiar dos parentes e amigos, podendo também esses “vivenciar” os acontecimentos dos que estão imigrados:

“Continuo falando. Não todos os dias. É mais de dois em dois dias... Falo pelo facebook, pelo whatsapp. Posso matar a saudade vendo pessoas da minha família e eles também podem - me ver... E para falar com minha mãe tenho que ligar pelo telefone. Ela não sabe mexer com internet.”
(Maria Eduarda, 25 anos. Malacacheta, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2008. Vive em Cascais)

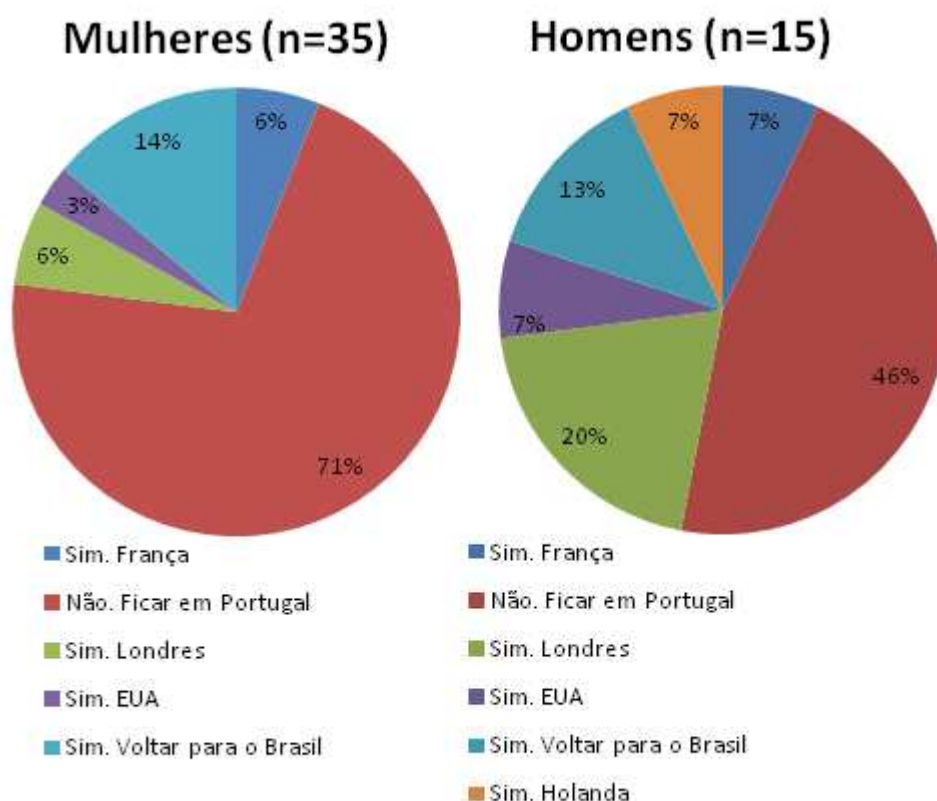
“Falo com meus pais, irmãos e primos. Falo mais pelo whatsapp e facebook, falo sempre... todos os dias! Sinto muita saudade da minha família. Sinto falta do convívio com a família e as pessoas conhecidas... Aqui vivemos muito só. Assim quando falamos parece que a pessoa está do lado. E posso ver meus familiares, amigos... É tão bom! (João Pedro, 27 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2009. Vivem em Alcabideche).

“Falo com minhas irmãs e alguns amigos todos os dias. Falo pelo facebook, whatsapp, skype. Com minha mãe e filha falo uma vez por semana quando telefono. Porque minha filha é pequena e minha mãe não gosta de internet. Mas vejo elas pelo vídeo quando vão pra casa da minha irmã.” (Gildete, 40 anos. Teófilo Otôni, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2002. Vive em Lisboa)

As novas tecnologias contribuem para auxiliar na ampliação das redes de contato. São uma maneira de manter ligações transnacionais e, também, um meio de encontrar pessoas conhecidas com as quais o contato parece perdido. Em alguns relatos dos entrevistados, em muitos momentos falar e “ver” através do vídeo seus parentes e amigos é uma forma de “matar a saudade”, sobretudo quando os entrevistados não possuem condições financeiras para ir com frequência ao Brasil.

Quando perguntado aos entrevistados se gostariam de viver em outro país e deixar Portugal (gráfico 30), quase 2/3 (25 mulheres e 7 homens) dizem querer continuar em Portugal. Uma vez mais, são as mulheres que menos desejam deixar o país de emigração (cerca de 70% contra menos de 50% dos homens entrevistados). Relativamente ao retorno ao Brasil, somente 14% dos entrevistados (5 mulheres e 2 homens) mencionam essa intenção (não há diferenças nas proporções dos dois sexos). Por último, a opção de reemigrar (essencialmente para os países mais desenvolvidos da UE – Reino Unido, França, Holanda) é mencionada por 11 entrevistados (22% do total), sendo bastante mais destacada pelos indivíduos do sexo masculino (40% contra 10% das mulheres).

Gráfico 30: Gostaria de viver em outro país – reemigrar, retornar ou permanecer em Portugal, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015)

São diversas as razões para a circulação dos migrantes, desde as ligações socioeconómicas até aos contatos transnacionais que conduzem a uma tendência para ampliar as práticas transnacionais, seja com o país de origem, seja com o de destino. De acordo com Portes, o transnacionalismo (2006: 213-214):

Não é propulsionado por razões ideológicas, mas pela própria lógica do capitalismo global, que gera nos países avançados uma procura de mão-de-obra imigrante para segmentos específicos do mercado de trabalho. (PORTES, 2006: 213-214).

A vontade de reemigração que, afinal, corresponde à intenção de materializar práticas de circulação migratória, resulta de uma decisão do migrante mas encontra nas desigualdades entre países e nas necessidades estruturais de mão-de-obra o contexto que a impulsiona. Concentrando-nos no nível micro, podemos identificar variadas razões para os imigrantes permanecerem vivendo no país de destino, retornarem para o país de origem ou reemigrarem, como decorre das palavras dos próprios entrevistados:

“Não quero voltar não! Minha intenção é viver em outro país... Portugal já deu o que tinha que dar. Quero ir pra Londres. Tenho amigos lá. Só estou a espera da nacionalidade chegar. Minha irmã está na Noruega. Ela já me chamou pra ir pra lá.” (Creusa, 35 anos. Central de Minas, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2006. Vive em Lisboa)

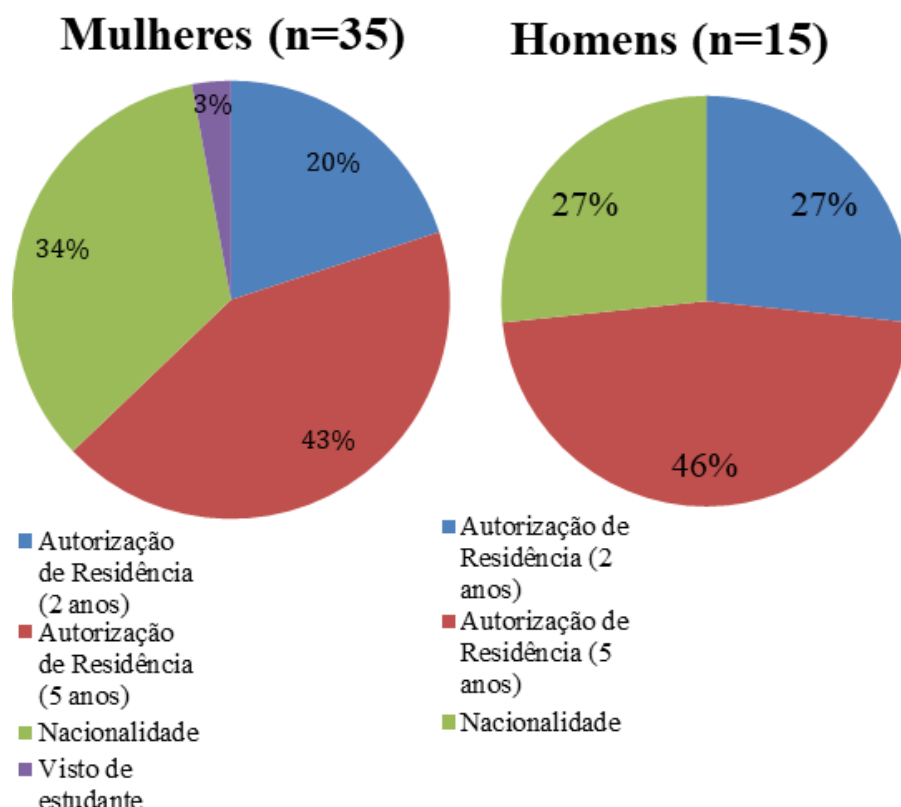
“Não tenho vontade nenhuma de viver no Brasil. Vivo em Portugal há 11 anos. Pretendo mesmo é ficar em Portugal. Só fui uma vez no Brasil para visitar familiares. A minha mãe sempre está comigo em Portugal. Não pretendo voltar a viver no Brasil mais. Pelo menos é o que penso agora.” (Humberto, 51 anos. Governador Valadares. Migrou para Portugal em 2004. Vive no Estoril)

“Não, em questão de voltá não! Porque a minha vinda pra cá pra Portugal foi mesmo intervenção de Deus... Então nunca senti essa vontade de voltá. Lógico que a gente tem aquele desejo de ficá um.., dois anos.. e depois ir embora... Mas primeiro queria construir tantra coisinha, tê qualquer coisa no Brasil pra depois pensar em ir... É... pronto, tive sorte nos meu doi empregos aqui em Portugal “ (Rosa, 34 anos. Governador Valadares, Minas Gerais. Migrou para Portugal em 2003. Vive em Lisboa)

Como já foi mencionado, mais de metade dos entrevistados tem a intenção de permanecer em Portugal, apesar de terem passado pelo período de crise económica em Portugal.

Um último exercício procurou identificar se o estatuto legal em Portugal teria alguma relação com as intenções de permanência. O gráfico 31 expõe o estatuto legal dos brasileiros entrevistados em Portugal, verificando-se que a larga maioria destes apresentava uma situação de grande estabilidade: 44 % (15 mulheres e 7 homens) têm estatuto de residentes de longa duração pois possuem Autorização de Residência de 5 anos e 32% (12 mulheres e 4 homens) obtiveram a nacionalidade portuguesa. Tendo isto em consideração, pode-se assumir que existe uma relação entre a intenção de ficar em Portugal e a obtenção de um estatuto legal mais estável e permanente.

Gráfico 31: Estatuto legal atual em Portugal, por sexo (%)



Fonte: Entrevistados pela autora em Portugal (2015).

* Nenhum dos 50 entrevistados estava em Portugal com um visto de qualquer tipo. Contudo, todos utilizaram o passaporte brasileiro quando migraram para Portugal;

* Nenhum entrevistado relatou ter visto caducado;

* Dos 16 entrevistados que possuem nacionalidade Portuguesa, apenas 4 desejam reemigrar (1 para EUA, 2 para França e 1 para Londres), por terem parentes e amigos nesses lugares.

Porque a posse da nacionalidade portuguesa facilita a possibilidade de uma nova migração no contexto dos 28⁷³ países da União Europeia, o fato de apenas quatro entrevistados nesta situação desejarem reemigrar mostra que esta ideia de obtenção da nacionalidade por motivos meramente funcionais não é dominante. No entanto, a posse de dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa) tem a vantagem de possibilitar o trânsito entre o Brasil e Portugal quando se deseja, contribuindo para a criação de um potencial “vai-e-vem” migratório sobre o Atlântico, cujo sentido é impulsionado pelas conjunturas existentes em Portugal e no Brasil. Em suma, podemos afirmar que, no caso dos entrevistados, a obtenção da nacionalidade não está necessariamente associada ao desejo de retornar para o Brasil ou de reemigrar.

⁷³ Em princípio, passarão a 27 países, com a concretização da saída do Reino Unido, em Março de 2019.

7.3 VARIÁVEIS QUE EXPLICAM PORQUE UNS RETORNAM E OUTROS PERMANECEM

7.3.1 Componentes que explicam as razões do retorno

No quadro 40, estão sintetizadas as principais variáveis e subvariáveis associadas ao retorno ao Brasil, destacando-se alguns aspectos estruturais da economia ajudam a entender o processo migratório, designadamente os efeitos do quadro de recessão económica em Portugal e, também, a estabilidade económica, perspetiva de crescimento e maior oferta de trabalho no Brasil, verificada até 2015.

Note-se que estes motivos, que incluem o desemprego, influenciam mais o retorno dos indivíduos do sexo masculino, quer porque o impacto da crise sobre alguns dos setores mais masculinizados (e.g. construção civil) foi maior, quer porque a representação do projeto migratório como algo vinculado a objetivos económicos é mais explicitada. Adicionalmente, os imigrantes brasileiros com níveis de qualificação mais baixos revelam uma maior propensão para o retorno, o que evidencia uma menor disponibilidade de recursos para fazer face a situações de crise.

Agregam-se a estes fatores com uma dimensão macro, outros de ordem pessoal que, em muitos casos, já existiam. Contudo, o custo-benefício associado principalmente aos ganhos económicos minimizavam-nos, reduzindo o seu impacto no processo de decisão. Em contexto de crise, sem estes ganhos, esses aspectos subjetivos, que impulsionam no sentido do retorno, são realçados. Nessa perspetiva, a dimensão familiar (quadro 40), torna-se um motivo crucial, sobretudo mencionado pelas mulheres no que se refere aos filhos que ficaram na origem. Os motivos económicos ficam assim ocultos e o retorno incide principalmente nos requisitos familiares, como “cuidar dos filhos”, sendo dessa forma mais concebível justificar socialmente que a razão do retorno não recai sobre condições económicas desfavoráveis ou que o projeto financeiro ligado à migração não está a ser concretizado como previsto. Ademais, e ainda no quadro familiar, o retorno, embora seja sobretudo protagonizado por pessoas casadas, parece acontecer com frequência quando ocorre uma ruptura nas relações conjugais, pois o número de divorciados/separados é aqui bastante mais elevado do que no momento de emigração do Brasil.

Quadro 40 - Variáveis e subvariáveis associadas ao retorno ao Brasil

Variáveis	Subvariáveis		
Aspectos económicos (estruturais/macro)	Recessão económica em Portugal		Desemprego, menos ganhos
	Estabilidade económica no Brasil e perspectiva de crescimento		Oferta de trabalho
Aspectos familiares (micro)	Situação familiar e suas transformações		Filhos que ficaram na origem Rupturas nas relações conjugais

Fonte: Síntese elaborada a partir das entrevistas efetuadas pela autora no Brasil (2014).

7.3.2 Componentes que explicam os motivos da permanência

No quadro 41, estão expostas as variáveis e subvariáveis que contribuem para explicar a permanência em Portugal, evidenciando-se um processo que, em certa medida, assenta numa lógica de “vasos comunicantes”: saídas de um lado e entradas no outro, e vice-versa, com as causas macro e micro a combinarem-se e a gerar efeitos, quer no retorno, quer na permanência. O que é interessante compreender no caso presente, diz respeito ao fato de muitos brasileiros se manterem em Portugal, apesar de uma avaliação simples das condições económicas nos dois países, sugerir o retorno como melhor opção, no período 2009-2014. Na verdade, os fluxos de entrada, mesmo tendo diminuído, não se extinguiram e os retornos, embora tenham aumentado nesse período, também se verificavam em momento anterior.

Porque uns permanecem e outros retornam? Para responder a essa questão é interessante observar que os participantes desse estudo demonstram que o contexto familiar e a inserção no mercado de trabalho são determinantes. Adicionalmente, o enraizamento social e o nível de reterritorialização no local de destino, medidos pelo estabelecimento de vínculos familiares (mais ainda se nascerem filhos), pela estabilidade laboral e por uma valorização ligada à qualidade de vida (segurança, qualidade de certos serviços como os educativos) e ao empoderamento cidadão, desempenham também um papel significativo. De resto,

deve referir-se que o primeiro e último destes fatores se revelam mais significativos para as mulheres brasileiras do que para os homens.

Efetivamente, no contexto vivenciado pelos brasileiros em Portugal é importante demarcar que estes são migrantes laborais e ter trabalho define as condições materiais de uma vida organizada, tais como: ter salário mesmo que reduzido em função da crise, ter casa própria ou alugada, uma boa escola para os filhos, uma sensação de segurança. Tudo isso representa para esse migrante qualidade de vida e se constitui com um conjunto de fatores importantes para a permanência.

Por último, outro elemento que contribui para a permanência, diz respeito à consolidação de um projeto familiar no destino ao longo do tempo, que assenta em processos como a reunificação familiar, a constituição de famílias mistas (casamento com nativos) ou o nascimento de filhos. Todos estes fatores, mais destacados pelas mulheres do que pelos homens, tornam a permanência, mesmo em situação de crise, uma escolha que propicia mais benefícios no que tange à qualidade de vida na perspectiva do migrante. E, relativamente às primeiras, parecem também evidenciar-se, em contexto de imigração em Portugal, processos de autonomia e emancipação ligados ao exercício da atividade profissional, à gestão das suas finanças e a uma certa libertação do controlo familiar, que vão no sentido de não implementar o retorno ou, pelo menos, de o adiar, como parece atestar o fato de este acontecer, em média, em idades um pouco mais avançadas.

Quadro 41 - Variáveis e subvariáveis da permanência

Variáveis	Subvariáveis	
Aspectos económicos (macro e micro)	Ter trabalho Qualidade de vida (vida organizada)	Redução de Salários (efeitos da crise económica) Casa própria ou alugada Qualidades de certos serviços (educativos, segurança...)
Aspectos familiares (micro)	Situações familiares e suas transformações	Filhos que ficaram na origem Rupturas nas relações conjugais

Fonte: Síntese elaborada a partir das entrevistas efetuadas pela autora em Portugal (2015)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo migratório está presente em todas as fases da história do ser humano. Na atualidade, esse movimento populacional está diretamente influenciado pela busca continuada de melhores condições de vida, sendo cada vez mais comum as pessoas mudarem de país, estabelecendo novas práticas, criando ou alargando as redes de contato e dando dinamismo à lógica de mobilidade.

As dinâmicas da economia e, no seu âmbito, as crises económicas cada vez mais frequentes nesta fase de capitalismo neoliberal, funcionam como fatores macro que afetam esses movimentos, sendo os seus efeitos sentidos em vários países, podendo modificar o sentido e o destino dos fluxos migratórios.

Outro aspecto estrutural a ser considerado em relação aos fluxos migratórios diz respeito ao fenómeno da globalização, que promoveu transformações económicas e sociais, tanto nos países do hemisfério Norte como também nos países do hemisfério Sul, fortalecendo as pressões para as migrações internacionais, não obstante as barreiras políticas existentes, e contribuindo para gerar novas configurações nos deslocamentos populacionais contemporâneos.

Para uma melhor compreensão e análise dos elementos que determinam as razões dos movimentos populacionais atuais, os quais estão em sua maioria vinculados à reprodução capitalista das sociedades inseridas nesse sistema, essa tese toma como apoio as explicações iniciais de Revenstein (1985) e, também, os elementos do modelo *push – pull* (atração – repulsão), mais recente e completo. Adicionalmente, socorremo-nos da perspetiva das redes sociais, apoiadas não só em vínculos no âmbito familiar, de amizade, como, na constituição e organização de instituições sociais entre o país de origem e o de destino. Também a perspetiva do transnacionalismo, que diz respeito à duração dos fluxos, aos processos e formas de mobilidade e, também, ao modo como os imigrantes ampliam as suas relações sociais na origem e nos destinos se revela bastante útil para perceber a constituição de espaços sociais transnacionais cujas características podem, ou não, potenciar processos de migração e retorno, em distintos momentos. Neste quadro, são criadas variadas conexões entre países de origem e destino, apoiadas em redes de amigos e familiares, que têm um papel importante na construção do desejo de partir, na escolha do lugar de destino, na manutenção de formas de vai-e-vem e, mesmo, na formulação da intenção de retorno e na sua concretização. Note-se que o recurso a

estas teorias foi efetuado, quer na ótica da migração (acepção clássica), quer na ótica do retorno, essencial no quadro desta dissertação.

A presente tese centraliza seu estudo sobre migração brasileira para Portugal, na perspectiva do projeto de retorno, e na identificação dos motivos que influenciam uns a regressar e outros a permanecerem. A partir das categorias delineadas tendo como suporte o modelo analítico e os dados empíricos fez-se uma análise do processo migratório, considerando o efeito do tempo na permanência do imigrante, a experiência migratória, as transformações nas estruturas familiares, o contexto que conduziu ao regresso ou à permanência e as formas de inserção e mobilidade socioeconómica e profissional no país de recepção e na dinâmica do retorno.

O objeto central desse estudo é analisar o retorno e de que forma se processa a reinserção social dos migrantes no Brasil, além de verificar as causas e motivações da permanência e do retorno, buscando verificar se imigração e retorno são processos complementares. Para tanto foram utilizadas técnicas quantitativas e qualitativas para atingir um entendimento geral do objeto de estudo, considerando aspectos estruturais e de enquadramento – dinâmicas económicas, características demográficas e territoriais, tipologias - e aspectos micro assentes em esclarecimentos relativos aos processos, escolhas e estratégias dos sujeitos.

Os métodos quantitativos - fontes secundárias, incluem o tratamento de dados estatísticos recolhidos em Portugal e no Brasil, que envolvem IBGE e SEF, os censos dos dois países, a informação proveniente da OIM relativa ao Programa de Retorno Voluntário e, também, dados por amostragem recolhidos em estudos atuais sobre imigração brasileira. O método qualitativo - fonte primária, constituiu-se de 100 entrevistas em profundidade aplicadas a brasileiros numa estratégia multi-situada, envolvendo espaços de imigração em Portugal e de retorno, no Brasil. Foram aplicados 50 entrevistas em 2015 na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e Norte Litoral (Porto e Braga), como lugares de maior concentração de imigrantes brasileiros, entre eles, os brasileiros provenientes do estado de Minas Gerais, um dos grupos mais representativos em Portugal. Outras 50 entrevistas foram aplicadas, em 2014, na principal região de retorno no Brasil, a cidade de Governador Valadares e arredores, em Minas Gerais. Os entrevistados foram estratificados segundo o género, o nível de instrução e o grupo etário (com idade acima de 18 anos). Destaca-se que os participantes da pesquisa em Portugal são provenientes

da “segunda” vaga migratória, período posterior a 1997/1998. Encerrando-se o estudo no ano de 2015.

A análise dos dados empíricos sobre os brasileiros em Portugal e os brasileiros que retornaram para a cidade Governador Valadares e arredores possibilita afirmar que o fluxo migratório para Portugal é mais expressivo entre os anos de 2002 e 2005. Os fatores associados ao aumento desse fluxo relacionam-se com a entrada de Portugal na União Europeia, em 1986, e as transformações económicas que lhe estão associadas. Nos anos 1980 e 1990, as modificações económicas e sociais levaram a uma carência de mão-de-obra qualificada endógena, justificando o recrutamento de imigrantes, incluindo-se aqui os brasileiros da denominada “primeira” vaga migratória – dentistas, publicitários, especialistas em marketing.... Em finais dos anos de 1990, com o crescimento da economia, o fluxo aumenta consideravelmente, com procura elevada para trabalho menos qualificado.

Outro fator relacionado ao aumento desse fluxo deu-se por via das mudanças nas leis de imigração em Portugal, por exemplo o efeito do acordo bilateral entre Portugal e Brasil - “Acordo Lula” - no ano de 2003 ou a nova lei de imigração de 2007. Com a retração económica e a crise financeira que atingiu Portugal, em 2007/2008, seguida de uma brutal política de austeridade, o decréscimo do emprego e dos salários refletiram-se na redução do fluxo migratório de entrada e no aumento dos retornos, sobretudo a partir do ano de 2010.

Ressalta-se que a comunidade brasileira residente em Portugal é a mais numerosa no conjunto dos estrangeiros instalados no país, contando com maior número de mulheres do que de homens. Nas últimas três décadas, o número de homens que regressaram é superior ao das mulheres que viviam em Portugal, não se podendo dissociar esse fato dos efeitos da crise económica que atingiu, de forma significativa, o setor da construção civil, fortemente masculinizado.

A partir dos dados empíricos levantados em 2014 e 2015, em Portugal e no Brasil, pode-se observar que a maioria quando era jovem, com uma idade média era de 25 anos, tratando-se, portanto, de jovens em idade ativa. Os dados também demonstraram que várias mulheres migram sozinhas, em sua maioria solteiras, apoiando-se em redes familiares e de amigos que vivem em Portugal, ainda que se verifique que outras, em número relativamente idêntico, migrem com seus companheiros, ou para se juntar aos mesmos, levando os filhos (ou deixando-os aos cuidados de familiares no Brasil).

No percurso migratório, dentre os que permanecem em Portugal, destaca-se que 16 casaram, sendo que 9 destes casamentos são de brasileiras com portugueses e os outros entre brasileiros. Não se identificaram relações conjugais com pessoas de outra nacionalidade. No retorno, as relações conjugais só envolvem brasileiros.

A escolaridade dos que permanecem em Portugal é superior aos que retornaram, (mais pessoas com secundário completo e um pequeno número - 10% - com mestrado e doutoramento), o que é um indicativo de que os que possuem maior escolaridade tem uma maior propensão a permanecer, mesmo em situação de crise.

Com relação ao trabalho exercido em Portugal observa-se uma concentração maior em atividades relacionadas ao comércio e prestação de serviços, principalmente cafés e restaurantes; já no retorno ocorre uma maior diversificação. Outro aspecto importante diz respeito ao aumento do empreendedorismo no retorno, pois 10 dos brasileiros regressados abriram seu próprio negócio, destacando-se que dentre esses, 6 são mulheres.

Referente a reinserção ao mercado de trabalho no Brasil ressalta-se que aqueles com menos escolaridade encontram maiores dificuldades. Isto é mais mencionado pelas mulheres do que pelos homens, que destacam a exigência do mercado de trabalho brasileiro relativamente à posse de qualificações formais, mesmo para atividades indiferenciadas. Como as mulheres com menor escolaridade estiveram afastadas do mercado de trabalho brasileiro por períodos mais ou menos longos e não reforçaram os seus níveis de instrução durante o período de emigração, as suas competências específicas não se reforçaram e o seu domínio do sistema de emprego atenuou-se, dificultando o processo de (re)inserção laboral. Esta situação é diferente do que se passou com os homens com menor qualificação que encontraram um mercado em expansão no setor da construção civil.

Quanto ao processo de adaptação no retorno, há um sentimento de estranheza em relação à sociedade e ao território brasileiro e valadarense, à pertença a esse território, pois o tempo de ausência causa esse sentimento. Tudo isso é desencadeado a partir da visão do lugar de origem, que não é mais o mesmo do momento inicial da partida. Essa dificuldade de adaptação no retorno é mais sentida pelos filhos envolvidos na emigração dos pais (pais e mãe ou mãe), pois alguns migraram para Portugal com pouca idade. O sentimento de estranheza é acentuado, pois pouco viveram nesse território para o qual retornaram. Nesse ponto

vale a pena lembrar o modelo analítico referente ao retorno no que diz respeito aos *filhos envolvidos na migração dos pais*. Estes têm poucas referências desse território e para eles é comum o sentimento de não se “*sentir em casa*”, ocorre confrontação com o “novo espaço” (estes, geralmente, emigraram muito jovens ou nasceram em Portugal). Também as mulheres expressam maior estranhamento no retorno, mantendo contatos mais intensos com Portugal e revelando maior vontade de reemigrar. Para além das maiores dificuldades encontradas na reinserção no mercado de trabalho brasileiro poderem contribuir para isto, a experiência migratória em Portugal comportará elementos de empoderamento e emancipação que o retorno ao contexto familiar mais tradicional coloca em causa. Confrontadas com esta situação, o estranhamento e a menor (re)adaptação são mais sentidas pelas mulheres emigrantes retornadas.

Com respeito ao contributo da presença em Portugal na reinserção no local de origem, evidencia-se que a experiência migratória é diferenciada para cada um, tanto no acúmulo de recursos pessoais como profissionais. Alguns migrantes, no decurso da experiência migratória, agregam valores que lhes serão úteis e valorizados, principalmente no mercado de trabalho, no retorno.

Outro aspecto investigado foi verificar a manutenção das relações com o país de destino. Os dados demonstraram que essa relação, para alguns, é mantida apenas em contatos via internet (redes sociais) com amigos, mas principalmente com familiares. Para aqueles que deixaram filhos a comunicação é mais frequente, sendo esta uma das principais justificações para que a prática de contactos seja mais regular entre as mulheres.

Retomando a questão central dessa tese, ou seja, “Por que alguns retornam e outros permanecem?”, é importante considerar, em primeiro lugar, que a migração de retorno pode não ser o final do ciclo migratório, pois, o retorno pode ser provisório e podem ser estabelecidos contatos diversificados e formas de ligação variadas entre o país de destino e o país de origem. A migração é um processo dinâmico que sofre modificações sucessivas associadas aos contextos sociais, económicos, e pessoais.

Nessa perspectiva, e retomando o final do capítulo 7, podemos considerar os seguintes componentes que explicam as razões da permanência ou do retorno: i) aspectos estruturais da economia, com destaque para o quadro de recessão económica em Portugal e a estabilidade económica e perspectiva de crescimento do

Brasil (associada a maior oferta de trabalho, sobretudo em alguns setores) de inícios do presente decénio; ii) aspectos subjetivos, a começar pela própria leitura que cada migrante faz das informações relativas à economia e, também, o balanço pessoal entre fatores socioeconómicos positivos e negativos, tanto no lugar de destino, como no lugar de origem. Agregam-se a esses fatores outros de ordem pessoal, que incluem, por exemplo, a situação familiar e as suas transformações. Esta é mais relevante para as mulheres, incentivando o retorno (para junção aos filhos que ficaram na origem) ou a permanência (para continuar com os filhos menores que fizeram reagrupamento familiar ou aqueles que nasceram em contexto de imigração e fazem a sua sociabilização no local de acolhimento), de acordo com as suas próprias falas. Os motivos económicos ficam ocultados e o retorno incide principalmente nos requisitos familiares, como “cuidar dos filhos”. Na perspectiva dos migrantes, não se trata de estar retornando por terem fracassado em seu projeto migratório, apesar da crise ter impedido a concretização dos objetivos desejados; retorna-se para atender a questões pessoais, o que é mais aceitável socialmente.

Portanto, durante o processo migratório, os contextos socioeconómicos, culturais e políticos, bem como os aspectos psicológicos, levam à reconstrução e desconstrução do projeto migratório (origem), ao reajuste na trajetória migratória (destino), manifestando-se, por sua vez, o retorno em distintas variações resultantes desses processos migratórios. Como foi citado, há vários tipos de retorno que se verificam em diversos contextos e em tempos e espaços distintos.

Em suma, e recuperando o que foi dito atrás, a decisão de retornar ou regressar posiciona-se numa conjuntura macro em que os elementos económicos detêm um peso significativo, resultando depois, ao nível micro, de uma avaliação pessoal que conjuga, antes de mais, contexto familiar (filhos e parceiro na origem ou no destino), inserção no mercado de trabalho (emprego, salário) e, complementarmente, nível de enraizamento social e de reterritorialização no local de destino (acesso a habitação de qualidade, a escola para os filhos, reduzido sentimento de discriminação, segurança...), como evidenciaram os participantes desse estudo.

Relembre-se aqui que, ao longo do tempo de migração o projeto migratório sofre alterações (reunificação da família, casamentos, nascimento de filhos), que tornam a permanência, mesmo em situação de crise, mais significativa no que se refere à qualidade de vida na concepção do migrante.

É importante mais uma vez ressaltar que, ser migrante é percebido a partir dos três contextos expostos: o *projeto migratório (origem)*, a *trajetória migratória (destino)* e o *retorno ou a “permanência”*. As decisões de partir, retornar, tornar a emigrar ou reemigrar para outro local obrigam a ter estes três contextos em consideração, de uma forma conjugada. Efetivamente, ao finalizar esta análise, é fundamental enfatizar que a migração de retorno é um movimento que faz parte da dinâmica migratória, não sendo um “momento final”, ou seja, o retorno ao lugar de origem não é considerado “*nem definitivo e nem permanente*”, posicionando-se no contexto contemporâneo das lógicas de circularidade e de reemigração.

Nesse entender, retomando o tema desta tese “Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil – Imigração e Retorno: Processos complementares?”, pode-se dizer que a imigração e a migração de retorno complementam-se e configuram-se mutuamente, funcionando como processos complementares em torno dos quais existem outros intrincados e complexos, como circularidades, permanências, rupturas... O migrante é, portanto, um sujeito que encerra em sua trajetória, não só esses dois processos - retornar ou permanecer -, mas todas as nuances de uma vida vivida em e entre diferentes territórios, tanto numa perspectiva material, objectiva, como também numa perspectiva imaterial e subjetiva. Nesse sentido, nos versos a seguir, de modo sensível, Almir Sater e Renato Teixeira, descrevem, em parte, essa dualidade do migrante:

*“Penso que cumprir a vida, seja simplesmente
Compreender a marcha, ir tocando em frente,
Como um velho boiadeiro, levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou,
Estrada eu sou, conhecer as manhas e as manhãs [...].*

“Tocando em frente”. Canção dos compositores e cantores: Almir Sater e Renato Teixeira.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSINI, Maurizio. **Outra globalização**. O desafio da migração transnacional. Bologna: Il Mulino, 2008, 247p.

ANDRADE, Gevson. **Formen und ursachen der migration in einer peripheren region brasiliens**: der besondere einfluss der bildungs- und arbeitsangebote. 2011. 165p. Tese de Doutorado (Fakultät I – Geistwirtschaft). Berlin: TU-Berlin, 2011.

ASSIS, Gláucia. **Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadareense para os EUA**. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 125-166.

ASSIS, Gláucia. **De Criciúma para o mundo**. Rearranjos familiares de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. 325p. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BAENINGER, Rosana; PATARRA, Neide. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: Neide Lopes Patarra (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995, p. 79-87.

BAGANHA, Ioannis; GÓIS, Pedro, “Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52/53, p. 229-280, 1999.

BAGANHA, Ioannis. A cada sul o seu norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: **Brasil – Portugal, Entre o Passado e o Futuro – Diálogo dos 500 Anos**. Rio de Janeiro, EMC Edições, 2000.

BAGANHA, Ioannis, FERRÃO, João e MALHEIROS, Jorge. Osimigrantes e o mercado de trabalho: o caso português. **Análise Social**, São Paulo, v. 34, n. 150, p. 147-173, 1999.

BECKER, Gary. **Human capital: a theoretical and empirical analysis with special reference to education Chicago**. University of Chicago Press, 1975, 412p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983, 248p.

BNDES 60. **Perspectivas setoriais/organizador**: Filipe Lage de Sousa. 1. ed. Rio de Janeiro: BNDES. v. 1: il. Anos, 2012, 384p.

BÓGUS, Lúcia. Brasileiros em Portugal: novos movimentos migratórios ou volta às origens?. **Travessia: Revista do Migrante**, Rio de Janeiro, jan/abril, p. 16-19, 1995.

BÓGUS, Lúcia. Migrantes brasileiros na europa ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, N. (org.). **Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo**, São Paulo, FNUAP, p.111-112, 1995.

BÓGUS, Lúcia. Esperança além-mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. In: **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa : Artipol, 2007, p. 11-39.

BOHNING, Wolf. Elements of a theory of international economic migration to industrial nation states. In: **Global trends in migration: theory and research on international population movements**, M. Kritz & C. Keely (eds.), New York, Center for Migration Studies. 1983. (Cap.3).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, 314p.

BOURDIEU, Pierre. **Campo del poder y reproducción social**: elementos para un análisis de la dinámica de las clases sociales. Córdoba (Argentina), Ferreyra Editora, 2006, 206p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, 314p.

BOYD, Mónica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. **International Migration Review**, USA, v. 23, n. 3, p. 638-670, 1989.

BRITO, Fausto. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In.: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editorial, 1996, p.53-66.

BRITO, Fausto. Crescimento demográfico e migrações na transição para o trabalho assalariado no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 21, n. 1, jan/jun., p. 5-20, 2004.

BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla. **The transnational family: new European frontiers and global networks, cross-cultural perspectives on women**. Oxford, Berg, 2002, 276p.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. 2. edição revista. São Paulo. Ática, 2003, 448p.

CALDEIRA, Jorge et al. **Viagem pela história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1997, 351p.

CAMPOS, Marden. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios”. In.: OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (org). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 2011, p.71-83.

CANALES, Alejandro. **The role of remittances in the transnational family relationships configuration**. Papeles de Población, 44, 2005, p.137-158.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1995**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 71-119.

CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole** - a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 1994, 218p.

CARVALHO, Veridiana; LIMA, Gilberto. **A restrição externa e a perda de dinamismo da economia brasileira:** a relação entre estrutura produtiva e crescimento económico. 2007. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A013.pdf>. Acesso em 28 fev. 2014.

CARVALHO, José; CAMPOS, Marden. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 55.58, 2006.

CASEY, Edward. **Geography and Philosophy:** what does it mean to be in the place world? *Annals of the Association of American Geographers*, USA, v. 91, n. 4, p. 683-693, 2001.

CENSO Demográfico. **Primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacaopormunicípio.shtm>. Acesso em: 10 mar. 2014.

CNPd; OIM; MTE. **Perfil migratório do Brasil 2009**. Brasília, DF: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento - CNPD: Organização Internacional para as Migrações - OIM: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, 2010. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/Brazil_Profile2009.pdf. Acesso em: 07jun. 2014.

CASSARINO, Jean - Pierre. Theorising return migration: the conceptual approach to return migrants revisited. In: *IJMS: International Journal on Multicultural Societies*, São Paulo, v. 6, n. .2; p. 253-279, UNESCO, 2004. Disponível em: www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4. Acesso em: 20 jan. 2015,

CASSARINO, Jean - Pierre. **Políticas de inmigración y políticas de desarrollo entender los vínculos entre migración de retorno y desarrollo**. Barcelona, 2007, p. 63-87.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 177p.

CASTLES, Stephen. **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios – dos trabalhadores convidados às migrações globais**. Lisboa, Fim de Século, 2005, 192p.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil**. 2. ed. Civilização Brasileira : Rio de Janeiro, 1978, 394p.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. 2. ed: London: Croom Helm, 1984, 293p.

DeBIAGGI, Sylvia. Homens e mulheres mudando em novos espaços : famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In : DeBIAGGI, S ; PAIVA, G. (Org.). **Psicologia e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 135-164.

DIAS, Sónia; ROCHA Cristianne; HORTA, Rosário. **Saúde sexual e reprodutiva de mulheres imigrantes africanas e brasileiras**: um estudo qualitativo. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. ACIDI, 2009, 174p.

DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: lamigración de retorno como corolário del processo. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, v. 14, n. 26-27, p. 167-189, 2006.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 269p.

ERES, Robert; MOLENBERGHS, Pascal. The influence of group membership on the neural correlates involved in empathy. **Frontiers in Human Neuroscience**, USA, v. 7, n. 176, p. 1-6, 2013.

ESPINDOLA, Haruf. Sociedade, natureza e território: contribuição para a história ambiental. In: Nodari, Eunice Sueli; Klug, João. (Org.). **História Ambiental e Migrações**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 167-197.

ESTEVES, Alina; FONSECA, Lucinda; MALHEIROS, Jorge. Labour market integration of immigrants in Portugal in times of austerity: resilience. **Journal of Ethnic and Migration Studies**. USA, 2017.

EVANGELISTA, Francisco.; CARVALHO, José., **Algumas considerações sobre o êxodo rural no Nordeste**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/contentt>. Acesso em: 13 nov. 2014.

FAZITO, Dimitri. A configuração estruturados arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação. **REBEP**, São Paulo, v. 25, n. 2, 2008.

FERNANDES, Durval; RIGOTTI, José. **Os brasileiros na Europa**: notas introdutórias. SEMINÁRIO “BRASILEIROS NO MUNDO”, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** 2012. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/Fernandes.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2015.

FERREIRA, Ricardo. **Confronto dos lugares no migrante de kassegui**. 2001. 148p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação do Instituto de Geociência e Ciências Exatas. Universidade Estadual de São Paulo, 2001.

FERREIRA, Eduardo. S.; RATO, Helena.; MARIA. Mortágua. **Viagem de Ulisses**: efeitos da imigração na economia portuguesa. Lisboa: IO/ACIME, 2004, 112p.

FERREIRA, Suelda. **Olhares brasileiros sobre a representação do espaço urbano de Lisboa**. 2007. 121p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Lisboa, 2007.

FLÔRES, Onici. Leitura, memória e texto poético. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 55, p. 166-181, jul-dez, 2008.

FONSECA, Lucinda. **Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais**. In.: LAGES, M.; MATOS, A. T. Portugal: percursos de interculturalidade. Lisboa: alto comissariado para a imigração e o diálogo intercultural (ACIDI, I.P.). Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), 2009, p. 50-96.

GIRONA, Jordi. **Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la trans-formación actual del sistema de género en España**. Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico. 2007, 385p.

GONÇALVES, Ortelinda. **Migrações e desenvolvimento**. Fronteira do caos editores Lda: Porto-Portugal, 2009, 436p.

GHOSH, Jayati. **Migration and gender empowerment**: recent trends and emerging issues. Human Development Research Paper, USA, n. 19181, abr, 2009. Disponível em: <<https://mpr.ub.uni-muenchen.de/19181/1/MPRApaper19181.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986, 440p.

GRASSI, Marzia. **Cabo Verde pelo mundo**: o género e a diáspora cabo-verdiana. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2006, p. 23-61.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006, 102p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 396p.

IBGE. **Brasil 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

JOHNSTON, Ron. ; GREGORY, Derek; SMITH, David. **The dictionary of human geography**, 3. ed. Oxford: Basil Blackwell. 1994, 1037p.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In.: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVELOVITCH, Sandra. (orgs). **Textos em Representações Sociais**.Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.63-85.

KELLY, Fernández. Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration. In.: PORTES, A. (org.). **The economic sociology of immigration**. Nova York, Russell Sage, 1995, 309p.

KING, Russell; ZONTINI, Elisabetta. **The role of gender in the south European mode**. Papers n. 60, 2000, p. 35-52.

LEE, Everett. **A theory of migration**. In.: JACKSON, J. A. Migration. Cambridge, Cambridge University Press, 1969, p. 282-297 (originalmente publicado em Demography, v. 3, 1966),

LEE, Everest. **Uma teoria sobre a migração**. In.: MOURA, H. A. de (coord.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. pp. 89-114.

LEVITT, Peggy. **The transnational villagers**. U.C. Press: 2001, 294p.

LEVY, Maria. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 9, p. 49-90, 1974.

LISBOA, Teresa. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 805-821, 2007.

MACHADO, Igor. **Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal**. In.: MALHEIROS, Jorge (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007, p. 171-189.

MALHEIROS, Jorge. **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Presidência do Conselho de Ministros, 2007, 248p.

MALHEIROS, Jorge. Immigration, clandestine work and labour market strategies: the construction sector in the metropolitan region of Lisbon. **South European Society and Politics**, Lisboa, v. 3, n. 3, p.169-185, 1998.

MALHEIROS, Jorge et al. **Mulheres Imigrantes Empreendedoras**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2010, 301p.

MALHEIROS, Jorge.; OLIVEIRA, Isabel.; ALBRECHT, Rosemarie. Portugal: did the crisis aggravate brain drain? In.: *Brain Gain-Brain Drain: European labour markets in times of crisis*, edited by A. Schelinger. Berlin: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015, p. 72–84.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil**: imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas, SP: Papirus, 1994, 204p.

MARGOLIS, Maxine. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARQUES, José; GÓIS, Pedro. A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 24, p. 213-232, 2012.

MARQUES, José; GÓIS, Pedro. Percursos e trajetos migratórios dos brasileiros. In.: In.: PEIXOTO, J.; PADILLA, B.; MARQUES, J.; GÓIS, P. (Orgs.). **Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI**. Lisboa: Mundos Sociais, 2015, p. 9-27

MARTES, Ana. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 204p.

MARX, Karl. **Formações económicas pré - capitalistas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, 105p.

MASSEY, Douglas. The social organization of Mexican migration to the United States. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, USA, v. 487, p, 102–11, 1986.

MASSEY, Douglas et al. **The social organization of migration return to aztlan**. The Social Process of International Migration from Western Mexico. Los Angeles: University of California Press, 1987, 348p.

MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, USA, v. 14, n. 3, p. 383-413, 1988.

MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. **Population Index**, USA, v. 56, n. 1, spring/1996, p. 3-26, 1990.

MASSEY, Douglas. Theories of international migration: a review and appraisal. Population and Development Review. **Population Council**, New York, v. 19, n. 3, set., p. 411-466, 1993.

MASSEY, Douglas. Migration, ethnic mobilization and globalization: causes of migration. In.: GUIBERNAU, Montserrat; REX, Jonh (eds). **The ethnicity reader: nationalism, multiculturalism and migration**. U.K: Polity Press, 1997, p. 257-269.

MASSEY, Douglas et al. **Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Clarendon Press, Oxford, 1998, 376p.

OECD. **Jobs of immigrants**. Labour Market Integration in Belgium, France, the Netherlands and Portugal, Paris, OECD, 2008.

OCDE. **Economic Surveys of Germany**. Paris: OECD, 2008.

OCDE. **International Migration Outlook**. Paris: OECD Publishing, 2016.

OLIVEIRA, Orlandia. STERN, Claudio. **Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos**. Trad. Hélio A. de Moura. In.: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migrações internas. Fortaleza: BNB, v. 1, p. 245-265, 1980.

OLIVEIRA, Catarina; INÁCIO, Andreia. **Nacionalizações em Portugal (1985-1996)**. Working Paper nº 11. Lisboa: Socinova, 1999.

OLIVEIRA, Catarina; GOMES, Natália. **Monitorizar a integração de imigrantes em Portugal: relatório estatístico decenal**. (Coord). OLIVEIRA, Catarina Reis; GOMES, Natália. Imigração em números 1. Lisboa, 2014, 166p.

OLIVEIRA, Catarina; GOMES, Natália. **Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2017**. 1. ed. (Imigração em Números Relatórios Anuais 2), 2017, p. 274.

OLIVEIRA, Catarina.; GOMES, Natália.; SANTOS, Tiago. **Aquisição da nacionalidade portuguesa: 10 anos da lei em números**. Caderno Estatístico Temático # 1, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações. (Coord. C.R.Oliveira), Lisboa: ACM, 2017, 109p.

OSMAN, Samira. O retorno na comunidade Líbano -brasileira: experiências migratórias e história oral de vida. In.: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, V, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas/SP: ABEP, 2007, p. 1- 26.

PADILLA, Beatriz. **Integration of Brazilian Immigrants in Portuguese society: problems and possibilities.** Comunicação apresentada à 9th In ternanational Metropolis Conference, Genebra, 2004, p.1-19.

PADILLA, Beatriz. Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidaridad étnica o empatia étnica?. **Socius Working Paper**, Lisboa, n. 2, p.49-61, 2005.

PADILLA, Beatriz. Integração dos “Imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In: MACHADO, Igor José de Renó. (Org.) **Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal**. São Carlos: Edefscar, 2006, p.49-61.

PADILLA, Beatriz. Imigrantes brasileira em Portugal considerado o género na análise. In.: MALHEIROS, Jorge. (org), **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Presidência do Conselho de Ministros, 2007, p.113-135.

PADILLA, Beatriz. A imigração brasileira em Portugal. Investigação, tendência e perfis. In.: PEIXOTO, J.; PADILLA, B.; MARQUES, J.; GÓIS, G. (Orgs.). **Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI**. Lisboa: Mundos Sociais, 2015, p. 9-37.

PACHECO, Carlos; PATARRA, Neide. Movimentos migratórios anos 80: novos padrões? In.: PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia; JANUZZI, Paulo. **Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Economia – IE, 1997, p. 25-52.

PARK, Robert. **The city as social laboratory**. In.: SMITH, T. V.; WHITE, L. D. (eds.). Chicago: as experiment in social science research. Chicago: University of Chicago Press, 1929, 215p.

PEIXOTO, João. **Os mercados da imigração:** modos de incorporação laboral e problemas de regulação dos imigrantes estrangeiros em Portugal. Lisboa: Cadernos Sociedade e Trabalho, 2002, p. 57-68.

PEIXOTO, João et al. **Mulheres Migrantes:** percursos laborais e modos de inserção socioeconómica das imigrantes em Portugal. Lisboa: SOCIUS, 2006, 270p.

PEIXOTO, João. **Dynamiques migratoires:** les conditions du changement. In.: Les migrations internationales: observation, analyse et perspectives. Paris: AIDELF/PUF, 2007, p. 351-354.

PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In.: MALHEIROS, J. (Org.), **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIME/Observatório da Imigração, 2007, p. 87-111.

PEIXOTO, João. **Vagas Atlânticas:** migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI. Lisboa: Mundos Sociais, 2015, 192p.

PEREIRA, Bresser. Dominação financeira e sua crise no quadro do capitalismo do conhecimento e do estado democrático social. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 195-205, 2008.

PIORE, Michael. **Birds of passage:** migrant labor and industrial societies. Cambridge University Press, 1979, 229p.

PIRES, Rui. **Migrações e integração: teoria e aplicação à sociedade portuguesa**. Ed. Celta, 1993, 289p.

PIRES, Rui. O regresso das colónias. In.: BETHENCOURT, Francisco; KIRTI Chaudhuri (Orgs.). História da expansão portuguesa: último império e recentramento (1930-1998). **Temas e Debates**, Lisboa, v. 5, p. 182-196, 2000.

PONZO, I., C. FINOTELLI, J.; MALHEIROS, M. L.; FONSECA, E.; SALIS. **Is the economic crisis in southern europe turning into a migrant integration crisis?** Politiche Sociali 1, 2015, p. 59-88.

PORTES, Alejandro. **Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration.** In.: M. M. Kritz et al. (Ed.) Global trends in migration - theory and research on international population movements, Nova Iorque, Center for Migration Studies, 1981, p. 279-297.

PORTES, Alejandro. **The economic sociology of immigration:** a conceptual overview. In.: Portes, Alejandro. (org.). The economic sociology of immigration – essays networks, ethnicity and entrepreneurship. NY: Russell Sage Foundation, 1995, 310p.

PORTES, Alejandro. Transnational communities: their emergence and significance in the contemporary world system”. In.: KORZENIE-WICZ, R.; SMITH, W. (Eds.) **Latin America and the world economy.** Westport, Greenwood Press, 1996, p. 151-168.

PORTES, Alexandro. **Migrações internacionais.** origens, tipos e modos de incorporação. Oeiras: Celta Editores, 1999, p. 160.

PORTES, Alejandro. Introduction: the debates and significance of immigrant transnationalism. **Global Networks**, USA, v. 1, n. 3, p. 181-193, 2001.

PORTES, Alejandro. Os debates e o significado do transnacionalismo migrante, in: Alejandro Portes (ed.). **Estudos sobre as migrações contemporâneas. transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração.** Lisboa: Fim de Século, 2006, p. 201-244.

PRIES, Ludger. **Migration and transnational social space.** Sidney: Ashgate, 1999, 238p.

REBELO, Glória. **Trabalho independente em Portugal:** empreendimento ou risco. Dinâmica Working Paper nº 32, 2003, p. 1-24.

RAVENSTEIN, Ernest. G. The laws of migration. **Journal of the Royal Statistical. USA**, v. 52, n. 2, p. 241-301, 1989.

RAVENSTEIN, Ernest. The laws of migration. **Journal of the Royal Statistical. USA**, v. 48, n. 2, p.167-227, 1885.

RIVERA-SÁNCHEZ, Liliana. Migración de retorno y experiencias de reinserción en la zona metropolitana de la Ciudad de México. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, v. 21, n. 41, p. 55-76; jul./dez., 2013.

ROSE, Arnold. Distance of migration and socio-economic status of migrants. In.: JANSEN, C. Readings in the sociology of migration. **Oxford**, v. 23, 1958.

ROSSI, Pete. **Why families move**: a study in the social psychology of urban residential mobility. The Free Press: Glencoe, 1955, 220p.

ROSTOW, Walt. **Etapas do desenvolvimento económico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971, 102p.

SALES, Teresa. Novos fluxos migratórios da população brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 8, n. 1/2, p. 21-32, 1991.

SALES, Teresa. **O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais**. In: OIT. Organização Internacional do Trabalho e ABET - Associação Brasileira de Estudo o Trabalho. O trabalho no Brasil no Limiar do Século XXI. São Paulo: LTR, 1995.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, 240p.

SALIM, Celso. **Migração**: o fato e a controvérsia teórica. In.: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 8. Campinas: ABEP, 1992, p. 119-143.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999, 649p.

SASAKI, Elisa; ASSIS, Gláucia. Teorias das migrações internacionais. In.: Encontro Nacional da ABEP, 8. **Anais...** 2000, p.1-19.

SASSEN, Saskia. **The global city**: New York. London, Tokio. New Jersey: Princeton University, 1988a.

SASSEN, Saskia. **The mobility of labor and capital**: study in international investment and labor flow. Nova York, Cambridge University Press, 1988b

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio de Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1998, 299p.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **Travessia - Revista do Migrante**, São Paulo, jan., p. 3-32, 2000.

SILVA, Romerito. **Brasileiros em Portugal**: por que alguns imigrantes retornam e outros permanecem? Jundiaí: Paco Editora, 2016, 318p.

SIQUEIRA, Sueli. A migração internacional em Governador Valadares. **Caderno do Neder**. Governador Valadares: Universidade Vale do Rio Doce, 2016.

SIQUEIRA, Sueli. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Revista Nuevo Mundo Mundos**, São Paulo, n. 07, p. 29-50, 2007.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, 186p.

SIQUEIRA, Sueli. Emigração, crise económica e retorno à terra natal. **Revista de Economia Política e História Económica**, São Paulo, v. 21, p. 5-25, ju., 2010.

SIQUEIRA, Sueli; SANTOS, Mauro. Crise económica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo, v. 70, p. 27- 47, jan./jun, 2012.

SIQUEIRA, Sueli; PEREIRA, Sónia. Migração, Retorno e Circularidade: Evidências da Europa e Estados Unidos. **REMHU - Rev. Interdisciplinar. Mobilidade. Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 117-138, jul/dez., 2013.

SIQUEIRA, Sueli. História das migrações da Região de Governador Valadares-MG para os Estados Unidos. In.: BÓGUS, Lúcia; BAENINGER, Rosana. **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: Educ. 2018, p. 129-148.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo: In: MOURA, H. A. (Org.) **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BND/ETENE, 1980, p. 211-244.

SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SANTON-BLAN, Cristina. **Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration**. Publisher: New York Academy of Science, Editors: Schiller, Nina Glick, 1992, 24p.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991, 584p.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense**. 1995. 175p. Dissertação (Mestrado em demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

SOARES, Weber. **Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**. UFMG/Cedeplar. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 2002, p. 1-27.

SOARES, Weber. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In.: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 231-261.

STOUFFER, Samuel. Intervening opportunities: a theory relating mobility and distance, **American Sociological Review**, USA, v. 5, n. 6, p. 845-867, 1940.

STOUFFER, Samuel. Intervening opportunities and competing migrants. **Journal of Regional Science**, USA, v. 2, p. 1-26, 1960.

SULLIVAN, Arthur; STEVEN, Sheffrin. **Economics: principles in action**. Upper Saddle River. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2003, p. 94-103.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Desafios teóricos para a geografia do trabalho no século XXI. In: THOMAZ JÚNIOR, A; FRANÇA JÚNIOR, L. B. (org.) **Geografia e trabalho no século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, v. 4, 162-217, 2009.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Minorias. polissemia do conceito e diversidade da manifestação, in emigração, imigração em Portugal. **Actas do colóquio internacional sobre emigração e imigração em Portugal, séculos XIX e XX**. Lisboa: Fragmentos, 1995, p.422-433.

THOMAS, Dorothy. **Research memorandum on migration differentials**. Nova Iorque, Social Science Research Council, Bulletin 43. 1938, p. 415-417.

THOMAS, William. ; ZNANIECKI, Florian. **The Polish in Europe and America**, Boston, v. 5, p. 420, 1920.

TILLY, Charles. Transplanted Networks, in Yans-Mc Laughlin (ed.), Virginia, **Immigration Reconsidered**, Nova York, Oxford University Press, 1990, pp. 79-95.

TODARO, Michael. **Introdução à Economia: uma visão para o terceiro mundo**. Rio de Janeiro: Campus, 1979, 627 p..

TRENZ, Hans-Jörg e TRIANDAFYLLIDOU, Anna.. “Complex and Dynamic Integration Processes in Europe: Intra EU Mobility and International Migration at Times of Recession.” **Journal of Ethnic and Migration Studies**” 43 (4). 2017, p.546–559.

UNITED NATIONS International Migration Report 2002: Overview.

VAINER, Carlos. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. Travessia, Abril 2000. Pp.15-32

ZELINSKY, Wilbur. **Geography and a crowing world: a Symposium on Population Pressures upon Physical and Social Resources in Developing Lands**. Oxford University Press, 1970, New York.

ZIPF, Georges. "The P1 P2 / D hypothesis: on the intercity movement of persons", **American Sociological Review**, Vol. 11, Nº 6, 1946, pp. 677-680.

WALL, Karin; NUNES, Cátia e MATIAS, Ana. "**Conclusions**", in **Family Migration Vision - National report on Portugal**, 2005, pp. 74-80.

ENDEREÇOS DA INTERNET

Disponível em: <http://www.imi.ox.ac.uk/projects/themis>

Disponível em: <https://www.pordata.pt>

Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo>

Disponível em: <http://www.sef.pt/documentos>

Disponível em: <https://www.pordata.pt>

Disponível em: <http://www.sef.pt/portal>

Disponível em: <https://www.iefp.pt>

Disponível em: <http://online.unisc.br>

Disponível em: <http://download.qsrinternational.com>

Disponível em: <https://www.caixa.gov.br>

ANEXOS

ANEXO A - Estrada de ferro Belo Horizonte, Minas a Vitoria, Espírito Santo, Brasil



Fonte: Disponível em: <<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1984EFVM.shtml>>.

ANEXO B - Inauguração da Estação de Itabira, Minas Gerais, ano 1943, trem de passageiros na estrada de ferro Belo Horizonte, Minas Gerais a Vitória, Espírito Santo, Brasil



Fonte: Disponível em: <<https://tremdovale.wordpress.com/page/3/>>.

ANEXO C - Trem de passageiros, ano 2014, Estrada de ferro Belo Horizonte, Minas Gerais a Vitória, Espírito Santo, Brasil



Fonte: Disponível em: <https://tremdovale.wordpress.com/page/2/>

ANEXO D - “Acordo Lula”, 2003

Decreto n.º 40/2003 de 19 de Setembro Acordo entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil sobre a Contratação Recíproca de Nacionais, assinado em Lisboa em 11 de Julho de 2003

Tendo presente o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Portugal e a República Federativa do Brasil, de 22 de Abril de 2000;

Considerando o desejo de intensificar e estimular os laços de amizade e cooperação já existentes entre os povos;

Considerando as necessidades já observadas de facilitar a circulação dos seus nacionais para a prestação de trabalho no território do outro Estado:

Assim:

Nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 197.º da Constituição, o Governo aprova o Acordo sobre a Contratação Recíproca de Nacionais, assinado em Lisboa em 11 de Julho de 2003, cujos textos, nas versões autenticadas em língua portuguesa, são publicados em anexo.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 24 de Julho de 2003. – José Manuel Durão Barroso - António Manuel de Mendonça Martins da Cruz - António Jorge de Figueiredo Lopes - Nuno Albuquerque Morais Sarmento - António José de Castro Bagão Félix.

Assinado em 5 de Setembro de 2003.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 8 de Setembro de 2003.

O Primeiro-Ministro, José Manuel Durão Barroso.

ACORDO ENTRE A REPÚBLICA PORTUGUESA E A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL SOBRE A CONTRATAÇÃO RECÍPROCA DE NACIONAIS.

A República Portuguesa e a República Federativa do Brasil, adiante designadas como Estados Contratantes:

Tendo em vista o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil, assinado em Porto Seguro em 22 de Abril de 2000;

Desejando intensificar e estimular os laços de amizade e cooperação já existentes entre os dois povos;

Conscientes da necessidade de facilitar a circulação dos seus nacionais para a prestação de trabalho no território dos Estados

Contratantes;

acordam no seguinte:

Artigo 1.º

1 - O presente Acordo aplica-se aos cidadãos da República Portuguesa e da República Federativa do Brasil, adiante designados como nacionais, que, mediante contratos validados pelos órgãos competentes do Estado receptor, se desloquem ao território deste Estado, por períodos limitados de tempo, para aí desenvolverem uma actividade profissional por conta de outrem.

2 - Os nacionais de ambos os Estados Contratantes poderão ser contratados para todas as profissões cujo exercício não seja ou não esteja, permanente ou temporariamente, condicionado a estrangeiros, nos termos da legislação em vigor no Estado receptor.

Artigo 2.º

1 - A tramitação de qualquer tipo de visto, de acordo com a legislação interna do Estado receptor, não deverá ultrapassar o período de 60 dias contados a partir da instrução completa do processo.

2 - Os vistos emitidos ao abrigo do número anterior poderão ser prorrogados no território do Estado receptor, nos termos da respectiva legislação interna.

Artigo 3.º

A entrada, a permanência e o emprego de nacionais efectuados ao abrigo do presente Acordo serão regulados pela legislação em vigor no Estado receptor.

Artigo 4.º

As autoridades responsáveis pela execução do presente Acordo, adiante designadas como entidades competentes, são:

- a) Na República Portuguesa - o Ministério da Segurança Social e do Trabalho;
- b) Na República Federativa do Brasil - o Ministério do Trabalho e Emprego e o Ministério da Justiça.

Artigo 5.º

As entidades competentes trocarão entre si informação disponível sobre as oportunidades de trabalho e os sectores de actividade em que as mesmas existam, bem como sobre as disponibilidades de mão-de-obra.

Artigo 6.º

1 - Aos nacionais de ambos os Estados Contratantes serão emitidos vistos adequados, nos termos da legislação em vigor no Estado receptor.

2 - O facto de um nacional de um dos Estados Contratantes se encontrar no território do outro Estado Contratante à data da assinatura do presente Acordo é considerado razão atendível para a aceitação de um pedido de visto num posto consular de carreira fora da área da sua residência, desde que aí esteja em situação legal e tenha a sua permanência regularizada no Estado Contratante em que se encontra.

Artigo 7.º

Os nacionais contratados poderão fazer-se acompanhar de elementos do seu agregado familiar, nos termos da legislação em vigor no Estado receptor.

Artigo 8.º

Os trabalhadores contratados ao abrigo do presente Acordo gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos às mesmas obrigações de natureza laboral em vigor para os

trabalhadores nacionais do Estado receptor e da mesma protecção no que se refere à aplicação das leis relativas à higiene e à segurança no trabalho.

Artigo 9.º

1 - Os nacionais contratados ao abrigo do presente Acordo poderão transferir para o seu Estado de origem, em moeda livremente convertível, a remuneração auferida no território do Estado receptor, de acordo com a legislação em vigor neste Estado.

2 - A importação e a exportação de bens pessoais por parte do nacional serão efectuadas de acordo com a legislação em vigor em cada um dos Estados Contratantes.

Artigo 10.º

As entidades competentes dos Estados Contratantes trocarão entre si informações sobre a legislação em vigor nas respectivas ordens internas relativa à entrada, permanência e contratação de cidadãos estrangeiros, bem como sobre direito laboral em geral.

Artigo 11.º

Os procedimentos relativos à execução do presente Acordo no que respeita aos processos de recrutamento e selecção dos trabalhadores observarão a legislação interna de cada Estado Contratante.

Artigo 12.º

Os Estados Contratantes adoptarão os mecanismos administrativos necessários à execução do presente Acordo.

Artigo 13.º

1 - Para assegurar a adequada execução do estabelecido no presente Acordo, nomeadamente o previsto nos artigos 2.º, 3.º, 6.º, 11.º e

12.º, e no espírito dos entendimentos alcançados nos trabalhos preparatórios, é criada uma Comissão Mista presidida por membros do Governo de cada um dos Estados Contratantes.

2 - Os Estados Contratantes acordarão, por via diplomática, a data da realização da primeira reunião da referida Comissão, a qual terá lugar, em Portugal, até 15 dias após a entrada em vigor do presente Acordo.

3 - A Comissão reunir-se-á ainda, alternadamente, em cada seis meses, no território de cada um dos Estados Contratantes.

Artigo 14.º

1 - O presente Acordo vigorará por um período de cinco anos, sendo automaticamente prorrogado por períodos sucessivos de um ano, salvo se algum dos Estados Contratantes o denunciar, por escrito e por via diplomática, com a antecedência mínima de seis meses relativamente ao termo do respectivo período de vigência.

2 - Os direitos adquiridos durante a vigência do Acordo, assim como os pedidos em tramitação, não serão afectados pela denúncia.

Artigo 15.º

O presente Acordo pode ser objecto de revisão, a pedido de qualquer dos Estados Contratantes. As alterações entrarão em vigor nos termos previstos no artigo 16.º

Artigo 16.º

O presente Acordo entrará em vigor no 30.º dia após a data da recepção da segunda notificação, por via diplomática, de que foram cumpridos os requisitos de direito interno dos Estados Contratantes necessários para o efeito.

Feito em Lisboa, em 11 de Julho de 2003, em dois originais em língua portuguesa, ambos fazendo igualmente fé.

Pela República Portuguesa: António Manuel de Mendonça Martins da Cruz, Ministro dos Negócios Estrangeiros e das Comunidades Portuguesas.

Pela República Federativa do Brasil: Celso Amorim, Ministro de Estado das Relações Exteriores.

ANEXO E - Dados dos entrevistados Área Metropolitana de Lisboa (AML) e Norte Litoral – Porto e Braga, Portugal (por entrevista)

Cidade em que reside em Portugal	Local da entrevista	Naturalidade	Cidade em que residia no Brasil
1- Costa da Caparica	Costa da Caparica	Governador Valadares	Governador Valadares
2 - Costa da Caparica	Costa da Caparica	Mantena	Mantena
3 – Oeiras	Oeiras	Divinópolis	Manhuaçu
4 – Lisboa	Lisboa	Governador Valadares	Governador Valadares
5 – Almada	Almada	Aimorés	Aimorés
6 - Costa da Caparica	Costa da Caparica	Governador Valadares	Governador Valadares
7 - Setúbal	Setúbal	Governador Valadares	Governador Valadares
8 – Seixal	Seixal	Governador Valadares	Governador Valadares
9 – Algés	Algés	Governador Valadares	Governador Valadares
10 – Lisboa	Lisboa	Coronel Fabriciano	Coronel Fabriciano
11 – Cascais	Cascais	Leopoldina	Leopoldina
12 – Cascais	Cascais	Malacacheta	Malacacheta
13 – Cascais	Cascais	Belo Horizonte	Belo Horizonte
14 – Cascais	Cascais	Manhuaçu	Manhuaçu
15 - Monte Estoril	Monte Estoril	Divinópolis	Divinópolis
16 – Lisboa	Lisboa	Belo Horizonte	Belo Horizonte
17 – Sintra	Sintra	Coronel Fabriciano	Coronel Fabriciano
18 - Almoçageme	Almoçageme	Mantena	Mantena
19 - Alcabideche	Alcabideche	Belo Horizonte	Belo Horizonte
20 – Lisboa	Lisboa	Central de Minas	Central de Minas
21 – Sintra	Sintra	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
22 – Oeiras	Oeiras	Belo Horizonte	Belo Horizonte
23 - Carcavelos	Carcavelos	Governador Valadares	Governador Valadares
24 – Lisboa	Lisboa	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
25 – Lisboa	Lisboa	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
26 – Porto	Porto	Ipatinga	Ipatinga
27 – Porto	Porto	Ipatinga	Ipatinga
28 - Porto	Porto	Governador Valadares	Governador Valadares
29 – Braga	Braga	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
30 - Braga	Braga	Conselheiro Lafaiete	Conselheiro Lafaiete
31 – Braga	Braga	Conceição de Ipanema	Conceição de Ipanema
32 – Braga	Braga	Belo Horizonte	Belo Horizonte
33 – Porto	Porto	Belo Horizonte	Belo Horizonte
34 – Porto	Porto	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
35 – Porto	Porto	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
36 – Lisboa	Lisboa	Belo Horizonte	Belo Horizonte
37 – Lisboa	Lisboa	Belo Horizonte	Belo Horizonte
38 – Ericeira	Ericeira	Belo Horizonte	Belo Horizonte
39 – Ericeira	Ericeira	Coronel Fabriciano	Coronel Fabriciano
40 – Algés	Algés	Governador Valadares	Governador Valadares
41 – Lisboa	Lisboa	Governador Valadares	Governador Valadares
42- Setúbal	Setúbal	Ipatinga	Ipatinga
43 – Estoril	Estoril	Belo Horizonte	Belo Horizonte
44 - Carcavelos	Carcavelos	Governador Valadares	Governador Valadares
45 – Estoril	Estoril	Sete Lagoas	Sete Lagoas
46 – Lisboa	Lisboa	Teófilo Otoni	Belo Horizonte
47 – Paço de Arcos	Paço de Arcos	Divinópolis	Divinópolis
48 – Lisboa	Lisboa	Central de Minas	Central de Minas
49 – Algés	Algés	Belo Horizonte	Belo Horizonte
50 – Oeiras	Oeiras	Belo Horizonte	Belo Horizonte

Fonte: Dados dos entrevistados (2015)

ANEXO F - Dados dos entrevistados no retorno em Governador Valadares e arredores, Minas G Brasil (por entrevista)

Cidade em que reside	Local da entrevista	Naturalidade	Cidade em que residia em Portugal
1-G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Porto
2-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Costa da Caparica
3-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Costa da Caparica
4-G. Valadares	Vila Isa	Governador Valadares	Seixal
5-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Charneca da Caparica (descendente 1)
6-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Costa da Caparica
7-G. Valadares	São Cristóvão	Governador Valadares	Braga
8-G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Venda do Pinheiro (descendente 2)
9-G. Valadares	Esperança	Governador Valadares	Vila Franca de Xira
10- G. Valadares	Santos Dumont	Governador Valadares	Famões
11- G. Valadares	Centro Valadares A	Conselheiro Pena	Arruda dos Vinhos
12- G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Portimão (descendente 3) e reemigrou 1 ⁷⁴
13- G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Lisboa (descendente 4) e reemigrou 2
14- G. Valadares	Turmalina	Governador Valadares	Costa da Caparica
15- Central de Minas	Centro	Central de Minas	Costa a Caparica
16- Central de Minas	Centro	Central de Minas	Cruz de Pau
17- Central de Minas	Centro	Central de Minas	Costa da Caparica
18- Central de Minas	Centro	Central de Minas	Aljezur
19- G. Valadares	Vila do Sol	Manhuaçu	Cartaxo
20- G Valadares	Vila do Sol	Governador Valadares	Lisboa (reemigrou 3)
21- G. Valadares	Gran Duquesa	Portuguesa	Costa da Caparica (descendente 5 ⁷⁵)
22- G. Valadares	Turmalina	Nova Módica	Monte da Caparica
23- G Valadares	Turmalina	Santa Maria do Suaçuí	Algés
24- Era Nova	Centro Valadares A	Governador Valadares	Almada
25- Era Nova	Santa Helena	Governador Valadares	Costa da Caparica (reemigrou 4)
26- G. Valadares	Vila Isa	Governador Valadares	Costa da Caparica

⁷⁴ Tomamos como referência principal do processo migratório do entrevistado, no caso, por ter reemigrado, o tempo maior de permanência no país migrado.

⁷⁵ No decorrer da investigação, observamos que muitos dos entrevistados tinham filhos que migraram e retornaram com eles. Dos 50 entrevistados, dentre eles, os 10 eram descendentes. Este entrevistado foi o único a nascer em Portugal. É maior de idade, 18 anos.

27- G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Almada (reemigrou 5)
28- G. Valadares	Floresta	Frei Inocêncio	Lisboa (reemigrou 6)
29- G. Valadares	Palmeiras	Alpercata	Lisboa
30- G. Valadares	Grã-duquesa	Governador Valadares	Porto
31-G. Valadares	Vila Bretas	Galileia	Charneca da Caparica
32-G. Valadares	Turmalina	Divino da Laranjeiras	Amarante- Porto
33-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Costa da Caparica (descendente 6)
34-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Costa da Caparica (descendente 7)
35-G. Valadares	Vera Cruz	Governador Valadares	Lisboa (descendentes 8)
36-G.Valadares	Vera Cruz	São Geraldo de Tumiritinga	Arruda dos Vinhos
37- G. Valadares	Vera Cruz	Belo Horizonte	Samora Correia
38- G. Valadares	Nova Vila Bretas	Virgolândia	Costa da Caparica
39- G. Valadares	Nova Vila Bretas	Mantena	Costa da Caparica (descendente 9)
40- G. Valadares	Bairro Palmeira	Governador Valadares	Monte Caparica
41- G. Valadares	Vila Mariana	Espírito Santo	Portimão
42-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Odivelas
43-G. Valadares	Vila Mariana	Governador Valadares	Seixal
44-G. Valadares	Bairro Santa Rita	Governador Valadares	Portimão
45-G. Valadares	Bairro Santa Rita	Poté	Portimão
46-G. Valadares	Bairro Santa Rita	Governador Valadares	Portimão
47-G. Valadares	Bairro Santa Rita	Tarumirim	Portimão
48-G. Valadares	Centro Valadares A	Governador Valadares	Aveiro (descendente 10)
49-G. Valadares	São Cristóvão	Teófilo Otoni	Lisboa
50-G. Valadares	Centro Valadares A	Mantena	Algés

Fonte: Dados dos entrevistados (2014)

ANEXO G - Guião de entrevista Portugal (Área Metropolitana de Lisboa (AML) e (Norte Litoral, Porto e Braga, Portugal)

DADOS DO ENTREVISTADO (A)	/ Questionário N°
Nome:	
Género:	
Local de nascimento:	
Data da entrevista:	
Tempo da entrevista:	
Entrevistadora:	

Dados Pessoais do entrevistado (a) quando migrou e no retorno	Quando migrou para Portugal	Em Portugal atualmente (momento da entrevista)
Idade		
Grau de escolaridade		
Estatuto legal		
Religião		
Estado Civil (nacionalidade do cônjuge)		
Local de residência (cidade, país)		
Filhos (indicar nº, idade e local de residência)		
Ocupação profissional no Brasil e em Portugal - salário (valor + ou -), contrato de trabalho - sim ou não?		
Último país de migração e cidade		
Ano da migração		

1. Como era sua vida no Brasil antes de vir para Portugal? (Fale-me do seu trabalho, dos seus amigos, da sua família, do estudo, do lazer, dos amores, etc.).
2. Portugal foi o primeiro país que você migrou? Se migrou para outro país como foi a experiência lá. (Em que trabalhou, onde viveu, porque não ficou?)
3. Porque decidiu sair do Brasil? Qual o principal motivo de ter vindo para Portugal? (como recebeu informações sobre a possibilidade de vir para cá? Como foram feitos os primeiros contatos? Tinha amigos ou conhecidos aqui? Quem eram eles?)
4. Conte-me como foi a viagem?

5. A sua migração foi uma decisão individual ou familiar?
6. Como foi sua chegada? Alguém foi ao seu encontro no aeroporto? Qual foi sua primeira impressão ao chegar em Portugal? O que sabia sobre Portugal?
7. Como e onde conseguiu moradia e trabalho? Em que trabalha? Foi um processo fácil ou difícil? Porquê?
8. Como foram os primeiros dias de trabalho? Em que trabalhava? Como era o relacionamento com os colegas?
9. Além de trabalhar o que mais você faz aqui? Como ocupa o tempo de “não trabalho”? (O que faz para se divertir? Tem muitos amigos? São de que país - nacionalidade)?
10. Fez algum investimento no Brasil? Onde? No que investiu? Manda dinheiro para o Brasil? Para quem? Para quê?
11. Há quanto tempo está aqui em Portugal? Durante este tempo foi ao Brasil ou a outros países? Porque motivos?
12. Qual a imagem que tem do Brasil presentemente (em termos económicos, sociais, de qualidade de vida...)? Melhor ou pior do que quando partiu do Brasil? Porquê?
13. Pretende voltar a viver no Brasil? Quando?
14. Quais foram as suas principais dificuldades em Portugal, no momento de chegada e atualmente? A crise afetou ou esta a afetar de algum modo o seu dia-a-dia em Portugal? Como o afeta? Isso tem influência no seu projeto de permanecer ou retornar para o Brasil? Como? Fale sobre isso.
15. Mantém contato com o Brasil? De que tipo e intensidade?
16. Sente saudade ou falta de alguma coisa do Brasil? O quê? Porque lhe faz falta?
17. Se pretende retornar para viver no Brasil, qual é seu projeto para obter renda no Brasil?
18. Para você valeu a pena migrar? Por quê?

OBSERVAÇÕES DOS ENTREVISTADOR (VERSO):

ANEXO H - Guião de entrevista (cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil)

Dados Pessoais do entrevistado(a) / Questionário N°
Nome:
Género:
Local de nascimento:
Data da entrevista:
Tempo da entrevista:
Entrevistadora:

Dados Pessoais do entrevistado(a)	Quando emigrou para Portugal	Retorno para o Brasil
Idade		
Grau de escolaridade		
Estatuto legal		
Religião		
Estado Civil (nacionalidade do cônjuge)		
Local de residência (cidade, país)		
Filhos (indicar nº, idade e local de residência)		
Ocupação profissional salário (valor + ou -), carteira assinada-sim ou não?		
Último país de emigração e cidade		
Situação na profissão		
Ano da emigração		

1. Como era sua vida em Portugal antes de retornar para o Brasil? Fale-me do seu trabalho, dos seus amigos, da sua família, do estudo, do lazer, dos amores , veio só, casou...?
2. Portugal foi o primeiro país que você emigrou? Se emigrou para outro país como foi a experiência lá. Em que trabalhou? Onde viveu? Porque não ficou?
3. Qual o principal motivo de ter retornado? Precisou de alguma ajuda quando resolveu vir para o Brasil? Quem deu essa ajuda? E que tipo de ajuda?) Que pessoas influenciaram mais a sua decisão de retorno? Tem familiares e amigos na

cidade para onde retornou (especialmente se diferente da cidade de onde partiu no Brasil)?.

4.A crise afetou de algum modo seu projeto de permanecer em Portugal? (Como? Fale sobre isso).

5.O seu retorno foi uma decisão individual ou familiar?

6.Conte-me como foi a viagem de retorno?

7.Como foi sua chegada? Alguém foi ao seu encontro no aeroporto? Qual foi sua primeira impressão ao chegar no Brasil (cidade em que veio morar)? Teve uma surpresa boa ou má nesse primeiro contato? Porquê?

8.Quais foram as principais dificuldades depois que retornou para o Brasil?

9.Como e onde conseguiu moradia e trabalho? Em que trabalha? Foi um processo fácil ou difícil? Porquê?

10.Como foram os primeiros dias de trabalho? Como está sendo o relacionamento com os colegas (fornecedores, empregados, sócios...)?

11.Além de trabalhar o que mais você faz aqui; como ocupa o seu tempo de “não trabalho”? O que faz para se divertir? Tem muitos amigos? Convive sempre com os familiares?

12.Quando esteve em Portugal fez algum investimento aqui no Brasil? Onde? No que investiu? (mandava dinheiro para o Brasil? Para quem? Para que?)

13. A experiência de vida em Portugal (profissional, pessoal – afetiva, relacional) tem alguma influência na sua vida profissional e pessoal atual no Brasil?

14.Desde que regressou foi alguma vez para Portugal ou outro país? Por que motivo o fez?

15.Mantém contato com Portugal? De que tipo e intensidade?

16.Sente saudade ou falta de alguma coisa de Portugal? O quê? Porque lhe faz falta?

17. Pretende continuar vivendo no Brasil ou não? Se pretende ficar vivendo no Brasil qual é seu projeto para obter renda no Brasil?

18.Gostaria de viver em outro país? Qual? Por quê?

19.Para você valeu a pena ter retornado para o Brasil? Por quê?

OBSERVAÇÕES DOS ENTREVISTADOR (VERSO):